

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO MESTRADO**

ANTONIO DOUGLAS DE MORAES

**UM ESTUDO SOBRE A ESPIRITUALIDADE NAS AÇÕES PEDAGÓGICAS
DOS PROFESSORES**

CAMPINAS
2011

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**UM ESTUDO SOBRE A ESPIRITUALIDADE NAS AÇÕES PEDAGÓGICAS
DOS PROFESSORES**

AUTOR: ANTONIO DOUGLAS DE MORAES

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. ORLY ZUCATTO MANTOVANI DE ASSIS

Dissertação de Mestrado apresentada à Comissão de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação, na Área de Concentração de Psicologia Educacional

CAMPINAS
2011

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
ROSEMARY PASSOS – CRB-8ª/5751**

M791e Moraes, Antonio Douglas de
Um estudo sobre a espiritualidade na ações pedagógicas dos professores / Antonio Douglas de Moraes. – Campinas, SP: [s.n.], 2011.

Orientador : Orly Zucatto Mantovani de Assis.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1.Educação. 2. Psicologia. 3. Espiritualidade. 4. Religiosidade. 5. Pedagogia. I. Assis, Orly Zucatto Mantovani de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

11-062/BFE

Informações para a Biblioteca Digital

Título em inglês: A study on the spirituality of professors' pedagogical practices

Keywords:

Education
Psychology
Spirituality
Religiousness
Pedagogy

Área de concentração: Psicologia Educacional

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora:

Orly Zucatto Mantovani de Assis (Orientadora)
Telma Pileggi Vinha
Vera Peceguini Saldanha

Data da defesa: 18/05/2011

Programa de pós-graduação: Educação

e-mail: douglasedu2009@gmail.com

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

“Um Estudo sobre a Espiritualidade nas Ações Pedagógicas dos Professores.”

Autor: **Antonio Douglas de Moraes**

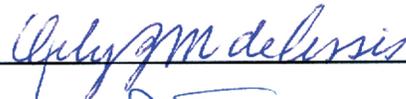
Orientadora: **Profa.Dra. Orly Zucatto Mantovani de Assis**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em defendida por **Antonio Douglas de Moraes** e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: **18/05/2011**

Assinatura:..........
Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:







Dedico esse trabalho...

Aos meus pais Dercio e Cecília e ao meu irmão Jefferson

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais, Dercio e Cecília, pelo amor e carinho com que colocaram em primeiro lugar na minha vida, e na do meu irmão Jefferson, o cuidado com os estudos, com a Educação.

Ao Pe. João Augusto Piazza que me acompanhou durante toda a formação acadêmica, me ajuda no exercício do meu ministério e que com seu amor pela pedagogia me incentivou a cursar o Programa de Mestrado em Educação.

À Arquidiocese de Campinas, na pessoa de Dom Bruno Gamberini, Arcebispo Metropolitano, pelo tempo concedido para a realização deste mestrado.

Minha gratidão à Professora Coordenadora do Laboratório de Psicologia Genética da Faculdade de Educação da UNICAMP, Dra. Orly Zucatto Mantovani de Assis, que sempre diz em suas aulas sobre a importância de “quebrar paradigmas”. Isso é importante quando se fala de Espiritualidade, assunto que exige rompimento com nossos fundamentalismos, dogmatismos, psicologismos, pedagogismos, cientificismo. Agradeço a coragem em aceitar orientar um tema tão complexo e pela fundamentação e raciocínio necessários para um empreendimento científico. Aprendi a amar mais minhas ações pedagógicas.

À Professora Dra. Vera Saldanha, por despertar em mim a atenção para a Espiritualidade, sobretudo, no aspecto psicológico, pela sensibilidade e paz que transmite. Sou grato pelo incentivo aos estudos e pela contribuição nesta banca.

À Professora Maria Teresa Eglér Mantoan, que em suas aulas nos mostrou uma maneira diferente e desafiadora de olhar para a Educação, pelos comentários preciosos tecidos no exame de qualificação os quais não só contribuíram para este, mas para eventuais futuros trabalhos.

Ao Professor Romualdo Dias, da UNESP - Rio Claro, pelo apoio, conversas e trocas de ideias tão preciosas.

Aos Diretores e Professores dos Colégios que participaram da pesquisa que foram importantes para a composição empírica da investigação.

À Professora Telma Pileggi Vinha pelo cuidado na leitura e apontamentos que enriqueceram este trabalho.

Sou grato aos colegas de curso, professores com quem tive aulas, encontros, palestras, e todos do Laboratório de Psicologia Genética, pela companhia, oportunidade de crescimento e aprendizagem.

A todos da Secretaria da Pós-Graduação, pelo auxílio na documentação, prazos, e demais procedimentos burocráticos relativos à Instituição, mas também pelo atendimento solícito, agradável e amigo.

Expresso também meus agradecimentos à CAPES pela bolsa concedida que possibilitou a realização deste programa de Pós-Graduação.

RESUMO

O objetivo da presente pesquisa foi verificar se o perfil espiritual do professor se manifesta no relato dos professores pesquisados sobre o seu fazer pedagógico. O marco teórico que fundamenta este trabalho permitiu entender a espiritualidade como uma dimensão inerente ao psiquismo humano. Para responder ao problema formulado utilizou-se de uma metodologia de pesquisa quantitativa e qualitativa. A metodologia quantitativa foi utilizada para avaliar o perfil espiritual de 30 professores da escola A (confessional) e 30 professores da escola B (pública). A abordagem qualitativa constou de uma entrevista com 10 professores que apresentaram o perfil espiritual mais elevado em cada uma das escolas, com o objetivo de verificar se eles admitem que a sua espiritualidade se revela no seu fazer pedagógico e como ocorre essa manifestação. O tratamento estatístico e a análise qualitativa das respostas às entrevistas permitiram constatar que a espiritualidade dos professores entrevistados manifesta-se na maneira pela qual interagem com seus alunos, trabalham os conteúdos curriculares e no ambiente sócio-afetivo propiciados em suas salas. Diferentemente do que era esperado o perfil espiritual dos professores não foi influenciado pelo tipo de escola em que atuavam, nem pela idade dos participantes e, tampouco, pela religião que professam. A formação acadêmica dos professores entrevistados também não influenciou os resultados que os mesmos apresentaram no instrumento PEP (Perfil Espiritual Pessoal). Os fundamentos teóricos da pesquisa, bem como a análise e discussão dos resultados encontrados possibilitaram que fossem feitas inferências sobre como a manifestação da espiritualidade do professor pode assegurar a criação de um ambiente sócio-afetivo que se caracteriza pelo respeito mútuo, trocas por reciprocidade entre os alunos, tomada de decisão conjunta, professor e aluno, por promover a autonomia moral e intelectual do aluno. Os futuros estudos poderão superar as limitações desta pesquisa e corroborar para o entendimento da relação entre Espiritualidade e Educação.

Palavras-chave: Educação; Psicologia; Espiritualidade; Religiosidade; Pedagogia, Transdisciplinaridade.

ABSTRACT

The aim of this study was to verify if the level of spirituality of professors is present and perceptible in their everyday pedagogical practices. The theoretical basis that supports this study allowed us to perceive spirituality as an inherent dimension to human psychic. Although both quantitative and qualitative research methods were used in order to find the answer to the question posed here, this study was based on quantitative approach which we used to verify the individual spiritual profile of thirty professors from School A (confessional) and thirty professors from school B (public). The qualitative approach consisted of an interview with ten professors who showed a more perceptive spirituality level in both schools. The aim was to assess the way each participant demonstrated spirituality in his everyday pedagogical practice. The statistical assessment and the qualitative analysis of the answers to the interviews allowed us to observe that the spirituality of the professors who were interviewed is demonstrated in the way they interact with their students, the way they introduce and develop syllabus and the socio-interactive environment promoted in the classroom. Differently from what had been expected, the professors' spiritual profile was influenced neither by the kind of institution where they worked nor by the participants age or by their religious belief. Professors' educational background did not influence the results they presented in PEP (Personal Spiritual Profile). The theoretical basis of the study as well as the analysis and discussion of the results obtained have enabled us to making some allusions on how demonstration of spirituality by professors can assure creating a socio-affective atmosphere characterized by mutual respect, reciprocal exchange among students, group decision making, professor and student, once he/she promotes students' moral and intellectual autonomy. Further studies may outdo the limitations of this research as well as corroborate the understanding of the relation between spirituality and education.

Key words: Education, Psychology; Spirituality; Religiousness; Pedagogy; Multi-Disciplinary.

SUMÁRIO

RESUMO	xi
ABSTRACT	xiii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I— A ESPIRITUALIDADE COMO ALGO INTRÍNSECO AO SER HUMANO	5
1.1. O que se entende por Espiritualidade e qual a perspectiva acadêmica desse tema	5
1.2. A Espiritualidade presente na trajetória histórica da psicologia.....	9
1.3. A Espiritualidade como reconhecimento multidimensional do ser humano	20
1.4. A Espiritualidade na Psicologia e na Educação como paradigma emergente	25
CAPÍTULO II— CIÊNCIA E RELIGIÃO.....	41
2.1. A Espiritualidade religiosa	41
2.2. O desenvolvimento da fé	47
CAPÍTULO III— DELINEAMENTO DA PESQUISA	57
3.1. Justificativa.....	57
3.2. Problema.....	59
3.3. Hipóteses	59
3.4. Objetivos.....	60
3.5. Sujeitos e métodos	60
3.6. Condições para realização da pesquisa.....	60
3.7. Instrumento	61

3.8. Caracterização da pesquisa	67
3.9. Procedimentos	69
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	71
4.1. Apresentação e análise estatística dos resultados do PEP (Perfil Espiritual Pessoal)	71
4.2. Apresentação e análise das respostas dos sujeitos à entrevista	85
4.3. Comparação entre as respostas dos professores da escola “A” e da escola “B”	104
CAPÍTULO V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	111
CAPÍTULO VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129
ANEXO I	133
ANEXO II	135
ANEXO III	141
ANEXO IV	145
ANEXO V	147
ANEXO VI	149
APÊNDICE A	151

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Escores obtidos no PEP pelos professores da escola A.....	72
Tabela 2. Ordenação dos sujeitos de acordo com os escores	73
Tabela 3. Estatísticas descritivas e resultados da comparação por religião.....	75
Tabela 4. Estatísticas descritivas e resultados da comparação por formação.....	76
Tabela 5. Estatísticas descritivas e resultados da comparação por gênero – Escola A	77
Tabela 6. Escores obtidos no PEP pelos professores da escola B	79
Tabela 7. Ordenação dos sujeitos de acordo com os escores	80
Tabela 8. Estatísticas descritivas e resultados da comparação por religião.....	82
Tabela 9. Estatísticas descritivas e resultados da comparação por formação.....	83
Tabela 10. Estatísticas descritivas e resultados da comparação por gênero – Escola B.....	84
Tabela 11. Frequência das respostas à questão 1 na entrevista dos professores da Escola A	89
Tabela 12. Frequência das respostas à questão 2 na entrevista dos professores da Escola A	90
Tabela 13. Frequência das respostas à questão 3 na entrevista dos professores da Escola A	92
Tabela 14. Frequência das respostas à questão 4 na entrevista dos professores da Escola A	93
Tabela 15. Frequência das respostas à questão 5 na entrevista dos professores da Escola A	94
Tabela 16. Frequência das respostas à questão 6 na entrevista dos professores da Escola A	96
Tabela 17. Frequência das respostas à questão 1 na entrevista dos professores da Escola B	97
Tabela 18. Frequência das respostas à questão 2 na entrevista dos professores da Escola B	99
Tabela 19. Frequência das respostas à questão 3 na entrevista dos professores da Escola B	100

Tabela 20. Frequência das respostas à questão 4 na entrevista dos professores da Escola B.....	100
Tabela 21. Frequência das respostas à questão 5 na entrevista dos professores da Escola B.....	101
Tabela 22. Frequência das respostas à questão 6 na entrevista dos professores da Escola B.....	103
Tabela 23. Comparação da frequência das respostas na entrevista dos professores das escolas A e B à questão 1: O que é espiritualidade para você?.....	105
Tabela 24. Comparação da frequência das respostas na entrevista dos professores das escola A e B à questão 2: Na sua relação pedagógica com os alunos você consegue identificar de que maneira a sua espiritualidade se manifesta?.....	106
Tabela 25. Comparação da frequência das respostas na entrevista dos professores das escolas A e B à questão 3: Como você vê a relação ciência e espiritualidade?	107
Tabela 26. Comparação da frequência das respostas nas entrevistas dos professores das escolas A e B à questão 4: Você procura ver a espiritualidade de uma maneira crítica?.....	107
Tabela 27. Comparação da frequência das respostas na entrevista dos professores das escolas A e B à questão 5: Nas experiências traumáticas ou de sofrimento, você considera importante a espiritualidade?	108
Tabela 28. Comparação da frequência das respostas na entrevista dos professores das escolas A e B à questão 6: Você reconhece que quando era criança os adultos transmitiram uma espiritualidade para você? Você considera importante transmitir a sua espiritualidade para as crianças?.....	109

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Relação entre idade e total de pontos do instrumento.....	74
Figura 2. Intervalo de confiança de 95% para a média do total de pontos no PEP por religião	75
Figura 3. Média do total de pontos no PEP por religião.....	76
Figura 4. Intervalo de confiança de 95% para a média do total de pontos no PEP por formação.....	76
Figura 5. Média do total de pontos no PEP por formação.....	77
Figura 6. Intervalo de confiança de 95% para a média do total de pontos no PEP por gênero – Escola A.....	77
Figura 7. Média do total de pontos no PEP por gênero – Escola A	78
Figura 8. Relação entre idade e total de pontos do instrumento.....	82
Figura 9. Intervalo de confiança de 95% para a média do total de pontos no PEP por religião	82
Figura 10. Média do total de pontos no PEP por religião.....	83
Figura 11. Intervalo de confiança de 95% para a média do total de pontos no PEP por formação.....	83
Figura 12. Média do total de pontos no PEP por formação.....	84
Figura 13. Intervalo de confiança de 95% para a média do total de pontos no PEP por gênero – Escola B.....	84
Figura 14. Média do total de pontos no PEP por gênero – Escola B.....	85

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Não são poucos os pensadores que manifestam sua preocupação em considerar como relevante a dimensão espiritual na educação. Dentre eles Viktor Frankl (1905 – 1997) que reconhece a força da dimensão espiritual presente nas pessoas, força esta que ajuda a encontrar sentidos e respostas às situações da vida.

Meus primeiros anos na escola apresentam-se como o lugar de alegrias e tristezas, de expectativas e angústias, de adaptação e de surpresas, de conquistas e derrotas. Devo reconhecer o quanto na escola as perguntas mais originais e a vivacidade da infância não puderam ser suficientemente orientadas. Os sentimentos que me invadiam e a experiência de que tudo era tão importante, o cenário, as pessoas, o contexto. A escola, no horizonte da minha experiência, foi um lugar paradoxal. Todas as minhas contradições estavam ali presentes.

Muitas das questões abordadas na presente investigação que foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Campinas, guardam raízes em algumas idéias e perguntas que me surgiram de um passado escolar, no chamado atualmente Ensino Médio, época em que se apresentam aos alunos diversas disciplinas tais como Matemática, Química, Física, Geografia, Biologia, História.

Em meio a tantas equações matemáticas, descrições cronológicas de fatos históricos, rumos da nossa civilização, lições sobre correntes polares, bacias hidrográficas, memorizações de todos os estados e capitais do Brasil, mitose e meiose, o corpo humano, a relação com relativa exatidão do movimento, curva exibida e peso de um projétil lançado com tal aceleração a uma inclinação X em relação ao solo. Naquela época pairavam em minha mente algumas questões: qual a relação entre a equação matemática abstrata e os fatos do nosso cotidiano? Qual a relação entre a anatomia, as dimensões e as funções do corpo humano ou das formas biológicas de hoje com os seres que existiam na Terra antes do surgimento do ser humano? Se a Terra é formada

apenas de rochas, vapor d'água, enxofre, outros elementos orgânicos e inorgânicos, como se deu a origem do homem? E a sua evolução, é real? Qual a relação de tudo isso com a existência de gênios da ciência, da música, da arte?

Assim as disciplinas científicas, ao invés de fornecerem uma base segura, uma visão de mundo sólida, como parecia que era a intenção dos professores, sem saber muito o porque, revelavam um imenso abismo que existia entre aquilo que estudávamos e os limites da imaginação. Como compreender o conceito de infinito? Era como se um mistério estivesse presente, algo considerado não-científico, na busca de um sentido para a vida. Nada disso impedia que seguíssemos o curso natural e cotidiano.

Na Graduação do curso de Filosofia, o conhecimento da obra de Viktor Frankl, por meio da leitura do livro *O Sentido da Vida - o psicólogo no campo de concentração* possibilitou o reconhecimento daquilo que sempre foi minha intuição sobre temas e exigências: o sofrimento, a busca pelo sentido da vida, a espiritualidade, o amor e a liberdade. O que poderia servir, no contexto escolar, para gerar um conhecimento vivo sobre a vida, algo interessante, rico, inesgotável, que aguçava a curiosidade? Qual âmbito do conhecimento poderia fazer reaparecer as perguntas e dar as razões sobre o real? A filosofia foi, na minha experiência, esse primeiro território em que as perguntas sobre o passado e o presente puderam emergir com toda a força. "... É a história de um campo de concentração visto de dentro, contada por um dos seus sobreviventes. Não vamos descrever os grandes horrores (já bastante denunciados, embora nem sempre se acredite neles), mas sim as inúmeras pequenas torturas". Deste modo, Viktor Frankl (1991) inicia o trabalho que possibilitou o meu despertar para algo além da razão, que também dá sentido à vida. Uma espiritualidade?

O campo de concentração pode representar, infelizmente para muitos, a experiência escolar em que o estudante é despersonalizado, reconhecido por um número, privado da liberdade de expressar seus sentimentos, onde não encontra espaço para aprender com seus erros. Daí a necessidade de espaço para novos paradigmas possibilitarem o encontro com o possível sentido de uma nova razão pedagógica.

Podemos resumir, portanto, que o interesse da presente investigação gira em torno de um estudo sobre a espiritualidade nas ações pedagógicas dos professores.

A partir da literatura consultada do tema em questão constatou-se que na perspectiva acadêmica, o entendimento do termo ‘espiritualidade’ não possui uma definição conceitual única, que ainda se encontra no estágio de busca pelos diversos professores, grupos de pesquisa, pesquisadores acadêmicos, que se debruçam sobre o assunto.

Encontramos grupos de estudos, professores e pesquisadores das mais diversas áreas como: Psicologia, Educação, Medicina, Bioética, Religião e no ramo empresarial, que apresentam um grande interesse pelo tema em diversas Universidades do Brasil e também no exterior.

Diante da complexidade de erigir uma definição do termo ‘espiritualidade’, observa-se, em linhas gerais, que os pesquisadores consultados tendem a considerar o vocábulo como sendo uma busca de sentido para existência, que pode dar significado à vida individual ou ao relacionamento de abertura para outros, como poderemos constatar no decorrer dessa dissertação.

Das minhas preocupações de aluno do Ensino Médio, da Graduação em Filosofia e finalmente na minha formação de padre surgiu o interesse de pesquisar se a dimensão espiritual/religiosa do educador manifesta-se no seu fazer pedagógico, para mostrar a necessidade de o professor trazer à sala de aula o conteúdo juntamente com questões intrínsecas, nas quais a espiritualidade se faz presente, para que ele pense na sua própria missão de provocar nos alunos um apego às necessidades do humano, à emergência de valores para que se estabeleça uma nova relação do professor com o aluno, sobretudo na dimensão espiritual.

No capítulo I, foi traçada a trajetória histórica da presença da espiritualidade na Psicologia e na Educação, como um paradigma emergente que propõe considerar o ser humano de forma integral ao reconhecemos a sua multidimensionalidade. O capítulo II destina-se a explicar a relação entre ciência e religião como um caminho para uma prática pedagógica integral e não reducionista na Educação. Neste capítulo também são apresentados conceitos de espiritualidade religiosa como sendo aquilo que dá sentido à vida da pessoa. No capítulo III, foi exposta a metodologia empregada para responder o problema da pesquisa, bem como a fundamentação da análise empírica. No capítulo IV, foram apresentados os resultados da análise e discussão dos dados quantitativos e qualitativos e a comparação entre ambos. No capítulo V foi realizada a discussão dos resultados. Além disso, no capítulo VI são apresentadas as considerações finais e as inferências desses resultados para a Psicologia e Educação.

CAPÍTULO I – A ESPIRITUALIDADE COMO ALGO
INTRÍNSECO AO SER HUMANO

CAPÍTULO I – A ESPIRITUALIDADE COMO ALGO INTRÍNSECO AO SER HUMANO

1.1. O que se entende por Espiritualidade e qual a perspectiva acadêmica desse tema

Primeiramente, é importante reconhecermos que não há uma definição única e consensual de espiritualidade e, antes de verificarmos como esse tema é visto academicamente nos dias de hoje, buscou-se demonstrar isso pela definição da própria palavra.

O termo ‘espiritualidade’ deriva do vocábulo latino ‘spiritus’, em português ‘espírito’ que segundo o Dicionário Larousse (1995) significa, sopro, espírito; 1. Princípio imaterial, alma, parte incorpórea do ser humano, em oposição ao corpo, à matéria.

No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009), espiritualidade é entendida como: 1. qualidade do que é espiritual 2. característica ou qualidade do que tem ou revela intensa atividade religiosa ou mística; religiosidade, misticismo 4. elevação, transcendência. O verbete “espírito” tem como significado: 1. a parte imaterial do ser humano; alma. 7. princípio vital, superior à matéria. 8. substância imaterial, incorpórea, inteligente, consciente de si, onde se situam os processos psíquicos, a vontade, os princípios morais. 9. mente, pensamento, cabeça.

No primeiro Dicionário da Língua Portuguesa¹, escrito em 1712 e 1728 pelo então padre Raphael Bluteau e oferecido a ‘el-rey de Portugal D. João V’, encontra-se para a palavra ‘espírito’ definições interessantes: “sopro, hálito, espírito do vento, porção mais fútil do homem extraída quimicamente, vigor, energia, viveza d’ânimo, d’ingenho, homem de espírito, que tem bom ânimo, activo, brioso, intelligente” (BLUTEAU, 1712-1728, p. 552).”

Portanto, percebe-se que de acordo com a definição do termo segundo seu sentido original latino, tanto a palavra ‘espiritualidade’ como sua fonte de origem ‘espírito’ nos remete a

¹ Acervo pode ser consultado através do portal on line www.brasiliana.usp.br

algo imaterial, como ‘sopro’, entendido também como algo oposto ao ‘corpo’ ou ‘matéria’. Além disso, associa-se ‘espírito’ à religiosidade, consciência e princípios morais.

Ainda segundo o Dicionário Básico de Filosofia (1991) de Hilton Japiassu e Danilo Marcondes: 1. Na filosofia de Descartes, o espírito é o princípio do pensamento. Opõe-se ao corpo, à matéria, à extensão, na medida em que é indivisível e totalizante. Enfim, ele é o aspecto espiritual ou religioso de nossa existência, oposto ao aspecto sensual, carnal e mundano. É o princípio do pensamento e da reflexão do homem. 2. Em seu sentido metafísico, notadamente em Hegel, o espírito, absolutamente primeiro, é a verdade da natureza: é a idéia que chegou ao ser-para-si; essa interiorização do ser-fora-de-si, que é a natureza, desenvolve-se do espírito subjetivo (alma, consciência, fatos psíquicos) ao espírito objetivo (direito, costumes, moralidade) e ao espírito absoluto (através da arte, da religião) a fim de chegar à filosofia, que é a forma última na qual se unem a arte (representação sensível) e a religião.

Sentido semelhante aos Dicionários anteriores é encontrado no Dicionário de Filosofia, que fazendo referência a Descartes coloca ‘espírito’ em oposição à ‘matéria’ ou ‘carne’. Da mesma forma semelhante se dá a associação com consciência, princípios morais e religiosidade, na referência feita a Hegel que a partir do termo ‘espírito’ entende um desenvolvimento em três aspectos: subjetivo, objetivo e religioso

No Dicionário de Espiritualidade (1989) organizado por Stefano de Fiores e Tullo Goffi, encontramos no verbete “Homem Espiritual”, o conceito bíblico, segundo o qual a concepção de ser humano está enraizada em três termos reunidos e integrados reciprocamente. São eles: 1. “O homem é alma. O termo alma designa não uma entidade espiritual, mas um modo característico de todo o eu: indica o ser humano enquanto vivo, enquanto alguém que participa do princípio da vida.” 2. “O Homem é espírito. Segundo a mentalidade semítica, o termo espírito não é tanto perfeição existente em Deus quanto qualificação perfectiva em relação ao homem. Por isso, se o homem tem vida e bondade moral é porque isto lhe foi comunicado pelo Espírito de Deus.” 3. “O Homem é carne. Carne é um termo que indica não só a parte externa do homem, a qual corresponderia ao elemento biológico ou material, mas ao ser humano que, relacionado com Deus, se apresenta mortal, frágil e débil.” Assim, biblicamente dizendo o ser humano, em todo o seu ser e em cada fibra, é ao mesmo tempo carne (ser mortal assentado na terra), alma (dinamismo vital difundido em toda a pessoa) e espírito (vida unida à sua fonte divina).

De modo geral, percebe-se então, de acordo com as definições dos dicionários consultados, que tanto o termo ‘espírito’ quanto ‘espiritualidade’ podem nos remeter a uma ‘substância imaterial’, simbolizada por ‘sopro’, ‘ar’, ‘hálito’, que ora aparecem como oposição ao que é material, simbolizado por ‘corpo’ ou ‘carne’, ora aparecem com definição mais integrada e não de oposição, considerando ‘espírito’ como algo mais amplo, acrescentando definições voltadas à consciência, fatos psíquicos, contemplando o aspecto subjetivo do ser, integrado aos costumes, moralidades, tentando assim dar mais objetividade ao termo e, ainda buscando corroborar essas definições com o aspecto religioso, como representação do absoluto, através da arte e da religião. Admite-se ainda relacionar ‘espírito’ com ‘Deus’, mas também com a idéia de ‘inteligência’, ‘princípio inteligente’.

Ademais se verifica a atribuição de ‘vigor’, ‘energia’, ‘ânimo’, dando uma conotação de força da vida para o entendimento do termo ‘espírito’.

Isso é o que podemos inferir a partir do que se encontrou nos Dicionários consultados.

Ao iniciarmos um estudo mais sistemático sobre o tema da espiritualidade, foi constatado que, embora não seja comum encontrarmos academicamente um autor que em sua obra tenha se dedicado exclusivamente a esse tema, com exceção da Psicologia Transpessoal², encontramos grupos de pesquisa, professores e estudiosos das mais diversas áreas como: Psicologia, Educação, Medicina, Bioética, Religião e no ramo empresarial, que apresentam um grande interesse pelos temas em diversas Universidades do Brasil e também no exterior.

Na área da saúde, entre outros, podemos citar a pesquisa do Prof. Eymar Mourão Vasconcelos, Doutor em Medicina Tropical da Universidade Federal de Minas Gerais, que trata da força da Espiritualidade como instrumento de promoção da saúde.

Na perspectiva terapêutico-clínica, encontramos a Dissertação de Mestrado de Alessandro Hideki Shimabucuro, intitulada como “Representações Sociais de fenômenos Anômalos em Profissionais Clínicos de Psicologia e Psiquiatria”, desenvolvida no Instituto de

² Na Psicologia, a recente linha Transpessoal considera a espiritualidade como objeto de estudo sistemático, juntamente com outros assuntos como estados alterados de consciência, conceitos de unidade, de vida, através de um resgate crítico das tradições orientais e ocidentais.

Psicologia da Universidade de São Paulo, em 2010, orientada pela Profa. Dra. Zélia Ramozzi-Chiarottino.

Na Psicologia e Religião, podemos citar a pesquisa do Prof. Julio Rique Neto, Doutor em Psicologia da Universidade Federal da Paraíba e Profa. Maria Waleska L. de Andrade, Doutora em Psicologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, que discutem a importância do julgamento religioso, a importância da dimensão religiosa.

No ramo empresarial há registros do estudo da espiritualidade com a preocupação de desenvolver motivações, liderança e superação, tudo isso voltado para um comprometimento com metas e valores, esse trabalho foi desenvolvido na Universidade Federal do Rio de Janeiro por Silvestre Prado de Souza Neto e na Universidade Bandeirante de São Paulo por Bruno Félix Von Borell de Araújo com o título: “Espiritualidade nas organizações: um estudo exploratório sobre a percepção de gerentes de empresas diversas sediadas na Cidade do Rio de Janeiro”.

Na Educação encontramos a pesquisa de Vera Irma Furlan em sua Tese de Doutorado, com o título: “Uma nova suavidade e profundidade...o despertar transpessoal e a (re)educação”, defendida na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP em 1998; Vera Saldanha em sua Tese de Doutorado intitulada “Didática Transpessoal: perspectivas inovadoras para a educação integral”, defendida também na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP em 2006; Marcos André Scussel em sua Dissertação de Mestrado, com o título “Religiosidade Humana e fazer educativo” realizada na Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS; Dulci Alma Hohgraefe, com a Dissertação de Mestrado com o título “Desvelando o perfil de espiritualidade: elo propulsor para ampliação dos propósitos e objetivos de vida”, realizada na Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS; ainda gostaria de citar o grupo de pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Leda Lísia Franciosi Portal, da PUC-RS, denominado: “Educação para a Inteira: um (re)descobrir-se”, que tem como objetivo aprofundar estudos sobre a existência e a importância da Inteligência Espiritual na constituição da inteireza do ser, numa proposta de desvelar referenciais que delineiem novos rumos para a educação.

Constata-se que na perspectiva acadêmica, o entendimento para o termo ‘espiritualidade’ também não possui uma definição conceitual única, consensual, definitiva, mas que esses termos estão no estágio de busca pelos diversos professores, grupos de pesquisa, pesquisadores acadêmicos, que se debruçam sobre o tema.

1.2. A Espiritualidade presente na trajetória histórica da psicologia

É relevante apresentar uma breve trajetória histórica da Psicologia aplicada à Educação, mostrando que desde os primeiros séculos de nossa era, quando ainda não se usava o termo “psicologia”, porque como ciência esta ainda não havia se separado da Filosofia, temos indícios de sua utilização voltada para a Educação, de uma maneira ampla, que hoje estamos tentando resgatar. Trata-se de utilizarmos não somente o aspecto racional, mas também o espiritual, o noético, poético, artístico, ou seja, contemplando outros níveis de consciência que não só o de vigília, o racional.

Leloup (2004) lembra-nos que o verdadeiro filósofo não está somente voltado às especulações, mas a transformar-se, ou seja, seu objetivo não é ter razão, mas transformar-se a si mesmo. Dessa maneira, torna-se possível um acesso a outros modos de consciência que nos permite encarar o mundo, o outro, de uma forma que colabore melhor com o seu devir.

A Filosofia não era constituída por uma busca especulativa e limitada à razão, mas uma arte de viver, um exercício espiritual. Para Epicteto, filósofo estoíco da Grécia antiga, o progresso do aluno não se limitava ao número de páginas que ele tinha lido e compreendido, nem à proeza de seus comentários,

Epicteto apud Leloup

[...] mas à maneira como conseguia, aos poucos, não só manifestar sua vontade e desejo de forma diferente, mas também de organizar seus projetos e disposições em conformidade com as palavras que serviam de base para seu estudo e profissão de fé (LELOUP, 2004, p.6).

Platão e Aristóteles se envolveram com questões que são de interesse psicológico até hoje, como memória, aprendizagem, motivação, pensamento, percepção.

Ainda é preciso evidenciar que esse pensamento não se limita aos filósofos da antiguidade, mas está presente nos modernos como podemos conferir em Kant ou Hölderlin apud Leloup:

Parece, segundo afirma Hölderlin, que o intelecto puro e a razão pura não conseguem produzir nada de inteligente e razoável, se entendemos por isso algo que ilumine a alma e a carne do homem, em cada instante de sua vida ameaçada. Sem a beleza do espírito e do coração, a razão é como um contramestre imposto pelo proprietário aos empregados da casa: sem ter qualquer conhecimento suplementar relativamente ao resultado de seu interminável trabalho, contenta-se em gritar para que eles se despachem. [...] O intelecto puro não produz nenhuma filosofia porque esta não se reduz ao reconhecimento limitado do que é. Somente a aparição da beleza, afirma o poeta, salva o intelecto e a razão da cegueira própria a qualquer trabalho obrigatório; neste caso, eles sabem a razão pela qual e com que objetivo estão agindo. Segundo Hölderlin, o filósofo encontra sua mais elevada inspiração na alteridade de uma palavra sem conceito, de uma palavra que transmite a intuição da beleza. Como já ocorrera com Kant, de quem foi um grande leitor, ele estima que o trabalho do intelecto não esgota a vida do espírito porque o homem aspira a conhecer o absoluto, cuja alteridade não é dominada por nenhum conceito produzido pelo entendimento (LELOUP, 2004, p.13).

Observamos então, que a psicologia é uma disciplina que está presente nas academias da antiguidade e nas de hoje, sendo que a partir do século XIX é que adquire uma identidade distinta de suas raízes filosóficas. Isso evidencia a pertinência do tema da espiritualidade, como qualquer outro aspecto da psique, dentro da Academia, mostrando que grande parte dos pioneiros da Psicologia trataram desse tema.

No que diz respeito à chamada nova psicologia, temos “Wundt (1832-1920) como o fundador da psicologia como disciplina acadêmica formal que instalou o primeiro laboratório, lançou a primeira revista especializada e deu início à psicologia experimental como ciência”. (Schultz, 2005, p.77). Ele abordou em suas pesquisas temas como sensação e percepção, atenção, sentimento, reação, associação, que até nos dias de hoje são estudados.

Wundt desenvolveu também pesquisas sobre o método de introspecção, elementos da experiência consciente, bem como a organização desses elementos, empregando técnicas e pesquisas em laboratório e, assim, proporcionando à psicologia todos os acessórios de uma ciência moderna.

Além dessas grandes contribuições, tem-se exatamente o fato de ter se tornado alvo de críticas, possibilitando a reformulação progressiva de seus estudos.

O fato de a maior parte da história da psicologia pós-Wundt consistir de posições contrárias às limitações por ele impostas para a área não desvaloriza as suas brilhantes contribuições. Ao contrário, enaltece ainda mais a sua grandeza. As constelações devem ter algum alvo, algo a ser debatido, e o trabalho de Wundt, sendo esse alvo, proporcionou um início magnífico e convincente para a moderna psicologia experimental (SCHULTZ, 2005, p.90).

Titchener (1867-1927) apresenta uma abordagem denominada estruturalismo. Apesar de muitas críticas ao estruturalismo umas das grandes contribuições são os métodos de pesquisa baseados na observação, experimentação e meditação e, sobretudo, da auto-observação.

Sabemos que o método de introspecção é amplamente empregado ainda hoje em muitas áreas da psicologia, entre eles destaca-se os que envolvem processos cognitivos como o raciocínio.

Por exemplo: os psicólogos industriais/ organizacionais obtêm relatos introspectivos dos funcionários a respeito da interação com os terminais de computador. Essas informações podem ser utilizadas para o desenvolvimento de componentes de computador de mais fácil manuseio e móveis ergonômicos. Os relatos verbais baseados na experiência pessoal são formas legítimas de coleta de dados. Além disso, a psicologia cognitiva, com seu renovado interesse nos processos conscientes, vem conferindo maior legitimidade à introspecção. Dessa forma, o método introspectivo, embora diferente daquele visto por Titchener, permanece vivo e ativo (idem, p.119).

Em relação ao estruturalismo temos como um dos precursores, Darwin (1809-1882) que com a teoria da evolução, apresenta novos elementos a influenciar a psicologia, sobretudo quando se refere à possibilidade de que a mente humana pudesse ser uma evolução das mentes primitivas, garantido assim, certa semelhança entre o funcionamento mental dos animais e dos homens.

Willian James (1842-1910) é citado também como um dos precursores da Psicologia Funcional por ter apresentado de forma clara e eficaz suas idéias.

Schultz (2005) expõe que entre as grandes contribuições do funcionalismo está a incorporação da pesquisa do comportamento animal, que não fazia parte do tratamento estruturalista como área de estudo da psicologia. Além disso, colaborou com estudos de bebês, crianças e adultos com dificuldades mentais.

As abordagens rejeitadas pelos estruturalistas como, o método introspectivo como dados objetivos, testes mentais, questionários, descrições objetivas do comportamento, foram transformadas em fontes respeitáveis de informação para a psicologia.

Como podemos acompanhar na exposição de Saldanha (2008), após Wundt, em 1892, William James (1842-1910) definiu a Psicologia como sendo a descrição e explanação sobre estados de consciência.

Para James o mundo usual de nossa consciência de vigília era apenas um dos estados do mundo da consciência; sob certas circunstâncias esses diferentes estados poderiam unir-se e dali emergirem mais elevadas.

Afirmava que nossa mente possui um manancial de possibilidades inimagináveis repleto de potencialidades, nas quais ocorrem estados elevados de consciência, ou seja, experiências transcendentais.

Esse autor estabeleceu os seguintes critérios para experiências espirituais legítimas: inefabilidade, o caráter noético, ausência do medo da morte, mudanças posteriores de valores.

Por volta de 1913, com o surgimento do behaviorismo, de John B. Watson (1914), esses conceitos anteriores quase caíram no esquecimento, mesmo assim, destacamos Skinner (1904-1990) e suas contribuições, sobretudo no período de 1950 a 1980, em que a psicologia americana foi moldada por suas idéias, como nos apresenta Schultz (2005) ao expor que o principal objetivo de Skinner era a melhoria da vida humana e da sociedade. Embora mecanicista na natureza de seu sistema, era humanista em seus esforços em modificar o comportamento nos lares, escolas, empresas, instituições. Esperava que a sua tecnologia do comportamento pudesse aliviar o sofrimento humano.

A Psicanálise e o nome de Sigmund Freud (1856-1939) são muito conhecidos e divulgados no mundo moderno. Ele desenvolveu inúmeros estudos, entre eles sobre a histeria, a análise dos sonhos, os instintos, os níveis de personalidade, os estágios psicosssexuais do desenvolvimento da personalidade. O trabalho de S. Freud utiliza também a analogia do iceberg, de August Messer, definindo um modelo do Aparelho Psíquico.

Freud (1932), em sua obra “Os sonhos e ocultismo”, demonstra seu interesse pelo estudo da telepatia, dos sonhos e linguagem, dos sonhos proféticos, mostrando que a psicanálise não teme os estudos desses temas, que são do interesse desde o início da psicologia, como já foi dito.

O próprio conceito de inconsciente surgiu de uma psicografia de experiências mediúnicas, ou seja, Freud cria um conceito que se tornou científico, o método psicanalítico, a partir de algo desconhecido.

São apresentados por Schultz (2005) como contribuições da psicanálise, a liberação sexual no comportamento, nas artes, na literatura e no entretenimento. Jamais defendeu o afrouxamento dos códigos de conduta ou o aumento da liberdade sexual, ao contrário, na sua visão, a inibição do impulso sexual era necessária para a sobrevivência da civilização.

Segundo Stein (1998) tudo o que representa vontade motivadora da atividade e do pensamento humano, Freud preferiu chamar de libido e, ao fazê-lo argumentou que a alma está restrita e condicionada pela energia sexual, ou seja, que a pulsão sexual está na base da vida psíquica e é fonte primária do movimento da psique.

Em seguida, Jung (1875-1961) evidencia aspectos do inconsciente coletivo, além de explicitar que a energia de libido não era de cunho sexual.

Sharp (1991) expõe que quando queremos focar o aspecto do espírito no desenvolvimento humano, é significativo nos remetermos a Jung no que diz respeito ao seu conceito de espírito e libido como energia psíquica.

Na concepção de Jung (1983) as metáforas, analogias, ou ainda, os símbolos na vida consciente e inconsciente do indivíduo substituem gradualmente os motivos e movimentos sexuais, isso porque, a energia psíquica é um conceito mais amplo do que a energia vital. Refletindo sobre a libido e sobre o conceito filosófico do espírito, na sua época bem mais voltado à visão religiosa do que nos dias de hoje.

Jung (1983) diz ainda que para Freud, o princípio espiritual apresenta-se como um subproduto ou apêndice dos instintos, reconhecendo que para ele, o espiritual aparece na psique como um instinto, paixão, ou ainda, como “um princípio ‘sui generis’, uma forma específica e necessária de força instintiva”.

Moreno (1992), ao criar o psicodrama, revela que impedir a dimensão espiritual de se manifestar no indivíduo era o mesmo que impedir a cura. Ele afirmava ter estabelecido

aproximações entre a psiquiatria e a dimensão religiosa, entendendo esta como espiritualidade e não religião instituída, dogmática.

Foi através de Abraham Harold Maslow (1908-1970) que foi inserida e oficializada uma nova linguagem conceitual na Psicologia, na qual a espiritualidade, a transcendência, as experiências ditas místicas foram contempladas, as quais chamou de experiências culminantes para não serem confundidas com a religião estabelecida.

Para Maslow, se não vivenciarmos o aspecto transcendente, podemos nos tornar doentes, violentos, niilistas, vazios de esperança.

Como presidente da Associação Americana de Psicologia, Maslow (1968) oficializa juntamente com Frankl que abordava o Inconsciente Espiritual, James Fadiman, discípulo de Assagioli, criador da Psicossíntese, uma abordagem transpessoal à Psicologia. Do mesmo modo Grof e Antony Sutich, incluem à essa mesma abordagem à psicologia oriental, numa perspectiva mais ocidental.

O reconhecimento dos significados da dimensão espiritual da psique, pela consciência unitiva, pelo êxtase, pela consciência, aliados a sua visão antropológica do ser bio-psico-sócio-cultural, na abordagem transpessoal, nos permite trabalhar em Clínica e também na Educação.

Ao nos perguntarmos qual seria o caminho da Educação, num mundo em que enfrentamos mudanças e transformações aceleradas por questões relacionadas com a globalização, enfrentamos problemas gravíssimos de ordem ecológica, que representam uma ameaça à vida no planeta e muitos outros problemas que surgem em nossa mente. Rapidamente, ocorre-nos a idéia de que o caminho da educação é promover o crescimento pessoal, individual e coletivo do ser, favorecendo o desenvolvimento humano, colaborando para a evolução de sua consciência e de seu espírito, principalmente, no que diz respeito a uma participação ativa, reflexiva, prazerosa e criativa.

A Psicologia Humanista surge de uma insatisfação com uma psicologia que não considera o ser humano em sua condição existencial e, conseqüentemente, se esquecendo do que é essencial para o humano e desenvolvendo uma postura reducionista.

Surge como oposição a toda experiência anterior que se apresenta como mecanicista e reducionista em relação ao pensamento humano. Preocupando-se com o periférico e centrando-se simplesmente em métodos que enquadram todos num mesmo esquema; sem considerar as características e os potenciais próprios de cada um e, por isso mesmo uma psicologia que muitas vezes se apresenta como uma autoridade cega, visando precaver e evitar erros.

Segundo Maslow, a Psicologia Humanista e a Psicologia Transpessoal não desconsideram as abordagens psicológicas anteriores, não se contrapõem, mas propõem um voltar-se e unir-se a outras forças e estudos como a Filosofia, Estética e, outras ciências e valores, a fim de que se torne mais criativa para encontrar caminhos.

A partir, então, de uma insatisfação, oposição e de novas propostas, desenvolvem-se muitas características que configuram, de maneira muito clara, a Psicologia Humanista, marcando um grande salto no desenvolvimento da Psicologia como um todo.

Embora Abraham Maslow (1908-1970) seja considerado uma referência desse movimento, ele mesmo declarou que se trata de esforços de várias pessoas que expressam uma visão do desenvolvimento de uma humanidade universal que implica uma atenção totalmente voltada para a experiência de cada um, no que diz respeito à unicidade e auto-realização do ser humano; preocupa-se mais com os problemas da humanidade do que com os de associações ou instituições; valoriza a autonomia, o autogoverno e não está somente determinada por forças externas; enfatiza as qualidades como escolha, criatividade, avaliação, auto-realização.

Essas e outras características tornam possível, atitudes de confiança e abertura para que as pessoas se manifestem e se comuniquem sem máscaras ou papéis sociais e, então, se deparem com verdadeiros sentimentos e emoções frente aos outros e a si mesmos.

Toda essa amplitude proporciona uma proposta humanista para a psicologia, atrai rapidamente profissionais voltados à Pedagogia, proporcionando que seus projetos se estendam também para o campo da pesquisa em Educação.

Na atualidade, a Psicologia Transpessoal, que tem uma abordagem holística, buscando valorizar outras dimensões da pessoa, que não só a racional, mas, sobretudo, a espiritual, pode

ajudar a resgatar algo que já estava presente como proposta educacional mesmo antes da Psicologia ser considerada uma ciência.

A Psicologia Transpessoal se destaca por dedicar-se ao estudo da consciência e aos estímulos a experiências em seus diferentes estados.

A relação entre Psicologia Humanista e Transpessoal é muito estreita, porque esta é um desenvolvimento e aceitação dos pressupostos básicos daquela, embora as tendências do movimento transpessoal já existissem há muito tempo.

Não se trata de uma relação de insatisfação, nem de oposição, mas de integração, complementação e essa é a postura de Maslow:

Devo também dizer que considero a Psicologia Humanista, ou Terceira Força em Psicologia, apenas transitória, uma preparação para a Quarta Força, ainda “mais elevada”, transpessoal, transhumana, centrada mais na ecologia universal, do que nas necessidades e interesses restritos ao ego, indo além da identidade, da individuação e congêneres... Precisamos de algo “maior do que somos”, que seja respeitado por nós mesmos e a que nos entreguemos num novo sentido, naturalista, empírico, não eclesiástico, talvez como Thoreau e Whitman, William James e John Dewey fizeram (MASLOW, 1990, p.74).

A citação anterior expressa claramente a relação entre as Psicologias Humanista e Transpessoal porque atinge uma abrangência do ego com as demais escolas da psicologia, porém também com os estados além do ego (transpessoal); vê-se o ser humano como um todo, capaz de escolhas e de transcender o limite físico do corpo.

Para a Psicologia Transpessoal, o ser humano é um todo e não apenas partes estudadas separadamente, exatamente por isso, ela é considerada holística e transdisciplinar, que abrange várias teorias, tais como a Física, Biologia, Lingüística, Antropologia, Sociologia, Neurologia, entre outras.

O que caracteriza a orientação transpessoal não é o conteúdo, porque ele é determinado pela relação humana, pelo todo integrado através de uma harmonia de uma rede de inter-relações; é o modelo da psique humana que reconhece a importância da dimensão espiritual e o potencial para a evolução, estudando e explorando diferentes estados de consciência. Como sendo:

O estudo do ‘interior’ da personalidade é uma base necessária para compreender que uma pessoa é capaz de comunicar ao mundo, e o mundo pode comunicar a ela. Esta verdade é conhecida intuitivamente por todo terapeuta, por todo educador, por todo artista, porém deve ser mais explícita (ibid, p.155).

Essas afirmações nos permitem perceber como Maslow reconhece a dificuldade na comunicação entre as pessoas e, a partir disso, aponta para a importância de considerarmos o desenvolvimento da personalidade num processo de percepção e aprendizagem. É importante também fazer um paralelo entre o externo e o interno, chamando a atenção para o que está no nosso interior, no nosso inconsciente, permitindo nos expressar mais claramente. Como ele afirma:

Na medida em que estamos integrados, completos, unificados e, somos espontâneos e plenos, na mesma medida nossas expressões e comunicações serão completas, únicas e idiossincráticas, vivas e criativas, em lugar de inibidas, convencionais e artificiais; honestas e não falsas (ibid, p.157).

Não podemos mais admitir, que na Educação, tenhamos uma abordagem fragmentada, que busca uma supervalorização do presente, no sentido de se querer resolver, momentaneamente, cada um as próprias questões, problemas ou dificuldades, buscando se destacar, cuidando apenas das suas questões. Normalmente, quando se tomam iniciativas nesse sentido, tanto o educador como o aluno, tornam-se vítimas de coação, controle, porque as exigências individuais ganham espaço. Essas iniciativas apenas reprimem, mas não eliminam os elementos intrínsecos da natureza humana.

A comunicação intrapessoal é a que a pessoa tem consigo mesma, ou seja, corresponde ao diálogo interior, no qual debatemos nossas dúvidas, perplexidades, dilemas, orientações, escolhas. A pessoa fala com ela mesma. Temos a oportunidade de procurar definir nossas relações com o nosso próprio pensamento, organizando e tematizando nossas decisões para a realização de uma ação.

Essa comunicação está ligada também à reflexão que se processa no interior do indivíduo, pois, o emissor e o receptor são a mesma pessoa. Pode ser muito benéfica quando há uma relação autêntica e íntima consigo mesmo, porque se torna possível uma comunicação construtiva com a qual podemos organizar as nossas contradições.

A comunicação interpessoal promove a troca de informações entre duas ou mais pessoas, baseada nos repertórios culturais, vivenciais, emocionais. É um processo interativo e didático em que o emissor constrói significados e desenvolve expectativas na mente do receptor. Trata-se de dialogar, trocar idéias, conversar, seja por contato físico ou não.

É uma forma de comunicação muito importante porque se não nos escutarmos a nós mesmos, como vamos desenvolver a escuta ao outro, ao todo? Mesmo considerando, que, antes de dialogarmos com o outro, já estão estabelecidos em nós, diálogos internos.

A comunicação transpessoal se dá através e além do pessoal. Pressupõe a consciência e sua expansão. Para que a comunicação seja plena, é necessária a congruência entre os três níveis.

A cisão causa uma dissociação da realidade, impedindo nossa própria escuta e a escuta do outro. A ausência da comunicação transpessoal pode levar ao distanciamento de si mesmo, de sua essência criadora. De forma que se acontecer essa dissociação, como nos alerta Maslow:

[...] de novo teremos um exemplo de que estamos cegos e surdos a nosso próprio interior, de que estamos também cegos e surdos ao que o mundo exterior tem de bom, de sentimento poético, de sensibilidade estética, de criatividade primária, e assim por diante (MASLOW, 1990, p.162).

O processo de aprendizagem está muito ligado ao comunicar-se, ao conhecer, aprender e educar. Cada educador precisa ir além do pensamento reducionista, simplificador e dualista característico do antigo paradigma, cartesiano ou científico, a fim de que possa alçar voo em busca de transcendência, a qual traz maior liberdade, não aprisiona a emoção, o sentimento e a criatividade do ser humano e promove a inteireza do ser.

Maturana (1999) considera não uma única realidade (unidimensional), mas várias (multidimensional) e o educador precisa estar ciente disso. A perspectiva linear impede de entender a intuição, criatividade, a emergência da consciência, o papel da emoção nesse processo de ensino/aprendizagem.

As posturas de desconforto com os supostos erros devem ser evitadas, encaminhadas de forma criativa e não punitiva, deve ser considerado como parte desse processo. Moraes e Torre (2004) admitem que as emoções favorecem ou restringem o campo de ação educativa. Para esses autores a confiança gera um espaço que leva à descontração, à abertura, ao relaxamento, criando estados mentais e emocionais correspondentes. Ao contrário, a punição pelo erro, causa medo, que restringe o campo de ação e de reflexão ao gerar sensações de impotência, desconfiança e mal estar.

Maturana (ibid) sustenta que não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato, sendo que essa emoção é o amor. Portanto, não é só a razão que nos leva à ação, mas também a emoção.

Tudo o que fazemos, todas as nossas condutas, mesmo as que chamamos racionais, ocorrem sob o domínio básico de uma emoção, que ele denomina amor. Uma emoção, uma disposição corporal que nos possibilita algumas condutas e outras não e que funda o humano no ser.

O amor é constitutivo da vida, por isso, não é nada difícil. O amor e a emoção se fundam no social, à medida que aceitamos o outro através da convivência. Nas nossas relações com conduta de aceitação, respeito e amor para com os outros, é que se dá verdadeiramente o fundamento social.

A emoção está em estreita ligação com a abordagem transpessoal, que propõe um processo de aprendizado voltado para o prazer, acolhimento, cooperação, respeito, ou seja, uma unidade fundamental dos diferentes estados de consciência.

Maslow (1990) diz que em nossa proposta como educadores, o intelecto adequadamente definido e concebido, é uma de nossas maiores e poderosas forças de integração.

A espiritualidade na Educação pode colaborar para que o ser humano não tenha atitudes como alguém separado da natureza, ou se perceba separado o espírito da matéria, mas que reconheça que energia e vida não se separam. Trabalhos muitos simples podem colaborar para esse despertar. Maior envolvimento com o contexto social que ajuda a percebermos os reflexos das nossas próprias ações. Promover o encontro com o diferente despertará valores como a solidariedade e a capacidade de encontrar soluções coletivas para as situações desafiadoras. Contato com vegetais e animais, horta, pomar, jardim, zoológico, sobretudo plantar, colher, cuidar, se alimentar. Pesquisas sobre tecnologias de produção de energia e desenvolvimento sustentável. Atividades como essas podem fazer os alunos sentirem-se capazes de transformar realidades sociais, viabilizam processos internos transformadores, melhoram a compreensão de que espírito e matéria não estão separados, mas imbricados.

Existem muitos trabalhos sistematizados que oferecem uma proposta de resgatar a espiritualidade, de religar matéria e espírito, inclusive de cunho acadêmico, como por exemplo, a transdisciplinaridade, na busca do ser na sua inteireza.

1.3. A Espiritualidade como reconhecimento multidimensional do ser humano

Trazemos na história da humanidade, sobretudo na ocidental, a marca da fragmentação que se torna muito evidente quando, o homem em busca de construir novos caminhos, entra na era das descobertas, que possibilitaram a evolução e o progresso de uma forma bastante rápida.

A exploração da natureza para que se pudesse tirar dela o sustento, inclusive de seus luxos, afasta também da natureza humana o caráter sagrado e, para que a ciência pudesse evoluir, optou-se pela fragmentação entre Ciência e Espiritualidade.

No séc. XIV, muitas concepções filosóficas expressam a separação das verdades científicas e espirituais. Isso aconteceu até mesmo dentro da Igreja, sendo que a razão deveria limitar-se ao estudo da natureza e a fé deveria voltar-se para as questões espirituais e divinas. A Ciência estava para confirmar a fé e se alguma verdade da razão contrariasse uma verdade de fé, esta deveria prevalecer.

Cavalcanti (2000) nos lembra que a fragmentação da vida do homem ocidental na visão mecanicista, tornou independentes as dimensões física, mental e espiritual, como se não fizessem parte de um todo. Reforçam-se os opostos, corpo e alma, mente e espírito. Esse desenvolvimento histórico, ao invés de unir e integrar, fragmenta e adota como único modelo e meta o racionalismo.

Descartes (1596-1650), no início da Modernidade com o “cogito ergo sum” em sua obra “Discurso do método” afasta a subjetividade instituindo o sujeito finito como acesso ao que é considerado real e, o processo desencadeado é o da secularização, ou seja, o homem vivendo centrado na realidade mundana. Segundo Wolman (2001) filósofos do racionalismo e do empirismo, como Descartes, por exemplo, concentram-se no mecanismo da mente, criaram bifurcações e divisões em conceitos como os da alma (mente) e corpo, que só agora estamos começando a superar.

A maior característica da Modernidade é a difusão dos produtos da atividade racional, científica, tecnológica, administrativa, fazendo com que a racionalidade torne-se a mais importante referência para a organização da vida e da sociedade. Ao invés de uma integração, há uma substituição: “A idéia de modernidade substitui Deus no centro da sociedade pela Ciência, deixando as crenças religiosas para a vida privada.” (TOURAINÉ, 1995, p. 18)

Evidentemente que o fato de uma sociedade se organizar de uma forma fragmentada e unilateral em relação aos saberes, não quer dizer que as outras dimensões desapareçam por completo. Como pudemos acompanhar no início desse capítulo a espiritualidade sempre esteve presente nos estudos da Psicologia, muitas vezes voltada para a Educação, mesmo que de forma mais discreta, desenvolveu estudos relacionados à introspecção, aprendizado, sensação e percepção, atenção, sentimento, reação, associação, observação, meditação, auto-observação, como já foi dito anteriormente.

Entretanto, são evidentes também pelo menos duas posturas básicas em relação ao tema: 1. negligência, por considerar esses assuntos irrelevantes ou fora da área de interesse principal; 2. oposição, ao caracterizar a espiritualidade como misticismo reforçando uma oposição entre Ciência e Espiritualidade.

Como nos diz Martinelli (1995), a separação entre o universo da ciência e o simbólico-religioso pode ser considerada por alguns como positivo, para esses, essa separação é sinônimo de liberdade, visto que o aspecto religioso é considerado alienação. Para outros, pode ser considerada como negativo, ou seja, para aqueles que consideram o religioso como a salvação do homem. Qualquer um desses pressupostos é unilateral e, parece também irreversível, por não considerarem sempre aberta a possibilidade de mudança e que no futuro uma caminha no sentido de retomar a outra.

Diante de tantas dificuldades encontradas no campo da Educação, como a violência, o preconceito, desrespeito nas escolas, por exemplo, há necessidade de desenvolver novas formas de promover um fazer pedagógico e, uma relação educativa mais integrada com o todo entre os profissionais, considerando, portanto, também a dimensão espiritual, tendência que se mostra em expansão e que tem sido pesquisada por vários pesquisadores. A questão da espiritualidade é bastante ampla, e sua mensuração, muito complexa, por na maioria das vezes estar relacionada à percepção subjetiva em relação à crença religiosa da pessoa.

A espiritualidade coloca-nos diante de questões a respeito da vida, da razão de viver, não se limitando a formas de crenças ou práticas religiosas. Ela pode ser um instrumento e espaço de relação educativa entre professores, capaz de elaborar as motivações profundas que dão sustento aos redirecionamentos do professor.

Torna-se, então, urgente um olhar para o ser humano na sua multidimensionalidade voltada para o desenvolvimento, como nos alerta Moraes (MORAES, 2008, p. 182): “Ao falar de desenvolvimento humano, estamos, certamente, falando dos aspectos evolutivos que envolvem todas as suas dimensões, incluindo aqui a dimensão espiritual”. E ainda: “Assim, o espírito se revela como um ser de relações a partir das quais o sujeito constrói sua identidade, uma identidade relacional e ecologizada. É, portanto, um ser aberto à participação, à solidariedade, à igualdade e à diversidade”.

Ajuda-nos a compreender melhor se nos apoiarmos em Leonardo Boff (2004) quando afirma que espírito é tudo o que respira e tem vida. Para Boff, “espírito significa a capacidade de relação e de criação de uma unidade orgânica (...) Esta interatividade de tudo com tudo se chama espírito. Ela é alimentada pela consciência reflexiva do ser humano” (BOFF, 2004, p. 129). E ainda: “o ser humano mais e mais se descobre como parte da natureza e membro da comunidade da vida. Suas relações não podem ser de dominação, mas de convivência, de uma nova aliança de fraternidade, de respeito e de diálogo” (idem, p. 95). Ele lembra que o pleno desenvolvimento do espírito não está separado da capacidade reflexiva, ou seja, da consciência do espírito em evolução.

Boff explica a espiritualidade humana tomando como referência o sentido antropológico presente no termo, ao afirmar:

Quando nos referimos aqui à espiritualidade entendemos o termo num sentido antropológico e menos num sentido especificamente religioso. Significa a capacidade que o ser humano, homem e mulher, tem de dialogar com o seu eu profundo e entrar em harmonia com os apelos que vem de sua interioridade. Essa compreensão pode ser realizada por professantes de algum credo religioso como por agnósticos e descrentes. Cada um se encontra com a sua estrutura de desejo, com um horizonte utópico, com o masculino e o feminino dentro de si, com o universo de sua interioridade. O processo de personalização supõe uma integração desta dimensão que confere serenidade e paz à vida humana (BOFF, 1994, p. 36).

Assim, a necessidade que se tem hoje, de refletir sobre o que faz sentido para a existência humana e, portanto, como algo totalmente integrada à nossa realidade, faz Leonardo Boff anunciar um “paradigma da re-ligação”:

Faz-se mister uma nova religião, no sentido profundo e etimológico desta palavra. Quer dizer, faz-se mister algo que re-liga tudo, um sentido tão abrangente que possa servir de fio condutor com o qual posamos costurar todas as experiências, todos os saberes, todas as tradições espirituais, todas as políticas, todas as formas de humanização e possamos constituir uma realidade planetária una e diversa, dinâmica e includente. Para isso, importa somar, dialeticamente, integrar as várias contribuições e enxergar as complementaridades e assim construir o novo para a frente, numa perspectiva de convergência. Politicamente importa, por exemplo, assumir o momento da verdade dos sistemas já vividos numa síntese realística e não verbal, síntese humana e espiritual.

O capitalismo criou uma cultura do eu sem o nós. O socialismo criou uma cultura do nós sem o eu. Agora precisamos da síntese que permita a convivência do eu com o nós. Nem individualismo nem coletivismo, mas democracia social e participativa. Precisamos fazer uma auto correção com referência à concepção do ser humano, à integração do feminino e à aliança com a natureza. Daí pode nascer a nova espiritualidade e o fio que tudo re-liga (ibid, p. 71).

Nesse aspecto conseguimos também mostrar que estamos tratando de uma espiritualidade que não diz respeito especificamente e obrigatoriamente a uma profissão religiosa, porque compreende-se o termo latino “religare”- “ligar outra vez” como um aspecto mais cultural do que religioso. Assim, pode-se afirmar que não importa a profissão de fé, mas o sentimento e a capacidade de religar o homem ao todo da realidade, da qual a espiritualidade também faz parte, assim como na arte, podemos alcançar uma experiência estética e transcendente.

Como já foi lembrado anteriormente, mudanças aceleradas, necessidade de evoluir no conhecimento não é algo novo e atual na realidade do ser humano. Hoje também enfrentamos questões relacionadas à globalização, que acarreta problemas gravíssimos nos mais diferentes aspectos, inclusive de ordem ecológica, colocando em risco a vida no planeta.

Diante de uma situação ameaçadora que vem desestruturando os ciclos da vida, como nos lembra Z. Bauman (1927) na sua obra “Modernidade Líquida”, fenômenos, eventos, processos, valores e coisas estão cada vez mais voláteis. Diante do inesperado, da insegurança, é preciso ver a educação com um novo olhar.

Ajuda-nos também a olharmos para a necessidade de uma Educação voltada para o multidimensional e não fragmentada, contemplando a dimensão espiritual, Edgar Morin (MORIN, 2000, p. 38) quando afirma que para educar para a condição humana, é necessário reconhecer que “somos seres, simultaneamente, cósmicos, físicos, biológicos, culturais, com cérebro e espírito”.

A proposta desse pensador contemporâneo Edgar Morin (1980), que se dedica ao estudo da complexidade, nos ajuda a compreender a importância das relações e dependências multidimensionais de todos os saberes. Trata-se de um pensamento que não separa, mas une e busca as relações necessárias e interdependentes de todos os aspectos da vida humana.

Segundo Petraglia (2001) Morin contrapõe-se ao pensamento reducionista, linear e simplificador e, propõe uma relação entre os saberes, como a biologia, antropologia, sociologia e a física, além disso, coloca o pensamento mítico-simbólico-mágico ao lado do racional-lógico-científico, partindo da noção de totalidade.

Salienta Petraglia:

A complexidade surgiu para questionar a fragmentação e o esfacelamento do conhecimento, em que o pensamento linear, oriundo do século XIX, colocava o desenvolvimento da especialização como supremacia da ciência, contrapondo-se ao saber generalista e globalizante. A complexidade parte da noção de totalidade e incorpora a solidariedade, colocando, lado a lado, razão e subjetividade humana. A solidariedade, presente na complexidade, coloca-se na educação por meio da transdisciplinaridade, considerando aspectos como princípio da incerteza, perspectiva dialética e dialógica e dimensão espiritual do humano. Para atingir a transdisciplinaridade, é necessário o rompimento com idéias preconcebidas ou reducionistas (PETRAGLIA, 2001, p. 4).

Petraglia (2000) diz que fazer referência a essa totalidade significa reconhecer as características antagônicas e bipolares do ser humano, ou seja, ao mesmo tempo em que é sábio e louco; é prosaico e é poético, é trabalhador e lúdico; é ao mesmo tempo empírico e imaginário e assim por diante. É multiplicidade, é corpo, mente, idéias, espírito, magia, afetividade. Esse é o ‘homo complexus’.

Assim chegamos ao que Morin entende por espiritualidade e que Petraglia (2001) apresenta:

A complexidade, que aceita a incerteza da ciência, a insuperabilidade de contradições, acolhe o pensamento mítico, que compreende o misticismo, as

religiões, a magia e a dimensão espiritual do ser humano como expressão cultural presente, de modos diferentes, nas diversas sociedades. Morin compreende a dimensão espiritual como uma defesa do ser humano contra a morte, que o apavora, e não como busca de perfeição para atingir, como prêmio, a vida eterna (Ibid, p. 6).

Fica claro que estamos tratando da dimensão espiritual do ser humano, não como algo sobrenatural, que poderia nos fazer experimentar a sensação de perfeição e provocar uma compreensão de contradição entre corpo e espírito, mas como algo incorporado à realidade humana, assim como todas as outras dimensões, ou seja, espiritualidade como algo intrínseco ao ser humano.

O ser humano é entendido por Morin (1970) como um ser dual, ou seja, é uma coisa e outra ao mesmo tempo, nele concentram-se aspectos diferentes e contraditórios. O duplo é o alter ego. Compreendido pelos teólogos como corpo e espírito. Essa unidualidade pode ser vista ainda como cérebro e espírito, objetividade e subjetividade, real e imaginário, e assim por diante.

1.4. A Espiritualidade na Psicologia e na Educação como paradigma emergente

É crescente o número de publicações e pesquisas na área da saúde, que consideram a espiritualidade não só como um elemento essencial ao bem estar do indivíduo, mas como parte inerente à saúde do ser.

A seguir será apresentada parte (a mais nuclear) de uma tese de doutorado defendida na Universidade Estadual de Campinas. Vera Saldanha faz um caminho que leva a detalhar elementos de rico referencial teórico, com metodologia fundamentada numa importante pesquisa de campo, que contribui para a construção do conhecimento, no âmbito das concepções defendidas pela Psicologia Transpessoal.

A abordagem integrativa na Psicologia Transpessoal, possui um embasamento teórico, que abrange necessariamente os seguintes aspectos: conceito de unidade, conceito de vida, conceito de ego, estados de consciência e cartografia da consciência. E, sua dimensão dinâmica é alcançada pelo eixo experiencial e pelo eixo evolutivo.

O conceito de unidade ou da não fragmentação é fundamental para a Educação. Quando a Psicologia Transpessoal aborda a unidade cósmica, refere-se ao fim da dualidade, da polaridade, da fragmentação dos saberes.

Segundo Saldanha (1997) os conceitos da física moderna trazem perspectivas promissoras em relação à unidade cósmica e à não fragmentação do ser. Mostram que o todo contém as partes e que as partes contêm o todo, ou seja, nós contemos o todo e estamos contidos nele. A física quântica chama a atenção para uma unidade básica, para um todo dinâmico, no qual, nós seres humanos somos parte desse sistema.

As implicações da ilusão de ótica, na qual nos percebemos separados dos objetos e pessoas, gera em nosso psiquismo uma crise de fragmentação, que dá origem aos apegos, às identificações parciais. Quando o ser humano ignora que faz parte da unidade, ele se apega aos objetos de prazer, tem medo de perdê-los, se os tem, medo de não vir a tê-los, ou medo de não os reaver, se os perdeu.

Na Educação o conceito de unidade é fundamental para garantir a aprendizagem integrada, visto que:

[...] aprendizagem integrada é um processo mediante o qual vamos construindo novos significados das coisas da vida e do que acontece no mundo ao nosso redor, ao mesmo tempo em que melhoramos ou desenvolvemos estruturas e habilidades cognitivo/emocionais, modificamos nossas atitudes, valores e competências, projetando tais mudanças na vida cotidiana, nas relações político-sociais e laborais. E isto tudo baseado em estímulos multissensoriais ou em processos intuitivos que nos impactam e nos fazem sentir, pensar e agir (MORAES e TORRE, 2004, p.130).

Os conceitos de unidade vivenciados na Educação pelos alunos os colocam diante de estratégias que estimulam os diferentes sentidos, que vão além dos aspectos cognitivo/emocionais, ou seja, envolvem a imaginação, a intuição, a colaboração vivenciado na educação pelos alunos.

Para a Psicologia Transpessoal, o conceito de vida está numa dimensão atemporal, trata-se de algo que não definimos quando começa ou quando termina. Como diz Saldanha, “vida é uma sequência evolutiva, onde nascer, morrer e renascer fazem parte de um processo” (SALDANHA, 1997, p. 43).

Todo e qualquer conteúdo trazido pelo aluno, mesmo que transcenda os dados biográficos, lógicos, pode e deve ser acolhido e trabalhado sem preconceitos. O conceito de vida possibilita uma abrangência para articular as mais diferentes técnicas sem delimitações a priori.

Na Psicologia Transpessoal, a vida é pautada por duas etapas básicas: morte e renascimento. Segundo Saldanha:

O desenvolvimento humano em cada existência, é galgado através de mortes e renascimentos, começando pela morte da vida intra uterina para ganhar mais luz, espaço, novas experiências. A morte do aleitamento materno, para renascerem novos sabores e outros alimentos; morte da dependência simbiótica com a figura materna, para ganhar um outro mundo, através do engatinhar, andar, falar, para se relacionar com outras pessoas. A morte do corpo infantil para ganhar a adolescência, a fertilidade e assim sucessivamente, em cada morte de uma etapa de vida ocorre uma mudança de valores, atitudes e crenças (ibid, p.43).

Todo esse processo traz implicações importantíssimas do ponto de vista educacional que, portanto, não podem ser desconsideradas.

O ego para a Psicologia Transpessoal é caracterizado como um construto mental ilusório, que pode estruturar uma barreira mental que separa o eu e o outro. Por isso, é necessário não considerá-lo como um todo, é preciso “dissolvê-lo”, tornando-o mais “elástico”, dinâmico e permeável, pois na operacionalização da vida cotidiana ele é importante, porque:

O eu é uma consciência em evolução que pode se manifestar além dos elementos circunstanciais, biopsíquico e sociais que caracterizam a personalidade, integrando níveis evolutivos superiores, elementos perenes, espirituais, universais e cósmicas dos quais se constituem a individualidade que é o ser essencial, integral (idem, p. 45).

Trata-se de permitir uma vivência da unidade cósmica do ego, a fim de que o indivíduo se torne uno com tudo o que existe, de forma que o eu e o outro sejam igualmente parte do mesmo todo.

No contexto educacional é muito importante essa noção de ego para que não consideremos o outro como um subproduto. Como exemplo, podemos citar o multiculturalismo apresentado nas escolas, que muitas vezes vem para amenizar uma anulação que ocorre com o outro, sobretudo, quando se divulga a proposta de tolerância que minimiza a brutalidade com o outro: indígena, cigano, homossexual. Tolerar, nesse caso, é o mesmo que abafar, sufocar, não permitir que o outro se apresente, se manifeste, ou que seja colocado em questão.

Quando nos deparamos com expressões como “educação para todos”, parece muito convincente, mas não podemos deixar de olhar para isso com desconfiança e crítica, no sentido

de percebermos que essa é uma política de tolerância, que não dá espaço para que o outro se coloque ou se manifeste como referência.

Tal conceito de ego contribui para uma proposta de não se prender a algo pré-determinado, fechado, generalizando projetos ou planos, mas voltar a atenção, também para o que não se vê, não se ouve, isto é, para aquilo que os nossos sentidos mais evidentes não captam. Trata-se de transcender o ego e aproximar-se daquilo que realmente é, incorporando o aspecto paradoxal em que o nível pessoal exterior tem importância relativa e o aspecto transcendental, interior, adquire maior importância.

Os estados de consciência são passos que ampliam e favorecem a percepção de diferentes níveis de realidade. A Psicologia Transpessoal prima por trabalhar com diferentes níveis de consciência e os concebe como fazendo parte da natureza da mente humana. O indivíduo percebe a realidade, de acordo com o estado de consciência que está vivenciando.

Segundo Saldanha (1997) as recentes pesquisas transpessoais, apresentam vários estados de consciência. No estado de consciência de vigília predominam as funções do ego, a relação do indivíduo com o ambiente, a mente, as emoções, os cinco sentidos. É o mais comum, o mais conhecido, no qual nos encontramos quando estamos acordados, trabalhando, planejando. O estado de devaneio pode ser alcançado através do relaxamento e pode trazer idéias criativas porque esse estado pode propiciar a associação livre. Tais idéias devem ser anotadas porque desaparecem por completo no estado de vigília. No estado de consciência de sono o conteúdo manifesto poderá incluir informações referentes ao inconsciente individual. No estado de sono profundo o ego desaparece totalmente, a consciência retorna a ela mesma, à sua fonte e o indivíduo é revitalizado. O estado de plena consciência supõe o desaparecimento da dimensão tempo e espaço, não projeção da mente sobre objetos, superação da dualidade sujeito/objeto (unidade), vivência da vacuidade plena, sentimento de viver a realidade como ela é vivência do sentido do sagrado.

Na Educação a experiência que envolve vários níveis de consciência é de grande auxílio para trabalhar com conteúdos traumáticos, conflitantes e sombrios, pois vai à origem dos mesmos, facilitando a catarse e a integração. Todas as mudanças de consciência abrem um vasto leque de vivências que auxiliam na educação, por ir à raiz, à origem e à solução dos conflitos existenciais.

Saldanha (2008) apresenta o eixo experiencial que é representado por uma linha horizontal numa integração da razão, emoção, intuição e sensação, que também podemos chamar de REIS, que está presente em cada uma das etapas do eixo evolutivo, que é representado por uma linha vertical, linhas estas que se cruzam. Compõe o REIS:

Razão: nesse elemento está presente o julgamento, seja de idéias, conceitos, ou atribuição de valor; ajuda-nos a compreender e organizar o universo por intermédio da reflexão. Na abordagem transpessoal essa função não tem uma supremacia dominante, mas deve estar integrada a outros níveis de percepção da realidade, isso porque, o nosso racional, cognitivo, não tem a percepção de tudo.

Emoção: elemento ligado aos nossos sentimentos, essencial para o nosso desenvolvimento, porque desperta o desejo, traz a energia necessária ao processo do desenvolvimento psíquico.

Intuição: é a função que faz o trânsito entre o passado, o presente e o futuro. Fazer o exercício de lembrar pode provocar um processo intuitivo. A intuição permite acessar um campo fértil e, quando ativadas a razão, a emoção e a sensação, ativamos também a intuição, ou seja, uma percepção clara, direta, imediata e espontânea, sem o auxílio do raciocínio, porque está além da razão, como diz Assagioli (1993), transracional.

Sensação: é a função que se dá através dos órgãos dos sentidos e é muito importante porque traz o corpo em ação.

Essa sistematização permite que possamos acessar e estimular uma dimensão do ser, que vai através do pessoal no relacional e mais além. Atua como um portal de abertura para a dimensão espiritual.

Permite que o indivíduo acesse uma dimensão superior, saiba do seu ser, que não só contribui na resolução de problemas, mas que estimula e traz à tona, o seu melhor, ou seja, promove a emergência de valores positivos.

A espiritualidade diz respeito a uma busca de sentido à realidade mais profunda do ser humano e o coloca mais em contato com seu estilo atual de viver e organizar-se.

A busca de sentido dos acontecimentos que se manifestam pelo sentido da vida, da morte, do futuro e também busca de realização, de desejos, de felicidade, são desejos infinitos. Tudo isso influencia a nossa maneira de comunicar, criar, investigar, descobrir, questionar, ou seja, está intimamente ligado com a questão da Educação.

O planeta pede socorro, as nossas relações interpessoais se vêm banalizadas pelo individualismo e subjetivismo. Perdemos a confiança, sentimos medo, culpa e tudo isso pode prejudicar a realização da pessoa, bem como sua criatividade, participação, criação. Todas essas questões não ficam somente no nível pessoal, mas penetram nas instituições, no político, no religioso, na família, na escola.

A espiritualidade é saudável quando reconhecemos que ela compõe a realidade material e corporal. Nesse sentido, toda pessoa é espiritual, movida por uma espiritualidade, ainda que não manifeste uma confissão religiosa. A motivação pela vida, a teimosia, a esperança, o sonho, a paixão, expressam o espírito em nós.

A emergência de valores positivos, a motivação que impregna os projetos, os compromissos, no simples dia a dia, mostra que a Educação é um lugar privilegiado da transcendência. A poesia, a arte, a literatura, o trabalho, a alegria pela conquista, pelo encontro. A espiritualidade é integradora, envolvente, empolgante, dinâmica, libertadora, comprometedora e alegre. Ora, todas essas são características que constituem a Educação.

Dentro da abordagem integrativa, proposta pela Psicologia Transpessoal, temos vários procedimentos técnicos que nos levam não só a mudanças comportamentais ou individuais, mas no tipo de relação interior que estabelecemos conosco mesmo e com os outros, assim é que:

Saldanha diz:

A sistematização da Abordagem Integrativa Transpessoal, favorece a emergência dessa nova consciência mais desperta, o desenvolvimento mais pleno do ser humano em que a educação é parte significativa. É o aprender a conhecer, fazer, conviver, e ser para se “estar” com qualidade no mundo (SALDANHA, 2008, p. 209).

Assim, quando se vivencia a unidade com consciência e se busca a transcendência, ocorre uma possibilidade da manifestação do ser de uma forma mais ampla. Os recursos para que isso

aconteça são classificados por Saldanha (2008) em cinco grandes níveis, considerados com grande ênfase a sua aplicação à educação no que diz respeito à transmissão de conteúdos, otimização da aprendizagem, emergência do aluno e professor interiorizados por meio dessa didática. São eles: intervenção verbal, imaginação ativa, reorganização simbólica, dinâmica interativa e recursos auxiliares e adjuntos.

A intervenção verbal representa as verbalizações que permitem estabelecer o vínculo num contato inicial, importante para que se desenvolva um processo de empatia, mesmo que de forma muito geral. Os pressupostos que incluem as intervenções verbais são:

a) confiar no aprendiz na sua capacidade própria, sem julgamento, acolhendo de imediato suas contribuições, mesmo que não sejam as definitivas ou as melhores; dessa forma, a espontaneidade criativa emerge; b) dar oportunidade para que ele evolua no tempo e na medida dele próprio. Desenvolver uma escuta ampla, mais ampla que só ouvir – acolher as experiências e conhecimentos do aprendiz, pois é a partir do seu próprio repertório que novas aquisições poderão ser realmente integradas (ibid, p.212).

Vale lembrar que é preciso estar atento para não extrapolar no processo verbal. O trabalho vivencial ou experiencial é a tônica da abordagem transpessoal, na qual a emoção, intuição e sensação são fundamentais, o que dá possibilidade de uma compreensão ampla do ser e apreensão do sentido do saber.

A imaginação ativa, termo que procede da Psicologia Junguiana, permite o desenvolvimento do inconsciente através de imagens mentais, aparentemente aleatórias, mas que estarão sendo criadas por motivações profundas, que facilitarão os “insights” e uma compreensão mais ampla da realidade.

Esse recurso é aplicado através de exercícios de imaginação ativa ou meditações e por meio da interiorização realizada pelo indivíduo, que vai redescobrir o seu espaço, conquistando o seu mundo, favorecendo a capacidade de compreensão global e de síntese no processo educacional, à medida que se sente parte integrada de um todo e não isolando supostas dificuldades que tenha.

Na reorganização simbólica segundo Saldanha, são empregadas dinâmicas que facilitam a organização de determinados conteúdos, numa sequência lógica e adequada, seja no aspecto psíquico, temporal ou espacial. Envolve a imaginação e ajuda a clarear metas, reorganizar o

psiquismo, acionar a intuição e os processos psíquicos inconscientes, os quais transformam esses desejos em realidade, por meio das atitudes no cotidiano. Além disso:

(...) estimula o indivíduo a desenvolver perspectivas positivas de futuro, desperta-o para o significado da vida, ampliando a percepção do todo, ajuda a identificar núcleos de apego que ainda impedem a aprendizagem, como crenças a respeito da própria dificuldade para aprender (ibid, p.220).

A dinâmica interativa como veremos a seguir, gera um espaço educacional com aceitação e cooperação, um espaço amoroso e não competitivo. A Psicologia Transpessoal acredita que as chances serão bem maiores para que aprendizes se revelem como seres íntegros, cooperativos, éticos, amorosos, com consciência de si, do outro, no respeito a si mesmo, ao outro e à natureza.

Essas etapas, além de pertinentes a uma modalidade de técnica, mostram-se como sete etapas integrativas de um processo de desenvolvimento pessoal, vinculadas às necessidades básicas da teoria da motivação, descrita por Abraham Harold Maslow, e relacionadas por Pierre Weil, aos sete centros do desenvolvimento psíquico e transpessoal (idem, p.224).

Nesse sentido, fica evidente com essa proposta que a educação se completa na multidimensionalidade no sentido com o cuidado com a inteireza humana, para deixar aflorar a sua boniteza, a beleza do ser humano, como nos diria Paulo Freire.

A dinâmica interativa ajuda-nos a criar condições para a evolução do seu pensamento, da sua consciência e do seu espírito. Possibilita as emoções e a transmutação da consciência e do espírito em evolução e assim nos deparamos com o grande ganho, segundo o qual educar não é somente promover o desenvolvimento da inteligência, mas propiciar uma maior abertura do coração.

A educação, tendo em vista a proposta da Psicologia Transpessoal, é um cuidar do espaço interior, das suas relações consigo mesmo, ajudar a aprender e a cuidar de si mesmo. Cuidar do espírito que nele habita, preservando a sua liberdade, valorizando suas intuições, desenvolvendo sua auto-estima e reconhecendo a amorosidade presente na sua própria humanidade.

A dinâmica interativa aplicada à educação é percebida no processo de aprendizagem como exercício que articula diferentes conteúdos do inconsciente e dos vários estados de consciência. Assim sendo:

Desde que se respeitem as devidas diferenças e especificidades de cada área por meio de suas metodologias e posturas distintas, pode-se afirmar que em ambos os contextos, educação e área clínica, há um processo de aprendizagem de vida (ibid, p.224).

As etapas integrativas na relação com a aprendizagem na área educacional se interpenetram continuamente e repetem-se sucessivamente sempre que uma nova aprendizagem se apresente.

A primeira etapa é o reconhecimento. Educar é ajudar o aprendiz a reconhecer a importância do corpo, não apenas como instrumento de reprodução da espécie, mas principalmente como templo do espírito e considerado, ao reconhecer isso, um instrumento para sua evolução, sem o qual esta não existe.

O reconhecimento na Educação é o que vai permitir uma maior facilidade de percebermos a presença inspiradora do fluxo vital, fluxo universal e do espírito que na pessoa habita. Equilibrar o corpo, compreender as diferenças, seus sinais, sua linguagem própria. O reconhecimento nos ajuda a liberar a mente, abrir o coração para seguirmos os passos em vista de um maior desfrutar de nossa existência, com um coração amoroso, generoso e um caráter íntegro.

Nesta e em cada uma das etapas, estimula-se o REIS possibilitando ao indivíduo perceber em que situação ele está, qual a sua dificuldade, o seu problema ou conflito.

Como já foi dito, o eixo experiencial nos proporciona uma integração de Razão, Emoção, Intuição e Sensação que é representada numa linha horizontal que por sua vez, cruza com a linha vertical que simboliza o eixo evolutivo. Pode ser caracterizado como aquele através do qual estabelecemos congruência e isso se dá sem que percebamos, assim como quando oscilamos entre sono profundo e sono leve. Essa congruência se dá quando fazemos tudo passar pelo corpo, ou seja, estimulando sensações, escrevendo, desenhando, olhando, andando ou qualquer movimento do corpo que ativa a razão, emoção, sensação e intuição. O eixo experiencial pode ser identificado então, toda vez que podemos nos enxergar naquilo que estamos fazendo, isto é, quando trago para o corpo, desencadeio uma vivência, seja de um medo, de uma frustração, enfim, qualquer situação que nos leve à ampliação da percepção da realidade, fazendo manifestar naturalmente o eixo evolutivo, ou nível superior da consciência.

A segunda etapa é a identificação. Trata-se de proporcionar uma valorização das sensações físicas, sentimentos provocados por uma motivação. Essa etapa não deve ficar somente no nível intelectual e superficial, para que se possa mobilizar estruturas ligadas à aprendizagem. É o momento em que o educador e o aluno conseguem se perceber naquilo que estão fazendo, assumindo suas potencialidades e também suas limitações.

A terceira etapa é a desidentificação. É quando se expressa aquilo que foi identificado e não está mais na pessoa, que consegue se distanciar e ver, não em si mesmo, mas na sua frente, fora dela, aquilo que tinha identificado.

A quarta etapa é a transmutação. A partir do momento em que se faz alguma coisa para sair da situação inicial. Fazer alguma coisa com aquilo que se tinha detectado de si mesmo, eles tomam uma atitude, passam do olhar, para o fazer.

A quinta etapa é a transformação. Somos todos educadores e aprendizes, envolvidos pelas circunstâncias que nos rodeiam. Isso mostra que ninguém evolui sozinho, desligado do mundo, pois a consciência não se encontra num vazio. Tudo está relacionado, conectado, em constante diálogo, sobretudo porque existe uma interpenetração em termos de energia, informação. Educar, portanto, implica um processo de transformação, considerando o que acontece ao nosso redor. É uma transformação de vida em colaboração com o outro, que se funda no diálogo, respeito ao outro, em seu legítimo outro. É como que uma liberação, não se luta para resistir, não há mais reclamação, não se chora o “leite derramado”, é um deixar-se renovar, refazer, é o reconhecer que há um caminho mais saudável que o anterior.

A sexta etapa é a elaboração. É o retomar a vida e ir em frente, como está, sente-se a paz de tudo o que aconteceu, porque há apreensão global do conhecimento, da situação e das possibilidades e articulações, promovendo o novo, o diferenciado. O estado mental é outro, a situação já é outra. Revela-se o sentido de novas aquisições.

A sétima etapa é a integração. Renovam-se os ânimos e o indivíduo jamais será o mesmo, porque seus horizontes e suas perspectivas se ampliaram com a aquisição de novos conhecimentos, os quais construíram o sentido do seu saber. É a amplitude da consciência de uma integração plena.

Cabe aqui dar um exemplo de como a dinâmica interativa transpessoal apresentada pode ser articulada na educação para trabalhar a espiritualidade e promover a transcendência. Para isso vamos apresentar uma situação aplicada por uma professora numa sala de aula.

“Esta história foi contada por Chick Moorman, e aconteceu numa escola primária do estado de Michigan, Estados Unidos.

Ele era supervisor e incentivador dos treinamentos que ali eram realizados e um dia viveu uma experiência muito instrutiva, conforme ele mesmo narrou: ‘Tomei um lugar vazio no fundo da sala e assisti. Todos os alunos estavam trabalhando numa tarefa, preenchendo uma folha de caderno com idéias e pensamentos. Uma aluna de dez anos, mais próxima de mim, estava enchendo a folha de “não consigo.”’

‘Não consigo chutar a bola de futebol além da segunda base.’

‘Não consigo fazer divisões longas com mais de três números.’

‘Não consigo fazer com que a Debbie goste de mim.’

Caminhei pela sala e notei que todos estavam escrevendo o que não conseguiam fazer. ‘Não consigo fazer dez flexões.’

‘Não consigo comer um biscoito só.’

A esta altura, a atividade despertara minha curiosidade, e decidi verificar com a professora o que estava acontecendo e percebi que ela também estava ocupada escrevendo uma lista de ‘não consigo’.

Frustrado em meus esforços em determinar porque os alunos estavam trabalhando com negativas, em vez de escrever frases positivas, voltei para o meu lugar e continuei minhas observações.

Os estudantes escreveram por mais dez minutos. A maioria encheu sua página.

Alguns começaram outra.

Depois de algum tempo os alunos foram instruídos a dobrar as folhas ao meio e colocá-las numa caixa de sapatos, vazia, que estava sobre a mesa da professora.

Quando todos os alunos haviam colocado as folhas na caixa, Donna, a professora, acrescentou as suas, tampou a caixa, colocou-a embaixo do braço e saiu pela porta do corredor. Os alunos a seguiram. E eu segui os alunos.

Logo à frente a professora entrou na sala do zelador e saiu com uma pá.

Depois seguiu para o pátio da escola, conduzindo os alunos até o canto mais distante do playground. Ali começaram a cavar.

Iam enterrar seus ‘não consigo’! Quando a escavação terminou, a caixa de ‘não consigo’ foi depositada no fundo e rapidamente coberta com terra.

Trinta e uma crianças de dez e onze anos permaneceram de pé, em torno da sepultura recém cavada.

Donna então proferiu louvores: “Amigos, estamos hoje aqui reunidos para honrar a memória do ‘não consigo’. Enquanto esteve conosco aqui na Terra, ele tocou as vidas de todos nós, de alguns mais do que de outros. Seu nome, infelizmente, foi mencionado em cada instituição pública - escolas, prefeituras, assembléias legislativas e até mesmo na Casa Branca. Providenciamos um local para o seu descanso final e uma lápide que contém seu epitáfio. Ele vive na memória de seus irmãos e irmãs ‘eu consigo’, ‘eu vou’ e ‘eu vou imediatamente’. Que ‘não consigo’ possa descansar em paz e que todos os presentes possam retomar suas vidas e ir em frente na sua ausência. Amém.”

Ao escutar as orações entendi que aqueles alunos jamais esqueceriam a lição.

A atividade era simbólica: uma metáfora da vida. O ‘não consigo’ estava enterrado para sempre.

Logo após, a sábia professora encaminhou os alunos de volta à classe e promoveu uma festa. Como parte da celebração, Donna recortou uma grande lápide de papelão e escreveu as

palavras ‘não consigo’ no topo, ‘descanse em paz’ no centro, e a data embaixo. A lápide de papel ficou pendurada na sala de aula de Donna durante o resto do ano.

Nas raras ocasiões em que um aluno se esquecia e dizia ‘não consigo’, Donna simplesmente apontava o cartaz *descanse em paz*. O aluno então se lembrava que "não consigo" estava morto e reformulava a frase.

Eu não era aluno de Donna. Ela era minha aluna. Ainda assim, naquele dia aprendi uma lição duradoura com ela. Agora, anos depois, sempre que ouço a frase ‘não consigo’, vejo imagens daquele funeral da quarta série. Como os alunos, eu também me lembro de que ‘não consigo’ está morto.³

Nesta experiência real em sala de aula, foram trabalhados os conceitos de ego, vida, unidade e, estados de consciência, visto que encontramos a conexão com o “eu” quando os alunos voltam-se para suas dificuldades pessoais, que é não conseguirem realizar algumas atividades. Há também uma conexão com o outro, esta se expressa no respeito entre os alunos que se unem na busca comum de uma superação em benefício de todos. Utilizam-se da conexão com a natureza ao entrarem em contato com a terra e com a realidade da morte, no enterro simbólico dos “não consigo”. Todos, sem apontar os defeitos dos outros, assumem um papel que ressalta a unidade. Assim, os conceitos anteriormente citados, fundamentais para a Psicologia Transpessoal são contemplados.

Foi feito uso dos procedimentos técnicos, dos quais podemos acompanhar o exemplo da dinâmica interativa: ao escreverem e colocarem suas idéias no papel, os alunos estavam vivenciando a etapa do reconhecimento. O “não consigo” é a conexão consigo mesmo, o aluno se vê ali, é a identificação. Ao colocarem numa caixa eles se desidentificam, ou seja, aquilo não está mais neles, eles estão e, não são daquela maneira. O enterro da caixa pode ser visto como a transmutação, eles percebem que estão numa situação diferente da do início, as funções psíquicas são diferentes. A transformação se dá no “honrar” a memória do “não consigo”, trata-se de uma resposta nova, sem raiva do “não consigo”, eles se refazem. A elaboração é o sempre se lembrar

³ Texto na íntegra de Chick Moorman do livro *Canja de Galinha para a alma* Jack Canfield & Mark Victor Hansen, ed. Ediouro

que o “não consigo” está morto, é o sentir-se em paz com o que aconteceu. Finalmente, a integração é a postura de se auto-renovar.

É possível perceber também como a professora estimulou o eixo experiencial (REIS) nos alunos: “olhar a lápide” estimula a sensação, a professora faz vivenciar, passar pelo corpo; os alunos ao escreverem, colocam em trânsito o passado, presente, futuro, é a intuição; a tarefa de escrever idéias num papel ativa a razão; a emoção é trabalhada ao estimular o desejo de vencer o “não consigo”, isto está ligado a um sentimento.

Diante do embasamento teórico e da aplicação prática da Psicologia Transpessoal, como foi visto nesse exercício, vinculadas às necessidades educacionais no que diz respeito ao processo de aprendizagem, depende de cada um de nós, de nossas assimilações dos campos de energia oferecidos pelos processos vivenciados, colaborar com a Educação.

Neste contexto, os temas transversais encontram espaço e enriquecem o fazer pedagógico. Torna-se fundamental, educadores livres e criativos, enriquecendo os momentos de aprendizagem com recursos que estimulam fronteiras além do racional, como por exemplo, estimulando a emoção, a intuição e as sensações com vivências e práticas que pode incluir: contar histórias, teatro, trabalho com pintura, argila, etc.

Para isso, não se pode mais ignorar a importância em aperfeiçoar a nossa sensibilidade para percebermos a energia presente em circunstâncias criadas pelas correntes vitais que livremente circulam e que vão influenciar na qualidade dos nossos pensamentos, reflexões e ações.

É preciso assumir o que acontece ao nosso redor, pois conscientes ou não, estamos envolvidos física, biológica, espiritualmente ao ambiente em que vivemos. Precisamos transformar, superar etapas, colaborar para mudar situações difíceis e ajudar a criar circunstâncias permeados por fluxos energéticos e vibracionais de natureza biopsicossocial, político-cultural e espiritual, resgatando em cada ser humano, a fé e a esperança num ambiente educacional melhor, mais livre, generoso, fraterno, que permita criar espaços mais adequados de aprendizagem.

Cabe aqui lembrar ensinamentos de Maturana (1999), as circunstâncias que criamos ao nosso redor nada mais são do que campos energéticos e vibracionais, onde fluem emoções,

sentimentos, desejos, intuições e imaginação, que iluminam nossa racionalidade geradora de campos organizacionais e funcionais, nos quais confluem informações, matéria, energia e linguagens de diferentes procedências e formas.

Daí a importância da emergência de uma consciência mais desperta, que através de vários procedimentos técnicos vistos anteriormente, podem nos levar a mudanças nas relações que estabelecemos conosco mesmo e com os outros, construindo ambientes interativos, amigáveis, emocionalmente saudáveis, prazerosos, criativos, que criam um campo operacional que promovem a fluência de emoções positivas, geradoras de reflexões e ações, em níveis cada vez mais elevados.

Vivenciar sentimentos negativos, como inveja, ódio, medo, desamor, fará com que nossa frequência vibracional esteja em nível denso, pesado, menos sutil, por outro lado, se nossa ação educacional for de afeição, alegria, amorosidade, estaremos atuando num nível de frequência mais elevado e sutil.

Considerando as teorias anteriormente apresentadas, é possível transformar uma realidade na qual predomina o medo, a cólera em uma situação de perdão, acolhimento, relaxamento e, através de uma mudança de frequência proporcionar o raciocínio, a imaginação favorecendo processos mais intuitivos e criativos.

Os procedimentos técnicos da Psicologia Transpessoal podem nos ajudar a parar alguns minutos, num cotidiano que impõe a cada instante novas demandas e cobranças, e a entrarmos em contato conosco mesmo, percebendo nossas emoções, desejos, sentimentos, afetos.

No ambiente educacional, assim como em todos os outros, pensamentos e sentimentos de competição, medo, ódio, tristeza, podem gerar e expandir energia de baixa frequência no lugar em que estamos. Se assumirmos a postura de liberar, substituir ou transformar essas correntes de energia por outras vibrações mais altas estaremos colaborando para a melhor qualidade do ambiente, liberando talentos, facilitando fluxos criativos que vão motivar novos processos positivos.

Para nos convenceremos disso, basta observar, por exemplo, quando uma pessoa deprimida fica envolvida em seus próprios pensamentos negativos, recursivos, criando uma baixa frequência e muitas vezes arrastando muitos que estão ao seu redor, como se a energia

dessas pessoas estivesse sendo drenada, consumida em tal ambiente pesado, ou seja, influencia a qualidade do humor, o fluxo das emoções e os sentimentos.

Da mesma maneira, uma pessoa radiante, vibrante, pode elevar a frequência energética, animando e revigorando o ambiente e as pessoas que estão próximas dela.

A proposta da espiritualidade como transcendência na abordagem integrativa transpessoal é ajudar a operar dinâmicas de energia nos ambientes educacionais favorecendo os processos de ensino e aprendizagem. Criar espaços educacionais mais saudáveis, prazerosos e ao mesmo tempo críticos e criativos, através da transformação energética de frequências nos ambientes de aprendizagem para mudar circunstâncias que geram sentimentos negativos.

A compreensão de espiritualidade como parte integrante da psique e, portanto como algo intrínseco ao ser humano, torna-se perceptível nos processos de conhecimento e necessária para que se expresse na Educação.

A espiritualidade pode ser religiosa e, quanto mais esta estiver integrada à Ciência, melhor poderá contribuir para o desenvolvimento do ser humano, como veremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO II – CIÊNCIA E RELIGIÃO

CAPÍTULO II – CIÊNCIA E RELIGIÃO

2.1. A Espiritualidade religiosa

Com o objetivo de, através da espiritualidade, encontrar caminhos, para uma prática não reducionista, mas integrada à Educação, no capítulo anterior ampliamos para outras áreas do saber como a Psicologia, a Antropologia, a Filosofia e, neste capítulo abrimos o diálogo com a Ciência, sobre conceitos de espiritualidade religiosa como aquilo que dá sentido à vida da pessoa.

Mesmo considerando todas essas áreas do conhecimento nas quais percebemos a presença da espiritualidade, é preciso reconhecer que ainda há um leque imenso de possibilidades em que uma pessoa pode encontrar sentido para a vida, na política, no esporte, no hedonismo, na arte, no ateísmo, na religião, na ética, embora esta possa estar presente em todas as anteriores.

No exercício do sacerdócio é possível perceber uma resistência à religiosidade, dificultando a construção de um mundo mais humano para se viver, sobretudo, nos adolescentes e jovens, embora isso venha se estendendo também aos adultos. Por outro lado, no trabalho pastoral com a comunidade percebe-se que a questão religiosa está no centro das motivações de muitas pessoas.

Nesse capítulo, a espiritualidade está sendo considerada como algo que dá sentido à vida, no que diz respeito à religiosidade como aspecto importante na Educação, no processo de desenvolvimento da vida, no crescimento humano. Aqui se encontra o foco central dessa pesquisa, que é saber se a espiritualidade religiosa na Educação, no fazer pedagógico do educador, apresenta-se como busca de sentido para a vida.

Nem sempre a espiritualidade considerada como sentido da vida se identifica com comportamentos éticos, íntegros, de cooperação, respeito, solidariedade. Toda essa flexibilidade pode ou não estar presente naquilo que alguém escolhe como sentido de sua vida.

Tratando-se de espiritualidade no contexto da religião, todos esses valores estão implícitos, ou seja, todos os valores podem estar presentes na espiritualidade, mas estão efetivamente presentes na religiosidade.

É necessário aqui, deixar bem claro que espiritualidade trata-se de um conceito bem amplo, bastante válido, mas que é quase impossível elencar todos os aspectos que dão sentido à vida, porque há um caráter bastante individual na espiritualidade, que pode ou não ser de cunho religioso. Assim sendo, a espiritualidade é considerada religiosa:

(...) quando a atenção se dirige para um ser superior, pessoal ou cósmico, e procura, com cuidado, uma comunhão com esse ser. Mas há espiritualidades não religiosas fundadas em outros absolutos: o desejo de chegar a uma harmonia perfeita com o conjunto do universo cósmico, a aspiração de chegar a uma perfeita integridade do ser, o lento processo de desapego e desinteresse de todo desejo e de todo o ser, a paixão pela perfeição no domínio da criação artística, a sede de repelir sempre para mais longe, por uma via consagrada à busca, à fronteira do conhecimento ou dos limites da capacidade humana de curar doenças (GIGUÈRE, 1999, p. 25).

Daí, a necessidade em considerar também a espiritualidade religiosa, ligada à idéia de algo que contribui para dar significado em nossa vida, como busca de sentido, como um elemento na estrutura da consciência humana que não pode ser ignorado no processo de educação. Para a prática educacional a espiritualidade religiosa contribui para o desenvolvimento e crescimento pessoal.

Mauro Amatuzzi (1999), diz que o crescimento ou desenvolvimento no campo da experiência religiosa não está relacionado somente com o “pensar corretamente”, mas principalmente com o “abrir-se para experiências novas” que dão sentido às indagações e movimentos do ser humano. Segundo o autor isso se dá de uma forma bastante complexa porque articula o campo religioso com a fé, entendida como aquilo que realmente dá sentido à vida da pessoa, como que a sua energia de viver as experiências, as descobertas, os encontros.

Trata-se da experiência que temos no campo das indagações pelo sentido das coisas e pelo sentido último. O campo religioso não é inicialmente o campo das indagações sobre os deuses, mas sim das indagações sobre tudo o que acontece,

tudo o que existe e nos acontece. Trilhando esse caminho, desembocamos nas questões do sentido último e tocamos na questão do transcendente, pois é como se déssemos conta da totalidade dos horizontes, sem que isso aquietasse aquelas indagações. Horizonte é limite, e tocá-lo é ultrapassá-lo (Ibid, p. 127).

Vivemos cercados de vários fenômenos religiosos e, muitos deles não pertencem a nenhuma tradição religiosa constituída. São situações chamadas por Durkheim (2000) de religiões individuais, nas quais as pessoas constroem suas regras de conduta moral.

E essas religiões individuais não apenas são muito frequentes na história: alguns se perguntam hoje se elas não estão destinadas a se tornar a forma eminente da vida religiosa e se não chegará o dia em que não haverá outro culto senão aquele que cada um celebrará livremente em seu foro interior (idem, p. 30).

Na experiência que vivemos como seres religiosos, construímos o sentido de nossas vidas e não há como negar que estamos sempre buscando significado para o mundo em que vivemos. Uma má compreensão dessa dimensão religiosa como algo perfeito, sem conflito, ou até mesmo como algo avesso aos valores terrenos, pode confundir as pessoas fazendo-as se apresentarem como não religiosas, ou como alguém secularizado. Segundo Eliade (1984) o homem hoje não é secularizado, mas vítima de religiões inautênticas, ou seja, ideologias que tendem a escravizar o homem e que podem se confirmar como pseudo-religiões.

O perigo de estarmos camuflando a nossa espiritualidade religiosa, tão necessária para construirmos sentido para a vida é alertado por Durkheim, (idem, p. 36) quando afirma: “As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que elas mantêm, seja entre si, seja com as coisas profanas.”

Não nos basta seguir ou buscar compreender esses sentidos da vida somente de forma racional, caso contrário isso só faria com que separássemos, ainda mais, a ciência da religião, como tanto já tem sido feito, ao invés de integrá-las.

“O modernismo é um anti-humanismo, porque ele sabe muito bem que a idéia do homem estava ligada à alma, que impõe a de Deus. A rejeição de toda revelação e de todo princípio moral criou um vazio que é preenchido pela idéia de sociedade, isto é, de utilidade social. O homem é apenas um cidadão” (TOURAINÉ, 1995, p. 38).

Integrar razão e fé, ou ainda ciência e religião, no desenvolvimento do ser humano, jamais foi tão urgente quanto hoje em nossa realidade violenta, incerta, insegura, e cheia de medo, mesmo porque tudo isso provoca uma incessante busca por sentido.

Nos últimos séculos a ciência influenciou muito mais a vida das pessoas do que a religião, e isso gerou uma dificuldade de ambas dialogarem numa visão integradora.

Cavalcanti (2000) nos ajuda a compreender como surge uma nova espiritualidade quando a física moderna, líder na construção da visão do mundo atual, já não consegue mais compreender racionalmente os fenômenos deste cosmos. “Sendo seu objeto de estudo a própria natureza, foi impossível à física manter-se afastada desta e continuar ignorando que ela não se comporta segundo o desejo humano de controle e domínio intelectual” (idem, p. 65).

Einstein apud Cavalcanti (idem) manifesta, com sua teoria da relatividade, a necessidade de uma nova visão integradora do homem e do mundo quando demonstra que matéria e energia são complementares e equivalentes e, fazem parte de um todo. Para ele ciência e religiosidade deveriam estar unidas para que uma purificasse a outra e juntas buscassem o conhecimento e, declara-se religioso no texto que se segue:

A mais bela emoção de que somos capazes é a mística. Ela é a força de toda arte e ciências verdadeiras. Aquele que não a experimenta está praticamente morto. Saber que o que é impenetrável para nós de fato existe e manifesta-se como a sabedoria maior e mais preclara formosura, que nossas toscas faculdades só podem captar em sua forma mais primitiva esse conhecimento, esse sentimento está no centro da verdadeira religiosidade. Nesse sentido, e apenas nele, pertencço ao grupo dos homens devotamente religiosos (idem, p.68).

Tudo isso pode ser fruto de uma constatação de que mesmo com todos os aparatos sólidos e definitivos, normalmente atribuídos à ciência, tudo pode estar prestes a mudar, levando em consideração os aspectos intrínsecos da natureza humana como a imaginação e a fé. Numa nova compreensão da física aos poucos se despontam questões voltadas à espiritualidade e religiosidade como, por exemplo, a origem e a finalidade da vida, bem como a origem da consciência e sua relação com a matéria.

O físico e astrônomo Marcelo Gleiser (2010), docente do Dartmouth College, universidade americana muito conhecida pelas suas produções científicas, chama a atenção para o fato de que a ciência e a religião dividem a mesma ânsia, ou seja, descobrir no universo um princípio unitário, buscando encontrar a origem de tudo.

O físico Fritjof Capra (2000) ao relacionar descobertas da física moderna com questões de espiritualidade e religiosidade, diz que necessitamos com urgência recuperar a dimensão espiritual na ciência e na vida, para que a relação entre homem e natureza, possa impedir a destruição.

O paleontólogo Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955) que elaborou um estudo dos fenômenos físicos e biológicos destaca-se como o pioneiro de uma síntese entre religião e ciência, em busca de uma evolução que abrange o aspecto material e espiritual do cosmos.

Segundo Zilles (2001) para Teilhard, se por um lado o homem é insignificante na ordem das grandezas numéricas, por outro, é o ser mais complexo na ordem das complexidades e, a dimensão espiritual evidencia a maior complexidade do homem. Teilhard vê a religião e a ciência como faces de um mesmo ato de conhecimento, numa visão mais global. A razão é incapaz de exercer sozinha o papel de um movimento para uma consciência maior e uma liberdade maior e, necessita da fé e, vice-versa.

Um estudo sobre o fenômeno religioso não pode partir somente de religiões institucionalizadas, nem tampouco estar desvinculado de dados apresentados pela ciência, porque a integração entre ambas nos proporcionará perceber que a presença da dimensão religiosa como característica constante dos seres humanos faz parte do seu dia a dia, em todas as épocas.

Stefano Martelli (1995) chama a atenção, que na evolução do homem desde o “Homo Sapiens”, “Homo Erectus” e especialmente no “Homo Sapiens Sapiens” que viveram entre 400.000 e 9.000 anos atrás respectivamente, encontram-se evidências de práticas funerárias, por exemplo, culto aos ossos, ou ainda, a animais ferozes e outros ritos que indicam sinais que remetem a esperança que vão além da morte.

“Portanto para os paleantropólogos, o aparecimento do ‘Homo Religiosus’ não é um evento relativamente recente na pré-história. O sentido do sagrado, entendido como reconhecimento e apelos a seres superiores e transcendentos (de qualquer maneira denominados e venerados) é uma atitude constitutiva do homem desde as primeiras formas culturais em que se reconhece a hominização. Desde os primórdios da humanidade, a expressão religiosa é parte constitutiva e integrante das atividades simbólicas, que distinguem o “Homo Sapiens” dos animais” (idem, p. 138).

No séc. XX, o primeiro psicólogo a destacar a religiosidade como condição central da vida humana foi Carl Gustav Jung. Ele fez isso principalmente depois da metade de sua vida.

Cavalcanti (Ibid) diz que Jung vê a realização do aspecto divino no homem como processo de individuação que decorre do conhecimento de Deus, ou da realidade divina dentro de si mesmo.

Essa visão psicológica do ser humano por parte de Jung reforça a concepção do homem como uma atitude de uma consciência transformadora. Reconhece a existência de uma imagem arquetípica de Deus na mente humana, que com grande significado influencia na vida e proporciona uma experiência religiosa.

Assim como a psicologia se manifesta na forma de governo de um povo, a religião por estar enraizada na história, na cultura de um povo é também uma manifestação de sua psicologia. Assim sendo, nas ações do ser humano estão presentes as atitudes religiosas com poder suficiente para interferir em suas escolhas. Para Jung, a força das representações dos símbolos expressam a atitude moral e espiritual do ser humano, que por sua vez busca superar sua insegurança instintual e sua limitação.

Sampaio (1999), referindo-se a Jung, diz que ele admite encontrar atitudes religiosas em homens na ciência, na arte e na política. Ele afirma também que numa perspectiva junguiana, as religiões não podem ser reduzidas a escolas de pensamento, da mesma forma que a visão de homem não pode ser reduzida à razão, devendo incorporar sentimento, intuição e percepção. E ainda: “Em outras palavras, a experiência religiosa não é necessariamente alienadora, nem privilegiada mantenedora da realidade vigente. Trata-se de elemento da condição humana e pode estar a serviço de sua saúde mental e social” (idem, p. 34).

Segundo Sampaio (idem), Jung desagrada os religiosos porque sugere que a religião é fruto do homem e desagrada aos críticos porque não entende a religião como apenas um “ismo”, ou articulação ingênua do pensamento, ideologia institucionalizada, mas sim uma expressão das forças inconscientes do espírito humano.

A experiência da espiritualidade religiosa está ligada também ao nosso modo de pensar, ou seja, possui elementos racionais na sua constituição. A nossa fé, concepção de Deus ou qualquer experiência religiosa, é constituída a partir de um desenvolvimento psicológico e cultural, influenciados pelo ambiente em que estamos inseridos.

O desejo de auto conhecimento era tanto psicológico como espiritual. Para Jung, o desenvolvimento da espiritualidade tinha grande importância no

desenvolvimento do processo evolutivo e na autotransformação. Ele viu na busca do auto conhecimento um significado espiritual implícito e, mais tarde, perseguiu esse propósito de forma clara e determinada (ibid, p. 155).

Essa visão de Jung reforça ainda mais a concepção do homem como um ser religioso no seu processo de individuação e realização do aspecto divino em si mesmo. Aqui cabe entender a espiritualidade religiosa como uma atitude transformadora, e de poderosa influência na vida, na mente humana.

2.2. O desenvolvimento da fé

Podemos considerar o séc. XX em termos educacionais e propriamente pedagógicos como privilegiado. Cientistas como Jean Piaget, se apresentam como pessoa altamente representativa capaz de apontar caminhos novos para a Educação. O construtivismo parece-nos uma das mais brilhantes criações em termos do que se entende por Educação.

O conhecimento no seu mais rico sentido se constitui na interação de indivíduos, meio físico, meio social e relações interpessoais, tendo a ação como sua geradora. Como diz Piaget: “A inteligência organiza o mundo, organizando-se a si mesma.” (PIAGET, 1982, p. 15)

É na dinâmica relacional do ser humano, que o conhecimento se desenvolve, através de estruturas que são construídas a partir das trocas que estabelece com o meio físico e social. Não se desenvolve exclusivamente por categorias a priori (inatismo), nem tampouco por experiências exclusivas no sujeito passivo (empirismo).

O desenvolvimento humano acontece de forma integrada em seus aspectos físico, cognitivo, social, moral. O sistema educativo atual fragmenta, hierarquiza e divide aquilo que deveria permanecer unido. Além disso, prioriza a área intelectual em detrimento da sócio-afetiva e quase sempre ignora o desenvolvimento espiritual.

A educação assume papel fundamental nesse processo, cabendo-lhe possibilitar o desenvolvimento humano na sua integralidade.

Para tornar mais compreensivo o desenvolvimento espiritual do ser humano partiu-se dos trabalhos de evolução da fé de James Fowler (1992), porque se trata de um estudo que mostra a busca do sentido da vida através da fé vista como um modo com que a pessoa penetra no campo

de força da vida. Ademais, porque adotou uma metodologia semelhante à de Erikson, Kohlberg e Piaget. Fowler entende que a fé se desenvolve em estágios sucessivos que possuem certa relação com a idade cronológica e faz a relação do seu trabalho com as teorias de Piaget, e assim defende essa metodologia:

Os estágios da fé não são idênticos aos estágios cognitivos e não podem ser reduzidos a eles. Porém achamos importante mostrar as correlações que encontramos entre os estágios de Piaget e as formas de conhecer e avaliar que compõe um estágio da fé. Além disso, cremos que os estágios da fé correspondem aos critérios estrutural-desenvolvimentais para estágios. Eles proporcionam descrições formais, generalizáveis de conjuntos integrados de operações de conhecer e valorar. Essas posições semelhantes a estágios estão relacionados em uma sequência que cremos ser invariável. Cada novo estágio integra e leva adiante as operações de todos os estágios anteriores (idem, p. 89).

Com a teoria do desenvolvimento da personalidade na interação com as pessoas, instituições e significados culturais disponíveis, Piaget, Kohlberg e Erikson contribuíram com os estudos de Fowler, os quais estão intimamente ligados à construção do ser humano em suas dimensões física, cognitiva, afetiva, moral, e da fé.

Cabe aqui o cuidado de explicitar que, para essa metodologia, os estágios não trazem consigo valor qualitativo, ou seja, o fato de uma pessoa pertencer a um estágio primário de fé não a desqualifica em relação à outra que se encontra num estágio posterior. Os estágios não definem grau de perfeição, santidade, maturidade, mas apenas explicitam características da forma que a pessoa compreende e expressa sua fé.

Afirma Fowler (idem, p. 10): “Ao nascer, somos dotados de capacidades inatas para a fé”. Com isso ele quer dizer que todo ser humano, ao nascer possui condições necessárias para construir a sua fé durante o processo de seu desenvolvimento psicológico. Esse autor afirma ainda que a fé é um fenômeno que ocorre em cristãos, marxistas, hindus, e dinkas; e é infinitamente diversificada por ser pessoal. “A fé é um verbo, é uma forma ativa de ser e comprometer-se, um meio de adentrarmos e modelarmos as nossas experiências de vida. Ela é sempre relacional, sempre há um outro na fé.” (idem, p. 25)

Segundo Fowler (Ibid), a fé desenvolve-se em seis estágios, que vai desde a fé intuitiva da infância até a fé universalizante da maturidade plena, e evidencia como cada pessoa centra sua vida num conjunto de significados e crenças.

Na mesma obra ele identifica antes do primeiro estágio, um pré-estágio denominado por ele de “Lactância e fé indiferenciada” e embora seja empiricamente em grande parte inacessível à pesquisa, tudo o que acontece nesse pré-estágio influenciará o desenvolvimento da fé subsequente. Trata-se da força da fé que surge a partir da confiança básica e a experiência relacional de mutualidade com as pessoas que cuidam da alimentação, higiene, relações de amor. São as nossas primeiras experiências “com olhares reconhedores e sorrisos reafirmadores.” (FOWLER, Ibid, p. 106)

O autor destaca que a transição deste pré-estágio para o primeiro estágio inicia-se com a convergência do pensamento e da linguagem, “abrindo caminho para o uso de símbolos na fala e nos jogos rituais.” (idem, p. 107)

É relevante explicitar ainda que Fowler ao desenvolver a teoria estrutural-desenvolvimentista dos estágios da fé, realizou um trabalho tanto descritivo quanto normativo e que os estágios hipotéticos que deram início à sua pesquisa resistiram ao escrutínio empírico exibindo uma tendência indiscutivelmente normativa.

Os estágios da fé foram classificados por Fowler da seguinte forma:

Estágio 1: Fé intuitivo-projetiva

A idade referente a esse estágio vai de dois a seis ou sete anos aproximadamente, idade em que a criança utiliza as novas ferramentas da fala e representação simbólica para, ao organizar a sua experiência sensorial, transformá-la em unidade de sentido.

Através de palavras e nomes, a criança explora e classifica um mundo de novidades e diariamente vai se deparando com novos elementos para os quais não tem categorias ou estruturas desenvolvidas previamente. Surgem as infundáveis perguntas sobre “que” ou “por que” formuladas por crianças de dois a três anos. Com a observação da interação pais-crianças compreende-se que muitas vezes a lógica que formula as perguntas funciona de forma diferente da lógica que produz as respostas. Assim, as questões não são respondidas satisfatoriamente.

Neste estágio, o pensamento da criança ainda não é reversível e as relações de causa e efeito são mal compreendidas. A compreensão infantil de como as coisas operam e o quê

significam estão dominadas por percepções relativamente inexperimentadas e pelos sentimentos suscitados por essas percepções.

Ainda nessa fase, as crianças apresentam o egocentrismo cognitivo e são incapazes de coordenar e comparar duas perspectivas diferentes sobre o mesmo objeto, elas supõem, sem questionar que as experiências e percepções que têm dos fenômenos representam a única perspectiva disponível. O pensamento da criança é fluído e mágico. Falta-lhe a lógica indutiva e dedutiva. Sua lógica é transdutiva, pois o raciocínio vai do particular ao particular.

Baseado nas entrevistas realizadas com crianças, Fowler afirma que:

Crianças pré-escolares, tipicamente, ainda não geram narrativas que possam ordenar e fornecer uma espécie de conexão causal aos seus conjuntos de imagens. Elas gostam de estórias longas e seguem os seus detalhes, mas possuem capacidade limitada para recontá-las ... Somente símbolos e imagens concretos dirigem-se realmente às formas de conhecer da criança (ibid, p. 113).

De acordo com o que nos apresenta Fowler, a fantasia tem grande liberdade no pensamento infantil e podem produzir imagens que a acompanharão até o amadurecimento do seu intelecto. Por isso o autor se diz convencido de que a educação nessa idade seja no lar, escolas, igrejas, tem uma grande responsabilidade na qualidade de imagens e estórias contadas às crianças. Ele defende que pais e professores devem criar uma atmosfera em que a criança possa expressar livremente, de modo verbal ou não verbal, as imagens que estiver formando. Em ambientes em que isso acontece, será possível mais facilmente levar as crianças a sério fornecendo a elas auxílio apropriado para lidar com imagens deformadoras, distorcidas ou destrutivas. Para esse autor:

(...) a fé intuitivo-projetiva do estágio1 é a fase fantasiosa e imitativa na qual a criança pode ser influenciada de modo poderoso e permanente por exemplos, temperamentos, ações e estórias da fé visível dos adultos com os quais ela mantém relacionamentos primários (idem, p. 116).

A grande força desse estágio está no nascimento da imaginação, na grande capacidade de captar imagens conforme lhe são apresentadas por estórias, sentimentos, convivência.

É com a crescente maturação do intelecto e também da sua percepção de mundo que a criança avança no desenvolvimento de sua fé, provocando a transição para o outro estágio. “No cerne da transição está a crescente preocupação da criança em saber como as coisas são e em

esclarecer para ela mesma as bases de distinção entre o que é real e o que apenas aparenta ser.”
(ibid, p. 117)

Estágio 2: Fé Mítico-Literal

Nesse estágio, a idade aproximada é a do período pré-escolar até os dez anos, idade em que a criança constrói um mundo mais ordenado e com a linearidade temporal, adquire mais confiança.

Segundo Fowler (idem) a criança procura atingir o real do faz-de-conta, desenvolvendo sua capacidade de investigar e testar, insistindo na apresentação de provas para comprovar os fatos, ao contrário do estágio anterior em que se fundem fantasia, fato e sentimento.

O autor ressalta que a criança continua sendo imaginativa e capaz de desenvolver fantasias, ela não perde a força da imaginação, apenas submete tudo isso às formas mais lógicas de avaliação.

Esse estágio da fé está também muito presente em adolescentes e adultos quando estes reconstruem a representação da realidade e as relações de reciprocidade e legalidade. Quando são capazes de descrever a narrativa detalhadamente, porém não conseguem tomar distância dela para elaborar significados e conceitos refletidos.

Nós nunca perdemos a fascinação por histórias, nem a capacidade de compor e responder ao simbólico e ao fantástico, porém com um maior desenvolvimento, podemos nos outros estágios construir a capacidade de tomar distância das histórias, refletir sobre elas e através das afirmações mais abstratas e genéricas comunicar seus significados.

No estágio Mítico-Literal não conseguimos fazer isso porque os significados estão presos na narrativa e não há aptidão para deles tirarmos conclusões a respeito do sentido da vida. Isso pode resultar na busca de um perfeccionismo ou num senso de maldade em nossas ações, como salienta Fowler:

As limitações da literalidade e uma excessiva dependência da reciprocidade como princípio para construir um ambiente último podem resultar ou em um perfeccionismo super controlador e empolado ou “justificação pelas obras”, ou em seu oposto, um humilhante senso de

maldade, assumido por causa de maus tratos, negligência ou o patente desfavor da parte de outros significativos (Ibid, p. 129).”

Estágio 3: Fé Sintético-Convencional

Esse estágio é marcado pela época da adolescência em que as pessoas começam a ampliar seus relacionamentos e ambientes. Vai além da esfera familiar, como a escola, o trabalho, os meios de comunicação, cultura e por vezes comunidade religiosa.

Segundo Fowler (idem), diante da complexidade dos mais diversos relacionamentos em que os adolescentes se envolvem, a fé se faz presente e precisa ocupar um espaço coerente nesse meio, sintetizando valores e informações. “A capacidade emergente desse estágio é a formação de um mito pessoal – o mito do próprio devir da pessoa em identidade e fé, incorporando o passado e o futuro previsto em uma imagem do ambiente último unificada por características de personalidade.” (idem, p. 147)

Estágio 4: Fé Individuativo-Reflexiva

No estágio quarto, a Fé Individuativo-Reflexiva, possui principalmente duas características correlatas marcando um duplo desenvolvimento. A primeira é a de que a pessoa atinge uma identidade não mais composta somente por significados de outros grupos ou pessoas, mas conscientemente de suas próprias fronteiras, de suas conexões interiores e de sua cosmovisão. Ocorre uma diferenciação dos reconhecimentos, reações, interpretações, julgamentos das perspectivas de outras pessoas e das ações dela mesma. É chamado por Fowler de um estágio “desmitologizador”.

A segunda característica é que a pessoa torna-se capaz de refletir criticamente sobre a sua identidade e sobre as perspectivas dos outros, assumindo de forma autônoma seus julgamentos e atitudes.

O início dessa fase coincide com o início da fase adulta, embora seja importante ressaltar que muitos adultos não desenvolvem esse estágio e, a maioria dos que o atingem é a partir dos 30 ou 40 anos de idade.

Estágio 5: Fé Conjuntiva

Fowler diz que: “A fé conjuntiva, do estágio 5, implica a integração do eu e da própria perspectiva, de muita coisa que foi suprimida ou não reconhecida no interesse da auto certeza e da consciente adaptação cognitiva e afetiva da realidade.” (Ibid, p. 166)

E ainda: “A fé conjuntiva suspeita que as coisas estão organicamente relacionadas umas às outras; atenta para o padrão de inter-relacionamento existente nas coisas, tentando evitar uma adequação forçada ao seu próprio pensamento prévio.” (idem, p. 156)

Esse estágio caracteriza-se por uma fé que não se apresenta de forma ingênua à criticidade, mas deixa-se levar pela voz interior do nosso ‘eu’ mais profundo.

É um estágio incomum antes da meia idade, visto que é marcado por uma intimidade com o que é diferente e até mesmo ameaçador para o seu próprio ‘eu’ e para sua cosmovisão. É notado no comprometimento com a justiça que vai além das concepções do seu grupo, família, comunidade, classe social e que é marcado por conflitos entre a satisfação de seus próprios interesses e desejos e o sacrifício pelos outros e suas necessidades.

A ação da pessoa nesse estágio de desenvolvimento da fé está entre um mundo não transformado e uma visão transformadora da realidade.

Estágio 6: Fé Universalizante

As pessoas que atingem esse estágio possuem a forte característica de se envolver em situações em grau muito elevado de disponibilidade, dedicando-se em emvidar esforços para a transformação da realidade e, nada as impede de fazer isso porque estão prontas para estar em contato com qualquer um de outros estágios e de quaisquer outras tradições de fé.

Podem chegar ao ponto de estar indiferentes à sua auto preservação e normalmente ameaçam os nossos comédidos padrões de justiça, bondade e prudência. Fowler esclarece que não se trata de pessoas consideradas perfeitas, nem auto-realizadas necessariamente.

O autor ressalta ainda que as pessoas nesse estágio da fé universalizante, evidenciam a integração entre o transcendente e os atos radicalmente nascidos da realidade do dia a dia. Ele exemplifica, citando pessoas conhecidas como Madre Teresa de Calcutá que ao passar por uma rua sentiu-se esmagada pela visão de pessoas abandonadas, caídas e largadas para morrer,

esquecidas e, que já estavam tendo os seus corpos, ainda não desprovidos de vida, mordidos pelos roedores. Essa situação desencadeia nela um processo transcendente no qual se encontra com Cristo na pessoa dos esquecidos.

Outro exemplo citado é o de Gandhi que foi levado por atos radicais de identificação com pessoas em circunstâncias de esmagamento e exploração por meio da doutrina de Ahimsa.

Essa etapa acompanha o sexto estágio de desenvolvimento moral de Kohlberg em que o ser humano tem consciência e busca agir conforme os princípios universais de justiça, reciprocidade, igualdade de direitos e respeito pela dignidade dos seres humanos.

A fé é a busca de sentido para nossa existência, para os acontecimentos com os quais nos deparamos durante a nossa vida. O ser humano não pode viver sem sentido, cuja construção está intrinsecamente vinculada à fé.

Em seu trabalho, Fowler procura esclarecer, a partir de uma perspectiva desenvolvimentista o empreendimento humano de comprometer confiança e fidelidade de imaginar e relacionar-se com outras pessoas e com o universo.

Embora trate da fé universalizante evita de dar atenção direta a perspectivas normativas sobre o ser, caráter ou vontade de Deus. O caminho para a fé universalizante passa através das memórias, histórias, imagens, ensinamentos éticos, rituais particulares de tradições religiosas.

O ambiente em que a pessoa vive interfere nos estágios da fé e Fowler considera que estes são meros andaimes, pois proporcionam critérios formalmente normativos para determinar quão adequados, responsáveis e livres de distorção idolátricas são efetivamente os nossos modos de nos apropriar de nossas tradições particulares de fé e de viver.

Como qualquer outra construção psicológica, a construção da fé ocorre a partir das trocas que o sujeito estabelece com o meio físico, social em que vive. Por isso, a pessoa humana terá mais chance de progredir neste processo de construção se o ambiente em que vive for solicitador, de modo a proporcionar experiências que permitam ao sujeito manifestar suas inquietações a respeito do sentido da vida, sobre o relacionamento com os outros, seu sistema de valores e crenças.

Como esclarece Fowler ao nascer somos dotados com capacidades inatas para construir a fé. A maneira pela qual essas capacidades são ativadas e crescem depende grandemente de como o mundo nos recebe e do tipo de ambiente em que crescemos. Neste sentido, a fé é interativa e social, pois requer comunidade, linguagem, ritual e alimentação.

Resumindo, o crescimento na fé depende das solicitações do meio e crescer na fé é uma necessidade inerente ao ser humano.

CAPÍTULO III – DELINEAMENTO DA PESQUISA

CAPÍTULO III – DELINEAMENTO DA PESQUISA

3.1. Justificativa

O ambiente escolar não pode prescindir de uma reflexão sobre o conceito de pessoa e, em particular, os educadores não podem deixar de pensar a própria missão de suscitar e provocar nos alunos um apego às exigências das principais necessidades do ser humano, sobretudo a dimensão espiritual. A busca de sentido deve ser considerada como seiva que alimenta todas as áreas de conhecimento e atitudes pedagógicas e a complexidade possibilitará a todos um olhar e por que não citar aqui “um olhar sobre o olhar que olha” Petraglia (2001). Para que a experiência do aluno na escola não seja um mal necessário, não seja um campo de dor e vazio, para que suas perdas e desencontros sejam considerados e para que suas vidas não sejam apenas contabilizadas ou numeradas, propôs-se uma pesquisa sobre a dimensão espiritual do professor.

O aluno, como pessoa, pode expressar seu ser-espírito na liberdade, entendida como capacidade de afirmação, apesar dos condicionamentos e limitações, sem detrimento da sua responsabilidade na construção da própria existência, cuja plenitude é alcançada pela superação de si na transcendência. Para Frankl (1991) o homem é um ser único e irrepetível, constituído das dimensões biológica, psicológica, social, unificadas pela dimensão da espiritualidade/religiosidade que é o núcleo do ser-pessoa.

Morin, segundo Petraglia:

[...] apresenta as características não elementares da individualidade, explicando que todo indivíduo constitui-se de características infra, extra, supra, meta-individuais, que correspondem respectivamente aos seus elementos químicos, na infra, ao ecossistema, na extra e à sociedade em que está inserido, na supra e meta (idem, p.57).

Assim sendo, propôs-se um olhar novo sobre e com o aluno, para sua história e nossa história e com a consciência de nossas limitações e na admiração de todas as possibilidades.

Uma pesquisa sobre a dimensão da espiritualidade/religiosidade dos educadores deve identificar comportamentos crítico-constructivos e espírito criativo, que poderão contribuir para que o educando tenha a consciência do seu ser responsável pela ética, integridade, cooperação, respeito, solidariedade.

A proposta dessa pesquisa corrobora a própria preocupação da legislação no nosso país, que vem sendo uma constante através da educação continuada, incentivada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN definido e expresso na LDBEN 9394/96, no artigo 33 que afirma: “O Ensino Religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina nos horários normais das escolas públicas de Educação Básica assegurando o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.”⁴

Fatos como a violência aos professores na sala de aula, tornam-se cada vez mais frequentes e evidenciam uma necessidade, que é a emergência de valores que possam estabelecer uma nova relação do professor com o aluno. Não é suficiente o professor trazer à sala de aula o conhecimento, o conteúdo, se isso não estiver aliado a questões intrínsecas, nas quais a espiritualidade se faz presente através de funções e comportamentos que têm como denominador comum a posse de valores éticos, estéticos, humanitários e altruístas.

Temas propostos nos programas de formação continuada, como por exemplo, a transreligiosidade, proporciona ao professor a oportunidade de vivenciar experiências que combatem o preconceito. Isso o torna melhor nutrido e preparado para despertar no aluno uma nova proposta de relacionamento, que não a violência e o desrespeito.

Como já foi dito, a preocupação com a manifestação da espiritualidade no fazer pedagógico do professor, está em confluência com o próprio projeto do Ministério da Educação, expresso nos PCN e na LDB. Tendo conhecimento do perfil espiritual do professor, o planejamento dos programas de formação continuada poderá ser realizado ou elaborado mais adequadamente

No fazer pedagógico do educador, seja na vida intelectual, numa obra de arte, na pesquisa científica, na atuação ética ou política e em expressões conscientes ou inconscientes, está

⁴ LDBEN. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil-11/02/09. Acesso em 11 de fev. 2009.

presente a dimensão espiritual como algo incondicional que se manifesta nas mais variadas áreas e em todas as expressões da vida da pessoa.

Sendo assim, o estudo da dimensão espiritual do educador, como uma força integradora que une e dá forma a todos os elementos intelectuais, emocionais e corporais, coloca-nos diante do infinito e incondicional, contribuindo para a integração educador/aluno no que se refere à prática educativa.

Enfim, ajuda a compreender que espiritualidade/religiosidade, educação, ética e vida, se tecem junto, construindo uma vida integrada e complexa, ajudando a compreender que a educação só acontece num ambiente de afeto e amor.

A espiritualidade/religiosidade é o que permite o equilíbrio entre a infinitude possível e a finitude humana, apaziguando os nossos temores, que podem nos inibir. A dimensão espiritual se manifesta através de atos que identificam as possibilidades do ser, como a coragem, por exemplo, na qual o professor encontra forças para os desafios diários.

3.2. Problema

Considerando o exposto, o problema que direcionou esta pesquisa foi o seguinte. Os professores que constituem a amostra admitem que a sua espiritualidade/religiosidade manifesta-se na maneira pela qual eles realizam o seu trabalho pedagógico? E como eles explicam que essa manifestação ocorre?

3.3. Hipóteses

A discussão dos dados coletados deverá permitir verificar as seguintes hipóteses:

1. As respostas dadas ao PEP determinam o perfil espiritual dos professores que constituem a amostra.
2. Os professores estudados admitem que o seu perfil espiritual manifesta-se no seu fazer pedagógico.

3. Os professores esclarecem como percebem a manifestação de sua espiritualidade/religiosidade em suas ações pedagógicas.

3.4. Objetivos

O eixo teórico que fundamentou esta pesquisa está voltado para o estudo da dimensão espiritual/religiosa de professores que se manifesta em suas crenças, na interação social que estabelece com seus alunos e nas suas ações pedagógicas.

Assim sendo, os objetivos dessa pesquisa podem ser assim formulados:

1. Identificar o Perfil Espiritual do professor.
2. Verificar se os professores reconhecem a manifestação de sua espiritualidade/religiosidade no seu fazer pedagógico.
3. Contribuir para uma reflexão educacional por meio de paradigmas não reducionistas, mediante o conceito de pessoa, advindo da espiritualidade/religiosidade para criar um ambiente escolar sócio afetivo.

3.5. Sujeitos e métodos

Foram coletadas informações referentes a 30 professores de um Colégio confessional Católico, todos com formação superior, com idade variando de 21 a 57 anos, atingindo uma média de aproximadamente 40 anos, sendo que 17 deles com formação em pós graduação e 30 professores sorteados aleatoriamente dentre aqueles de um Colégio Público, todos com formação superior, com idade variando de 28 a 57 anos, atingindo uma média de aproximadamente 40 anos, sendo que 15 deles com formação em pós graduação. Os professores entrevistados de ambas as escolas atuam na Educação Infantil e Ensino Fundamental.

3.6. Condições para realização da pesquisa

Para a realização da pesquisa foi necessário:

- a) Contato com as escolas, com a finalidade de solicitar autorização para a realização da pesquisa;
- b) Solicitação de autorização aos responsáveis pelos professores para que estes participassem da pesquisa, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I);
- c) Coleta de dados, dividida em duas etapas subsequentes, conforme apresentado a seguir.

Na presente pesquisa, foi feito contato com as escolas, com a finalidade de solicitar autorização para a realização da mesma, solicitação de autorização aos responsáveis pelos professores para que estes participassem da pesquisa, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I) e a coleta de dados, dividida em duas etapas subsequentes. Para o desenvolvimento da investigação, primeiramente aplicou-se as oitenta questões (Anexo II). Para cada fator havia 7 questões a ele referentes e para cada questão havia quatro opções de resposta: nunca, raramente, frequentemente e quase sempre. Os valores atribuídos eram 1, 2, 3, 4, respectivamente.

3.7. Instrumento

Os instrumentos foram os seguintes:

1. PEP

Para a coleta de dados foi utilizado o instrumento PEP⁵ (Perfil Espiritual Pessoal), inventário proposto por Richard Wolman (2001), como se segue (Anexo II), sintetizado para esse estudo, que foi respondido pelos professores, tendo como meta evidenciar comportamentos, atividades e experiências pessoais, como uma tentativa de articular e especificar o conceito de espiritualidade no nível mais fundamental e básico da sua atividade pessoal, e assim, determinar o perfil individual da dimensão espiritual do psiquismo de cada um. Este instrumento foi utilizado na primeira etapa da coleta de dados.

⁵ PEP corresponde ao PSI em português

Para obter uma compreensão melhor da escolha do instrumento PEP (Perfil Espiritual Pessoal), fez-se necessário irmos ao contexto e às causas que impulsionaram a sua criação, mostrando um pouco de sua história e como o seu criador, Richard Wolman (2001) trabalhou sua elaboração.

Em sua obra *Inteligência Espiritual*, Wolman (idem), logo na introdução, deixa claro que ele se baseia na busca de fundir espiritualidade e inteligência, termos muitas vezes considerados contraditórios, visto que, a palavra espiritual evoca, para muitas pessoas, imagens de experiências místicas, questões sobre o próprio significado da vida, de realidade pessoal e subjetiva e, inteligência, por outro lado, possui conotação de mente em funcionamento, evocando resolução de problemas, conhecimento científico do funcionamento do mundo exterior.

A busca de evidenciar uma fusão desses dois termos trata-se de compreender que o mundo subjetivo com que a espiritualidade lida, e o mundo objetivo, que a inteligência busca, convivem dentro de cada um de nós.

Ao procurar uma linguagem não sobrecarregada de implicações ideológicas, ou religiosa confessional para descrever essas experiências, surge a necessidade de uma metodologia para estudar, aprender e compreender o nosso eu espiritual e as maneiras inteligentes com que podemos vivenciar a nossa espiritualidade.

Wolman (idem) diz que a inteligência espiritual faz parte da vida de todas as pessoas e, até para aqueles que resistem em não admitir, basta um certo estímulo para que possa perceber a sua própria espiritualidade.

O autor salienta: “Depois que o constrangimento e a inibição desaparecem, testemunhamos o desabrochar da consciência espiritual nos mais improváveis (por padrões convencionais distorcidos) dos indivíduos.” (idem, p. 16)

A pesquisa sobre a espiritualidade se constitui em torno da metodologia do PEP. Trata-se de um inventário de oitenta itens, aplicado em mais de seis mil homens e mulheres, que buscou ajudar as pessoas a avaliarem o foco e o padrão de sua própria espiritualidade.

O autor diz que a percepção do nosso próprio comportamento ou experiência interior e a empatia com a experiência de outras pessoas são cruciais para a vida diária e para o

desenvolvimento psicoespiritual, daí a importância de compreendermos o nosso estilo espiritual, bem como as nossas forças e limitações. Essa compreensão pode nos ajudar a nos vermos com mais clareza e a melhorar os nossos relacionamentos. Segundo ele tudo isso pode nos ajudar a fazermos escolhas conscientes, ao invés de nos escravizarmos reagindo automaticamente às exigências da vida.

A forma como Wolman trabalhou na elaboração do instrumento PEP, inventário espiritual, vai ao encontro da proposta dessa pesquisa que buscou estudar a dimensão espiritual de professores na interação social que estabelecem com seus alunos e nas suas ações pedagógicas, com um referencial psicológico.

Ele afirma:

O que funciona no mundo psicológico pode, acredito, funcionar também no mundo da experiência espiritual. O desenvolvimento da inteligência espiritual e a descoberta de uma linguagem com a qual possamos expressar momentos inefáveis e profundamente emocionantes proporcionam uma liberação de energia espiritual para muitas pessoas que fazem o PSI. Tais descobertas espirituais pessoais também criam a possibilidade de diálogo com outras pessoas sobre preocupações e crenças pessoais difíceis de serem discutidas (ibid, p. 16).

E ainda:

(...) quero deixar bem claro o fato de que a espiritualidade e a inteligência espiritual tem sua maior aplicação e mais profunda relevância nas atividades diárias, como a maneira de interagirmos com os nossos amigos ou tratar outros membros de nossas famílias, ou ainda as formas pelas quais sentimos que nosso trabalho é significativo. Às vezes, nos deparamos com uma visão estreita e cínica de inteligência espiritual. Dessa perspectiva, a espiritualidade pode ser vista como uma caricatura dos 'buscadores' da Nova Era, sentados em sonhadora meditação, entoando cânticos ou tocando tambores. Outra visão associa a espiritualidade antes de tudo à prática religiosa devota. Essa última estaria muito distante da experiência das pessoas comuns que vão para a escola e para o trabalho e tentam viver com amor, moralidade e honestidade, sem grande alarde, mas levando muito a sério sua responsabilidade pelo próprio bem-estar e pelo bem-estar de suas famílias (idem, p. 20).

Foi dessa maneira que ele decidiu concentrar seus esforços no que diz respeito a práticas espirituais, ou seja, incluindo itens que não se baseavam somente em crenças religiosas confessionais, mas, sobretudo, em comportamentos e experiências mais comuns do dia a dia, para a obtenção de uma visão mais direta de espiritualidade.

Wolman partiu de algumas perguntas chave que emergiram para a formação do PEP, ou seja, da formação do inventário, baseado no relatório da própria pessoa, com itens diretos, requerendo pouca ou nenhuma interpretação. Para isso consultou desde familiares, amigos, membros do clero, psicólogos, estudiosos, escritores, músicos e poetas, para saber deles o que achavam que deveria ser incluído no inventário e que pudesse descrever e caracterizar uma experiência ou comportamento espiritual.

No inventário PEP, utiliza-se de apenas quatro possibilidades de resposta, “nunca”, “raramente”, “frequentemente” e “quase sempre”, pois entende que assim as pessoas conseguem fazer uma declaração mais definida.

O teste piloto do PEP aconteceu com 714 participantes de congressos orientados e concentrados em consciência mente/corpo, cura, práticas espirituais e consciência/autoconcessão de poder. Os participantes tinham variadas formações e experiências em suas vidas e eram de todas as partes do país. Em termos de geografia eram bem representativos e bastante variados no que diz respeito a status socioeconômico, níveis educacionais, profissão, idade e sexo. Tratou-se de um público alvo auto-selecionado com base no interesse e na inclinação para questões espirituais.

Com a coleta dos dados desse material rico e vasto, deu-se início ao processo estatístico de análise de fatores e surpreendentemente, deste estudo-piloto emergiram sete fatores, que demonstraram ser possível encontrar pontos comuns de respostas num grupo de afirmações escolhidas de um quadro conceitual sobre a espiritualidade. Para o autor isso significou um campo mais amplo para investigar a experiência espiritual de pessoas, de modo a permitir comparação entre grupos e indivíduos.

Revelados os sete fatores pelo processo estatístico, iniciou-se o trabalho de achar um nome para cada fator, que pudesse significar uma qualidade distinta, associado ao maior número possível de itens, conforme o que Wolman percebeu.

O primeiro grupo incluía itens que diziam respeito a Deus ou a um Ser Superior e também prece e sentimento de que os seres humanos estão aqui por um propósito. Wolman denominou-o de Divindade. O segundo grupo era formado por itens que incluíam atividades de meditação, alimentação bem cuidada, uso de um regime de exercícios, então, foi denominado

Diligência. Seguindo o mesmo processo com os demais, foram chamados de Intelectualidade, pois indicam o que se pensa, reflete, estuda e conversa sobre questões espirituais. Comunidade é o fator que diz respeito ao conceito de grupo e formas que envolvem as pessoas nas experiências de espiritualidade em atividades de grupos. Os eventos traumáticos que podem ter efeitos na personalidade e comportamento das pessoas enquadram-se no fator Trauma. O fator Percepção Extra-Sensorial abrange desde experiências relativamente comuns como receber um telefonema de alguém que você estava pensando naquele momento, até as menos comuns e difíceis de explicar como premonições, experiências de quase morte. O sétimo fator está ligado a questões religiosas, sobre Deus, ensinadas pelos pais, avós, e por isso, é chamado de Espiritualidade na Infância.

O principal resultado do estudo-piloto foi que a espiritualidade poderia ser estudada e que fatores relevantes surgiram da análise dos dados. Porém, estudos subsequentes revelaram outros indicativos. Um deles é que na medida em que a idade aumenta, aumentam também os resultados dos fatores. O autor atribui isso ao fato de que, conforme as pessoas envelhecem, acumulam mais experiência de vida, de perdas de pessoas queridas, por exemplo, têm maior probabilidade de terem sofrido mais doenças e de terem lutado com a educação espiritual de crianças.

Outro indicativo interessante da pesquisa inicial foi que as mulheres apresentaram resultados mais altos que os homens, de uma forma estatisticamente significativa. Isso segundo o autor, não quer dizer que necessariamente as mulheres são mais espiritualizadas que os homens, mas pode significar que elas sentem-se mais confortáveis em usar uma linguagem espiritual para descrever sua vida interior do que os homens.

No outono de 1997, os resultados deste estudo-piloto foram publicados no *New Age Journal*, incluindo uma cópia do PEP e o convite aos leitores a participarem.

Wolman (ibid) esperava que centenas de pessoas iriam responder ao inventário, surpreendeu-se com milhares de respostas, o que o levou a concluir que o desejo de falar, compartilhar e compreender esses momentos singulares, intensos e transcendentos da vida, é extremamente forte.

Com o implemento de milhares de novos participantes, o autor recebeu enorme quantidade de dados novos para sua pesquisa, sendo que as análises estatísticas continuaram a confirmar os resultados, tornando a amostra da pesquisa mais representativa.

Essa contextualização histórica do PEP a partir da sua criação ajuda-nos a compreender melhor a importante contribuição que trouxe para a investigação do mundo espiritual.

Originalmente, o PEP, foi criado com oitenta questões, das quais emergiram os sete fatores, como já nos referimos anteriormente. O inventário apresenta 49 questões diretamente relacionadas aos fatores identificados, e as demais questões, embora não tenham sido incluídas na aferição dos resultados, fazem parte do contexto, e estatisticamente estiveram bem próximas de alcançar status de fatores.

Cumprido esclarecer que esse instrumento já foi validado por Wolman nos EUA numa pesquisa que envolveu mais de 6000 pessoas e foi utilizado em pesquisa de mestrado de Schaeffer (2003), Portal (2004/2005), Scussel (2007) realizadas na PUC-RS.

2. Entrevista

Numa segunda etapa da pesquisa, foi realizada a entrevista com a qual se tratou de aprofundar as informações que necessitaram de maior riqueza de detalhes.

A entrevista semi estruturada, constituída por seis questões abertas, (cf. Anexo IV), foi realizada a fim de verificar se as respostas dadas ao PEP corresponderiam àquilo que os professores afirmam fazer no seu dia a dia escolar. Essa entrevista foi realizada de acordo com os critérios do método clínico⁶ piagetiano, com 10 professores de cada instituição, selecionados intencionalmente dentre os que obtiveram os pontos mais elevados no PEP.

As 20 entrevistas ocorreram aproximadamente no período de 2 meses durante os quais foram realizadas 4 visitas em cada uma das escolas. Alguns professores que estavam dentre os 10

⁶ “O método clínico é um procedimento de coleta e análise de dados para o estudo do pensamento da criança (embora também se aplique ao estudo do pensamento dos adultos) que realiza mediante entrevistas ou situações muito abertas, nas quais se procura acompanhar o curso do pensamento do sujeito ao longo da situação, fazendo sempre novas perguntas para esclarecer respostas anteriores. Consta, portanto, de algumas perguntas básicas e de outras que variam em função do que o sujeito vai dizendo e dos interesses que orientam a pesquisa que está sendo realizada”. (DELVAL, 2002, p. 12)

cujos perfis se localizavam entre os 10 mais elevados se recusaram a participar da entrevista, sendo 3 da escola A e 4 da escola B, por essa razão foram substituídos por outros que apresentaram o perfil de espiritualidade igual ou semelhante. Cada entrevista durou aproximadamente 80 minutos totalizando 30 horas de trabalho. Os professores que participaram da mesma assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As questões foram inspiradas nos objetivos da pesquisa, na necessidade de se conhecer quais os conhecimentos prévios dos professores sobre o conceito de espiritualidade e nas entrevistas realizadas por Wolman quando da elaboração do seu instrumento.

Considerando que a espiritualidade não é dada, mas é construída a partir dos momentos vividos e que carregam emoção, sentimentos, traumas, escolhas, o resultado dessas questões formuladas aos professores, serviram para enriquecer os dados que ajudaram na explicitação do problema.

3.8. Caracterização da pesquisa

Essa pesquisa se caracteriza por abordagem quantitativa/qualitativa, tendo como propósito a descrição, compreensão e interpretação investigada: Verificar o nível de espiritualidade no comportamento do professor e, em que medida essa espiritualidade/religiosidade influencia o seu fazer pedagógico.

Trata-se de uma pesquisa *ex-post facto* “cujo propósito foi verificar a relação entre variáveis” (GIL, 2002, p. 49), sem, contudo, que houvesse controle das mesmas visto que elas são características dos sujeitos. Assim por exemplo: a dimensão espiritual/religiosa já existe nos professores que participaram da pesquisa o que deve ser determinado é o nível de espiritualidade de cada um.

A opção pela abordagem quantitativa/qualitativa norteou-se pela própria temática da pesquisa que exigiu uma subjetividade maior e também pela qualidade das respostas tendo como base as experiências e percepções dos sujeitos. Adotar uma postura integradora exigiu uma visão ampliada, daí a opção em não separar as abordagens quantitativa e qualitativa.

É uma análise quantitativa porque na primeira etapa predominam características da pesquisa quantitativa, em que dificilmente observa-se uma interação dinâmica entre o pesquisador e o objeto de estudo, ou ainda, em que dificilmente se escuta o participante após a coleta de dados, como nos lembra Günther (2006).

Consiste também numa análise qualitativa porque na segunda etapa, foi realizada a entrevista na qual se aprofundou as informações que necessitaram de maior riqueza de detalhes, através de uma inclusão de acontecimentos e conhecimentos cotidianos na interpretação de dados, da audiência, do meio, reconhecendo uma aplicação de resultados que necessariamente inclui o dia a dia.

Essa entrevista aberta foi ao encontro do pensamento de Günther (idem) “[...] a concepção do objeto de estudo qualitativo sempre é visto na sua historicidade, no que diz respeito ao processo de desenvolvimento do indivíduo e no contexto dentro do qual o indivíduo se formou”(idem, p. 202)

Segundo Günther (ibid), autor de um trabalho para o programa de pós-graduação em psicologia, na Universidade de Brasília, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o pesquisador, como participante do processo de construção de conhecimento, não deveria escolher entre um método ou outro, mas os vários que se adéquam à questão de sua pesquisa.

Günther (idem) apresenta como primeiro argumento o princípio da abertura, sobretudo, porque perguntas de pesquisa frequentemente são multifacetadas e, assim, comportam mais de um método, ao invés de um padronizado e único.

Como ele mesmo afirma:

A questão subjacente que se coloca é a seguinte: a partir de que momento do processo de pesquisa vai-se de um caso específico, deixando-se portas abertas para agregar dados não esperados, não se restringindo a um único método padronizado? Ao conhecer o processo de pesquisa como um mosaico que descreve um fenômeno complexo a ser compreendido é fácil entender que as peças individuais representem um espectro de métodos e técnicas, que precisam estar abertas a novas idéias, perguntas e dados. Ao mesmo tempo, a diversidade nas peças deste mosaico, inclui perguntas fechadas e abertas, implica em paços predeterminados e abertos, utiliza procedimentos qualitativos e quantitativos (idem, p. 202).

Um segundo argumento apresentado por ele é o da competência específica do pesquisador, ou seja, a pergunta da pesquisa não deve estar em função da sua competência, mas deve colocar recursos materiais, temporais e pessoais disponíveis para lidar com a pergunta, assumir a tarefa de encontrar e usar a abordagem teórico-metodológica que permita alcançar um resultado que contribua para o avanço do bem-estar social.

Face a toda complexidade contextual, o tema da espiritualidade/religiosidade tem causado embaraço para os acadêmicos, visto que a ciência atual não está preparada para estudar situações que não se possa medir objetivamente. Apesar disso, são encontradas pesquisas com número razoável de provas científicas, revelando as fundações neurais do Quociente espiritual no cérebro, que está ligado ao propósito da vida, responsável pelo significado da nossa existência.

Zohar e Marshall na obra QS Inteligência Espiritual, afirmam:

[...] a ciência nos ajuda a compreender o espiritual. [...] vivenciar o ‘espiritual’ significa estar em contato com um todo maior, mais profundo, mais rico, que coloca em uma nova perspectiva nossa limitada situação presente. [...] também a sintonização com um senso de inteireza mais profundo, cósmico, um senso que nossos atos são parte de algum processo universal mais amplo (ZOHAR E MARSHALL, 2000, p. 33).

Compreende-se assim, que a escolha pela abordagem quantitativa/qualitativa contemplou as implicações de natureza prática, empírica e técnica contidas nessa pesquisa.

3.9. Procedimentos

Para o desenvolvimento da investigação, foram coletadas informações referentes a 30 professores de um Colégio confessional Católico da cidade de São Paulo e 30 professores sorteados aleatoriamente dentre aqueles de um Colégio Público de um município do interior de São Paulo, que atuam na Educação Infantil e Ensino Fundamental.

A estratégia de coleta de dados em duas etapas mostrou o contraponto feito entre a pesquisa quantitativa e qualitativa na busca de obter dados mais substanciais à medida que não se buscou somente o que se consideraria uma amostra representativa assegurando uma generalização de resultados, mas também não se negou a função importante de permitir uma quantificação com propósito, conforme nos lembra Günther (2006).

Para a coleta de dados como nos exorta Günther (idem) foram considerados, portanto, procedimentos em que a pesquisa qualitativa não está sendo definida por si só, mas em contraponto com a pesquisa quantitativa.

Com o retorno do PEP respondido, realizamos a apuração dos escores de cada participante em cada um dos fatores, utilizando a fórmula de apuração prevista pelo autor

(Anexo III), somando-se os escores dos itens por fator e dividindo-os por sete, apontando o resultado. De acordo com a tabela apresentada por Wolman (2001), pode haver as seguintes alternativas: baixo, moderado e alto. Os índices das alternativas variam de fator para fator e são diferentes para homens e mulheres.

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS
RESULTADOS

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O presente capítulo é destinado à apresentação e análise dos resultados. Em primeiro lugar serão tratados os resultados da Escola A e em segundo lugar os da Escola B. No final do capítulo será feita uma comparação entre os resultados de ambas as escolas.

4.1. Apresentação e análise estatística dos resultados do PEP (Perfil Espiritual Pessoal)-Escola A

Os escores dos sujeitos da Escola A estão registradas na Tabela no 1.

A partir da análise dos pontos obtidos pelos professores no PEP construiu-se a Tabela 1, na qual os sujeitos estão distribuídos de acordo com maior número de pontos, religião, formação, idade e gênero. A partir desses dados foram escolhidos em ordem decrescente, para participarem da entrevista os dez professores de religião católica que obtiveram maior número de pontos.

Tabela 1. Escores obtidos no PEP pelos professores da escola A

Sujeitos	FATORES							
	1	2	3	4	5	6	7	
P1	9	3	6	9	9	6	9	51
P2	9	9	9	9	9	9	9	63
P3	9	9	9	9	9	9	9	63
P4	9	9	3	6	6	6	9	48
P5	3	6	3	6	3	9	6	36
P6	9	9	9	9	9	9	9	63
P7	9	9	9	6	9	9	3	54
P8	6	3	6	6	3	6	9	30
P9	9	3	3	9	3	9	9	45
P10	9	6	9	9	9	9	9	60
P11	9	3	9	9	9	9	9	57
P12	9	6	9	9	6	9	9	57
P13	9	9	9	6	9	6	9	57
P14	9	3	6	3	3	9	9	42
P15	9	3	9	9	6	9	9	54
P16	9	6	6	9	9	6	9	54
P17	9	6	9	9	6	9	6	54
P18	9	9	9	9	9	9	9	63
P19	9	6	6	9	6	6	9	51
P20	9	9	9	9	6	9	9	60
P21	6	3	3	3	3	6	6	24
P22	9	3	9	9	6	6	9	51
P23	9	3	6	9	6	9	9	51
P24	6	9	9	9	9	9	6	57
P25	9	3	9	6	3	6	9	45
P26	6	3	9	6	9	9	9	51
P27	9	6	6	9	6	6	9	51
P28	9	6	9	9	9	9	9	60
P29	9	9	6	9	9	6	9	57
P30	9	6	9	9	9	6	9	57

Tabela 2. Ordenação dos sujeitos de acordo com os escores

Nº de ordem	Sujeitos	Soma dos pontos	Religião	Idade	Formação	Sexo
1	P2	63	Católica	46	PG	F
2	P3	63	Católica	52	PG	F
3	P6	63	Católica	33	PG	F
4	P18	63	Ñ católico	36	PG	M
5	P10	60	Católica	53	CS	F
6	P20	60	Católico	30	PG	M
7	P28	60	Ñ Católica	36	PG	F
8	P11	57	Católica	33	PG	F
9	P12	57	Católica	45	PG	F
10	P13	57	Católica	45	PG	F
11	P24	57	Católica	47	PG	F
12	P29	57	Católica	55	CS	F
13	P30	57	Católica	27	CS	F
14	P7	54	Ñ católica	35	CS	M
15	P15	54	Católica	48	PG	M
16	P16	54	Católica	45	PG	F
17	P17	54	Católica	27	PG	M
18	P1	51	Católica	38	CS	F
19	P19	51	Católica	57	CS	F
20	P22	51	Católica	28	PG	M
21	P23	51	Católica	35	PG	F
22	P26	51	Ñ católica	22	CS	F
23	P27	51	Católica	51	CS	F
24	P4	48	X	21	CS	F
25	P9	45	Ñ católica	35	PG	F
26	P25	45	Católica	32	PG	M
27	P14	42	Católica	42	CS	F
28	P5	36	Católica	25	CS	M
29	P8	30	Ñ católica	24	CS	M
30	P21	24	Ñ católica	29	CS	F

O objetivo principal deste estudo foi comparar a religião e formação de 30 sujeitos com o total dos escores obtidos pelos sujeitos no instrumento PEP. Além disso, avaliou-se a influência da idade e gênero dos sujeitos nas comparações.

Foram realizadas análises exploratórias (médias, desvios padrão, mínimo, mediana e máximo), e construídos gráficos com o intervalo de confiança para a média para melhor visualização dos resultados.

Na comparação entre as religiões e as formações, foi utilizado um modelo de ANOVA considerando a idade como covariável no modelo.

A relação entre a idade e o total de pontos foi estudada utilizando-se o coeficiente de correlação de Pearson e construído um gráfico de dispersão.

O nível de confiança utilizado nas análises comparativas foi de 95%.

O programa estatístico empregado foi Software Estatístico: XLSTAT 2010 e MINITAB 14.

O total de sujeitos avaliados foi igual a 30. Houve uma resposta faltante em relação à religião (católico ou não católico).

A idade dos sujeitos variou de 21 a 57 anos com média de aproximadamente 40 anos e desvio padrão de 10 anos. Como a idade pode ser um fator de influência em relação ao total de pontos do PEP, foi estudada a relação entre essas variáveis.

O coeficiente de correlação de Pearson entre a idade e total de pontos foi igual a 0,416. Esse coeficiente não mostra uma forte relação entre a idade e o total de pontos, no entanto, a idade foi considerada na comparação entre a religião e formação devido a uma leve tendência observada para os sujeitos mais novos.

Não foram encontradas diferenças significativas entre os sujeitos do gênero feminino e masculino em relação ao total do escore do instrumento PEP para a escola A.

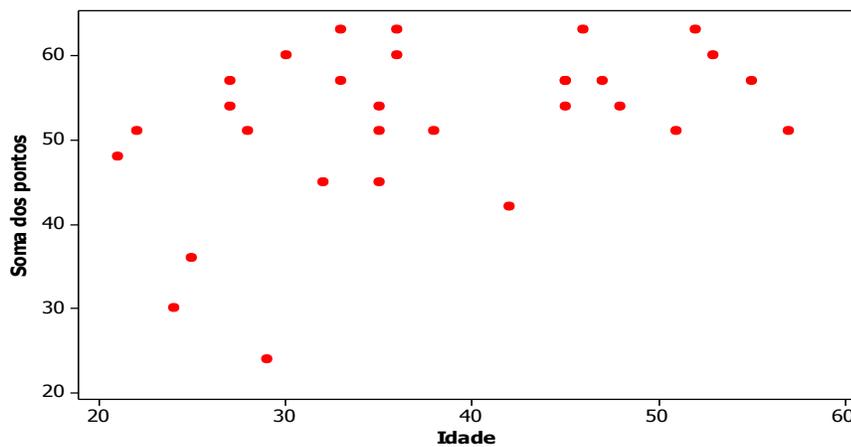
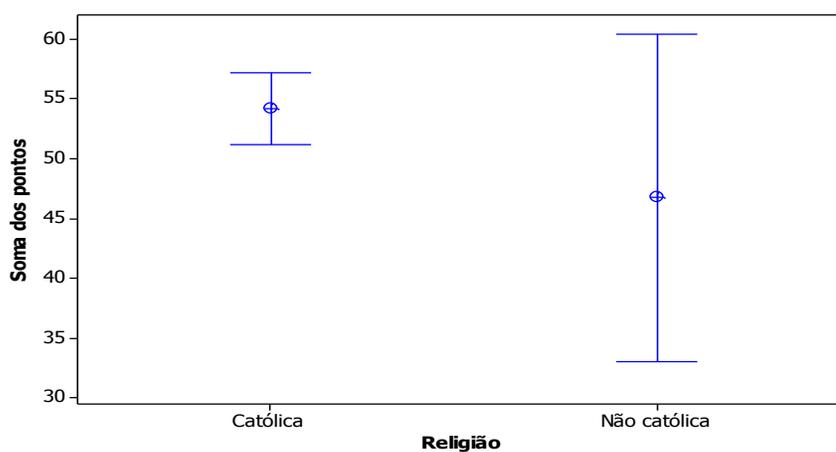


Figura 1. Relação entre idade e total de pontos do instrumento

Tabela 3. Estatísticas descritivas e resultados da comparação por religião

Religião	n	Média	Desvio padrão	Mínimo	Mediana	Máximo	p-valor
Católica	22	54,1	6,8	36	55,5	63	0,303
Não católica	7	46,7	14,8	24	51,0	63	

Não foram encontradas diferenças significativas entre os sujeitos com religião católica e não católica em relação ao total dos escores do instrumento PEP. Esses resultados evidenciam que no caso do presente estudo o fato de ser “católico ou não” não exerceu influência nas respostas ao PEP.

**Figura 2. Intervalo de confiança de 95% para a média do total de pontos no PEP por religião**

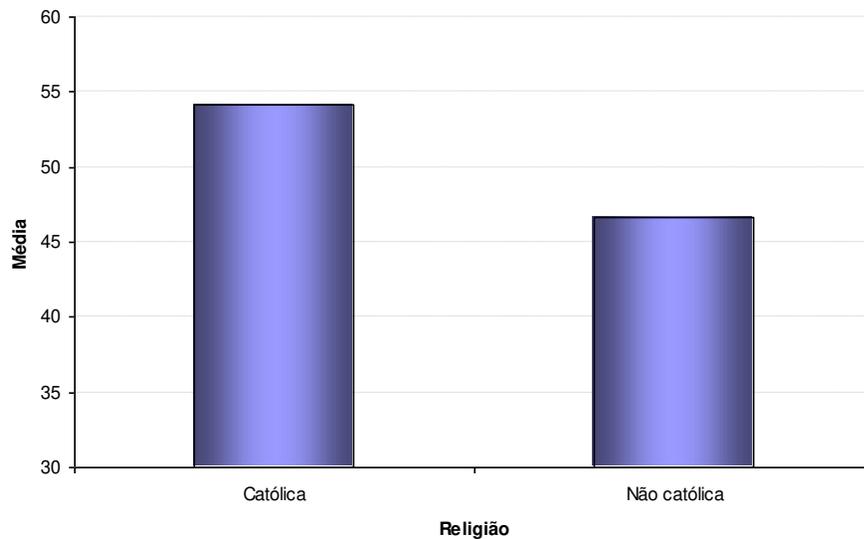


Figura 3. Média do total de pontos no PEP por religião

Tabela 4. Estatísticas descritivas e resultados da comparação por formação

Formação	n	Média	Desvio padrão	Mínimo	Mediana	Máximo	p-valor
Curso Superior	13	47,1	11,0	24	51	60	0,006**
Pós-Graduação	17	56,1	5,8	45	57	63	

** significativo ao nível de 1% de significância.

A pontuação média dos sujeitos com pós-graduação foi significativamente superior comparada aos sujeitos com curso superior em relação ao total do escore do instrumento PEP.

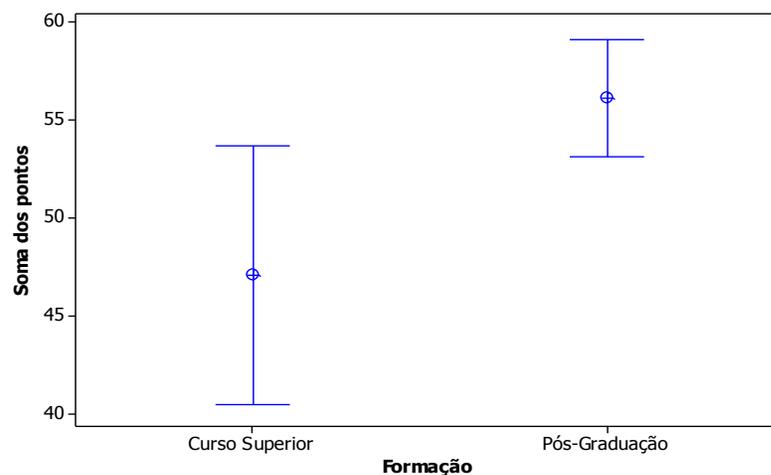


Figura 4. Intervalo de confiança de 95% para a média do total de pontos no PEP por formação

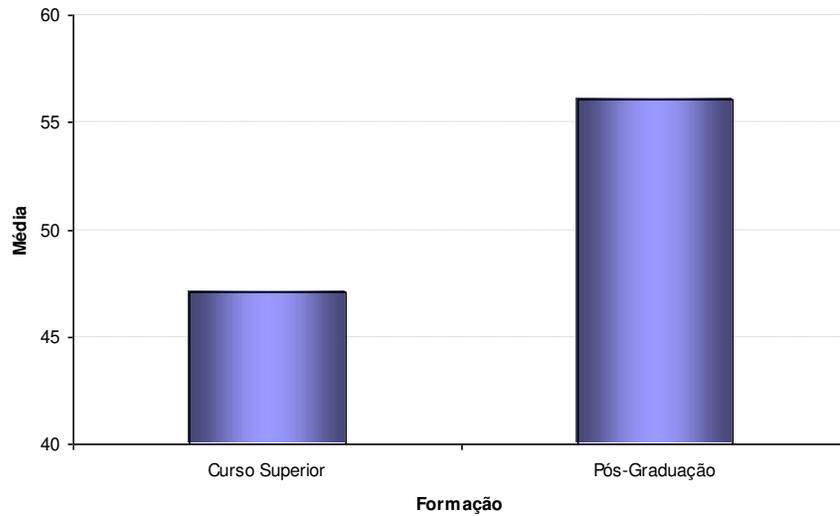


Figura 5. Média do total de pontos no PEP por formação

Tabela 5. Estatísticas descritivas e resultados da comparação por gênero – Escola A

Gênero	n	Média	Desvio padrão	Mínimo	Mediana	Máximo	p-valor
Feminino	21	53,3	8,8	24	57	63	0,912
Masculino	9	49,7	10,8	30	54	63	

Não foram encontradas diferenças significativas entre os sujeitos do gênero feminino e masculino em relação ao total do escore do instrumento PEP para a escola A.

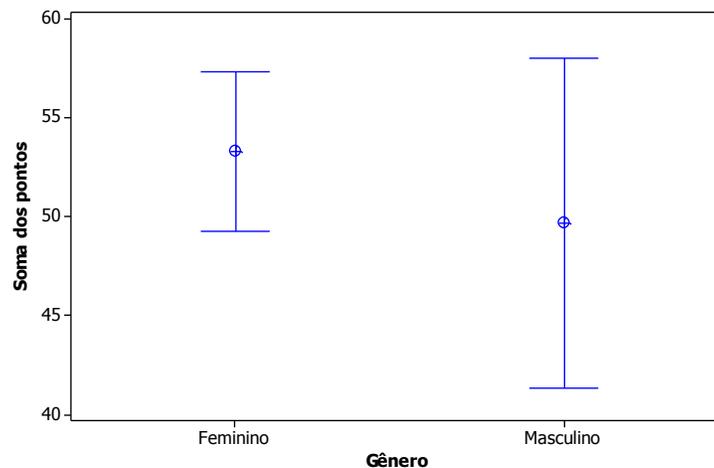


Figura 6. Intervalo de confiança de 95% para a média do total de pontos no PEP por gênero – Escola A

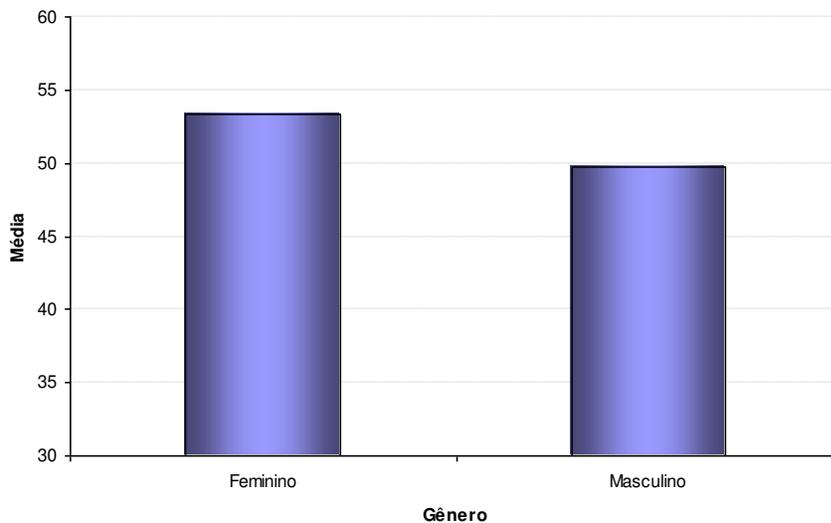


Figura 7. Média do total de pontos no PEP por gênero – Escola A

Sintetizando os resultados referentes à Escola A, pode-se afirmar que:

*Os pontos obtidos no PEP por esses professores variam de 24 a 63.

*As variáveis estudadas (idade, sexo, religião) não tiveram influência nos escores obtidos pelos professores no instrumento PEP.

*No que se refere à variável formação observou-se que esta variável influenciou os resultados do PEP, pois os professores pós-graduados obtiveram uma pontuação mais elevada do que os professores que tinham curso superior.

A seguir serão apresentados os resultados referentes aos professores da Escola B.

Os escores dos sujeitos da Escola B estão registrados na Tabela nº 6.

Tabela 6. Escores obtidos no PEP pelos professores da escola B

Sujeitos	FATORES							
	1	2	3	4	5	6	7	
P1	9	3	9	9	6	9	9	54
P2	9	3	3	9	6	6	9	45
P3	9	6	6	9	9	9	9	57
P4	9	3	9	9	3	6	9	48
P5	9	6	9	6	9	9	9	57
P6	9	3	3	9	3	6	9	42
P7	6	3	3	6	6	6	6	36
P8	9	3	6	9	3	6	9	45
P9	9	3	3	9	9	9	9	51
P10	9	6	9	9	9	9	9	60
P11	9	3	9	9	6	9	9	54
P12	9	3	6	9	6	9	9	51
P13	9	6	9	9	6	6	6	51
P14	9	3	6	9	9	6	9	51
P15	6	3	3	3	6	3	9	33
P16	9	3	3	6	3	9	9	42
P17	9	3	6	3	6	6	9	42
P18	9	3	9	9	9	9	9	47
P19	9	6	9	9	6	9	9	57
P20	9	3	6	9	6	6	9	57
P21	6	9	6	6	6	6	9	48
P22	9	3	9	3	6	6	6	42
P23	9	3	9	6	6	6	9	48
P24	9	6	9	6	6	6	9	51
P25	3	3	3	3	3	6	6	27
P26	9	3	9	6	9	6	9	51
P27	3	3	3	6	6	6	9	36
P28	9	3	6	9	3	6	9	45
P29	9	9	9	9	6	6	9	57
P30	9	6	6	6	3	6	9	45

A partir da análise dos pontos obtidos pelos professores no PEP construiu-se a Tabela 6 na qual os sujeitos estão distribuídos de acordo com maior número de pontos, religião e formação. A partir desses dados foram escolhidos, em ordem decrescente, para participarem da entrevista dez professores de religião católica que obtiveram maior número de pontos.

Tabela 7. Ordenação dos sujeitos de acordo com os escores

Nº de ordem	Sujeitos	Soma dos pontos	Religião	Idade	Formação	Sexo
1	P10	60	Católica	43	PG	F
2	P3	57	Ñ católica	51	PG	F
3	P5	57	X	46	PG	M
4	P19	57	Ñ católica	47	PG	M
5	P20	57	Católica	31	CS	F
6	P29	57	Católica	40	PG	F
7	P11	54	Católica	50	PG	M
8	P1	54	Católica	50	PG	F
9	P9	51	Católica	33	CS	F
10	P13	51	Ñ católica	X	PG	F
11	P14	51	X	35	CS	F
12	P24	51	Católica	44	CS	F
13	P26	51	Católica	42	CS	F
14	P12	51	Católica	31	PG	M
15	P4	48	Católica	42	PG	F
16	P21	48	Católica	46	CS	M
17	P23	48	Católica	37	CS	F
18	P18	47	Católica	41	PG	F
19	P28	45	Católica	31	CS	M
20	P8	45	Católica	46	CS	F
21	P2	45	X	32	PG	F
22	P30	45	Ñ católica	40	CS	F
23	P6	42	Católica	32	PG	F
24	P16	42	Católica	30	CS	F
25	P17	42	Católica	57	CS	M
26	P22	42	Ñ católica	31	PG	F
27	P7	36	Ñ católica	51	CS	F
28	P27	36	Católica	28	CS	M
29	P15	33	Católica	30	CS	M
30	P25	27	X	31	PG	F

O objetivo principal deste estudo foi comparar a religião e formação de 30 sujeitos com o total dos escores obtidos pelos sujeitos no instrumento PEP. Além disso, a influência da idade dos sujeitos foi avaliada nas comparações.

Foram realizadas análises exploratórias (médias, desvios padrão, mínimo, mediana e máximo), e construídos gráficos com o intervalo de confiança para a média para melhor visualização dos resultados.

Na comparação entre as religiões e as formações, foi utilizado um modelo de ANOVA considerando a idade como covariável no modelo.

A relação entre a idade e o total de pontos foi estudada utilizando-se o coeficiente de correlação de Pearson e construído um gráfico de dispersão.

O nível de confiança utilizado nas análises comparativas foi de 95%.

O programa estatístico empregado foi Software Estatístico: XLSTAT 2010 e MINITAB 14.

O total de sujeitos avaliados foi igual a 30. Foram observadas quatro respostas faltantes para a religião (católico ou não católico) e uma resposta faltante para a idade.

A idade dos sujeitos variou de 28 a 57 anos com média de aproximadamente 40 anos e desvio padrão de 8,2 anos. Como a idade pode ser um fator de influência em relação ao total de pontos do PEP, foi estudada a relação entre essas variáveis.

O coeficiente de correlação de Pearson entre a idade e total de pontos foi igual a 0,372. Este coeficiente não mostra uma forte relação entre a idade e o total de pontos, no entanto, a idade foi considerada na comparação entre a religião e formação devido a uma leve tendência observada para os sujeitos mais novos.

Não foram encontradas diferenças significativas entre os sujeitos do gênero feminino e masculino em relação ao total do escore do instrumento PEP para a escola B.

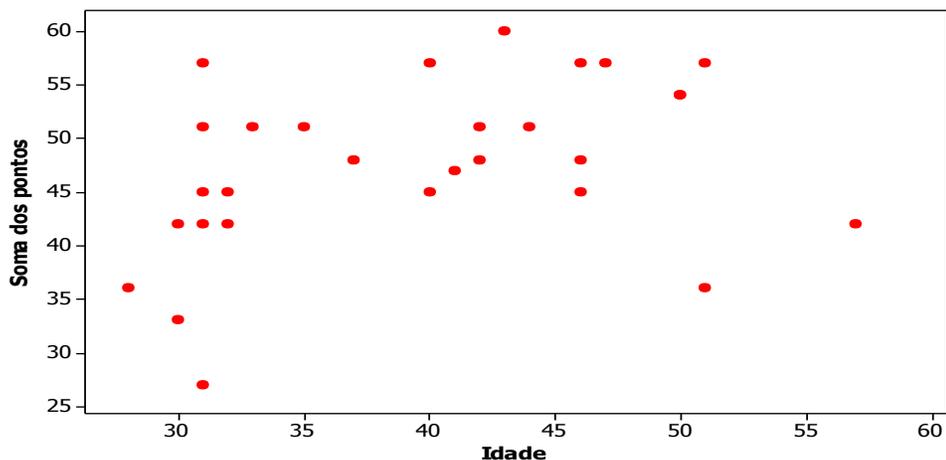


Figura 8. Relação entre idade e total de pontos do instrumento

Tabela 8. Estatísticas descritivas e resultados da comparação por religião

Religião	n	Média	Desvio padrão	Mínimo	Mediana	Máximo	p-valor
Católica	20	48,1	6,9	33,0	48,0	60,0	0,574
Não católica	7	47,6	7,8	36,0	45,0	57,0	

Não foram encontradas diferenças significativas entre os sujeitos com religião católica e não católica em relação ao total dos escores do instrumento PEP. Esses resultados evidenciam que no caso do presente estudo o fato de ser “católico ou não” não exerceu influência nas respostas no PEP.

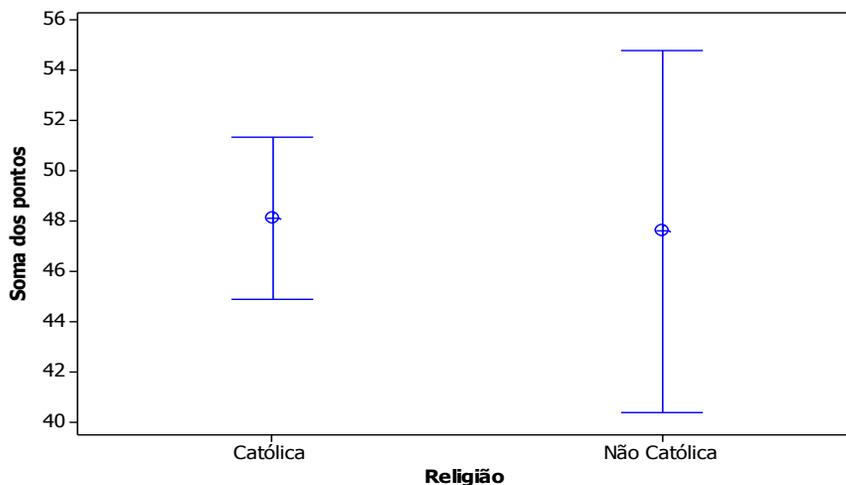


Figura 9. Intervalo de confiança de 95% para a média do total de pontos no PEP por religião

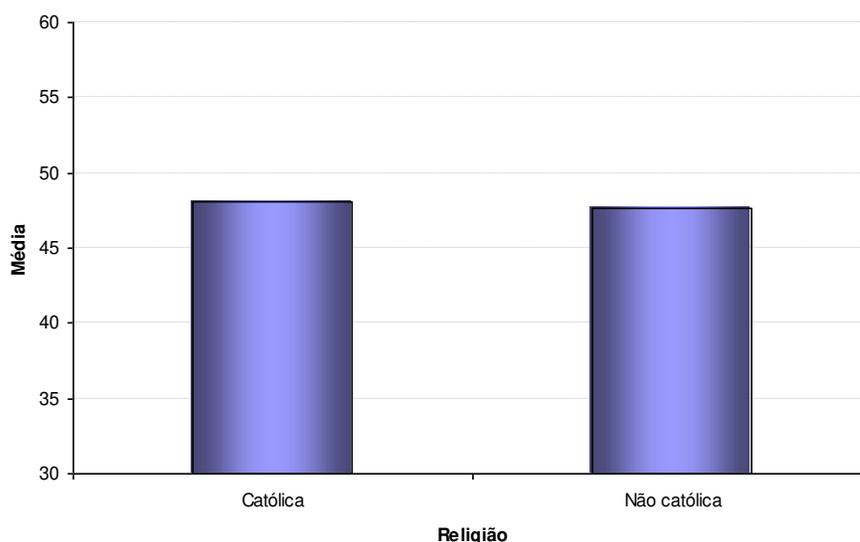


Figura 10. Média do total de pontos no PEP por religião

Tabela 9. Estatísticas descritivas e resultados da comparação por formação

Formação	n	Média	Desvio padrão	Mínimo	Mediana	Máximo	p-valor
Curso Superior	15	45,4	6,7	33,0	45,0	57,0	0,117
Pós-Graduação	15	49,9	8,6	27,0	51,0	60,0	

Não foram encontradas diferenças significativas entre os sujeitos com curso superior ou pós-graduação em relação ao total do escore do instrumento PEP.

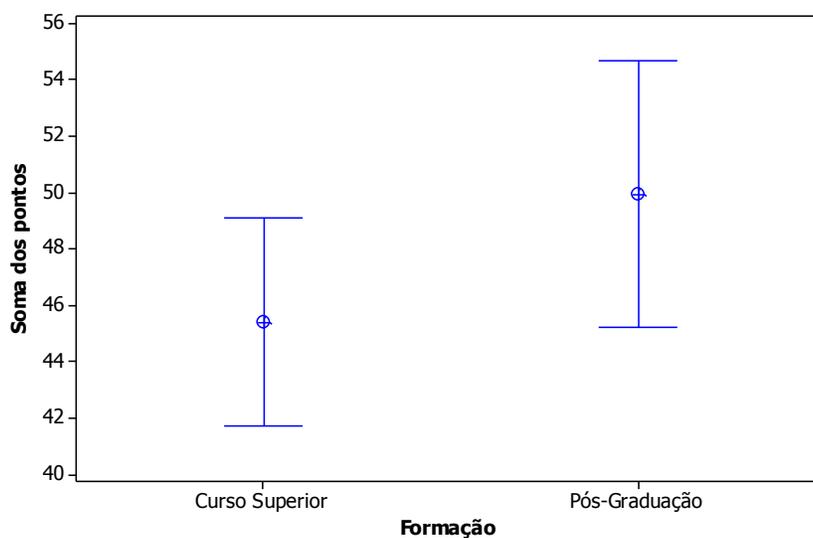


Figura 11. Intervalo de confiança de 95% para a média do total de pontos no PEP por formação

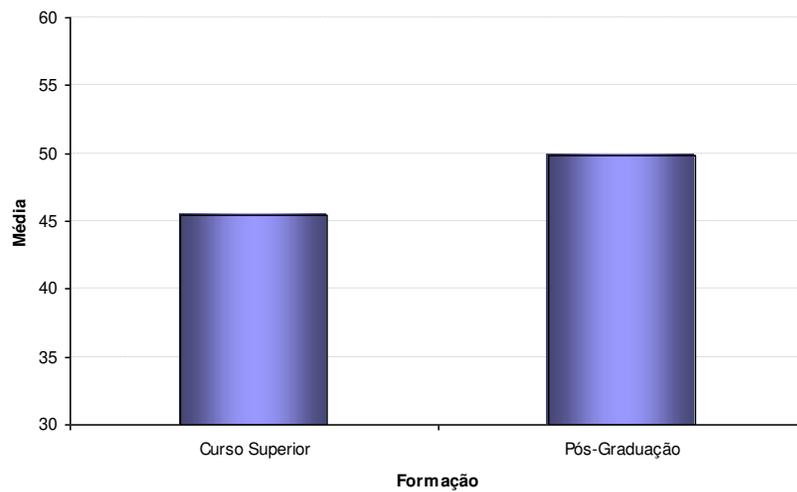


Figura 12. Média do total de pontos no PEP por formação

Tabela 10. Estatísticas descritivas e resultados da comparação por gênero – Escola B

Gênero	n	Média	Desvio padrão	Mínimo	Mediana	Máximo	p-valor
Feminino	21	48,0	7,7	27	48	60	0,509
Masculino	9	47,0	8,8	33	48	57	

Não foram encontradas diferenças significativas entre os sujeitos do gênero feminino e masculino em relação ao total do escore do instrumento PEP para a escola B.

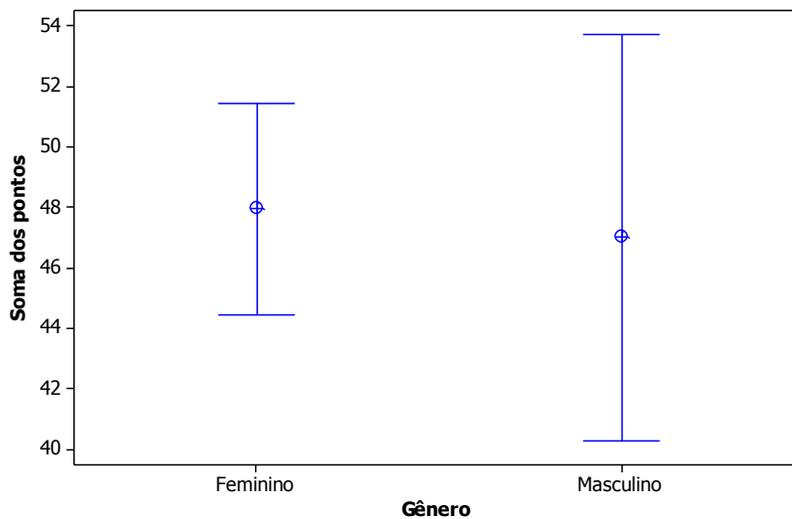


Figura 13. Intervalo de confiança de 95% para a média do total de pontos no PEP por gênero – Escola B

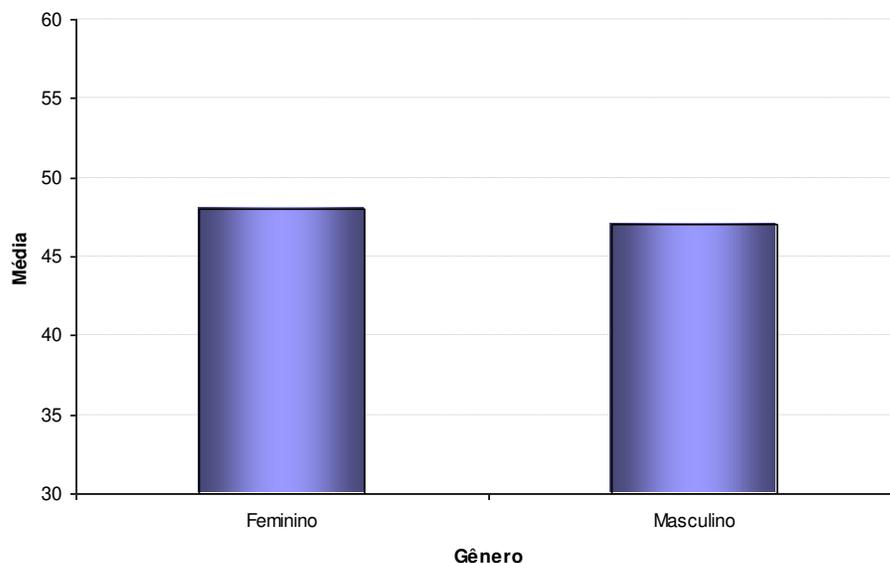


Figura 14. Média do total de pontos no PEP por gênero – Escola B

Os resultados da Escola B podem ser sintetizados da seguinte maneira:

*Os pontos obtidos do PEP variam de 27 a 60.

*Nenhuma das variáveis estudadas (religião, idade, formação, sexo) influenciou o desempenho dos professores no PEP.

Comparando-se os resultados das duas escolas, tem-se que os escores obtidos pelos professores da Escola A no PEP variam de 24 a 63 e na Escola B de 27 a 60. A média de escores da Escola A (52,2) é maior do que a da Escola B (47,8).

Comparando os resultados do PEP obtidos das Escolas A e B, o número de professores católicos na Escola A é de 22 e os não católicos somam 7. Na Escola B são 20 professores católicos, 6 não católicos e 4 que não identificaram a religião. Em ambas as escolas a religião não se mostrou influente.

Quanto à formação podemos dizer pelos resultados obtidos que na Escola A eram 13 professores com curso superior e 17 com pós-graduação. Na Escola B eram 15 com curso

superior e 15 com pós-graduação. Esses resultados demonstram que a variável formação foi influente no caso da Escola A e não influente na Escola B.

Considerando a variável gênero, nas Escolas A e B havia igualmente 21 professores do sexo feminino e 9 do sexo masculino. Em ambas as escolas a variável gênero não influenciou os resultados obtidos.

A idade dos professores da Escola A variou de 21 a 57 anos com média de 40 anos. Na Escola B a idade dos professores variou de 28 a 57 anos e a média foi de 40 anos. Pode-se afirmar, portanto, que as duas mostras eram bastante semelhantes quanto à idade.

4.2. Apresentação e análise das respostas dos sujeitos à entrevista

Como relatado anteriormente foram entrevistados 10 professores de cada escola que apresentaram os mais elevados escores no PEP, totalizando 20 sujeitos, os quais na Escola A eram 9 mulheres e 1 homem e na Escola B: 8 mulheres e 2 homens.

Para a análise do resultado das entrevistas foram extraídas categorias das respostas dadas pelos sujeitos. Tais categorias foram inspiradas nos fatores que segundo Wolman (ibid) dão sentido à experiência espiritual, a partir da análise da resposta do participante verificava-se a correspondência desta resposta a um desses fatores. A análise das respostas, nem sempre corresponde ao total do número de sujeitos, pois, constatou-se que cada resposta, às vezes, se enquadrava em mais de uma categoria.

A análise qualitativa dos resultados das entrevistas foi realizada considerando-se o perfil espiritual global, numa atenção recíproca em que cada fator contribui para sua constituição, visto que, em fatores nunca são estáticos ou isolados. É importante destacar que nenhum fator tem valor por si só, mas sim na interação entre si, de uma forma dinâmica e recíproca.

Além disso, é preciso considerar que um resultado alto não é intrinsecamente bom; nem um resultado baixo intrinsecamente ruim. O resultado obtido simplesmente demonstra a ênfase que no dado momento coloca-se sobre aquela categoria em particular, que é refletida no seu sentido mais amplo relacionado às diversas áreas da vida do sujeito, trabalho, família, relacionamentos pessoais.

A transcrição das entrevistas com os professores das escolas A e B encontram-se no Apêndice A .

No quadro que se segue estão registradas as categorias decorrentes das respostas apresentadas pelos professores.

CATEGORIAS	DESCRIÇÃO	EXEMPLOS
A	Atividades pautadas em princípios morais e éticos. Nessa categoria se enquadram as respostas que atribuem a espiritualidade ao fato de as pessoas pautarem o seu comportamento em princípios morais e éticos.	<i>“... Na hora de dar uma nota eu tenho de ser justa ... é preciso ter esse cuidado ao decidir algo na vida de um aluno...”</i>
B	Atender às necessidades dos outros para dar sentido à vida. Enquadram-se na categoria B as respostas que se referem à espiritualidade que consiste não em pensar só em si próprios, mas sim, para dar sentido à vida é preciso considerar a necessidade dos outros.	<i>“...no convívio da sala de aula, eu procuro sempre puxar para o lado do relacionamento em comunidade...”</i>
C	Espiritualidade independente de religião. Inserida na categoria C estão todas as respostas que consideram a espiritualidade como independente da religião.	<i>“...acho que não entra espiritualidade aí em questão de religião...”</i>
D	Espiritualidade não é antagônica à Ciência ou consciência racional. As respostas que não consideram a espiritualidade antagônica à ciência ou à consciência racional, enquadram-se na categoria D.	<i>“...está surgindo um grupo de cientistas e também de religiosos que estão tentando mudar a idéia de que ciência e espiritualidade são separadas, mas defendendo a idéia de que uma complementa a outra... hoje em dia analisa-se que o Big Bang pode ser o mesmo que o ‘Faça-se a luz’...”</i>

E	A espiritualidade emana de uma força superior, ou Deus. Pertencem a essa categoria as respostas que compreendem a espiritualidade como estando ligada ao conceito de Deus ou um ser superior.	<i>“... fazemos oração todos os dias, acredito em Deus, tenho uma construção religiosa, então, isso eles percebem pela minha prática...”</i>
F	Intelectualidade e espiritualidade. Essa categoria é formada pelas respostas que consideram que espiritualidade está ligada à intelectualidade, ou seja, a iniciativa de pensar, estudar sobre espiritualidade.	<i>“... eu quero saber, eu sou curiosa, então eu estudo, eu leio muito, acho coisas interessantes e tenho um fio condutor, não se pode acreditar em tudo...”</i>
G	Situações traumáticas e de sofrimento. Enquadram-se na categoria G as respostas que se referem à espiritualidade como sendo de fundamental importância para auxiliar nas situações traumáticas e de sofrimento.	<i>“...a espiritualidade traz calma e inteligência para você vivenciar essas situações diferentes, situações de mais angústia...”</i>
H	Espiritualidade na infância. Trata-se de identificarem situações vividas na infância que possam ter contribuído para o desenvolvimento de uma espiritualidade.	<i>“... os exemplos que meus pais e avós me deixaram, são de acolhida, generosidade, amor fraterno...”</i>

Quadro 1: Categorias extraídas das respostas de todos os sujeitos entrevistados

ESCOLA A

Tabela 11. Frequência das respostas à questão 1 na entrevista dos professores da Escola A

	CATEGORIAS						TOTAL
	A	B	C	D	E	F	
Nº. de respostas	1	5	5	1	5	2	19

A análise qualitativa das respostas dadas pelos professores da Escola A à primeira questão da entrevista, a saber: “O que é espiritualidade para você?”, permitiu que fossem extraídas 6 categorias: A, B, C, D, E e F.

Ilustram essas respostas os seguintes extratos de protocolo:

(...) na qualidade de professora de História, eu fiz pós-graduação na área de religiões... (F)

(...) procuro trazer textos com uma leitura sempre voltada a um conteúdo a ser seguido... (F)

Essas respostas denotam a importância de ler, estudar, discutir materiais sobre espiritualidade, incorporando o questionamento nesse campo, bem como nos ensinamentos da religião.⁷

Analisando os dados da Tabela 11 observa-se que as categorias B, C e E foram contempladas com maior número de respostas, as quais podem ser ilustradas pelos extratos de protocolo que se seguem:

(...) espiritualidade é algo que te move, que dá sentido à vida... (B)

(...) eu acho que espiritualidade não é religião... (C)

(...) espiritualidade está ligada a algo superior, transcendente... (E)

As respostas mais frequentes indicam que para os professores componentes da amostra, a Espiritualidade dá sentido à vida, à medida que atendemos ou nos preocupamos com as necessidades dos outros. Além disso, consideram que espiritualidade independe da religião que escolhemos para praticar e que emana de uma força superior ou Deus.

⁷ No decorrer da entrevista dois professores expressaram a concepção que tem sobre espiritualidade e intelectualidade. Por essa razão as respostas foram computadas como referente à primeira questão.

Encontramos aqui uma compreensão de espiritualidade ligada ou não a uma concepção religiosa, frequentemente relacionada à imagem de Deus ou um ser superior, se associa necessariamente ao entusiasmo com experiências coletivas de cooperação, de preocupação com o outro, de encontrar formas de melhorar as situações, em geral a qualidade de ensino para seus próprios filhos e dos outros. Tudo isso alimentando o significado e o propósito que atribuem à vida.

As respostas menos frequentes, que compõem as categorias A e D, explicam a Espiritualidade como sendo a capacidade da pessoa, de pautar o seu comportamento em princípios morais e éticos, e também a concebem como não antagônica à Ciência ou consciência racional, e podem ser constatadas pelos extratos de protocolo que se seguem:

(...) eu sigo algumas regras morais minhas... (A)

(...) eu sou física, então juntei com a ciência e consigo explicar com linguagens diferentes... (D)

É bom lembrar que o fato de essa categoria ter aparecido em menor frequência não significa que as ações morais e éticas não estejam presentes nas respostas, muito pelo contrário, ter consciência das necessidades e preocupações dos outros e, sobretudo, atender a essas necessidades, trata-se de um ato moral.

Tabela 12. Frequência das respostas à questão 2 na entrevista dos professores da Escola A

	CATEGORIAS				
	A	B	C	E	TOTAL
Nº. de respostas	3	10	1	1	15

A análise qualitativa das respostas apresentadas pelos professores da Escola A à segunda questão da entrevista, a saber: “Na sua relação pedagógica com os alunos, você consegue identificar de que maneira se manifesta a sua espiritualidade?”, permitiu constatar aquelas respostas que se enquadram respectivamente nas categorias A, B, C e E:

Analisando os dados da Tabela 12, observa-se que a categoria contemplada com maior número de respostas foi a B, exemplificada pelos extratos de protocolo que se seguem:

(...) no convívio da sala de aula, eu procuro sempre puxar para o lado do relacionamento em comunidade... (B)

(...) a espiritualidade se manifesta através do carinho que transmito aos meus alunos...e também pregando o bem estar do outro...trabalhando as desavenças para que respeitem o próximo...ser cidadão tem a ver com espiritualidade... (B)

(...) o respeito que temos com os alunos, a forma de tratamento, acho que é uma forma de espiritualidade...(B)

As respostas mais frequentes indicam que, para esses professores entrevistados, a Espiritualidade está ligada à conexão com outras pessoas e grupos e que isso pode ser revigorante, animador para o significado e propósito de vida. Trata-se de reconhecer a necessidade de preocupar-se com os outros, ampliando o alcance de nossa singularidade através da vida em comunidade.

A categoria A apresentou o segundo maior número de respostas, as quais podem ser evidenciadas pelos extratos de protocolos apresentados em sequência:

(...) Na hora de dar uma nota eu tenho de ser justa ... é preciso ter esse cuidado ao decidir algo na vida de um aluno... (A)

(...) eu sou muito correta, não no sentido da perfeição, mas na questão da moralidade... (A)

As respostas menos frequentes, trata-se da categoria C, que considera a espiritualidade como algo que independe de religião e da categoria E, que considera espiritualidade como algo que emana de um ser superior, ou Deus, essas respostas estão explicitadas pelo extrato de protocolo a seguir:

(...) fazemos oração todos os dias, acredito em Deus, tenho uma construção religiosa, então, isso eles percebem pela minha prática... (C)

(...) no conselho de classe, no fim do ano, eu peço para Deus me iluminar... (E)

Tabela 13. Frequência das respostas à questão 3 na entrevista dos professores da Escola A

	CATEGORIAS		
	D	F	TOTAL
Nº. de respostas	10	1	11

Na análise qualitativa das respostas dadas pelos professores da Escola A à terceira questão da entrevista, a saber: “Como você vê a relação entre a espiritualidade e a Ciência?”, se enquadram nas categorias: D e F.

Analisando-se os dados da Tabela 13 observa-se que todas as respostas contemplaram a categoria D, podem ser evidenciadas pelos extratos de protocolo seguintes:

(...) está surgindo um grupo de cientistas e também de religiosos que estão tentando mudar a idéia de que ciência e espiritualidade são separadas, mas defendendo a idéia de que uma complementa a outra... hoje em dia analisa-se que o Big Bang pode ser o mesmo que o ‘Faça-se a luz’... (D)

(...) eu não vejo de uma forma separada, acho que é uma forma integrada, não vejo o corpo separado do espírito... (D)

(...) acho que é um completando o outro, se o meu corpo está mal, minha espiritualidade vai estar também... (D)

(...) então parece que é algo meio que natural, e por isso não vejo como realidades separadas...se separar vai faltar alguma coisa, não dá pra ser só racional... (D)

Isso significa que todos os entrevistados entendem por espiritualidade como algo integrado às situações cotidianas e não separado.

Embora tenha aparecido somente uma vez, a resposta menos frequente, observa-se a categoria F conforme ilustrada pelos extratos de protocolo:

(...) eu quero saber, eu sou curiosa, então eu estudo, eu leio muito, acho coisas interessantes e tenho um fio condutor, não se pode acreditar em tudo... (F)

Essa resposta reflete a preocupação em considerar a razão, questionar, pensar. Trata-se de ter uma visão mais integrada, considerando a importância da intelectualidade nas questões de espiritualidade. Isso pode proporcionar um estímulo a uma maior integração entre ciência e espiritualidade.

Tabela 14. Frequência das respostas à questão 4 na entrevista dos professores da Escola A

	CATEGORIAS			
	A	D	F	TOTAL
Nº. de respostas	1	4	3	8

Analisando as respostas dadas pelos professores à questão: “Você procura ver a questão da espiritualidade de uma maneira crítica?”, constatou-se que tais respostas pertencem a essas três categorias: A, D e F.

Analisando os dados da Tabela 14, observa-se que a categoria contemplada com maior número de respostas foi a D, as quais podem ser observadas pelos extratos de protocolo que se seguem:

(...) deve ter uma linguagem em comum, universal, até com a Ciência...(D)

(...) a espiritualidade para mim é muito importante, mas o conhecimento também... então as questões que eu acredito, são sempre baseadas numa idéia, numa teoria...olhar crítico nós temos que ter sempre em tudo... (D)

(...) a espiritualidade faz parte de um todo...do racional e lógico... (D)

(...) acho que as coisas estão juntas, então tem de ter uma visão racional e também uma visão de espiritualidade... (D)

Ao identificarmos essa categoria em situações básicas da vida, podemos ver mais claramente que o grau de investigação científica exerce um papel fundamental na vida de modo geral e, portanto, pode-se aplicar também ao campo da espiritualidade quando essa alcança a nossa consciência racional.

A categoria F apresenta o segundo maior número de respostas e os extratos de protocolo são os seguintes:

(...) no campo da espiritualidade há também idéias que tentam lhe empurrar e você tem que questionar, afinal de contas você é dotado de razão, tem intelectualidade, é pra pensar...(F)

(...) eu acho que é preciso ter um debate mesmo, conversar, até para tirar alguns mitos, alguns preconceitos também.(F).

(...) é bem válido questionar, mesmo aquilo que está dentro de mim... hoje existem muitas informações, estudos a respeito da espiritualidade...(F)

A categoria A aparece em uma das respostas e o extrato de protocolo é o que se segue:

(...) eu fui descartando algumas coisas, eu fui usando, pra minha moralidade, pro meu crescimento...(A)

Os resultados obtidos pelos professores nessa questão confirmam os da questão anterior, evidenciando a importância da relação recíproca entre as categorias que denotam uma integração entre ciência e espiritualidade.

Tabela 15. Frequência das respostas à questão 5 na entrevista dos professores da Escola A

	CATEGORIAS					
	B	D	E	F	G	TOTAL
Nº. de respostas	5	1	5	1	7	19

A análise qualitativa das respostas dadas pelos professores da Escola A à quinta questão da entrevista, a saber: “Em experiências traumáticas, de sofrimento, você considera importante a espiritualidade?”, permite constatar que as categorias B, D, E, F já descritas anteriormente foram contempladas e além disso verificou-se a existência da categoria G.

Analisando os dados da Tabela 15, observa-se que a categoria contemplada com maior número de respostas foi a G, observadas pelas falas dos respondentes:

(...) a espiritualidade traz calma e inteligência para você vivenciar essas situações diferentes, situações de mais angústia...(G)

(...) eu acho que com espiritualidade, essa motivação, a pessoa consegue sair do buraco, consegue ver além.(G)

(...) Então a espiritualidade ajuda em tudo na vida, mas em situações assim, ajuda mais ainda, acho fundamental.(G)

As categorias B e E, apresentam o segundo maior número de respostas a essa questão. Segue a ilustração dos extratos de protocolo:

(...) é preciso buscar algo além, pare entender o que está acontecendo...(E)

(...) as situações difíceis nos trazem um aprendizado, para a vida familiar, no trabalho, para as nossas próprias diferenças...(B)

(...) você ajudar as pessoas faz com que você sinta o que elas estão sentindo...(B)

As categorias que menos apareceram nas respostas à questão 5 foram as D e F conforme extrato de protocolo que se segue:

(...) se for somente analisar do ponto de vista da lógica, algumas coisas são inexplicáveis... então você tem aquela força interior que lhe dá esse trabalho de espiritualidade...(D)

(...) eu acho que a espiritualidade traz paz e inteligência pra você vivenciar essas situações diferentes, de mais angústia...(F)

Os resultados demonstram o que Wolman (2001) constata em suas pesquisas com instrumento PEP, ou seja, a categoria trauma e sofrimento está dinamicamente relacionada a outras, particularmente às categorias B – atender as necessidades dos outros para dar sentido à vida e E – a espiritualidade emana de uma força superior, ou Deus. Nos estudos de Wolman muitos, diante de traumas significativos, descreveram a sensação de estarem próximos de Deus. Segundo Wolman (idem) estudos recentes de pacientes de câncer demonstraram que os que obtiveram maior resultado de bem estar espiritual, tiveram também melhor resultado de qualidade de vida após o tratamento. Toda essa experiência é reconhecida tanto pelo paciente como pelos seus acompanhantes como algo que realmente dá sentido à vida na prática da generosidade, do amor mútuo, a interação e dedicação para com as necessidades do outro.

Tabela 16. Frequência das respostas à questão 6 na entrevista dos professores da Escola A

	CATEGORIAS						
	A	B	E	F	G	H	TOTAL
Nº. de respostas	1	4	2	1	1	10	19

Os dados registrados na tabela 16 permitem constatar que as respostas dadas à questão: “Você reconhece que quando era criança os adultos transmitiram uma espiritualidade para você? Você considera importante transmitir espiritualidade para as crianças?”, se enquadram em 5 categorias surgidas anteriormente (A, B, E, F, G) e, uma nova categoria, H, que pode ser assim explicitada:

Analisando-se os dados da Tabela 16 observa-se que, todos os professores, deram respostas que se enquadram na categoria H, podemos constatar pelos extratos de protocolo que se seguem:

(...) os exemplos que meus pais e avós me deixaram, são de acolhida, generosidade, amor fraterno...(H)

(...) quando eu comecei a ficar adolescente, aí eu fui sentir falta da espiritualidade, daí eu comecei a procurar...(H)

O resultado demonstra o alcance e a frequência da espiritualidade na infância possivelmente oriunda de experiências religiosas no ambiente familiar. Essa categoria é particularmente notável no ambiente familiar, na educação dos próprios filhos.

A categoria B apresenta o segundo maior número de respostas a essa questão e essa categoria pode ser explicitada com o seguinte extrato de protocolo:

(...) ser acolhedor, generoso, solidário, enfim fazer com que a espiritualidade seja trabalhada nessa direção de vivência comunitária...(B)

A categoria E aparece duas vezes nas respostas à questão 6, conforme extrato de protocolo:

(...) eu acho importante uma formação para a espiritualidade e religiosidade...(E)

As categorias A, F e G aparecem uma vez nas respostas.

(...) nós estamos vendo valores humanos e religiosidade, e em uma das aulas estava perguntando como estava o relacionamento dos jovens com as crianças, com a família... (A)

(...) é preciso uma formação sobre a questão da espiritualidade, da religiosidade... (F)

(...) perdi meu pai eu tinha 17 anos, então se não fosse essa espiritualidade, eu não sei como eu teria reagido... (G)

Em suas respostas todos os entrevistados da escola A manifestaram a sua concepção de espiritualidade. Todos também admitiram que a espiritualidade não é antagônica à Ciência ou consciência racional. A maioria dos entrevistados (7) admite que a espiritualidade é de fundamental importância para vivenciar situações traumáticas e de sofrimento. É importante ressaltar que os professores foram bastante espontâneos ao responder as questões e demonstraram também que refletiam antes de dar suas respostas.

ESCOLA B

Na sequência serão apresentadas as respostas dos professores da Escola B as quais se enquadram nas categorias mencionadas (cf. Quadro 1, p. 101).

Tabela 17. Frequência das respostas à questão 1 na entrevista dos professores da Escola B

	CATEGORIAS					TOTAL
	A	B	C	E	F	
Nº. de respostas	3	1	2	10	2	18

A análise qualitativa das respostas dadas pelos professores da Escola B à primeira questão da entrevista, a saber: “O que é espiritualidade para você?”, demonstra que estas se enquadram nas seguintes categorias: A, B, C, E e F.

Ilustram essas respostas os seguintes extratos de protocolos:

(...) não tem como desassociar da minha pessoa, porque faz parte do meu intelectual...(F)

A resposta denota a importância de ler, estudar, discutir materiais sobre espiritualidade, incorporando o questionamento nesse campo, bem como nos ensinamentos da religião.⁸

Analisando a Tabela 17 observa-se que a categoria E foi contemplada por todos os professores entrevistados. As respostas podem ser exemplificadas pelos extratos de protocolo que se seguem:

(...) espiritualidade é a busca do EU, busca de algo superior, que na minha opinião é Deus...(E)

(...) ligação entre os seus sentimentos, entre o seu interior e uma coisa maior...(E)

As respostas mais frequentes indicam que para todos os professores entrevistados, a Espiritualidade está ligada à imagem de um ser superior, que pode estar associada à imagem de Deus. Isso pode denotar que dificilmente encontram significado para as situações da vida sem a ajuda de um abrangente sistema de crenças. O resultado alto nessa categoria pode também indicar que esses professores vêem seu trabalho com um significado especial, amam o trabalho que realizam e isso pode imbuí-los de energia, entusiasmo e renovação diária.

A categoria A foi a segunda que mais apareceu nas respostas e podem ser constatadas a seguir pelo extrato de protocolo:

(...) escolher o que você acha certo para seguir o seu caminho...(A)

Essa categoria, a segunda que mais aparece nas respostas, está voltada necessariamente para o entusiasmo dos professores com experiências coletivas, nesse caso mais diretamente em relação aos seus alunos, no que se refere a encontrar formas de melhorar a qualidade de ensino, denotado pela preocupação com o outro. Essa postura está correlacionada com categoria anterior.

As categorias que apareceram com menos frequência foram a B e a C, respostas ilustradas pelos extratos de protocolo que se seguem:

(...) fazer pelos outros o que gostaria que fizessem por você...(B)

(...) eu acho que em geral independe da crença, da religião...(C)

⁸ Na Escola B observa-se também que no decorrer da entrevista dois professores expressaram a concepção que têm sobre espiritualidade e intelectualidade. Por essa razão as respostas foram computadas como referentes à primeira questão.

Tabela 18. Frequência das respostas à questão 2 na entrevista dos professores da Escola B

	CATEGORIAS			
	A	B	E	TOTAL
Nº. de respostas	8	4	2	14

As respostas dadas pelos professores da Escola B à segunda questão da entrevista, a saber: “Na sua relação pedagógica com os alunos, você consegue identificar de que maneira se manifesta a sua espiritualidade?”, contemplam as seguintes categorias A, B, e E:

Analisando-se os dados da Tabela 18, observa-se que a categoria A aparece com maior frequência nas respostas e pode ser explicitada com o seguinte extrato de protocolo:

(...) eu procuro agir de uma maneira diferente, por agir em cima daquilo que eu acredito do que seja bom, do que seja adequado para os seres humanos, então eu procuro colocar, digamos assim, a espiritualidade no meu dia a dia...(A)

As respostas mais frequentes explicam a Espiritualidade como sendo a capacidade da pessoa, de pautar o seu comportamento em princípios morais e éticos, na busca da justiça, do bem e, sobretudo, daquilo que é o mais adequado para a pessoa humana.

A categoria B apresenta-se com o segundo maior número de respostas e o extrato correspondente a essa categoria é:

(...) é querer cuidar do outro, fazer dele um homem, uma mulher de bem...(B)

A presença dessa categoria denota uma ligação com a anterior em vista da manifestação de preocupação não consigo mesmo, mas principalmente com o outro, e ao fato de estar ligada àquilo que dá sentido à vida do professor.

A categoria E foi contemplada com menos frequência e pode ser observadas com o seguinte extrato de protocolo:

(...) é nesse momento que meu pensamento, que eu acredito em Deus fica mais evidenciado...(E)

Esse extrato de protocolo evidencia que mesmo aparecendo com menos frequência, a categoria E, demonstra uma dedicação da parte dos professores para com o outro e suas necessidades, acima de si mesmos. Isso significa a ampliação do alcance de sua singularidade, fazendo-os descobrir a realidade transcendente que existe por trás da atividade diária. É exemplo representativo de comportamento ligado a uma espiritualidade.

Tabela 19. Frequência das respostas à questão 3 na entrevista dos professores da Escola B

	CATEGORIA	
	D	TOTAL
Nº de respostas	2	2

Ao proceder-se a análise qualitativa das respostas dadas pelos professores da Escola B à terceira questão da entrevista, a saber: “Como você vê a relação entre a espiritualidade e a Ciência?”, verificou-se que surpreendentemente somente duas enfocam essa relação.

As respostas podem ser ilustradas com os seguintes extratos de protocolo:

(...) eu acredito que pra que você viva bem, você tem que estar ligado, sua mente com seu espírito, com seu corpo...(D)

(...) são coisas interligadas... existe uma mente e um espírito... existe um corpo, que é matéria, a física explica isso...(D)

Essa categoria mostra a importância da atividade de uma mente consciente e crítica em relação à espiritualidade, refletindo não uma abordagem frágil e simplista. Quando há uma aproximação entre ciência e espiritualidade o resultado é empolgante e significativo para qualquer tipo de conhecimento.

Tabela 20. Frequência das respostas à questão 4 na entrevista dos professores da Escola B

	CATEGORIAS				
	A	C	D	F	TOTAL
Nº. de respostas	5	1	2	5	13

Ao responderem a quarta questão: “Você procura ver a questão da espiritualidade de uma maneira crítica?”, constata-se que os professores abordam as seguintes categorias: A, C, D e F.

Analisando os dados da Tabela 20, observa-se que as categorias contempladas com maior número de respostas foram a A e F, explicitadas pelos extratos de protocolo que se seguem:

(...) mas se você não conhece o outro você não pode julgar...(A)

(...) Em todo momento você tem de ser racional, o emocional é importante, a razão também.(F)

Há uma ligação importante entre as duas categorias que aqui apresentam o maior número de respostas. A inteligência espiritual (Wolman 2000) ajuda a tratar algumas questões morais fundamentais da atualidade. A participação ativa e consciente, objetiva e racional das questões polêmicas, está no meio de conversas e diálogos sobre questões espirituais e morais, ao discutirem, por exemplo, a influência para o mundo de posturas assumidas por líderes religiosos, ou ainda, consequências de ameaças à segurança nacional, ou qualquer discussão sobre questões morais relatadas no jornal daquele dia.

A categoria que apresentou o segundo maior número de frequência nas respostas foi a D, ilustrada no seguinte extrato de protocolo:

(...) eu acho que a ciência de certa forma explica a espiritualidade, não são coisas opostas, não vejo como coisas opostas.(D)

A categoria C aparece uma vez nas respostas dos professores e, está observada no extrato de protocolo que se segue:

(...) acho que não entra espiritualidade aí em questão de religião...(C)

Tabela 21. Frequência das respostas à questão 5 na entrevista dos professores da Escola B

	CATEGORIAS							TOTAL
	A	B	D	E	F	G	H	
Nº. de respostas	1	3	2	6	1	10	3	26

As respostas dos professores da Escola B à quinta questão da entrevista, a saber: “Em experiências traumáticas, de sofrimento, você considera importante a espiritualidade?”, distribuiu-se pelas seguintes categorias, A, B, D, E, F, G e H.

Analisando-se os dados da Tabela 21 observa-se que todas as respostas contemplaram a categoria G, podemos constatar pelas falas dos respondentes:

(...) eu acho que a espiritualidade dá forças para você lutar...(G)

(...) eu acredito que a fé cura, eu acredito que a espiritualidade ajuda a mente a superar as dificuldades...(G)

A categoria que apresentou o segundo maior número de respostas foi a E. Os extratos de protocolo correspondentes a essa categoria são apresentados a seguir:

(...) sempre achei que Deus estava presente...(E)

(...) Sem dúvida, é muito importante a pessoa crer em algo superior.(E)

As categorias que apresentaram o terceiro menor número de respostas foram as B e H. Os extratos de protocolo correspondentes a essas categorias respectivamente são apresentados a seguir:

(...) basicamente eu não desejo para os outros o que eu não quero para mim ...(B)

(...) eu me lembro na época, criança ainda, muito da minha mãe ... essa força, essa energia...(H)

As categorias que apresentaram o menor número de respostas foram as A, D e F. São evidenciadas pelos extratos de protocolo que se seguem:

(...) um respeitando a visão do outro, eu acho que, sem problemas.(A)

(...) Eu acho que a parte científica e a parte espiritual, elas se fundamentam, se complementam, e a gente tem que ter a visão científica das coisas sim, mas as nossas crenças também têm valor, também devem ser preservadas e consideradas.(D)

(...) é importante ter conhecimento sobre espiritualidade...(F)

Os professores foram unânimes em reconhecer a importância da espiritualidade em situações de traumas e sofrimentos. Diante dessas situações muitos deles descrevem uma sensação ou experiência de estarem mais próximos de Deus.

Com exceção à categoria C as respostas a essa questão se enquadram nas demais categorias levantadas anteriormente. Isso demonstra o que defende Wolman (2000) que, ao discutir ou examinar cada categoria, estamos necessariamente percebendo como elas interagem de uma forma dinâmica e recíproca na contribuição para a vivência de uma espiritualidade.

Tabela 22. Frequência das respostas à questão 6 na entrevista dos professores da Escola B

	CATEGORIAS					
	A	B	E	F	H	TOTAL
Nº. de respostas	3	3	4	1	10	21

Os dados encontrados na Tabela 22 permitem constatar que as respostas dadas à questão: “Você reconhece que quando era criança os adultos transmitiram uma espiritualidade para você? Você considera importante transmitir espiritualidade para as crianças?”, se enquadram em 5 categorias surgidas anteriormente: A, B, E, F e H.

Analisando-se os dados da Tabela 22 observa-se que todos os professores deram respostas que se enquadram na categoria H, podemos observar pelos extratos de protocolo que se seguem:

(...) quando eu era criança, quem fazia essa parte da espiritualidade era minha avó...(H)

(...) eu acho que a criança tem que saber que a gente precisa fazer o bem...(H)

Essa categoria é bastante importante porque a espiritualidade na infância está muito ligada às noções que recebemos de nossos pais, avós, professores, e adultos com os quais tivemos contato mais próximo. Não podemos deixar de lançar um olhar cuidadoso para nossa postura e responsabilidade, hoje, como adultos, sobretudo considerando os estágios pelos quais o pensamento religioso se desenvolve na infância e no decorrer de toda a vida, assunto que tem sido pesquisado com grande interesse, sobretudo por Fowler (1981) em San Francisco, nos EUA.

Essa categoria está ligada a assuntos muitas vezes espinhosos e, portanto ignorados no ambiente escolar, como morte e funerais, violência, rituais religiosos. Situações presentes em nossas vidas e que influenciam nossas posturas e ações do dia a dia.

A categoria que apresentou o segundo maior número de frequência nas respostas foi a E, exemplificada no seguinte extrato de protocolo:

(...) vou trabalhar, para eu fazer bem feito preciso ter Deus no coração...(E)

As categorias que apresentaram o terceiro maior número de frequência nas respostas foram as A e B, ilustradas no seguinte extrato de protocolo:

(...) o tipo de orientação é mais em termos éticos do que em termos definidos como espirituais.(A)

(...) buscar boas situações de vivência, buscar boas condições de vida, não só matéria.(B)

A categoria que apresentou o menor número de frequência nas respostas foi a F, explicitada no seguinte extrato de protocolo:

(...) acontece qualquer coisa e a gente pára e reflete...deveria ser dessa forma.(F)

Sintetizando, assim como na Escola A, os professores desta Escola (B) demonstraram em suas respostas as suas concepções sobre espiritualidade. O fato de se ter apenas duas respostas para a questão 3, talvez possa indicar que a maioria dos professores não havia refletido sobre essa questão e se eximiram de dar uma resposta. A maior parte dos respondentes relata que a espiritualidade se manifesta mais claramente nas ocasiões traumáticas e de sofrimento. Durante a entrevista os professores manifestaram várias vezes que o fato de terem respondido as questões, despertou neles a reflexão sobre o tema.

4.3. Comparação entre as respostas dos professores da escola “A” e da escola “B”

Tendo em vista que as Escolas A e B são diferentes em sua natureza confessional e laica respectivamente para esta pesquisa é importante comparar os resultados apresentados em cada uma delas.

Tabela 23. Comparação da frequência das respostas na entrevista dos professores das escolas A e B à questão 1: O que é espiritualidade para você?

	CATEGORIAS						TOTAL
	A	B	C	D	E	F	
Nº. de respostas Escola A	1	5	5	1	5	2	19
Nº. de respostas Escola B	3	1	2	0	10	2	18

A análise comparativa na Tabela 23 indica que as respostas abrangidas pela categoria E, na qual os professores reconhecem que espiritualidade está ligada a “um ser superior” ou “Deus” são observadas concretamente por eles, visto que nas duas unidades escolares foram as respostas mais numerosas.

As respostas dos professores da unidade escolar A, no entanto, se distribuem mais igualmente em número de respostas às categorias B- Atender às necessidades dos outros para dar sentido à vida e C- Espiritualidade independente de religião. Esse resultado pode indicar que o fato de fazer parte de um Colégio de profissão religiosa católica, não implica que os professores tenham uma visão de espiritualidade voltada somente para “um ser superior” ou “Deus”, pelo contrário, possuem uma visão bastante integrada com noções de espiritualidade voltada para a iniciativa de atender às necessidades dos outros, elaborando assim sentido para suas vidas e que também demonstram que espiritualidade independente da religião que professam.

Na unidade escolar B a concentração é consideravelmente maior na categoria E- ‘A espiritualidade emana de uma “força superior” ou “Deus”’, e menos distribuídas em relação às outras categorias, assim fica claro que comparativamente restringem, como podemos observar, a espiritualidade associada a um ‘ser superior’ ou a “Deus”, embora façam parte de um Colégio Público e que, portanto, não é de profissão religiosa.

Tabela 24. Comparação da frequência das respostas na entrevista dos professores das escola A e B à questão 2: Na sua relação pedagógica com os alunos você consegue identificar de que maneira a sua espiritualidade se manifesta?

	CATEGORIAS				
	A	B	C	E	TOTAL
Nº. de respostas Escola A	3	10	1	1	15
Nº. de respostas Escola B	8	4	0	2	14

Analisando a escola A percebemos que 10 das 15 respostas apresentadas estão integradas à categoria B- ‘Atender às necessidades dos outros para dar sentido à vida’ em maior número e à categoria A- ‘Atividades pautadas em princípios morais e éticos’ em menor número. Respectivamente, fica evidente que para esses professores a espiritualidade está ligada primeiramente à questão do sentido da vida, porque reconhecem a importância de atender às necessidades do outro. A segunda categoria mais encontrada mostra que espiritualidade está direcionada para atividades pautadas por princípios morais e éticos.

Na escola B há uma inversão, visto que 8 das 14 respostas enquadram-se na categoria A- ‘Atividades pautadas em princípios morais e éticos’ e, na sequência, um menor número de respostas pertencentes à categoria B- ‘Atender às necessidades dos outros para dar sentido à vida’, a mais contemplada na escola A.

Nota-se então, uma pequena inversão na qual provavelmente não há variação significativa no julgamento que fazem da ação dos professores devido à proximidade de conteúdo das duas categorias, que, mesmo invertidas ao representarem os números de respostas, são imbricadas, ou seja, quando se tem uma preocupação com as necessidades dos outros, o que atribui sentido para a vida, parece indicar que os respondentes estão exercendo atividades relacionadas a princípios morais e éticos.

Portanto, a relevância maior demonstrada nessa Tabela comparativa não é a inversão encontrada na ordem das respostas, mas o maior número de respostas encontradas para as

categorias A e B, visto que ao responderem essa questão os professores faziam referência à sua atividade pedagógica.

Tabela 25. Comparação da frequência das respostas na entrevista dos professores das escolas A e B à questão 3: Como você vê a relação ciência e espiritualidade?

	CATEGORIAS		
	D	F	TOTAL
Nº. de respostas Escola A	10	1	11
Nº. de respostas Escola B	2	0	2

A tabela comparativa 25 evidencia nas duas escolas, em sua grande maioria os professores manifestam que ciência e espiritualidade se integram e não estão separadas ou em oposição. Isso pode indicar que reconhecem que para eles, separar essas duas realidades não é a melhor alternativa para a educação, muito pelo contrário, precisam caminhar lado a lado.

Constata-se, porém, que na escola B um número expressivo de professores entrevistados não respondeu à questão e, isso pode evidenciar certo desconforto para tratar sobre o tema.

Conclui-se a partir dos dados da entrevista, que a relação ciência e espiritualidade, embora esteja sendo tratada com mais frequência, as respostas dos professores não são esclarecedoras no que se refere a essa relação.

Tabela 26. Comparação da frequência das respostas nas entrevistas dos professores das escolas A e B à questão 4: Você procura ver a espiritualidade de uma maneira crítica?

	CATEGORIAS				TOTAL
	A	C	D	F	
Nº. de respostas Escola A	1	0	4	3	8
Nº. de respostas Escola B	5	1	2	5	13

A análise comparativa entre as respostas à questão 4 apresentadas pelos professores das escolas A e B, explicitam que eles não só procuram ver a espiritualidade de forma crítica, mas a incentivar os outros a fazerem isso, e não simplesmente aceitar tudo, mas pensar a respeito.⁹

A categoria F – ‘Intelectualidade e Espiritualidade’ com elevado número de respostas na Escola B se integra com a categoria D – ‘Espiritualidade não é antagônica à Ciência ou consciência racional’. Essas duas categorias (F-D) foram as mais encontradas nas respostas da Escola A, deixando claro que essa relação é necessária, visto que segundo a opinião dos professores entrevistados, a espiritualidade não é incompatível com intelectualidade, razão ou ciência, mas que se complementam.

A segunda categoria mais encontrada nas respostas da escola A, confirma o posicionamento de que a integração entre fé e razão, ciência e espiritualidade/religiosidade pode ajudar em atividades e práticas morais e éticas, sendo que a categoria A, foi uma das mais encontradas nas respostas apresentadas pelos professores da escola B.

Tabela 27. Comparação da frequência das respostas na entrevista dos professores das escolas A e B à questão 5: Nas experiências traumáticas ou de sofrimento, você considera importante a espiritualidade?

	CATEGORIAS							TOTAL
	A	B	D	E	F	G	H	
Nº. de respostas Escola A	0	5	1	5	1	7	0	19
Nº. de respostas Escola B	1	3	2	6	1	10	3	26

Das sete categorias que apareceram nas respostas à questão 5, os maiores números que se encontram em comum nas duas escolas referem-se às categorias E - ‘A espiritualidade emana de uma força superior, ou Deus’ e G - ‘Situações traumáticas e de sofrimento’.

Na conversa com os professores percebe-se que atribuem a importância da espiritualidade em momentos de sofrimento e de traumas. Esse resultado pode indicar que em grande parte, acreditam num “ser superior” ou “Deus” possibilitando que eles busquem forças, coragem e esperança para aliviar os sofrimentos e as situações de dificuldades, sobretudo se nos basearmos

⁹ Isso pode ser constatado na fala dos professores ao responderem essa questão.

na categoria E - ‘A espiritualidade emana de uma “força superior” ou “Deus”’ a segunda que mais aparece em comum entre as respostas nas duas escolas.

A categoria B é a terceira que mais aparece em número de respostas nas duas escolas e isso indica que os professores percebem a espiritualidade presente quando executam atividades voltadas para a atitude de ajudar.

Esses resultados evidenciam uma forte relação entre as categorias G, E e B encontradas em maior número na tabela comparativa 27, significando que situações traumáticas podem levar as pessoas a realizarem uma profunda experiência espiritual, primeiramente na superação de suas próprias dificuldades e nas dos outros, bem como reconhecendo a importância da presença do outro, da ajuda mútua, das manifestações de amor e generosidade experimentadas nessas situações.

Em suas respostas os professores expressam que, sobretudo na educação, é necessário ultrapassarmos as atitudes meramente racionais, através de conexões psicossociais e psicoespirituais. Eles acreditam que pessoas com essa prática conseguem atingir uma melhor compreensão e proximidade a uma “força maior” ou “Deus” porque sentem de forma muito evidente a força e o sentido da vida.

Tabela 28. Comparação da frequência das respostas na entrevista dos professores das escolas A e B à questão 6: Você reconhece que quando era criança os adultos transmitiram uma espiritualidade para você? Você considera importante transmitir a sua espiritualidade para as crianças?

	CATEGORIAS						TOTAL
	A	B	E	F	G	H	
Nº. de respostas Escola A	1	4	2	1	1	10	19
Nº. de respostas Escola B	3	3	4	1	0	10	21

As duas escolas apresentam igualmente um elevado número de respostas em relação à categoria H- ‘Espiritualidade na Infância’, assim podemos verificar que os professores reconhecem que foi importante receberem referências sobre espiritualidade na infância e, que assim consideram importante ajudar seus alunos a construir a sua espiritualidade.

Ao encontrarmos a categoria B - 'Atender às necessidades dos outros para dar sentido à vida' como a segunda mais contemplada das respostas nas duas escolas, podemos concluir que a busca e o incentivo à espiritualidade está intrinsecamente ligado à prática de ajudar e atender às necessidades dos outros, encontrando assim, sentido para a vida.

Diante do exposto pode-se afirmar que, em geral as respostas de ambas as amostras de professores são semelhantes e que todos declararam que a espiritualidade que possuem se manifesta na sua relação com os alunos.

Neste capítulo, foram apresentados os dados coletados e, respectivamente, a análise quantitativa e qualitativa dos mesmos, bem como a comparação entre ambos. O próximo capítulo será dedicado à discussão dos resultados.

CAPÍTULO V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

CAPÍTULO V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme refletido nos capítulos anteriores, a espiritualidade é algo intrínseco ao ser humano e faz parte do nosso dia a dia. Compreendê-la como uma força que nos move, que dá sentido à vida e que nos envolve como um todo, foi o que motivou esta pesquisa que teve por objetivo estudar a manifestação da espiritualidade nas ações pedagógicas dos professores.

Neste trabalho, não se teve a pretensão de fechar uma definição de espiritualidade, visto que cada pesquisador, ao apresentar suas idéias, acaba definindo o termo a partir do conteúdo de uma perspectiva particular. Assim, pode-se dizer que, não há exatamente um conceito único, pois vários significados são atribuídos ao termo. O que é justificável, bem como compreensível é que os estudos acadêmicos em relação a esse tema despertam comum interesse contemporâneo.

Agora se apresenta, a partir da vivência e contato com os professores, sobretudo, durante as entrevistas semi-estruturadas, a análise do que eles disseram à luz do marco teórico.

De acordo com a visão dos professores que constituíram a amostra, a espiritualidade se manifesta como um reconhecimento multidimensional do ser humano, conforme afirmam os autores que se seguem.

Leonardo Boff (1994) enfatiza a necessidade de se refletir sobre o sentido da vida como algo totalmente integrado à realidade humana, e de maneira especial à prática educativa. Essa realidade é descrita pelo professor P3A quando assegura: “Espiritualidade é estar preocupado com o bem estar do próximo, porque às vezes, encontramos pessoas que dizem que têm religião. Mas, elas têm espiritualidade? Estão preocupadas com a natureza, com a vida do próximo, em fazer o bem? Então eu acho que isso é espiritualidade. Eu acredito que é você estar preocupado com o bem estar comum”.

Boff (idem) admite também que espiritualidade não diz respeito obrigatoriamente a uma profissão religiosa. Vários professores entrevistados confirmam esta concepção, dentre eles a professora P1A , que assim se expressa:

Eu era católica, mas eu não sigo os rituais, eu fui deixando e acreditando numa coisa fora dessas regras, dogmas. Então eu sigo algumas coisas morais, acredito em mim, acredito na fé e nessa integração independente de estar seguindo uma coisa ou outra.

De modo geral, as respostas dos professores demonstram que a espiritualidade independe da prática de uma religião.

Segundo Petraglia(2000), Edgar Morin (1970) traz para o contexto da educação uma reflexão filosófica a respeito da espiritualidade, sobretudo, quando expressa seu pensamento sobre a teoria da complexidade, segundo a qual: espiritualidade não é algo perfeito ou sobrenatural, mas sim algo totalmente incorporado à realidade humana. A fala do professor P2A confirma esse ponto de vista: “Para mim espiritualidade é algo muito complexo, é algo mais que uma vivência; vivenciar a espiritualidade é vivenciar o dia a dia”. E, ainda o professor P9B. “Espiritualidade é a essência do ser humano envolvendo alma, crença, cultura, valores, ética”. Essas definições expressadas pelos professores vão ao encontro do pensamento de Morin (idem) que concebe “homo complexus” como multiplicidade de corpo, mente, idéias, espírito, magia, afetividade.

As respostas dos professores corroboram as ideias de outros autores que pensam a Educação como sendo totalmente integrada, apontando que a fragmentação no ensino é prejudicial, bem como a fragmentação da visão mecanicista que separa as dimensões física, mental, espiritual, afetiva. Compactuando com essa explicação o professor P4A expõe que “espiritualidade é a busca da unidade com o todo”.

No que se refere à relação entre ciência e espiritualidade, os professores entrevistados explicam-na como exposto no capítulo II dessa dissertação, no qual também reconhece a espiritualidade religiosa implica a crença em um ser superior. O professor P6B relata o que pensa a respeito. “Acredito que seja a ligação entre seus sentimentos, seu interior, uma coisa maior, que no meu caso eu chamo de Deus” Essa força maior é também relatada como algo que dá sentido à vida pelo professor P5B. “E acho que é um sentimento maior, é uma coisa que move a sua vida”.

Ainda a partir exposto no capítulo II deste trabalho poderíamos perguntar: Há separação entre ciência e espiritualidade? Vários sociólogos da religião, cientistas e astrônomos consultados nos ajudam a não separar essas realidades. Quando Raissa Cavalcanti (2000) cita Einstein (1879 - 1955) em sua teoria da relatividade, afirmando a necessidade de uma integração entre matéria e energia ou ciência e religiosidade, encontramos nas respostas dos professores o reconhecimento dessa teoria em suas vidas. O professor P1A diz que espiritualidade e ciência estão integradas. “Eu acho que é tudo uma coisa só. Até eu tenho um filho que é ateu. Falamos sobre o Big Ban e que dali tudo foi criado. É a mesma coisa que todas as religiões falam, só que de outra maneira.” O professor P2A também contribuiu para identificarmos nas respostas dos professores entrevistados a confluência a esse pensamento. “Hoje em dia é analisado que o Big Bang seria talvez o ‘faça-se a luz’, então tem cientistas que reconhecem isso.”

O físico Fritjof Capra (2000) relaciona as descobertas da física moderna com questões de espiritualidade para impedir a destruição. Ideia expressada pelo professor P4A. “Se você separa, você destrói a pessoa humana, porque se eu digo que a experiência é incorporada às minhas ações eu não posso separar espiritualidade do corpo. Um não existe sem o outro.”

Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), físico e biólogo vê a religião e a ciência como faces de um mesmo conhecimento, algo presente nas respostas dos professores como percebemos no professor P9B. “Eu acho que a parte científica e a parte espiritual se fundamentam, se complementam. Temos que ter a visão científica das coisas, mas as nossas crenças também têm valor, também devem ser preservadas e consideradas.”

A fala do professor P8A permite constatar que a espiritualidade não está desvinculada de dados apresentados pela ciência: “Não consigo ver separado a questão da razão e da espiritualidade porque por trabalhar com escola, lidar com os alunos, a gente começa a ver as razões, emoções, de cada um. Saber que aquela ação tem um porquê, tem uma história, um sentimento, tem um sofrimento.” Em se tratando da questão da espiritualidade estar integrada a elementos racionais e científicos, a partir do nosso desenvolvimento psicológico, cultural no ambiente em que estamos inseridos, o professor P6A expressa: “Eu sofri um AVC, então eu fiquei com o corpo deformado, se não tivesse esse lado espiritual eu acho que não ia superar.”

Outro ponto importante, é perceber como as reflexões e citações dos diversos autores que constituem o marco teórico desta dissertação vêm corroborar os resultados encontrados a partir do PEP e, posteriormente, da entrevista semi-estruturada.

Após os resultados do estudo piloto do PEP, Wolman (2001) surpreendeu-se ao deparar-se com milhares de pessoas querendo responder ao inventário, bem como falar, compartilhar e compreender o que o seu conteúdo suscitara. Nesta pesquisa, isso também foi constatado. Grande parte dos professores me procurou para comentar os efeitos da reflexão suscitada por esse instrumento em suas vidas. Trata-se de iniciativas pessoais em relação a percepções que foram despertadas e, sobre as quais nunca haviam pensado antes. O professor P5A relata a esse respeito: “Foi impressionante como fazendo esse questionário, me fez pensar de uma outra maneira...tenho corpo e espírito...tenho que respeitá-los...tenho tentado melhorar meu corpo, minha saúde, me cuidar mesmo.” Isso parece indicar que o inventário trouxe uma possibilidade de auto conhecimento muito importante para esses professores.

Outros também me procuraram para dizer que o inventário provocou num grupo de professores uma conversa em que perceberam a importância de se envolverem mais em questões de trabalhos comunitários, situações para emergência de valores como a cooperação, a solidariedade, a generosidade. Isso mostra que a espiritualidade pode se manifestar por meio de ações efetivas, tanto para o docente porque faz diferença na sua ação pedagógica, como também para o educando. Destaca-se assim, que pontos discutidos por Wolman (idem), como a nossa vivência da espiritualidade servir para ligar e não separar uns dos outros, provoca uma convivência mais focada numa visão integradora.

Nas entrevistas realizadas durante esta pesquisa foi possível identificar a presença dos sete fatores encontrados no estudo de Wolman (idem), comprovando que a espiritualidade poderia ser estudada a partir de um teste objetivo, cujas respostas ao serem computadas permitem que se configure o perfil espiritual de quem o responde. Segundo esse autor (idem) tais fatores não explicam isoladamente a espiritualidade, mas em sua unidade desvelam percepções mais profundas, manifestadas pelo PEP, as quais dão mais sentido à nossa experiência espiritual. O autor ressalta ainda que a interação dos fatores entre si pode contribuir para percebermos a espiritualidade como um todo e não cada fator considerado isoladamente.

A análise dos resultados da aplicação do PEP mostrou a importância de mantermos a visão do todo para conhecermos nossos pensamentos, sentimentos, práticas e experiências espirituais. Embora o perfil de cada um seja distinto, os elementos estruturais que o constituem são comuns a todas as pessoas.

O conteúdo das respostas às entrevistas realizadas com os professores ajuda a confirmar as hipóteses levantadas nessa dissertação, ao constatarmos que, ao relatarem as atividades desenvolvidas, suas vivências e percepções de seu fazer pedagógico, afirmam e identificam a presença da espiritualidade.

Para desvelar a espiritualidade e trazer à superfície as percepções mais profundas, e identificá-las, para que assim possamos reconhecer que dão sentido às nossas vidas como educadores, contamos primeiramente com o PEP, que por meio dos sete fatores, desenvolvidos por Wolman (ibid), é possível perceber como a espiritualidade pode se manifestar em nossas vidas. Cada um dos fatores isoladamente, ou até mesmo todos eles reunidos não explicam o que é espiritualidade. O autor apresenta-os em sua interação que gera um relacionamento dinâmico entre eles, que pode criar um efeito para facilitar a identificação de como a espiritualidade se manifesta.

A seguir será apresentado o que o autor entende pelos diversos fatores considerados isoladamente, identificando-os nas respostas dos professores à entrevista.

O fator divindade diz respeito ao conceito de energia divina, força superior, na nossa cultura, muito chamado de Deus. O professor P3B ao falar de sua espiritualidade manifestada no seu fazer pedagógico diz: “Então, basicamente é isso, eu penso assim, quase em todo o momento, dentro do meu trabalho eu busco Deus. Então, a partir do momento em que eu consigo fazer com que o aluno entenda algo, que ele consegue captar aquilo que eu esteja transmitindo ... nesse momento meu pensamento é: eu acredito em Deus. Fica mais evidenciado, nessas horas, quando eu percebo que aquilo que eu quis atingir chegou a um objetivo”. No professor P2A também identificamos esse fator: “Na hora do conselho de classe, na hora do final de ano... eu peço pra Deus me iluminar pra que eu tome as decisões acertadas.”

O fator diligência está ligado ao tipo de atenção pessoal prestada a si mesmo e aos outros, e atitudes que melhoram a qualidade de vida. Esse fator foi bastante encontrado nas respostas dos

professores, como podemos conferir na fala do professor P10A: “Acho que a espiritualidade está em tudo o que fazemos. Desde quando precisamos mostrar que um precisa dividir o lanche com o outro, os brinquedos, ou quando percebo que a criança está mais triste ou quieta, qualquer sinal diferente que percebo no meio das crianças, o interesse, acho que nessa hora a espiritualidade vai se manifestar, se você tiver sensibilidade de perceber essas coisas!” O professor P8B manifesta isso dizendo: “Orientá-los para que eles evitem fazer o que prejudica a si mesmos.”

O fator extra sensorial diz respeito à experiência menos comum e que são difíceis de serem explicadas. Mesmo com menor frequência do que os outros fatores, foi possível identificá-lo. O professor P2A disse: “Eu também tenho uma idéia, eu acredito na reencarnação, eu acredito que nós não estamos aqui à toa, eu acredito que estamos aqui para um aprendizado”, e ainda, “... eu levo em consideração que aquele aluno, ele já traz uma bagagem de uma outra vida”.

O quarto fator destacado pelo autor é comunidade que diz respeito à união entre as pessoas na família, no trabalho, na sociedade de forma geral, ou seja, a sociabilidade ao interagirmos com nossos amigos, familiares, colegas de trabalho. O professor P4A ao explicar como manifesta a espiritualidade em seu fazer pedagógico diz: “No convívio em sala de aula, eu procuro sempre puxar para esse lado, pro lado do relacionamento da comunidade”.

Os professores entrevistados, ao se posicionarem de forma crítica em relação à espiritualidade, no sentido de reconhecerem a importância também do uso da razão de modo a não considerarem como opostas e separadas a inteligência da espiritualidade, contemplam em suas falas o quinto fator que é a intelectualidade. Segundo o autor, esse fator denota a espiritualidade associada a pensamento, compreensão e diálogo. Esse fator indica a importância em pensar, refletir, estudar, questionar a espiritualidade. O professor P9A relata: “É bem válido questionar mesmo o que está dentro de mim, porque hoje em dia existem muitas informações sobre espiritualidade, muitas reflexões, muitos estudos, então eu acredito que é muito válido questionar e ter uma visão crítica, não acolher assim, sei lá, sem pensar.” O professor P1B diz: “Vou tentando conversar, sem assim querer tomar partido, mas mostrando que não é daquele jeito que eles estão vendo. Porque tem pai e mãe que não esclarecem. Então eu tento trabalhar para que eles possam ter uma posição para quando criticarem, tomar algum partido sabendo o que estão fazendo.”

Em suas respostas os professores falam sobre situações difíceis em suas vidas, sofrimentos, problemas com doenças e mortes. Este é considerado pelo autor, o sexto fator que ajuda a identificar a espiritualidade. O professor P9A disse:

Para mim a espiritualidade ajuda bastante, e a outras pessoas também, partilhando o seu sofrimento porque é engraçado no meio popular. Ah! Deus, é vontade de Deus!’ Mesmo tendo essa visão um pouco mais assim, mas se percebe que essa pessoa tem esperança, então eu chamo isso de espiritualidade, essa motivação que a pessoa tem, de que consegue sair do buraco, consegue ver além.

O professor P8B disse: “Eu acho que a espiritualidade dá forças pra você lutar. Você não fica se entregando a situações adversas que surgem. Ela é importante para que você consiga superar esse período.”

O sétimo fator é a espiritualidade na infância, e por meio dele é possível também perceber a manifestação da esperança na vida das pessoas. Esse fator também apareceu nas respostas dos professores. O professor P1A diz:

Eu tenho que fazer um pouco como meu pai fez comigo, porque eles eram católicos, santos em casa, morava com a avó, sempre, sempre vivi nesse ambiente, mas ele sempre disse: Cada um vai escolher a religião, o caminho que quiser né? Mas era passado para a gente o que eles faziam, mas sem uma obrigação, eu acho que essa liberdade foi, eu acho importante, foi importante pra mim, talvez alguém possa se perder nisso daí, não sei.

E o professor P9B disse: “Eu acho importante, eu acho que a criança tem que saber que a gente precisa fazer o bem. Me parece que uma criança ser educada sem nenhuma influência espiritual, fica descrente, não considera a importância das suas ações.”

A partir do que foi exposto pode-se perceber que este trabalho demonstrou que é possível identificar a manifestação da espiritualidade do educador pelos sete fatores encontrados por Wolman (ibid). Como pudemos conferir na primeira etapa da pesquisa de campo na qual o PEP foi utilizado e na segunda quando isso se tornou possível por meio da entrevista aberta aos professores. A presente pesquisa contribuiu para uma comprovação da eficácia do PEP ao demonstrar que a partir da espiritualidade no seu dia a dia, sobretudo no seu fazer pedagógico, os entrevistados dão exemplos de situações nas quais acreditam que a sua espiritualidade se manifesta.

Com a colaboração dos estudos de Fowler (1992) expostos no Capítulo II, foi possível compreender que a fé é algo natural do ser humano e por isso mesmo pode ser desenvolvida ou

amenizada com o tempo, mas não pode ser ensinada. Se a fé busca caminhos naturais para se desenvolver, se o desenvolvimento humano acontece de forma integrada nos seus mais diversos aspectos, inclusive no espiritual, segundo Fowler (idem), é correto procurar caminhos em círculos familiares, comunitários, sociais e, portanto, nos ambientes educativos, para que se possa auxiliar no desenvolvimento espiritual com vista ao desenvolvimento humano na sua totalidade.

Muito antes da criança ser capaz de discernir claramente os valores e crenças dos pais, ela sente uma estrutura de sentido e começa a formar imagens nascentes dos centros de valor e poder que animam a fé dos seus pais. À medida que o amor, a vinculação e a dependência ligam o recém nascido à família, ele começa a formar uma disposição de confiança e lealdade compartilhados ao etos da fé familiar (ibid, p. 25).

Assim, a espiritualidade no fazer pedagógico do professor encontra um terreno fértil e de extrema responsabilidade, na sua prática educativa, para que ele ajude a ampliar a espiritualidade do aluno, juntamente com os outros aspectos de seu desenvolvimento.

O professor P4A, ao compartilhar suas crenças e partilhar nas respostas à entrevista, confirma essa teoria em sua vivência familiar e em sua prática em relação a seus alunos quando diz:

Então meus pais eram pessoas e meus avós, extremamente generosos e isso calou fundo em mim, e eu tento passar isso pros meus filhos e também pros meus alunos. Eu acho que é muito importante essa acolhida, essa generosidade, num mundo onde o egoísmo é algo assim gritante, nós percebemos que isso tem que ser trabalhado, porque faz parte da vida ser acolhedor, ser generoso, solidário, enfim fazer com que a espiritualidade seja trabalhada nessa direção de acolhida do outro e da vivência comunitária, quer seja na primeira célula que é a família ou nas comunidades maiores, escolas, amizades, etc.

Assim, não só a fé surge como um elemento natural no processo do desenvolvimento da espiritualidade, mas também nas relações naturais que vão se estabelecendo com as pessoas, com o meio ambiente, com o todo.

Esse aspecto da espiritualidade também é encontrado na entrevista com o professor P7B:

Quanto ao fato de manifestar isso para as crianças, eu acho de fundamental importância, porque enquanto pai, enquanto professor a gente acaba exercendo sobre os menores uma influência muito forte, então que essa influência seja positiva, através de uma espiritualidade que não vá agredir aquilo que eles já crêem, ou aquilo que eles já têm dentro de casa, mas que vai sim, agregar, que é importante as pessoas crerem em algo bom, buscar boas situações de vivência, buscar boas condições de vida, não só material.

A manifestação da espiritualidade não se diferenciou entre os sujeitos das Escola A e Escola B, visto que a primeira é um colégio particular e tem influência religiosa, aulas de religião, os alunos e professores fazem oração, o diretor pedagógico é padre.

Em ambas as escolas a variável idade não influenciou a pontuação do PEP medido pelos seus professores.

A formação dos sujeitos se mostrou influente no que se refere à escola A. Com relação a esses dados pode-se afirmar que quanto mais alto o grau de formação maior a manifestação da espiritualidade. Esta constatação chama à atenção porque, em geral, tem-se a ideia de que as pessoas mais graduadas apresentam ou manifestam pouca espiritualidade, no entanto isso não foi constatado no caso da escola A. No caso da escola B essa correlação não se confirmou. Outras pesquisas sobre esse tema precisam ser realizadas para se chegar a uma conclusão que possa ser realmente generalizada.

Encontramos, com mais ênfase na Escola A, respostas dos professores a respeito da categoria H (Espiritualidade na Infância), que esta é mais notável no ambiente familiar junto a seus filhos do que na sala de aula. Pode ser que isso ocorra pelo fato de que ao contrário da sala de aula, em suas casas as crianças tenham mais contatos e espaço para conversarem sobre rituais como batizados, casamentos ou até mesmo situações de morte, que remetem a uma realidade espiritual/religiosa.

Após um longo processo descritivo, no qual foram apresentados argumentos, com a ajuda de vários autores, sobre a presença da espiritualidade como algo intrínseco ao ser humano, nos seus aspectos psicológico, antropológico, filosófico, sociológico, religioso, voltado para a Educação, buscou-se aqui um cruzamento dessa bagagem teórica com a realidade apresentada pelos professores em seu fazer pedagógico nas respostas à entrevista, bem como com os dados quantitativos obtidos através do PEP.

Consideramos neste estudo, segundo a literatura consultada para o termo espiritualidade as suas múltiplas aplicações, sobretudo na área da Educação, e a pesquisa de campo, possibilitou dialogar com os professores, e assim, pudemos ver que as hipóteses iniciais de que a dimensão

espiritual/religiosa está presente no comportamento dos educadores, e manifesta-se no seu fazer pedagógico, confirmaram-se em seus relatos.

Tendo sido o presente capítulo dedicado à discussão dos resultados encontrados nesta pesquisa, serão apresentadas a seguir, no último capítulo, as considerações finais.

CAPÍTULO VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS

CAPÍTULO VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto neste trabalho, constatou-se uma resposta afirmativa à pergunta que constitui o problema deste estudo. Portanto, pode-se concluir que a dimensão espiritual do educador manifesta-se no seu fazer pedagógico.

Esta constatação pode ser evidenciada não somente por meio do marco teórico, mas também pelo resultado da pesquisa empírica realizada com os participantes que integraram a amostra.

Tanto na etapa que se refere ao aspecto quantitativo, perfil espiritual pessoal (PEP), que procurou fazer vir à tona a manifestação da espiritualidade dos professores no seu nível mais básico e pessoal, como na etapa qualitativa, entrevista com os professores, foi possível aprofundar e tratar com mais riqueza de detalhes as manifestações da espiritualidade que lhes é própria em seu fazer pedagógico.

O marco teórico desta dissertação possibilitou compreender os conceitos fundamentais como autonomia, ética, relacionamento interpessoal, identidade necessários para a compreensão mais profunda do conceito de pessoa no qual a espiritualidade está presente. Isso evidencia que o primeiro objetivo desta pesquisa foi alcançado. O estudo desses conceitos possibilitou compreender como as ações pedagógicas dos professores podem contribuir para sua própria espiritualidade e também para a do aluno.

A utilização do instrumento PEP, permitiu que se identificasse o perfil espiritual de cada um dos professores. A análise das respostas à entrevista com os dez professores de cada escola, que apresentaram o perfil espiritual mais elevado, evidenciou que esses professores afirmam que esse perfil se manifesta na maneira pela qual eles interagem com seus alunos e também os respeitam e os consideram. Essa espiritualidade dos professores está presente no ambiente sócio-

afetivo da classe e no modo como eles relatam que trabalham com os conteúdos curriculares. Isso permite afirmar que o segundo objetivo norteador desse trabalho foi alcançado.

Ao identificarmos o perfil da espiritualidade dos professores, manifestado por eles próprios ao responderem os instrumentos da pesquisa e refletirmos sobre paradigmas que contribuem para a criação de um ambiente escolar sócio afetivo (onde haja respeito mútuo, liberdade de tomada de decisões por parte dos alunos, consideração pelos seus interesses). Além disso, por termos nos embasado em desafios que possibilitam integrar esses paradigmas emergentes na Educação, podemos inferir que o terceiro objetivo dessa pesquisa foi alcançado.

A análise e interpretação dos dados coletados permitiu comprovar as duas hipóteses centrais deste trabalho segundo as quais: a dimensão espiritual/religiosa está presente no comportamento dos educadores que constituem a amostra e essa dimensão manifesta-se no seu fazer pedagógico no que se refere à relação professor/aluno.

Além dessas hipóteses foi possível submeter aos testes estatísticos as seguintes:

1. O perfil de espiritualidade dos professores se diferencia quanto ao fato de serem católicos ou não católicos. Essa hipótese não foi confirmada porque não foram encontradas diferenças significativas entre os sujeitos com religião católica, tanto na escola A como na escola B.
2. O perfil espiritual dos professores se diferencia quanto à formação profissional de cada um. Os dados estatísticos demonstram uma diferença entre os resultados da escola A e B no que se refere a essa hipótese. Na escola A comprovou-se diferenças entre o perfil dos professores que possuíam pós-graduação e os que possuíam curso superior, sendo que os primeiros apontaram um nível de espiritualidade mais elevado. Na escola B não houve diferenças no nível de espiritualidade considerada de acordo com a formação dos professores.

Esperava-se também que houvesse diferenças no perfil espiritual dos professores estudados que pudessem ser explicadas pela idade. Os testes estatísticos demonstraram no nível do perfil espiritual que, tanto na escola A como na escola B, não houve diferenças nos níveis de perfil espiritual dos professores que pudessem ser atribuídas à idade.

Em suas pesquisas Wolman (2001) constatou que havia diferenças atribuídas ao sexo no que se refere à espiritualidade sendo que as mulheres apresentaram um nível de espiritualidade mais elevado. Diferentemente dos resultados desse autor, nesta pesquisa, constatou-se que não houve diferença entre o perfil dos professores das duas escolas quanto ao fato de serem indivíduos do sexo masculino e feminino.

A relação entre o objetivo e o subjetivo esteve presente durante toda a pesquisa. Isso nos remete às definições pesquisadas sobre o verbete ‘espiritualidade’ em alguns dicionários consultados, que ora remetem a uma definição de algo que é imaterial como ‘sopro’ ou ‘espírito’, ora faz referência a algo mais corpóreo, como princípios morais, mente, pensamento, tentando dar uma objetividade maior ao termo e, sobretudo, buscando uma definição mais integrada e não de oposição.

Por meio deste estudo constatou-se que questões como essas podem gerar certo estranhamento, principalmente, do ponto de vista científico tradicional, ao parecer violar as leis básicas de uma visão materialista do mundo. Porém, buscou-se uma postura integradora, de forma que nenhum dos lados saísse ferido. Esse foi um dos grandes desafios encontrados nesta investigação, não absolutizar, muito menos anular as leis científicas vigentes, e assim propor um diálogo.

Este trabalho considerou estudos já realizados, visando um objetivo semelhante. É importante que sejam realizadas outras pesquisas sobre o tema, as quais poderão corroborar ou refutar os resultados aqui obtidos.

Apesar das limitações desta investigação, a intenção foi a de contribuir para uma pesquisa científica sobre o assunto e, portanto, consideramos que pelo menos nesta etapa o nosso objetivo foi alcançado.

Este estudo permitiu constatar que espiritualidade possui um histórico em termos de humanidade, talvez como um dos mais antigos, embora a tentativa de tratá-lo academicamente seja relativamente nova.

Com base no levantamento de literatura realizado, ainda que diversas definições sejam convergentes entre si, não foi encontrado consenso, por isso, não se buscou apresentar aqui uma definição. Por outro lado, foi evidenciado que se mostra como resistente a interesses fechados e

fundamentalistas. Assim, pudemos perceber a importância, sobretudo, para a Educação, em agregar, integrar, a fim de considerar a multidimensionalidade do ser humano.

A partir da análise do conteúdo quantitativo e qualitativo dessa pesquisa, julgamos poder contribuir com alguns apontamentos que poderão trazer benefícios à ação do docente e à relação professor/aluno. Esses apontamentos são inspirados nas obras: “Didática Transpessoal” de Ana Montanri, Carlos França, Vera Saldanha e Viviane Dias (2010) e ‘Educação e Espiritualidade’, de Dora Incontri e Alessandro Cesar Brigheto (2010) que corroboram a proposta de nosso estudo.

De acordo com a Psicologia Transpessoal da qual este estudo muito se aproxima, a visão holística do ser humano, precisa fundamentar a visão que o professor tem do aluno que implica em considerá-lo como um ser único em seus aspectos físicos mentais e espirituais. Nesse contexto, é necessário que a dicotomia professor-aluno seja substituída por uma relação de pertença professor e aluno visto que ambos são seres humanos buscando seus próprios objetivos, a sua realização pessoal.

Os autores mencionados também sugerem que o professor deve propiciar ao aluno a oportunidade de conhecer a si mesmo e que o conteúdo a ser estudado em cada matéria deveria se transformar em um instrumento de crescimento pessoal e não a imposição de um currículo. Neste sentido, as avaliações seriam realizadas para que o professor e o aluno analisassem os próprios desempenhos e deixariam de ser um instrumento de controle, de cobranças, geradores de competição entre os alunos desencadeadores de ansiedades.

Todo o marco teórico e, sobretudo, a manifestação dos professores à entrevista mostram a importância de o professor revelar a sua espiritualidade na prática pedagógica que emprega em seu trabalho. Mesmo que não tome consciência desse fato, o professor expressa sua espiritualidade por meio de suas reflexões, atitudes, sentimentos, e no relacionamento com o educando.

O educador faz isso quando coloca seus alunos em contato com bibliografias de pessoas que vivenciaram plenamente a sua espiritualidade por meio de ações éticas e que assim tornaram-se exemplo para a humanidade.

O professor com autênticos sentimentos religiosos, mesmo que nunca fale de religião com seus alunos, deixará transparecer a sua espiritualidade. Isto é uma dimensão inerente ao ser

humano e quando o aluno percebe a espiritualidade do professor sente-se encorajado em manifestar a sua.

Ao proporcionar ao aluno momentos e vivências estéticas que podem ou não estar ligados à religião, como cantos, pinturas, arquitetura, poesias e, até mesmo o contato com a natureza, o professor favorece o despertar um sentimento de reverência e paz.

Organizando momentos de estudos inter-religiosos, ao colocar o educando em contato com outras culturas religiosas que não são as suas, pode contribuir para o bem estar de identificarem-se emocionalmente com manifestações religiosas plurais. Isso propicia a prática do respeito mútuo porque cria empatia com tradições que não são as próprias.

A espiritualidade manifesta-se também em atitudes morais e na vivência ética que ajudam os alunos a serem generosos ao satisfazerem as suas necessidades e as dos outros, com gestos de amor, de solidariedade, mais do que transmitir teorias claramente formuladas. É importante o professor despertar em seus alunos sentimentos, e possibilitar ações concretas de fraternidade, justiça, compaixão, caridade.

É importante ressaltar que ao promover o despertar de uma espiritualidade, não se descuide da racionalidade, que vai favorecer o pensamento crítico, a lucidez e o conhecimento e, conseqüentemente, a rejeição do autoritarismo, da manipulação, do fundamentalismo, e do fanatismo.

Por meio da prática pedagógica que emprega em seu trabalho o professor pode contribuir para com a sua própria espiritualidade:

- ✓ reconhecendo a dimensão espiritual como fonte de valores morais e éticos considerados universais como, por exemplo, o direito do indivíduo à dignidade, à liberdade, à vida.
- ✓ promovendo aceitação do fenômeno religioso como algo intrínseco ao ser humano, criticando os aspectos negativos como o fanatismo, o exclusivismo.

- ✓ estudando a religião como um fenômeno cultural, social, estético, mas também espiritual.
- ✓ cultivando todas as formas de fé.
- ✓ alertando para o cuidado com o relativismo, ou seja, antes de aceitar qualquer prática, é necessário respeitar as constituições democráticas e a declaração universal dos direitos humanos.
- ✓ promovendo o diálogo entre a fé e ciência, filosofia e religião.

Para que essa prática se concretize é preciso que a escola se torne um lugar plural onde todas as posições sejam consideradas, analisadas, conhecidas e discutidas, sejam elas científicas, filosóficas, políticas, estéticas, religiosas, as quais são de grande importância para propiciar a construção da autonomia intelectual e moral dos alunos.

Cuidando para que o pluralismo não se torne ceticismo ou relativismo e que as convicções e certezas sejam flexíveis e abertas.

Assegurando que o sistema de disciplinas estanques em que nenhuma tem relação com a outra seja rompido por meio de projetos comuns, pesquisas, atitudes, debates e ações.

Velando para que não sejam assumidas atitudes ingênuas, tendenciosas e genéricas, descartáveis, 'lights' e vendáveis, fruto do mercado capitalista que despejam seus livrinhos de auto-ajuda, magia, com soluções rápidas e fáceis para superar dificuldades.

É preciso saber diferenciar o diálogo da mistura de religiões e crenças onde se junta tudo numa confusão de idéias. O diálogo é fundamental para que cada um possa respeitar e ser respeitado no seu ponto de vista, guardando os seus fundamentos. Nesse aspecto, destaca-se o cuidado com uma tendência da escola laica que ao tentar fugir de um dogmatismo religioso, desenvolve os seus próprios dogmatismos, fundamentalismos e proibições.

É relevante que seja apresentado neste momento o posicionamento deste autor em relação a uma definição de Espiritualidade e a seguir as motivações dessa escolha, uma vez que

concordamos com a afirmação segundo a qual: “Uma boa definição de espiritualidade é dar um passo a mais. Um passo a partir do local onde me encontro, ao qual estou mais ou menos identificado e aprisionado, dar um passo a mais no aberto.”(LELOUP, 2002, p. 59)

Segundo o autor, trata-se de uma proposta de sair do “eu” (ego), sem renegá-lo, para descobrir o “si” (self) que está em nós. O motivo dessa escolha, ou o posicionamento deste autor a respeito dessa definição é para trazer a dimensão mítica e poética, na qual nos sentimos mais livres e temos mais facilidade de transitar, pela liberdade que nos proporciona.

Ao refletir sobre as implicações pedagógicas dessa pesquisa, recorre-se à figura de Abraão sob a reflexão de Nilton Bonder na sua obra: “Tirando os sapatos”, que a meu ver pode nos ajudar a encontrar caminhos para a Educação, neste mundo complexo e de incertezas. Uma Educação que vê o outro, que constrói junto com ele o princípio da responsabilidade pela vida e pelo mundo.

Abraão, ao se tornar anfitrião, descobre os três maiores segredos da vida: 1. Ser criado à imagem e semelhança de Deus; 2. Não existe “o outro”, porque tudo é uma manifestação de Deus; 3. O comportamento mais importante do ser humano é ser compassivo e acolher/hospedar.

Ele consegue descobrir tudo isso porque sua tenda é aberta para todos os lados, e ninguém está excluído, seja qual for sua condição. Não há como estar fora, sem conseguir entrar. Não há um ideal que se aprisione numa visão de mundo, mas é preciso enfrentar ou construir portas que nos fazem cativos e solitários.

Abraão deixa o valor sedentário que nos leva somente a distinguir a vontade pessoal, valores que acreditamos possuir, dominar, e que, portanto nos dão abrigo. Mostra-nos a possibilidade peregrina, errante, quer ser poroso, quer ter a tenda aberta e móvel. Trata-se de ir ao encontro do outro, entrar no desconhecido e para isso precisamos sair de nossos hábitos.

Quando Deus diz a Abraão: “Sai de sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei” (BIBLIA, PRIMEIRO TESTAMENTO, GÊNESIS, 12, 1). É o mesmo que dizer: “vá ao encontro de você mesmo”.

Vejo a espiritualidade na educação assim! Caminhar com o outro, não para os ensinamentos que eu escolho, determino, não para valores em que eu acredito, mas para dizer ao outro: “vá em direção a você mesmo”.

Temos a imagem do ideal, o mundo, a sociedade, a comunidade, a escola, a família, o outro... que nos dá a sensação de proteção, que faz com que nos sintamos protegidos intelectualmente pelo nosso ideal.

A racionalidade é a marca do ser humano, mas não absoluta. A razão como critério de validade dos comportamentos não é mais suficiente. Somos seres de sensibilidade. Alguns segundos depois do sentimento é que a razão funciona. Somos irracionais! Somos seres de afeto. Junto à razão, que é indispensável, temos de resgatar a razão sensível, cordial, que é pré-condição como parâmetro ético.

A ética necessita de uma espiritualidade, ou seja, momento da consciência em que nos sentimos parte de um todo. As coisas não estão dispersas aleatoriamente, mas estão ligadas à fonte originária de tudo.

A postura móvel e aberta, inspirada em Abraão, nos mostra que na Educação, não podemos cair numa tirania, que aprisiona tantos os sujeitos como os saberes. Trata-se de sempre estar disposto a realizar uma manobra, e para isso é preciso desterritorizar (“sai da tua terra e vai”) os espaços e posturas marcados, ter uma proposta que seja sempre nova porque dependerá de cada encontro com o outro.

A tenda de Abraão, aberta de todos os lados e móvel, nos coloca nessa atitude de busca de um espaço que não fixa, nem mesmo o novo que surge.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATUZZI, Mauro Martins. **Desenvolvimento Psicológico e Desenvolvimento Religioso**. In: Diante do Mistério – Psicologia e Senso Religioso. Org. Marina Massimi e Miguel Mahfoud. São Paulo – SP: Loyola, 1999.

ASSAGIOLI, Roberto. **Ser Transpessoal**. Espanha: Gaia, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BÍBLIA SAGRADA

BIGHETO, Alessandro C. & INCONTRI, Dora. In: **Educação e Espiritualidade**. Educação e espiritualidade – interfaces e perspectivas. Org. Dora Incontri. Bragança Paulista – SP: Comenius, 2010.

BOFF, Leonardo. **Nova era: a civilização planetária**. São Paulo- SP: Ática, 1994.

_____. **Ecologia: Grito da Terra Grito dos Pobres**, Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BONDER, Nilton. **Tirando os sapatos: o caminho de Abraão, um caminho para o outro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BUSSAB, W. O., & MORETIN, P. A. **Estatística Básica**. São Paulo-SP: Atual, 2005.

CAPRA, Fritjof. **O Tao da Física: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental**. São Paulo: Cultrix, 2000.

CAVALCANTI, Raissa. **O retorno do Sagrado: a reconciliação entre ciência e espiritualidade**. São Paulo: Cultrix, 2000.

CREMA, Roberto. **Introdução à visão holística**. São Paulo – SP: Summus, 1989.

D.C. Montgomery. **Design and Analysis of Experiments**, Sixth Edition. John Wiley & Sons, 2005.

DELVAL, Juan. **Introdução à prática do método clínico:** descobrindo o pensamento das crianças. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. & VILA, Irene Murià. **Los niños y Dios: ideas** infantiles sobre La divinidad, los Orígenes y La muerte.

DICIONÁRIO BÁSICO DE FILOSOFIA. Rio de Janeiro: Zahar. 1990.

DICIONÁRIO DE ESPIRITUALIDADE. São Paulo: Paulinas. 1989.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Objetiva. 2009.

DICIONÁRIO LAROUSSE. Rio de Janeiro: Zahar. 1990.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano:** A essência das religiões. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”, [s./d].

FOWLER, James W. **Estágios da Fé:** a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido:** um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis – RJ: Vozes, 1991.

GIGUÈRE, Paul-André. **Uma fé de adulto.** São Paulo: Paulinas, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas.** São Paulo: Atlas, 2002.

GLEISER, Marcelo. **Criação Imperfeita:** Cosmo, Vida e o Código Oculto da Natureza. São Paulo: Record, 2010.

GÜNTHER, Hartmut. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa:** Esta é a questão? In: Teoria e Pesquisa, Brasília, Mai – Ago, vol.22, n.2, 2006, p.201-210.

JUNG, Carl Gustav. **A energia psíquica.** Petrópolis – RJ: Vozes, 1983.

LELOUP, Jean-Yves. **Introdução aos “verdadeiros filósofos.** Petrópolis – RJ: Vozes, 2001.

_____. **Carência e Plenitude:** Elementos para uma memória do essencial. Petrópolis - RJ: Vozes, 2001.

_____. **Uma Arte de Amar para os Novos Tempos.** Petrópolis – RJ: Vozes, 2004.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade Pós-Moderna.** São Paulo: Paulinas, 1995.

MASLOW, Abraham Harold. **La Amplitud Potencial de La Naturaleza Humana.** México: Trilhas, 1990.

MATURANA, H. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

_____. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MONTANARI, Ana. Et al. **Didática Transpessoal**. Facilitando o ato de ensinar e de aprender. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2010.

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos Saberes**. São Paulo: WHH, 2008.

_____. & TORRE, S. de La. **Sentipensar: Fundamentos e estratégias para reencantar a educação**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

MORAIS, Regis. **Espiritualidade e Educação**. Campinas – SP: Depto Editorial, 2002.

MORENO, Jacob Levy. **Quem sobreviverá?** Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama. Goiânia: Dimensão, 1992.

MORIN, Edgar. **Complexidade e Transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental**. Natal – RN: EDUFRN, 1999.

_____. **Os sete saberes necessários à Educação do futuro**. São Paulo/Brasília: Cortez/UNESCO, 2000.

_____. **O método II – A vida da vida**. Portugal: 2ª. Ed. Publicações Europa-América (Col. Biblioteca Universitária, 29).

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TRION, 1999.

PETRAGLIA, Izabel. **Olhar sobre o olhar que olha: Complexidade, Holística e Educação**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2001.

_____. **Complexidade e auto-ética**. In: Eccos Revista Científica, São Paulo, v.2, 2000, p. 09-17.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a Educação?** Trad. Ivete Braga. – Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

_____. **O nascimento da inteligência na criança**. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. **Seis estudos da Psicologia**. Trad. Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1999.

PORTAL, Leda Lísia Franciosi; et al. **Inteligência espiritual ampliada e prática docente bem sucedida: uma tessitura que revela outros rumos para a educação**. Prática de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2004/2005.

SALDANHA, Vera. **Psicologia Transpessoal**. Ijuí: Unijuí, 2008.

SALDANHA, Vera. **A Psicoterapia Transpessoal**. Campinas: Komedi, 1997.

_____. **Transcender é preciso**. In: Revista Psique, São Paulo, Ed. n. 64, 2008.

SAMPAIO, Jader dos Reis. In: **Diante do Mistério: Psicologia e Senso religioso**. Org. Marina Massimi e Miguel Mahfoud. São Paulo: Loyola, 1999.

SCHAEFFER, Andréa. **Inteligência espiritual ampliada e prática docente bem sucedida: uma tessitura que revela outros rumos para a educação**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2003.

SCHULTZ, Duane P. & SCHULTZ, Sydney Ellen. **História da Psicologia Moderna** - Tradução da 8ª. Edição norte americana, São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2005.

SCUSSEL, Marcos André. **Religiosidade humana e fazer educativo**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2007.

SHARP, Daryl. **Léxico junguiano**; dicionário de termos e conceitos. São Paulo: Cultrix, 1991.

SHIMABUCURO, Alessandro Hideki. **Representações Sociais de Fenômenos Anômalos em Profissionais clínicos de Psicologia e Psiquiatria**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2010.

STEIN, Murray. **Jung, o mapa da alma** – uma introdução. São Paulo: Cultrix, 1998.

TOURAINÉ, Alan. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

WEIL, Pierre. **Holística: uma nova visão e abordagem do real**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

WOLMAN, Richard N. **Inteligência Espiritual**. Um método revolucionário para você avaliar e expandir seu nível de consciência e energia espiritual. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

ZILLES, Urbano. **Pierre Teilhard de Chardin: Ciência e Fé**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

ZOHAR, Dana; MARSHALL, Ian. **Inteligência Espiritual**. QS. O “q” que faz a diferença. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ANEXO I

Prezado (a) Senhor (a),

Campinas, ____ de _____ de 2010.

Sou aluno do programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Unicamp, no nível de mestrado, e estou realizando uma pesquisa intitulada *Um Estudo sobre a Espiritualidade na ação pedagógica dos professores*, que tem como objetivos **verificar a existência ou não da dimensão espiritual no comportamento do professor e, em caso positivo, em que medida essa espiritualidade influencia o seu fazer pedagógico.**

O trabalho será realizado da seguinte forma: inicialmente, solicito a 30 professores que respondam um questionário. Depois de obter as repostas, será realizada uma entrevista com questões abertas, para que se obtenha maior riqueza de detalhes sobre a investigação e finalmente será realizada a observação direta do trabalho dos professores em sala de aula, desde que eles concordem em que sua atuação em aula seja observada.

As entrevistas serão gravadas a fim de se poder fazer a análise das respostas posteriormente. Pela fala dos professores quando dão suas explicações, procurarei verificar a confirmação ou não das hipóteses da pesquisa.

Não há nenhum tipo de avaliação, bem como teste, apenas serão consideradas as respostas espontâneas que os professores que, concordarem em participar, darão. Estas atividades serão realizadas nas escolas em momentos previamente combinados com os diretores e professores, de modo que não prejudique o trabalho dos alunos em sala de aula, nem dos professores e diretores.

Gostaria de contar com sua colaboração, através do seu consentimento, pois acredito que, os resultados deste trabalho poderão auxiliar os professores no planejamento do ensino de forma integrada.

Portanto, venho por meio desta solicitar sua autorização para realizar essa pesquisa com os professores deste Colégio, agradecendo sua atenção. Se houver consentimento, peço-lhe a gentileza de **assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.**

Atenciosamente,

Antonio Douglas de Moraes

Contato: (19) 3268 6066 / (19) 9257 7197 / andomo@terra.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa – Rua Tessália Vieira de Camargo, 126 – Caixa Postal 6111. 13.083-887. Campinas – SP. Fone: (19) 3521 8936 e-mail: cep@fcm.unicamp.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
portador da identidade nº _____, órgão _____, autorizo os professores a participar das atividades propostas pelo pesquisador Antonio Douglas de Moraes. Sabendo que se trata de verificar a existência ou não da dimensão espiritual no comportamento do professor e, em caso positivo, em que medida essa espiritualidade influencia o seu fazer pedagógico, compreendendo a resolução dos problemas propostos por ele, bem como a utilizar as informações fornecidas pelo mesmo (a) na pesquisa científica em desenvolvimento na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Orly, Zucatto Mantovani de Assis. A presente autorização abrangerá os seguintes aspectos:

Autorizo	Não autorizo	Aspecto da Autorização
		Gravação de voz na entrevista com os professores
		Veiculação pública de voz para fins científicos

OBS.: a gravação é necessária para garantir a autenticidade e para que não haja distorções acerca das respostas dos professores.

Campinas, ____ de _____ de 2010.

Assinatura do (a) responsável

ANEXO II

PEP - PERFIL ESPIRITUAL PESSOAL

Questões	Nunca	Raramente	Frequentemente (mais de 50%)	Quase Sempre
1. Eu reservo um tempo para contemplação e auto-reflexão.				
2. As bênçãos me confortam.				
3. Busco orientação espiritual com alguém.				
4. Eu perdôo minhas próprias falhas.				
5. Tenho consciência de uma fonte transcendental de energia.				
6. Meus pais esperam que eu frequente cerimônias religiosas.				
7. Eu penso nos graves danos físicos que me ocorreram.				
8. Eu discuto espiritualidade abertamente com minha família e meus amigos.				
9. Quando vejo um pôr-do-sol ou alvorecer, vivo um belo dia ou observo uma flor ou um céu estrelado, percebo uma presença divina.				
10. Uso determinados alimentos para me				

acalmar.				
11. Quando eu era criança, eu rezava à noite, antes de dormir.				
12. Testemunhei doenças graves em pessoas próximas de mim.				
13. Pratico exercícios com amigos ou conhecidos.				
14. Sinto a divindade das pessoas que conheço.				
15. Penso nos efeitos do novo milênio sobre a humanidade.				
16. Presto uma atenção especial aos alimentos que como.				
17. Lembro a mim mesmo que estamos aqui por um propósito.				
18. Cuidei de parentes e amigos fisicamente doentes.				
19. Pressinto que alguma coisa vai acontecer antes que aconteça.				
20. Participo de atividades comunitárias.				
21. Discuto a existência de um ser superior.				
22. Sinto a personalidade ou alma de animais como cachorros e gatos de estimação.				
23. Uso meu próprio senso de ética para guiar minhas ações.				
24. Quando ouço uma bela música, sinto meu corpo ressoar à melodia ou ritmo.				
25. Penso em minha alma vivendo além do meu corpo.				
26. Pratico yoga, meditação, tai chi, relaxamento.				
27. Quando eu era criança, meus pais liam livros de religião para mim.				

28. Sinto que minha vida também é dirigida por Deus.				
29. Gosto de ler livros como a Bíblia, o Corão, os Upanishads, o Livro Tibetano dos Mortos.				
30. Faço trabalho voluntário com necessitados.				
31. Quando procuro um consultor profissional, considero se a pessoa é aberta a questões espirituais.				
32. Uso técnicas de relaxamento para reduzir o estresse.				
33. Leio sobre questões espirituais.				
34. Entendo os eventos da vida como parte de um plano divino.				
35. Penso na experiência de vidas passadas.				
36. Pratico atualmente minha religião de nascença.				
37. Se fico doente, lembro a mim mesmo que meu corpo é influenciado pela minha mente.				
38. Meus pais falavam comigo sobre Deus.				
39. Rezo em horas específicas do dia.				
40. Sinto a conexão entre os seres vivos.				
41. Quando criança frequentei cerimônias religiosas.				
42. Sinto-me conectado a meu corpo.				
43. Leio livros e artigos sobre religião.				
44. Sinto-me próximo de Deus.				
45. Sinto-me desligado do meu corpo.				
46. Presenciei trauma emocional ou psíquico em				

peças próximas de mim.				
47. Se alguém que amo está gravemente doente, faço preces para sua recuperação.				
48. Uso guias espirituais para me ajudarem a atravessar crises.				
49. Perdô os outros por suas ofensas.				
50. Frequento aulas ou oficinas de trabalho sobre espiritualidade.				
51. Sinto minha própria divindade.				
52. Sinto uma força maior do que eu mesmo.				
53. Explicações científicas me dão paz de espírito em situações confusas da vida.				
54. Julgo as pessoas pelos meus próprios padrões éticos.				
55. Sinto a presença de pessoas que já não estão vivas.				
56. Dedico tempo a uma comunidade espiritual.				
57. Penso nas experiências que tive fora do corpo.				
58. Minhas preces foram atendidas.				
59. Penso na vida, na morte e na vida após a morte.				
60. Recorro ao meu anjo da guarda quando preciso de orientação.				
61. A meditação é uma parte significativa da minha vida.				
62. Questiono muitos ensinamentos da religião.				
63. Uso determinados alimentos para me energizar.				
64. Uma bela música, obra de arte ou peça teatral significativa				

podem me deixar alegre e podem até mesmo me fazer chorar.				
65. Recebo telefonemas de pessoas exatamente quando estava pensando nelas ou logo depois.				
66. Concentro-me em explicações científicas sobre a origem da vida.				
67. Já vivenciei milagres.				
68. Frequento cerimônias religiosas.				
69. Escolho os profissionais da saúde que se preocupam com a experiência espiritual.				
70. Frequento conferências referentes à espiritualidade.				
71. Experimentei trauma físico ou emocional.				
72. Quando criança, fui encorajado a decidir sobre minhas crenças religiosas.				
73. Sigo um código de ética específico quando decido questões difíceis.				
74. Após a morte, penso em retornar sobre uma nova forma de vida.				
75. Fico assombrado com o poder da natureza.				
76. Minha família encorajava o serviço comunitário.				
77. Uso terapias alternativas como acupuntura, aromaterapia, massagem...				
78. Converso com pessoas que já morreram.				
79. Minha família praticava rituais espirituais específicos.				
80. Tenho lembrança de experiências de quase-morte.				

ANEXO III

FATOR DIVINDADE

Item	2	9	17	28	34	44	52
Meu resultado							

Meu resultado total = _____

Meu resultado total dividido por 7 = _____

Meu resultado no Fator Divindade = _____

Resultado de fator	BAIXO	MODERADO	ALTO
Homens	Menos de 2,2	2,3 a 2,8	2,9 ou mais
Mulheres	Menos de 2,5	2,6 a 3,1	3,2 ou mais

FATOR DILIGÊNCIA

Item	1	16	26	32	42	61	77
Meu resultado							

Meu resultado total = _____

Meu resultado total dividido por 7 = _____

Meu resultado no Fator Diligência = _____

Resultado de fator	BAIXO	MODERADO	ALTO
Homens	Menos de 2,3	2,4 a 2,9	3,0 ou mais
Mulheres	Menos de 2,6	2,7 a 3,2	3,3 ou mais

FATOR PERCEPÇÃO EXTRA SENSORIAL

Item	19	25	48	55	60	65	78
Meu resultado							

Meu resultado total = _____

Meu resultado total dividido por 7 = _____

Meu resultado no Fator Percepção Extra Sensorial = _____

Resultado de fator	BAIXO	MODERADO	ALTO
Homens	Menos de 1,3	1,4 a 1,9	2,0 ou mais
Mulheres	Menos de 1,7	1,8 a 2,3	2,4 ou mais

FATOR COMUNIDADE

Item	3	20	30	50	56	68	76
Meu resultado							

Meu resultado total = _____

Meu resultado total dividido por 7 = _____

Meu resultado no Fator Comunidade = _____

Resultado de fator	BAIXO	MODERADO	ALTO
Homens	Menos de 1,4	1,5 a 1,9	2,0 ou mais
Mulheres	Menos de 1,4	1,5 a 2,0	2,1 ou mais

FATOR INTELECTUALIDADE

Item	8	21	29	33	53	59	62
Meu resultado							

Meu resultado total = _____

Meu resultado total dividido por 7 = _____

Meu resultado no Fator Intelectualidade = _____

Resultado de fator	BAIXO	MODERADO	ALTO
Homens	Menos de 2,3	2,4 a 2,9	3,0 ou mais
Mulheres	Menos de 2,4	2,5 a 3,0	3,1 ou mais

FATOR TRAUMA

Item	7	12	18	35	46	71	80
Meu resultado							

Meu resultado total = _____

Meu resultado total dividido por 7 = _____

Meu resultado no Fator Trauma = _____

Resultado de fator	BAIXO	MODERADO	ALTO
Homens	Menos de 1,0	1,1 a 1,9	2,0 ou mais
Mulheres	Menos de 1,3	1,4 a 2,1	2,2 ou mais

FATOR ESPIRITUALIDADE NA INFÂNCIA

Item	6	11	27	36	38	41	79
Meu resultado							

Meu resultado total = _____

Meu resultado total dividido por 7 = _____

Meu resultado no Fator Espiritualidade na Infância = _____

Resultado de fator	BAIXO	MODERADO	ALTO
Homens	Menos de 1,4	1,5 a 2,1	2,2 ou mais
Mulheres	Menos de 1,4	1,5 a 2,1	2,2 ou mais

ANEXO IV

Roteiro da Entrevista

1. O que é espiritualidade para você?
2. Na sua relação pedagógica com os alunos você consegue identificar de que maneira a sua espiritualidade se manifesta?
3. Como você vê a relação ciência e espiritualidade?
4. Você procura ver a espiritualidade de uma maneira crítica?
5. Nas experiências traumáticas ou de sofrimento, você considera importante a espiritualidade?
6. Você reconhece que quando era criança os adultos transmitiram uma espiritualidade para você? Você considera importante transmitir a sua espiritualidade para as crianças?

ANEXO V

Anexos Estatísticos da Escola A

Religião

General Linear Model: Soma dos pontos versus Religião

Factor Type Levels Values
Religião fixed 2 Católica; Não

Analysis of Variance for Soma dos pontos_1, using Adjusted SS for Tests

Source	DF	Seq SS	Adj SS	Adj MS	F	P
Idade	1	433,24	227,56	227,56	2,89	0,101
Religião	1	86,85	86,85	86,85	1,10	0,303
Error	26	2046,46	2046,46	78,71		
Total	28	2566,55				

S = 8,87187 R-Sq = 20,26% R-Sq(adj) = 14,13%

Term	Coef	SE Coef	T	P
Constant	39,352	6,791	5,79	0,000
Idade_1	0,3091	0,1818	1,70	0,101

Unusual Observations for Soma dos pontos_1

Obs	Soma dos pontos_1	Fit	SE Fit	Residual	St Resid
29	24,0000	46,0960	3,3729	-22,0960	-2,69 R

R denotes an observation with a large standardized residual.

Formação

General Linear Model: Soma dos pontos versus Formação

Factor Type Levels Values
Formação fixed 2 CS; PG

Analysis of Variance for Soma dos pontos, using Adjusted SS for Tests

Source	DF	Seq SS	Adj SS	Adj MS	F	P
Idade	1	446,53	373,76	373,76	6,27	0,019
Formação	1	529,34	529,34	529,34	8,88	0,006
Error	27	1608,93	1608,93	59,59		
Total	29	2584,80				

S = 7,71945 R-Sq = 37,75% R-Sq(adj) = 33,14%

Term	Coef	SE Coef	T	P
Constant	38,627	5,371	7,19	0,000
Idade	0,3447	0,1376	2,50	0,019

Unusual Observations for Soma dos pontos

Obs	pontos	Fit	SE Fit	Residual	St Resid
30	24,0000	44,3724	2,3979	-20,3724	-2,78 R

R denotes an observation with a large standardized residual.

Gênero

General Linear Model: Soma dos pontos versus Gênero

Factor	Type	Levels	Values
Gênero	fixed	2	F; M

Analysis of Variance for Soma dos pontos, using Adjusted SS for Tests

Source	DF	Seq SS	Adj SS	Adj MS	F	P
Idade	1	446,53	365,00	365,00	4,61	0,041
Gênero	1	0,98	0,98	0,98	0,01	0,912
Error	27	2137,29	2137,29	79,16		
Total	29	2584,80				

S = 8,89713 R-Sq = 17,31% R-Sq(adj) = 11,19%

Term	Coef	SE Coef	T	P
Constant	38,217	6,424	5,95	0,000
Idade	0,3683	0,1715	2,15	0,041

Unusual Observations for Soma dos pontos

Obs	pontos	Fit	SE Fit	Residual	St Resid
29	30,0000	46,8430	3,2442	-16,8430	-2,03 R
30	24,0000	49,1115	2,7474	-25,1115	-2,97 R

R denotes an observation with a large standardized residual.

ANEXO VI

Anexos Estatísticos da Escola B

Religião

General Linear Model: Soma dos pontos_1 versus Religião_1

Factor Type Levels Values
Religião_1 fixed 2 Católica; Não

Analysis of Variance for Soma dos pontos_1, using Adjusted SS for Tests

Source	DF	Seq SS	Adj SS	Adj MS	F	P
Idade_1	1	121,86	132,25	132,25	2,69	0,115
Religião_1	1	15,98	15,98	15,98	0,32	0,574
Error	23	1131,55	1131,55	49,20		
Total	25	1269,38				

S = 7,01412 R-Sq = 10,86% R-Sq(adj) = 3,11%

Term	Coef	SE Coef	T	P
Constant	36,237	7,091	5,11	0,000
Idade_1	0,2787	0,1700	1,64	0,115

Unusual Observations for Soma dos pontos_1

Soma dos	Obs	pontos_1	Fit	SE Fit	Residual	St Resid
	24	36,0000	49,5079	3,2464	-13,5079	-2,17 R

R denotes an observation with a large standardized residual.

Formação

General Linear Model: Soma dos pontos versus Formação

Factor Type Levels Values
Formação fixed 2 CS; PG

Analysis of Variance for Soma dos pontos, using Adjusted SS for Tests

Source	DF	Seq SS	Adj SS	Adj MS	F	P
Idade	1	248,98	211,72	211,72	3,82	0,061
Formação	1	106,61	106,61	106,61	1,93	0,177
Error	26	1439,59	1439,59	55,37		
Total	28	1795,17				

S = 7,44103 R-Sq = 19,81% R-Sq(adj) = 13,64%

Term	Coef	SE Coef	T	P
Constant	34,242	6,984	4,90	0,000
Idade	0,3379	0,1728	1,96	0,061

Unusual Observations for Soma dos pontos

Obs	pontos	Fit	SE Fit	Residual	St Resid
5	57,0000	42,7870	2,3403	14,2130	2,01 R
30	27,0000	46,6472	2,5787	-19,6472	-2,81 R

R denotes an observation with a large standardized residual.

Gênero

General Linear Model: Soma dos pontos versus Gênero

Factor	Type	Levels	Values
Gênero	fixed	2	F; M

Analysis of Variance for Soma dos pontos, using Adjusted SS for Tests

Source	DF	Seq SS	Adj SS	Adj MS	F	P
Idade	1	248,98	271,20	271,20	4,64	0,041
Gênero	1	26,19	26,19	26,19	0,45	0,509
Error	26	1520,00	1520,00	58,46		
Total	28	1795,17				

S = 7,64602 R-Sq = 15,33% R-Sq(adj) = 8,82%

Term	Coef	SE Coef	T	P
Constant	31,822	7,394	4,30	0,000
Idade	0,3873	0,1798	2,15	0,041

Unusual Observations for Soma dos pontos

Obs	pontos	Fit	SE Fit	Residual	St Resid
27	36,0000	52,6221	2,8170	-16,6221	-2,34 R
30	27,0000	44,8758	2,1832	-17,8758	-2,44 R

R denotes an observation with a large standardized residual.

APÊNDICE A

Transcrição das entrevistas

Transcrição de áudio

Espiritualidade

Ocorrência Sinal
Incompreensão de palavras ou segmentos ()

Professor P1A

[P1A] É uma continuação daquele questionário?

[Douglas] Isso. A primeira etapa é aquele questionário, que é bem amplo, e aí essa entrevista é pra, é pra gente conseguir maiores detalhes, a respeito daquelas questões

Então a primeira pergunta é essa! É, talvez lá naquele material, tenha um perfil de espiritualidade. Mas eu gostaria de saber, pra você, o que você entende por espiritualidade. Como você definiria espiritualidade?

[P1A] A minha assim seria? Ah! Eu fico entendendo melhor com aquele questionário, pra falar a verdade, né? Porque assim, eu sigo alguns códigos morais, você pode falar assim, não fazer mal pras pessoas, uma coisa só minha né? Que talvez vindo a princípio da religião que a gente, era católico, é católico né? Mas que eu não sigo, não sigo os rituais, eu fui deixando e acreditando numa outra coisa fora dessas regras, dogmas, enfim, né? Então eu sigo algumas coisas morais minhas, acredito em mim, acredito na fé, acredito em alguma coisa, e nessa interação, independente de estar seguindo uma coisa ou outra. Eu estudei por conta da () fui estudando várias religiões porque eu queria ver o que tinha em comum tudo isso, eu sou física, então eu também juntei com a ciência isso que tem muita coisa né? Você consegue com linguagens diferentes, explicar coisas ((Senhor quer que eu feche a porta?))

[Douglas] Colégio é assim mesmo! Não tem como...

[P1A] O meu marido, ele vai em várias igrejas, todo domingo () ele sai de lá ele briga no trânsito, ele briga eu falo, parece que não tem sentido isso, parece hipócrita pra mim. Eu prefiro seguir um padrão e não estar indo como ele, fazendo essa peregrinação aí, né? E seguir, acho que está mais na moralidade, numa decência sua de coisa interior e essa ligação, eu faço as visualizações, quando eu tenho mais tempo porque tem criança pequena, tem tumulto, nem sempre você tem sossego. É não é como você, uma vida mais tranqüila né? Mas eu gosto, eu gosto.

[Douglas] A segunda pergunta, você já tocou nela, mas eu vou fazer também. O que você encontrou nesse material?

[P1A] Me ajudou a me entender, eu acho, eu achei legal

[Douglas] Contribuiu, fez ai você pensar em talvez algo que, você pensava de uma maneira ou de outra ou que você tinha já deixado de pensar, enfim, mexeu com você?

[P1A] Mexeu, mexeu, sim, porque no começo a gente ficou, puxa, tantas questões de um dia pro outro, e eu cada hora que tinha um tempinho, eu estava na dentista, comecei a fazer, eu gostei de fazer, parece que eu fui me entendendo, foi, fez uma revisão aí de todo esses anos, da minha espiritualidade. Comecei, como eu falei, na religião católica eu estudei, um pouco de espiritismo, estudei outras religiões, a faculdade de física, daí eu fui fazendo, fui me entendendo acho. Consegui formalizar uma teoria aí, sei lá, né? Não ficou no que eu sou, mas assim, por que eu sou assim, como é que eu formei isso em mim, né?

[Douglas] Na sua, no seu ato de ensinar na sua relação pedagógica com seus alunos, você consegue identificar de que maneira se manifesta isso que você entende por espiritualidade? Até acha que isso se manifesta e como se manifesta?

[P1A] Eu sou muito, eu acho coisa muito correta, não da perfeição, mas a moralidade, essa parte. Eu acho que sim, que eu não permito algumas coisas em sala de aula ou conflitos entre as crianças, discriminação de alguma coisa, ou eu acabo me envolvendo então achei que aqui eu não ia conseguir, porque eu trabalho numa escola bem pequena com dez alunos por sala, então eu tenho, eu consigo fazer um trabalho sim. E eu achei que aqui eu não fosse conseguir, mas as salas que eu tenho mais contato eu consigo. Eu vejo que quando eu para pra conversar eles gostam de ouvir. São pequenos, mais velhos já é mais difícil né? É mas trocam muito, quer ver um exemplo. Eu gastei, a gente fez uma exposição, que eu arrecadei dinheiro pouquinho porque eu sei, porque eu sei que eles não podem. Hum real de cada um, né? Eu gastei muito mais. E dei o material pra eles, e não falei que eu tinha gasto, mas, ficou do meu bolso eu acho até investimento, né? Eles descobriram, porque tinha uma nota dentro de uma das sacolas, e eu nem sabia. Aí eles vieram me perguntar se eles podiam me ajudar com mais dinheiro, aí eu brinquei, eu não sabia que eles estavam sabendo, né? Eu falei assim, - *Ah dinheiro sempre é bom, né?* Fiz uma brincadeira. Aí um falou muito sério. - *Não professora, a gente viu que você gastou mais do que o que a gente deu de dinheiro a gente não acha certo isso. A gente quer contribuir.* Ai eu falei, - *Olha, quem puder o que vier, mas não vou obrigá-los, né?* Então achei bonito, que eles, devagar a gente vai tendo essa troca, né? Eles me conhecem melhor, sabem o que eu valorizo mais, eu gosto de me envolver, às vezes a gente sabe de uma estória complicada então você exige com mais cautela daquele aluno, né? Porque ele tem um histórico diferente, e mesmo aqui eu estou conseguindo, apesar de serem mais alunos, a gente, sabendo que está acontecendo alguma coisa em casa a gente consegue dar uma ajuda, tenta né pelo menos.

[Douglas] Ta. São mais ou menos a média de alunos nas salas aqui?

[P1A] Trinta

[Douglas] Trinta?

[P1A] Em média.

[Douglas] É bastante!

[P1A] Eu tenho oito salas de desenho, que eu tenho pouco contato, porque tem uma vez por semana, mas matemática eu tenho cinco por semana e aí são sessenta né? Esses eu consegui, eu adoro eles, de coração, eu gosto do que eu faço

[Douglas] Que bom!

[P1A] É, difícil professor falar assim com entusiasmo.

[Douglas] É, é difícil encontrar, mas é

[P1A] Eu devia ta na educação

[Douglas] Você. Muitas vezes as pessoas separam, é a espiritualidade, e a questão da ciência, ou então é a espiritualidade e a razão, como que você vê isso? Você acha

[P1A] Essa pergunta já é ou só para mim? Já é pra todos? Essa pergunta o senhor vai, já ta

[Douglas] Isso, as mesmas perguntas eu faço pra todos

[P1A] Não porque eu achei como eu sou física aqui

[Douglas] Não, porque tem vários aspectos! Então, esse é o importante pra pesquisa. É essa separação que muitas vezes as pessoas falam tipo assim, uma coisa é a fé que eu tenho a outra coisa é o científico, uma coisa é o uso da razão, outra coisa é a espiritualidade, como você vê?

[P1A] Eu acho que é tudo uma coisa só, até eu tenho um filho ateu, né? Convicto ele tem quinze anos, ninguém, não o Big Ben criou, filho você ta falando a mesma coisa, ta tudo numa coisa só, dali tudo foi criado, é a mesma coisa que todas as religiões falam só que é de outra maneira. E essas afinidades, isso em física até a gente tem teoria porque até explicam tudo isso, até essa parte, até a fé, enfim né? De você até materializar como a gente tinha aí algumas questões de você conseguir coisas que quer, de você visualizar, tem teorias que até tentam explicar isso, acho que está tudo muito além da explicação ainda, né? Mas, por quê? A gente ainda não conseguiu teorizar tudo isso né? Nem sei se dá, nem sei se precisa na verdade né? Mas eu acho que está tudo ligado o que não dá pra explicar e o que ainda não se consegue explicar numa linguagem mais científica, mas, eu acho que é tudo a mesma coisa

[Douglas] Você não vê separado?

[P1A] Não vejo.

[Douglas] Ta. Você vê nessa questão da espiritualidade, a importância de você fazer alguma coisa sem ser remunerada? Vou dar como exemplo a questão do voluntariado, né? Como espiritualidade, você reconhece nesse ato? De você se doar, de uma maneira que você não está sendo remunerada?

[P1A] Se eu teria problema com isso?

[Douglas] Você vê a importância, desse ato, como espiritualidade?

[P1A] Sim, mas eu não sei se é como o senhor ta pensando. Porque por exemplo, eu ajudo, mas eu não vou num lugar e fico ali ajudando, mas, por exemplo, se eu tenho alguma coisa eu divido com os porteiros do prédio a cesta básica,

[Douglas] Isso, de várias maneiras?

[P1A] Sim, o que eu puder é uma das minhas moralidades, sei lá, minhas idéias, se eu puder, eu preciso fazer, de nunca deixar de fazer uma coisa que está ao meu alcance e uma, é meu

[Douglas] Mesmo que aparentemente, vamos dizer assim como muitos consideram, você não vai ganhar nada em estar fazendo aquilo?

[P1A] Porque, por exemplo, a cesta básica que a gente ganha da escola, eu dividia com os porteiros porque era muito pra mim, né? E mesmo, eu trabalho em casa com aulas particulares, às vezes tem gente que não tem condição de pagar o que eu quero, então eu dou a aula do mesmo jeito, ou cobro bem menos, ou nem cobro, então eu não vou num lugar fazer um trabalho voluntário, mas dentro da minha área o que eu consigo às vezes na auto-escola eu fico um tempo

a mais, e dou como aula particular, mas pra alunos, até eu faço isso agora, que eu sei que não tem condição, então eles ficam comigo então eu acho que às vezes, eu fiz no Colégio São Luiz uma entrevista, e tinha lá, - Aonde você trabalha? Eu falei gente não vai dar certo.

[Douglas] Tudo em quadradinho assim,

[P1A] Eram dez folhas só de religião católica, nem perguntaram como é meu trabalho, nada da minha formação, tinha que ser, que paróquia você, tinha que ser então você não conhece a pessoa, não é? Como eu falei pra essa pessoa, você faz o trabalho, você sai xingando os outros, depois, não quer dizer que você está se doando ali, né? É o meu jeito de pensar também

[Douglas] Você também já tocou nesse assunto, mas eu vou perguntar você procura ver a questão da espiritualidade de uma maneira crítica? Não simplesmente aceitando, tipo assim, existe uma doutrina que fala que espiritualidade é isso ou aquilo. É você reconhece a importância de ser crítico também? No que se refere à questão de espiritualidade?

[P1A] Aí já te falando em algumas religiões, é isso?

[Douglas] Também, mas, mesmo pra que você acredite da forma

[P1A] Eu já fui muito. Eu já fui. Eu acho que pra chegar aqui hoje que nem eu falei eu estudei várias, por conta, fui ler, fui entender, fui em alguns templos porque eu queria achar, eu achava que devia ter alguma coisa em comum em tudo isso, uma linguagem universal aí até com a ciência, né? Então eu fui crítica durante um tempo, será que eu preciso me consertar com o padre, pra sentir que eu tirei a culpa de mim mesma, né? Ou é melhor eu mesma do que , ouvir que eu estou e eu não me sinto que eu estou desculpada de mim mesma, né? Olha como eu me emociono, eu entrei aqui chorando, verdade, fui contratada chorando. Então eu acho isso, acho que eu fui muito crítica, entendendo cada uma, cada um desses dogmas essas regras aí, e fui descartando algumas outras, eu fui usando, pra minha moralidade, pro meu crescimento, eu acho, não sei.

[Douglas] Então você acha importante não simplesmente aceitar, ter um posicionamento crítico

[P1A] Eu acho, eu acho () condições né? Tem que ir se adequando eu acho

[Douglas] Você vê, eu não sei se você tem ou teve experiências, por exemplo, de sofrimento ou então de é, de contato com pessoas que tenham grandes deficiências, dificuldades, você acha que experiências como essa que a gente poderia chamar de experiências traumáticas, elas é, ajudam também no desenvolvimento da nossa espiritualidade, o contato com essas pessoas, ou o que você faz por elas, contribui pra própria espiritualidade?

[P1A] No meu caso, eu acho que já tinha quando aconteceram essas coisas, traumáticas, né? Mas eu vejo a própria pessoa que aconteceu. Eu acho que sim. Acho que é importante que eles buscam alguma coisa além pra entender aquilo que está acontecendo, né?

[Douglas] Buscar sentido naquele acontecimento!

[P1A] É, ou um consolo, ou, mas eu acho que aí tem uma busca, daí as pessoas às vezes deslancha, pra entender alguma coisa maior, né?

[Douglas] E seria essa é a última pergunta, você foi respondendo tudo junto, até melhor assim? É sobre a questão da infância. Você reconhece é que foi importante na sua infância, os seus pais ou outras pessoas, te transmitirem uma espiritualidade, e se você acha que sim ou não, como que você vê isso hoje como adulta, na sua relação aí com as crianças, você acha importante, é passar algumas coisas pras crianças, transmitir algo da forma como você entende a espiritualidade pra elas?

[P1A] Eu tenho que fazer um pouco como meu pai fez comigo, porque eles eram católicos, santos em casa, morava com a avó, sempre, sempre vivi nesse ambiente, mas ele sempre disse: Cada um vai escolher a religião, o caminho que quiser né? Mas era passado para a gente o que eles fazia, mas sem uma obrigação, eu acho que essa liberdade foi, eu acho importante, foi

importante pra mim, talvez alguém possa se perder nisso daí, não sei. E os meus filhos, que nem eu falei: eu tenho um que gosta de ir na igreja, o pequeno, depois ele pediu pra ir em centro espírita, ele foi no centro espírita, ficar, assistir palestras de evangelhos, aí depois quis voltar pra ir numa igreja de novo e o mais velho é ateu, e eu tenho que mostrar que são linguagens diferentes, e ele foi respeitado, se ele se sentia bem assistindo aquela palestra, se era pra adulto, né? Não era a linguagem dele, mas ele se sentia bem naquele ambiente, a música, e depois quis ir pra igreja também assistiu a missa e eu acho importante ter alguma coisa. O outro sendo ateu, ele acredita em alguma coisa também, mas acho que ainda não sabe, eu tenho passado, fico falando que não, mas eu tenho, eu tenho doutrinado um pouco, sim, - filho tem alguma além se você pensar nos sonhos que você quer, né? De acreditar naquilo que () como fé, já complica ali, então eu prefiro usar outros termos pra ele não ficar, mas é mesma coisa eu acho, né? E valores, eu tenho que passar valores. Acho que isso é o mais importante, então ele, quatorze anos eles querem se vingar disso filho, por favor, pelo amor de Deus, a gente tem que pedir pelo amor de Deus, nossa senhora,

[Douglas] Não tem como escapar?

[P1A] Não porque eu fui criada com a avó, né? E aí, não filho. Acho que a gente criando essa energia em volta da gente você vai atrair, não faça nada contra as pessoas, tenta fazer tudo o que você puder se não quiser também não se mete, mas, também, mas também não vai prejudicar alguém, daí eu tento, eu tento sim passar, esses valores eu tento.

[Douglas] Então você acha que isso é importante?

[P1A] Eu acho

[Douglas] Pros seus alunos você também

[P1A] Esses valores também eu passo

[Douglas] Você passa

[P1A] Eu passo aqui a gente tem, não é? A gente faz uma oração quando começa, reza o Pai Nosso, os judeus, não rezam, hoje a menina falou assim, já estou aprendendo, nem sei se a mãe deixa né? Porque eu olho, mas ela respeita, ela fica quieta, eu digo você não precisa rezar o que a gente reza, faça sua oração, né?

[Douglas] É você na sua fala você deixa isso bem claro? É que então espiritualidade pra você tem esse aspecto que é muito importante que independe da religião até agora você falou, né? De que tem judeus

[P1A] Aqui temos evangélicos? Tudo na mesma sala

[Douglas] E você consegue então perceber a espiritualidade que não se limita, a religião estabelecida de cada um. É uma coisa bem mais ampla

[P1A] E é verdade, mas eu nunca tinha pensado nisso, a escola tem de todos, né? A gente tem que

[Douglas] Embora seja um colégio católico?

[P1A] É, mas hoje em dia acho que até o Renascença, que é de judeus também recebem de tudo né?

[Douglas] Bom, então acho que da minha parte é isso.

[P1A] Obrigada

[Douglas] Eu agradeço muito, acho que...

[P1A] Mas sabe o que me envolveu tanto que eu contei pra minha família, eu cheguei na auto-escola, falei, gente, eu respondi. É parece que eu me entendi um pouco mais. E é ligado com medicina também, não?

[Douglas] Não, é que o, o comitê de ética que aprovou isso daqui, é da faculdade de medicina da Unicamp. E tem algumas questões? Que te leva a pensar na questão toda. Então a gente procurou

colocar aqui da maneira mais ampla possível também, né? Inclusive teve professores que acharam as questões super estranhas?

[P1A] Eu não achei estranhas

[Douglas] A gente tentou o mais amplo possível?

[P1A] Parabéns!

[Douglas] Pra não exatamente pra não fechar numa, numa religião, numa crença só? Mas que bom que você ...

[P1A] Mas as coisas estão mais abertas acho que hoje em dia, né? Tanto que padre fazendo essas coisas, questionários mais abertos

[Douglas] É um enfoque é mais psicológico do que religioso? Mas quando você fala de espiritualidade

[P1A] Cai tudo

[Douglas] Acaba caindo na minha religião, na sua ou na de outro?

[P1A] Ou não, né? Obrigada

[Douglas] Obrigado por ter colaborado

[P1A] Bom trabalho

[Douglas] Depois, no final da pesquisa, eu dou um retorno pra você

[P1A] Ta bom!

Professor P2A

[Douglas] A primeira pergunta, é a seguinte, nós temos talvez aqui neste material, um perfil de espiritualidade, através das questões que estão aqui? Então é por isso que a primeira pergunta é essa, pra você, na sua experiência de vida, o que é espiritualidade pra você, se você precisasse definir? Como que você diria, espiritualidade é isso?

[P2A] É complicada, né? Mas eu vejo assim, pra mim é tudo. Porque desde que eu me conheço por gente, eu sempre fui muito ligada a essa parte, espiritualidade pra mim, eu vejo algo ligado a linha espiritual, algo que não é , aqui deste lado, deste mundo terreno e sempre desde que eu me conheço por gente, é o lado espiritual, é muito forte, e ele me influencia muito no meio do caminho, ele influencia muito, inclusive em atitudes a serem tomadas, então pra mim espiritualidade é algo que tá ligado, não neste mundo, algo de espírito mesmo, mas definir em uma palavra, eu não conseguiria. Pra mim é muito complexo, muito, é algo mais de uma vivência, pra vivenciar a espiritualidade, vivenciar no dia a dia

[Douglas] Não tem uma definição específica?

[P2A] Não, pra mim, não

[Douglas] É mais uma experiência

[P2A] Isso, vivenciar, eu acho que é mais fácil do que falar o que é espiritualidade, mas seria algo não ligado a essa vida terrena

[Douglas] É algo que vai além do material.

[P2A] É transcende, pra mim é isso.

[Douglas] Isso já ajuda bastante

[P2A] Até que pra mim sempre foi muito, como se diz? Muito forte, eu não consigo assim me ver sem esse lado espiritual, pra mim, atitudes da vida eu sempre levo em conta esse lado espiritual.

[Douglas] A segunda pergunta, tá ligada ao tema do estudo? É nas suas ações pedagógicas, na sua relação com seus alunos, em que situações você consegue identificar, se for o caso, que você manifesta isso que você pensa de espiritualidade?

[P2A] Eu vou dar um exemplo bem simples, claro que nos cotidianos, né? Na sala de aula, no cotidiano, e aquele aluno que tem mais dificuldade, então tem que ser visto com outros olhos, por incrível que pareça na área dar uma nota. Na hora de dar uma nota eu tenho que ser justa, porque eu acho que se não tiver esse cuidado, na hora de avaliar, tá deixando de lado porque pode acarretar uma coisa pro aluno. Na hora do conselho de classe, na hora do final do ano, então eu peço assim, não é, pode ser até meio não sei se demagogia seria a palavra certa, mas eu peço pra Deus me iluminar. Que eu penso que conselho de classe, é muito importante porque a gente está decidindo a vida de um aluno, então eu peço sim pra Deus que sempre me ilumine e que eu tome as decisões acertadas, mas no cotidiano, no cotidiano porque eu analiso que cada um é cada um, cada um tem uma bagagem, cada um tem uma estória, então é complicado. E eu também tenho uma idéia, eu acredito na reencarnação, eu acredito que nós não estamos aqui à toa, eu acredito que nós estamos aqui, pra um aprendizado, né? E interessante que é assim, eu fui criada no catolicismo. Quando era pequenininha ia em missa, com a tia, não alguma coisa que meus pais obrigassem, não, mas é que eu fui criada no catolicismo. Sempre estudei em colégio de freira, fiz PUCC, dei aula no () e estou aqui, né? Então interessante que a religião, frequento missa também, né? A religião sempre esteve presente na minha vida, mas eu acredito na doutrina espírita. Eu penso que há uma idéia que faz sentido, eu acredito, então eu já levo em consideração que aquele aluno, ele já trás uma bagagem de uma outra vida, entendeu? E pelo menos pra mim, em cada um tem um personalidade, o signo do zodíaco são doze, cada um é cada um, então eu procuro analisar assim individualmente

[Douglas] Então a espiritualidade pra você, se não for isso que eu estiver falando, você, por favor, diga, pelo que eu entendi que você falou agora. A espiritualidade pra você, ela não se limita a uma religião

[P2A] Não

[Douglas] Ela pode contemplar o que uma tem o que outra tem o que a outra também tem, mas vai além.

[P2A] Falou Certinho, ainda mais na qualidade de professora de história, e eu também fiz pós graduação de religião, eu acredito que todas as religiões, elas tem um lado certo, eu admiro todas, todas, todas, todas. Os problemas que têm, infelizmente é que em muitos aspectos foram deturpados, né? Então realmente pra mim a espiritualidade, ela não está ligada a uma religião. Seria pra mim até mesmo questão eu gosto muito de, do budismo. A questão do caminho do meio. Nossa, se todo mundo levasse em consideração o caminho do meio, e não é fácil, porque nós temos a tendência, tanto é que tem aquele ditado, ou é oito ou oitenta, né? E tanto é que Buda quando ele descobriu o caminho do meio, a corda, né? Se tiver esticado demais ela estoura, se tiver frouxa demais ela solta, porque nós temos a tendência de ir pra um lado, é oito ou oitenta. Então, a espiritualidade não seria ligada a uma certa religião

[Douglas] Eu entendi assim é...

[P2A] É isso mesmo, tá? Tanto é que eu gosto muito, sempre me interessei, pelas religiões orientais, leio (), o alcorão, também, eu me interessei muito porque eu acho que todas elas num determinado momento no seu contexto espiritual, ela sempre explicaram alguma coisa é que o problema, que daí cada um já parte pra que idéia, que a minha religião é certa e que a outra é errada? E não é assim, todo mundo pudesse aprender com o diferente, o mundo, com certeza, seria bem mais rico.

[Douglas] Que bom! Você vê, às vezes a gente percebe algumas pessoas, que separa, tipo assim, a religião é uma coisa e razão é outra, ou então, a religião é uma coisa e o científico a ciência é outra coisa

[P2A] Em história é muito analisado isso, porque sempre teve a busca da ciência com a religião,

[Douglas] Isso, é como que você vê isso em relação a espiritualidade. Você vê a situação, você enfim

[P2A] Olha, eu, a minha pessoa, eu não acredito que a ainda haja assim uma comparação entre ciência e a espiritualidade e a religião, mas eu acredito que está surgindo um grupo de cientistas ou mesmo de religiosos, que estão tentando mudar essa idéia, eu acredito que é uma tendência porque Einstein uma palavra, uma frase muito bonita que eu me lembro que uma teme a outra, que uma é manca e a outra é cega, eu não me lembro direito,

[Douglas] É também já

[P2A] É, ele, ele essa frase do Einstein, ele diz tudo, uma seria o complemento da outra, mas eu acredito, eu, essa minha pessoa que ainda tem uma separação, sim, tá? Ainda mais se você pegar um pessoal mais antigo, realmente pra eles na religião eles não acreditaram ainda naquela idéia, naquela teoria, né? Diferente do que...

[Douglas] Como se não pudesse misturar uma coisa com a outra?

[P2A] Isso, exatamente, inclusive a questão do mito, né? Hoje em dia é analisado, que o Big Ben seria talvez um faça-se luz. Então tem uma parte de cientistas, que eles estão procurando mudar, acho que tem uma mentalidade dessa. E o próprio, essa frase () eu lembro, que ele fala que cientistas de agora, eles estão descobrindo o que os místicos já sabiam na milênios. É que depois historicamente, né? Com o renascimento, com o iluminismo, é que veio muito essa separação e que tudo tinha que ser explicado, claro eu gosto que tudo seja explicado, né? Mas a gente nota que pode ter um algo a mais, por trás de tudo o que for explicado, né? Cientificamente, é que eu acredito que está surgindo assim um grupo, que estão surgindo religiosos e cientistas que estão mudando, mas no geral.

[Douglas] Ainda é separado.

[P2A] Eu acho que sim

[Douglas] Na questão de, ainda nessa questão de razão e de fé. Pra você a questão da espiritualidade, é importante ter um olhar crítico também, em relação à espiritualidade

[P2A] Em que sentido?

[Douglas] Por exemplo, é, não simplesmente aceitar? O que o que falam, ou as verdades que são colocadas em relação a algumas teorias de espiritualidade, mas assim você, acreditar, mas, ter um posicionamento crítico em relação a aquilo?

[P2A] Sim, claro, acredito porque se não tiver esse posicionamento crítico, acaba meio que na Idade Média, né? As pessoas aceitando, aceitando...

[Douglas] Sem pensar.

[P2A] Sem pensar nada porque não tinham conhecimento, até no caso que eu falei que sempre acreditei na doutrina espírita, mas tenho uma base né? Algo científico. Não é chegar e falar, olha pega essa teoria, não, pelo contrário, é que eu sou a primeira a questionar tudo, né?

[Douglas] Você acha que para a espiritualidade também é importante isso

[P2A] Também, se não, ainda mais hoje em dia tá muito na moda, né? Uma escola que fala que já acredita e já segue, e então aí também é perigoso, é perigoso porque cai na história mesmo, né? Na Idade Média o pessoal, infelizmente aquele período da Igreja que abusavam do poder, aí vai um pouco de conhecimento da pessoa, né? Eu, a espiritualidade pra mim é muito importante, mas o conhecimento também, né? Então as questões que eu acredito que eu tente, não a sentir, mas é sempre baseado numa idéia, entendeu? Numa teoria, que fala olha, não, faz sentido, não é? Sem

virar e falar não é, igual eu acredito que eu acredito, não. Não tem sentido. Olhar crítico nós temos que ter sempre, isso é minha opinião em tudo, aceitando tudo o que se diz, o que se fala, aí a gente vê aquela massa comum, segue ali, fica aquela coisa meio cega, então isso eu tenho que, então isso pra mim do conhecimento é muito importante, tanto é que na Antiguidade tinha que era ela Escola de Mistérios, e só entrava lá quem realmente podia passar por todo o processo de (...), porque não era todo mundo que estava preparado para aquilo, né? Então mesmo algumas teorias, algumas idéias de espiritualidade, será que todo mundo está preparado pra isso?

[Douglas] É, boa pergunta!

[P2A] Ah, mas não é verdade? Por isso, quando eu falo antiguidade, eu falo Egito Antigo, Grécia Antiga, é a questão dos mistérios de Ícaro, aqueles mistérios sabe, eu acho que, aliás interessante pra mim se for em termos de religião, a religião da Antiguidade, eu sei que é meio complicado saber o que é certo ou o que é errado, por que o quê é certo e o quê é errado? Mas eu, no meu modo de pensar, na Antiguidade eu acredito que a religião, era mais certa. Interessante que me (...)de pós graduação, numa das aulas, eu fiz essa pergunta pro professor e ele concordou, ele falou assim, pra mim também mas, na religião há mais, entre aspas, né? Correto? Eu penso que seria da Antiguidade

[Douglas] Parece que era uma coisa mais integrada com a vida?

[P2A] Exatamente.

[Douglas] Tinha, não era muito separada do jeito que é hoje?

[P2A] Exatamente, então ficou, uma separação muito grande.

[Douglas] Na casa os vasos, os utensílios, tudo tinha?

[P2A] Tinha um significado, e quê que acabou acontecendo? Acabou acontecendo de que a gente agora parece que perdeu o significado das coisas, né? Então o que se pode falar, o que é uma espiritualidade? É ir numa missa, é ir ao culto, ou de quem é daquela religião afro, né? Mas precisa fazer tudo isso com sentido, e nos pequenos atos, né? Na nossa vida, tem que lutar, o trabalho é um ritual, o dia a dia é um ritual, o fato de nós estarmos almoçando, comendo um lanche, é um ritual e eu acredito que na Antiguidade, as pessoas, elas tinham mais consciência disso, né? E hoje em dia passou, passou um pouco, talvez historicamente tem uma tese que fala de uma revolução industrial que mudou tudo, né? Porque daí o tem que trabalhar, ganhar dinheiro, hoje em dia, como família, como mulher, a sociedade teve mudado muito na época da revolução industrial, mas na minha opinião a Antiguidade é, eu sou suspeita pra falar, porque estes postos batem

[Douglas] É muito bonito? Que bom! Uma questão também que às vezes envolve a questão da espiritualidade, é essa questão dos traumas. Você consegue fazer alguma ligação de espiritualidade com vivências, por exemplo, do sofrimento, ou então de contato com pessoas que têm, que tem algum, que tem alguma deficiência ou que sofreu algum trauma, que precisa de uma ajuda e nessas realidades, nessas situações, você vê também a manifestação e a importância da espiritualidade? Eu não sei se você já teve alguma experiência. De cuidar de alguma pessoa que, que exige cuidar, mais cuidados do que (...)

[P2A] Bom, meu pai faleceu de câncer, câncer de pâncreas, foi algo muito traumático, né? Mas eu acredito que lá em casa, meu irmão também tem essa visão como eu tenho, né? Então eu acredito que numa situação dessa, se nós não acreditarmos ou, se nós não acreditamos em algo, sabe? Num ser superior, em algo realmente que protege, é difícil. É muito difícil, então pra mim, e acredito que pra nós lá em casa, quando meu pai ficou muito doente, foi realmente uma situação assim horrível mesmo, muito difícil, de sofrimento, ver uma pessoa viver com uma pessoa nesse estado, então eu acho que o lado da espiritualidade ajuda. E ajuda muito na questão de conforto para a própria pessoa, né? Eu acredito que é importante que alguém que não acredita em nada, ou

mesmo alguém que tem um filho, ou mesmo com necessidades especiais, eu acredito, porque é aquilo que eu falei, por mim nós estamos aqui por um propósito, eu vejo que a vida é uma escola, como uma escola, né? Uns aprendem mais, outros não, como numa sala de aula, tem uns que são mais dedicados, outros que não estão nem aí, e eu acredito que aqueles que são mais dedicados na vida, tem um outro olhar, eu acredito que as dificuldades, as situações que a vida impõem pra mim fica mais fácil de levar, aliás eu acho que todo mundo, visto que as situações difíceis fosse um aprendizado, o mundo também seria bem melhor. E a própria vida, né? A vida familiar, no trabalho, as nossas próprias diferenças, porque nós estamos aqui pra aprender né? Não com aquele olhar crítico, mesmo dentro se for o olhar crítico, né? Tem alguém que acredita na reencarnação, fala: - Ah, eu estou aqui no mundo, estou sofrendo, estou pagando algo da outra vida, ou eu fui muito ruim, eu não vejo como eu estou pagando. Eu vejo que eu estou podendo me aprimorar, e estou podendo melhorar, o que eu fiz de errado, porque nisso aí, pra cada ação tem uma reação. Um aluno que não estuda, um aluno que só brinca, um aluno que não faz tarefa, o quê que vai acontecer? Ele vai () então, aquele ditado, quem semeia vento, colhe tempestade. Então eu acredito, que ao invés, isso é algo que eu critico, que sem, né? Teoria que falam, ah, nós estamos aqui pra pagar os erros de outra vida, muito pesado, né? Não, eu estou aqui pra me aprimorar, como ser humano, para aprender. Não pelo lado somente negativo, né? Você falou palavra pesada ali, não. Tem momentos bons, tem momentos ruins, acredito, não é, até Jesus Cristo chorou no Monte das Oliveiras? Então é uma questão de visão.

[Douglas] E agora, a última pergunta, você considera importante, na sua vida o que foi transmitido pra você quando você era criança, seja por seus pais ou por qualquer outras pessoas adultas, você acha, que, que foi importante o que eles transmitiram pra você na infância em relação à espiritualidade? E se você acha que foi ou não, como que você vê a importância de você agora, como adulta, fazendo isso com as crianças, transmitindo essa espiritualidade?

[P2A] Eu penso, nossa!

[Douglas] Você reconhece?

[P2A] Reconheço quão importante, porque a questão da espiritualidade, é aquilo que eu falei no início, a gente vê o mundo de uma outra maneira, né? E na minha opinião eu dou aula há vinte e dois anos, né? Então eu vejo, né? Nesses anos, as crianças elas, elas estão perdidas, então, eu acho que não tá sendo passado isso em casa, tá tudo muito largado, eu até vou responder isso, como exemplo do que eu estou passando agora, uma matéria nós () de ensino religioso, porque eu dou aula de ensino religioso, então no sétimo ano, que é a sexta série, nos estamos vendo valores humanos e religiosidade, e numa das aulas, estava mandando eu perguntar a, se, como estava o relacionamento dos jovens e das crianças com a família, é interessante como a maioria foi unânime em dizer, que hoje em dia está distante, está muito distante e eles falaram que o computador é que está tirando isso, e em casa sempre foi passado de final de semana, saía com a família, uma tia minha, irmã do meu pai, elas são super católicas né? Então eu era pequena, ela me levava na missa, então cresce, cresce com aquele, cresce com valores, valores diferentes, né? E hoje em dia está faltando isso, e eles sentem que está faltando, porque eu gosto muito de dar, abrir espaço pra que dêem a sua opinião, a sua idéia, então tanto no sétimo A como no sétimo, sétimo B, eles falaram, porque está provado que valores é a família e a escola também influencia, se a família não passa, claro, o professor faz o possível, eu faço o possível de na minha aula, trabalhar com exemplos, que eles pedem exemplos, que eles, sabe? Montem painel, mas também assim, o professor também tem o limite dele, porque a aula de ensino religioso é uma aula, então eu faço o que eu posso nesses cinquenta minutos, né? Mesmo na aula de história, ainda mais esse tipo de debate, sai muito nas aulas de ensino religioso e é interessante, eles têm consciência, eles têm consciência inclusive, que os jovens, eles não têm mais respeito, não respeitam os pais, né?

A questão dos mais velhos, inclusive eles dão exemplo com o que acontece no mundo, então interessante que eles têm essa consciência, se fosse bem trabalhado seria muito interessante. Então eu vejo aí inclusive eu falei pra eles: eu falei, olha gente, quando vocês forem mais velhos, vocês vão lembrar dessas, aí, por que eu dei esse exemplo? Acontece comigo, eu lembro das aulas que eu tive, que eu, que eu peguei educação moral, que era passado, lembro, eu falo, nossa, que interessante, olha agora eu dou aquilo que a tia me falava, né? Então é importante pra uma formação, pra mim é importante, sim, uma formação, acredito que se hoje, eu sou, né? O que eu sou tem influência sim dos ensinamentos, que foram passados quando criança, né? Porque é a base de tudo, dos primeiros anos, então família e escola é muito importante sim, mas eu penso que, a escola, ainda mais sendo escola católica, a maioria sabe os professores que trabalha, né? A questão de espiritualidade, a questão de religiosidade, mas e em casa, como é que fica? E eles sentem falta disso, eles têm consciência e sentem falta então é pedir pra que Deus ilumine a cabecinha deles, né? Mas pra mim foi importante. Posso dizer que sim, e hoje (...)

[Douglas] E você também reconhece que é importante transmitir isso?

[P2A] Também reconheço, sim que eu procuro fazer procuro passar pra eles, mesmo na aula de fora, pegando como exemplos, de tema, eu sempre procuro trazer para a realidade, agora é isso, eles tem idéia, têm muita consciência, que se os pais, dessem uma direção, uma diretriz, eu acredito que estaria, seria bem melhor, é, pra ver como está o mundo, né? O exemplo daquele Bruno, aquele goleiro, o que ele fez? Aí ao analisar a família, que ele foi totalmente desestruturado, aí é o exemplo, né? Então, se a família passa tudo isso, a escola, um grupo de amigos? A pessoa cresce bem estruturada então eu reconheço, é importante e foi importante pra mim sim. E eu procuro passar isso pra eles, procuro.

[Douglas] Que bom! Então acho que da minha parte é isso! Te agradeço muito, e tenho certeza que você vai colaborar bastante com a minha, com o meu trabalho.

[P2A] Tudo de bom, felicidades

[Douglas] Obrigado, bom trabalho. Obrigado!

[P2A] Imagina!

Professor P3A

[Douglas] A primeira pergunta é em relação ao que você entende por espiritualidade, porque talvez aqui, se a gente analisar tenha um perfil de espiritualidade, mas a gente gostaria de saber, pra você, o que é espiritualidade, na sua experiência de vida, na maneira como você entende, o que é espiritualidade pra você?

[P3A] Olha, espiritualidade é você estar preocupado com o bem estar do próximo, eu acho que é isso. Porque às vezes a gente encontra pessoas que dizem que não têm religião, etc. e tal, mas elas tem a espiritualidade, estão preocupadas com a natureza preocupadas com a vida do próximo, em fazer o bem, então eu acho que isso é espiritualidade, você estar preocupado, interiormente com o outro, né? E pode ser até que essa pessoa não acredite no transcendente, mas ela quer fazer coisas boas, que no final a gente vai perceber que as religiões sempre pregam fazer o bem seja pra quem for, entendeu? Eu acredito que espiritualidade seja isso, você estar preocupado com o bem estar comum

[Douglas] A segunda pergunta é em relação ao tema da pesquisa. Nas suas ações pedagógicas, no seu ato de ensinar, na sua relação com os alunos, como que você percebe se você percebe, a manifestação da sua espiritualidade?

[P3A] Da minha?

[Douglas] Isso, como, você conseguiria dizer, Olha a minha espiritualidade quando eu estou ensinando, ela se manifesta através disso, disso ou daquilo?

[P3A] Olha, ela se manifesta através do carinho que eu consigo transmitir pros meus alunos, porque eles percebem que eu gosto deles, pela maneira que eu falo com eles, que é uma maneira mais branda, eu nunca chamo a atenção do aluno bruscamente, eu procuro falar de maneira calma pra que eles se acalmem também, e também pregando assim o bem estar do outro, então sempre tentando conciliar as ações que possam ser, algumas desavenças que aja entre eles, porque é muito comum na facha-etária que a gente trabalha essas desavenças, então eu procuro fazer com que eles entendam, que respeitar o próximo, além de ser cidadão, tem haver com a espiritualidade, eu não faço isso diretamente não, eu só demonstro, demonstro agindo. Porque não adianta falar uma coisa e fazer outra. Então é dessa maneira.

[Douglas] Às vezes quando a gente escuta algumas pessoas falando de espiritualidade ou até mesmo de religião, a gente percebe que algumas pessoas separam espiritualidade e aquilo que é científico, ou então razão e espiritualidade. Pra você, existe essa separação, ou as coisas estão interligadas, como que você vê isso?

[P3A] Eu acho que, eu tenho quase certeza, no meu ponto de vista elas estão interligadas porque por mais que você trabalhe com a razão a espiritualidade, ela de alguma maneira ela ta (), ela ta colocada, você não consegue ser racional o tempo todo, só racional, que eu acho que não, eu acho que a espiritualidade ai vêm a questão da consciência enfim eu acho que, que ta ligado sim, muito, não consigo ver só razão.

[Douglas] Em relação à espiritualidade, no que se refere a profissão, mesmo que você não faça isso, você considera importante a espiritualidade sendo praticada de uma forma que não é remunerada?

[P3A] Sim

[Douglas] Eu poderia dar o exemplo do voluntariado, por exemplo, essa atitude de você fazer alguma coisa que aparentemente você não vai receber nada em troca pelo menos em relação a dinheiro, valores em remuneração, como que você vê essa relação?

[P3A] Tanto acho importante que eu sou catequista, e eu vejo necessidade em trabalhar a espiritualidade seja na religião ou fora dela, porque de alguma maneira você tem que ajudar o outro sem pensar só em valores sabe? Ele é importante pra nossa sobrevivência, é obvio, eu não vou ser hipócrita de dizer o contrario, mas a gente precisa se doar sem fins lucrativos (), eu acho importante. Precisa ser, precisa estar aberto a isso, se não fica uma vida muito sem, sem propósito sabe () materialista. E eu acho que não é essa nossa função aqui, planeta terra.

[Douglas] Pra sua espiritualidade, isso é importante?

[P3A] É

[Douglas] Você fazer isso?

[P3A] É muito importante

[Douglas] Você reconhece que é importante pra você

[P3A] É, então eu me sinto bem trabalhando como catequista, porque eu explico alguma coisa que eu sei um pouco mais que eles, estudo também, ajuda a minha espiritualidade e você se doar sem remunerar é muito importante. É uma constante, eu faço isso com uma certa Constancia, catequista eu sou já faz alguns anos. Agora você se doar, a questão de ouvir, pra que o outro se sinta bem, pra mim também é espiritualidade, sabe eu também faço, então eu acho muito importante

[Douglas] Em relação à questão de, voltando um pouco a essa questão da razão da ciência, você tem uma atitude, ou você acha importante a atitude de ter uma visão também critica em relação a espiritualidade, no sentido de não simplesmente aceitar tudo que falam, mas você emitir um certo

posicionamento crítico antes de aceitar uma teoria ou então uma doutrina, como que é isso pra você?

[P3A] Olha eu tenho um posicionamento crítico, inclusive na religião católica que eu professo, então eu acho importante, e acho importante a gente respeitar a religião dos outros, e como isso? Você tem que conhecer, se você não conhecer como é que você vai poder criticar, e como você vai poder optar. Então eu acho importante sim que a gente tenha um posicionamento crítico. Então algumas coisas na religião católica não seriam necessárias, entendeu? Mas eu respeito porque é a que eu professo. Agora respeito a do próximo, a outras religiões, mas também não vou aceitando tudo como vem. Eu quero saber, eu sou curiosa, então eu estudo, eu leio muito, acho coisas interessantes, mas eu tenho um norte, eu tenho, eu tenho um fio condutor

[Douglas] Para espiritualidade, pra você é importante ter uma certa crítica em relação ao que se diz?

[P3A] É, porque tem gente que acha que você, que pode acreditar em tudo, eu não acho isso, tem coisas que não fazem sentido, e nem por isso eu vou deixar de ter espiritualidade por causa disso, mas respeito o que se pensa

[Douglas] Eu não sei se você já teve talvez você tenha respondido isso aqui, alguma experiência de sofrimento, ou então uma experiência com alguém que passou por alguma dificuldade, algum sofrimento muito grande. Você consegue perceber a importância nesses momentos? Da espiritualidade na vida de uma pessoa? Tanto na vida talvez de quem estava passando pela dificuldade, ou de quem se propõe a ajudar essa pessoa, você

[P3A] É muito importante, já passei, passei assim, com familiares, e a espiritualidade, ela é muito importante, tanto pra você apoiar o outro, pra você às vezes dar o ombro pra ele chorar, ou ouvi-lo pra ele desabafar é muito importante, como o fato de ele ter a espiritualidade, que é muito mais, essa faz conturbada, ela vai mais facilmente, se você tiver espiritualidade, se não parece que é uma, você entra numa guerra consigo mesmo, você não consegue, sabe, pensar, a pessoa não acredita em nada, então tendo essa espiritualidade, e conviver com o outro saber, eu acho muito importante no sofrimento assim eu acho que é um, que realmente é um bálsamo sabe?

[Douglas] Agora acho que é a última pergunta. Na sua infância, com seus pais, ou outros adultos, você reconhece que eles transmitiram pra você, uma espiritualidade? Você acha que isso foi importante? Hoje você consegue reconhecer que o que eles transmitiram pra você, quando você era criança, foi importante e é importante? E se foi ou não, você como adulta hoje, você considera importante transmitir para as crianças, sejam seus alunos, seus filhos enfim, crianças com quem você convive, você acha importante transmitir de alguma maneira espiritualidade pras crianças?

[P3A] Olha, eu recebi do meu pai, uma família assim, muito rica em espiritualidade foi muito importante, porque eu perdi meu pai eu tinha 17 anos, então se não fosse essa espiritualidade, eu não sei como eu teria reagido, então () pra mim. Depois quando adulto eu reconheço tudo isso e acho importante, eu percebo que eu consegui transmitir pro meu filho, essa espiritualidade, na questão de ajudar ao próximo, de eles estar sempre preocupados com o outro, serem pessoas que procurem fazer o bem, e eu acho muito importante a transmissão dessa espiritualidade, seja pelos pais, pelos professores, alguém, eles precisam desse apoio, muitas crianças às vezes não tem, ela é carente de uma série de coisas e da espiritualidade também. Então ali é o norte, né? Porque eu acho que a partir do momento que existe a espiritualidade, as coisas ficam mais fácil. Entender a espiritualidade como a visão do bem que cada um tem, acho que todos temos. Às vezes a pessoa nem descobre que tem, mas (...) que todos temos

[Douglas] E você consegue identificar no ato de ensinar, que você transmite essa espiritualidade?

[P3A] Sim, pelo próprio. O professor, ele tem que conciliar os ânimos adversos, então nessa tentativa de conciliação, se não estivermos com a espiritualidade, se não estivermos pré-dispostos a ver o bem comum, eu acho que não funciona, não dá certo, porque só ficar criticando, a crítica, ela é positiva até certo ponto, mas tem que ter um motivo pra criticar, a pessoa tem que saber porque está sendo criticado, e a crítica, ela tem que ser bem leve pra não machucar, porque as vezes esse aluno que a gente tá trabalhando ele e carente até de afeto no caso, então ele precisa da gente também isso, e isso envolve espiritualidade, não pode ser egoísta e falar, vou trabalhar só com meus filhos e o resto é o resto, não. Você tem que se doar (...). Então a doação é também espiritualidade.

[Douglas] Acho que da minha parte é isso, não sei se você gostaria de perguntar alguma coisa?

[P3A] Uma coisa que eu vi na pesquisa, é se eu tinha um ...

[Douglas] Você quer dar uma olhada?

[P3A] Eu quero. Um guia, esse guia, ele dá um ar de várias interpretações.

[Douglas] Isso.

[P3A] Então aí me veio assim: O guia espiritual pode ser Deus, pode ser o padre e pode ser uma entidade de qualquer outra religião. Aí eu tenho um guia espiritual que é Deus, certo? Então eu me pauto naquilo que eu acho que Deus orientaria sabe? Então eu fiquei meio assim, porque, parece que no espiritismo tem a questão do guia, e como eu não tenho conhecimento profundo, sei lá, eu tenho um guia espiritual sim, mas, seria o meu guia Deus, é a religião católica, enfim.

[Douglas] Essa entrevista é exatamente pra isso, porque aqui a gente considerou essas questões de maneira bem ampla.

[P3A] Certo.

[Douglas] Pra não dizer - Aí, ele tá querendo saber de tal religião, ou de tal religião, então a gente põe assim, exatamente pra pessoa fazer o que você fez, tem vários tipos de guias que as pessoas consideram, o meu é esse, então pra mim, é esse.

[P3A] Ah! tá.

[Douglas] Então

[P3A] É uma das coisas que eu fiquei meio assim, porque eu falei, - Bom, eu entendo um guia como um guia mesmo, né?

[Douglas] Alguém que a gente toma como referência.

[P3A] Exatamente, então á

[Douglas] Isso mesmo, tá bom?

[P3A] Tá bom!

[Douglas] Muito obrigado pela sua colaboração.

[P3A] Imagina, eu tô às ordens se precisar de outras, pode ficar a vontade!

[Douglas] Vai ajudar bastante no meu trabalho!

[P3A] Que bom!

[Douglas] Tá bom ?

[P3A] Tá bom então!

[Douglas] Muito obrigado, bom trabalho!

[P3A] Obrigado pra você também, e sucesso no seu trabalho, tá bom!

[Douglas] Você pode, por favor, avisar a Solange

[P3A] Pode deixar, eu aviso.

[Douglas] Não sei se vem alguma outra professora ainda.

[P3A] Eu aviso.

[Douglas] Obrigado!

[P3A] De nada!

Professor P4A

[Douglas] Professora, então primeira pergunta, professora, é a respeito da sua espiritualidade? Talvez aqui nesse material, que é o primeiro que a gente usou, exista um perfil de espiritualidade aqui, mas é importante pra nós sabermos pra você, posso te chamar de você ?

[P4A] Lógico!

[Douglas] O quê é a espiritualidade pra você?

[P4A] A espiritualidade, ela diz respeito às experiências de vida, tendo em vista a minha compreensão do Sagrado, do que é separado, né? Mas no separado, não do todo, mas, uno, né? Então espiritualidade é essa busca de unidade com o todo, com o transcendente, né? E ela, e a espiritualidade diz respeito ao, a experiência mais do que a vivência, é que a experiência é aquilo que vai nos transformar, o que transforma as pessoas, espiritualidade pra mim é isso, não é? Fica entre a vivência do sagrado, do transcendente na minha vida

[Douglas] A segunda pergunta, diz respeito ao tema do estudo? Que é a partir das suas ações pedagógicas, do seu ato de ensinar, o seu relacionamento, não é, com os alunos, como que você percebe, é, se percebe ou se você acredita que existe, é a manifestação da sua espiritualidade no ato de ensinar, na relação com o aluno, como que essa espiritualidade se manifesta nesses momentos?

[P4A] É eu procuro, embora seja bastante exigente com os alunos, e eu sempre mantenho uma distância, vamos dizer assim pedagógica, porque eu acho que tem que haver, também pela minha idade, né? Com sessenta e dois anos você já tem outra caminhada, né? Que um professor novo, né? Mais jovem, mais eu procuro sempre, é, apresentar pra eles, valores. E como professora de língua portuguesa, isso é, acho que é muito tranquilo fazer, primeiro pelos textos, e segundo, pela leitura de textos, uma leitura sempre voltada, embora já tenha um conteúdo a ser seguido, mas nos trabalhos sempre mostrar pra eles, esse outro lado da vida, então tudo o que aparece ou na mídia ou nas leituras ou no convívio da sala de aula, eu procuro sempre puxar pra esse lado, pro lado do relacionamento da comunidade, enfim dessa criação mesmo, formação de valores, porque, muitos deles hoje não tem porque a família deixou de cumprir isso pelas próprias exigências da qualidade, né?

[Douglas] Às vezes nós encontramos, situações e pessoas, que separam, espiritualidade de um lado, razão do outro, ou então corpo e matéria, quer dizer, matéria como corpo e espírito, como alma, algo material, alma, é, na sua compreensão, como que se dá isso na sua vida pra você existe essa separação, ou como que você vê essa questão?

[P4A] Não, absolutamente, eu não vejo que espiritualidade ou esse entendimento que se tinha até algum tempo de que nós podemos separar. O homem é um todo, tá? Então é esse, vamos dizer assim entre aspas um casamento, né? Tem que ser um casamento, se não digo perfeito, mas, tem que haver isso, porque o homem não pode ser separado, ele é um todo. E não tem como fazer isso, né? Essa separação, porque se você separa, é, você destrói a pessoa humana, porque se eu disse no início que a experiência é incorporada às minhas ações eu não posso separar a espiritualidade do corpo porque, na verdade, o corpo faz parte da alma a alma faz parte do corpo, um não existe sem o outro

[Douglas] Eu não sei se você já fez ou faz algum trabalho assim, mas, é, mesmo que não faça, você considera importante em relação a isso que você entende por espiritualidade, o trabalho, digamos voluntário ou pelo menos, não remunerado, alguma coisa que você faz? E que é considerado às vezes pelas pessoas que você está fazendo sem ter retorno seja financeiro ou qualquer outro tipo de retorno?

[P4A] Você quer saber se eu faço?

[Douglas] E qual assim a relação que você vê entre essa atitude? E a espiritualidade?

[P4A] Bom primeiro, eu não, eu acho que nós não somos felizes sozinhos, então eu sempre procurei é fazer um trabalho, voluntário porque isso além de me, ele me preenche, ele me trás felicidade, então por conta da minha vida atual, eu deixei de trabalhar assim, por exemplo, nas creches que eu trabalhei aqui da paróquia, trabalhei por quase vinte anos, né, nas creches, e eu agora faço um trabalho voluntário que eu sou coordenadora de catequese, né? E por mais isso no momento da minha vida seja oneroso do ponto de vista de tempo até de físico, às vezes, e de outras circunstâncias eu não sei se conseguiria viver, se, se, bem, viver bem, né? Completa, sem esse trabalho. Então eu acho que é necessário, o trabalho sem remuneração, nem pela remuneração, mas porque faz com que você entre em sintonia, né? Com uma outra dimensão de ser humano

[Douglas] Você, você percebe que isso trás um crescimento,

[P4A] Muito, muito!

[Douglas] Tanto pra você que realiza como pras pessoas que recebem

[P4A] Prás pessoas que recebem

[Douglas] E isso tem a ver com espiritualidade, por exemplo,

[P4A] Tem a ver com espiritualidade, tem a ver porque como eu disse, eu não posso separar, né? Não posso separar

[Douglas] É, em relação a um posicionamento crítico, em relação à espiritualidade, você acha importante, que, que nós tenhamos um é, um posicionamento crítico em relação à espiritualidade, e não simplesmente aceitar, seja uma teoria, ou seja um pensamento que foi apresentado, mas assim, quando você se posiciona na sua espiritualidade você, tem um posicionamento crítico em relação a ela também?

[P4A] Tenho, tenho

[Douglas] E você acha isso importante?

[P4A] Muito, muito, porque senão você tem, vamos dizer, não misturando fé com espiritualidade, mas você começa a andar às cegas, tá? Então eu acho que embora a espiritualidade, como eu disse, faz parte de um todo, você é um ser também, racional e lógico, então não é tudo que te põem goela abaixo que você vai aceitar, inclusive na minha vida pessoal eu tive uma experiência muito dura com isso, né? Então é por eu ter assim uma firmeza de opinião, um olhar crítico, né? Então acho que você tem que ter esse olhar, porque senão você se torna o quê, desculpe dizer, uma vaca de presépio, né?

Que aceita tudo, engole tudo, eu acho que no campo da espiritualidade, há também muitas idéias, erradas que tentam te empurrar e você tem que questionar crítico, afinal de contas você é dotado também de razão, tem intelectualidade, é pra pensar, eu acho que esta parte é muito importante, muito, muito, muito, inclusive no trabalho pedagógico, e como sou coordenadora também do ensino religioso você tem que, não digo direcionar, mas, alertar as pessoas pra não aceitar tudo que lhe trazem mesmo em nome da espiritualidade.

[Douglas] Então não é simplesmente aceitar tudo?

[P4A] Não, não

[Douglas] Isso não é espiritualidade pra você, ficar pegando tudo

[P4A] Não, não

[Douglas] Juntar ir lá e tal, ta bom. Não sei se você já teve esse tipo de experiência, ou tem, mas eu gostaria de saber também, como que você vê a importância da espiritualidade numa situação de sofrimento? Seja seu, ou seja, de uma pessoa que você conhece, que sofre muito ou que passou por um período de sofrimento, por qualquer motivo, a espiritualidade nessa experiência do sofrimento, como que você vê, a presença da espiritualidade, aí nessa situação?

[P4A] Ah ela nos ajuda muito, porque senão você acaba descrendo de tudo, porque o sofrimento na verdade é muito difícil de ser digerido, engolido e trabalhado. Então a espiritualidade é você ter um olhar maior, olhar mais distante, mais longe, ela ajuda muito a caminhar. E é o que faz falta também hoje, pros nossos jovens também e adolescentes, é esse olhar pra frente porque se for somente analisar do ponto de vista da lógica, algumas coisas são inexplicáveis, e de difícil condução na vida, então você tem aquela força interior que lhe dá esse trabalho da espiritualidade

[Douglas] E agora acho que é a última pergunta, na sua infância você teve, um conteúdo de espiritualidade que foi transmitido pelos seus pais, ou por outros adultos com quem você conviveu, o que isso significa hoje pra você, isso que você recebeu na sua infância, e também se você considera importante hoje como adulta, transmitir isso para as crianças, para os adolescentes?

[P4A] Primeiro, pela primeira resposta, tive meus pais e ambas as famílias, tanto do meu pai, quanto minha mãe sempre vivenciaram e experimentaram a espiritualidade, eu venho de uma família cristã, católica apostólica romana, mas não é só isso, os exemplos que meus pais me deixaram, e meus avós, são exemplos de acolhida, generosidade e de amor fraterno, então eu tenho exemplos assim na minha casa, um deles por exemplo, dos meus pais, fora o dos, meus avós, pessoas pobres, aqueles vendedores cegos ambulantes que no interior tinha muitos, aqui do Instituto do Cego, então eles chegavam em casa pra vender alguma coisa, meus pais acolhiam, dava almoço, ficavam lá, às vezes até tomavam banho, enfim, um dos poucos exemplos, e de ajuda as pessoas de uma maneira geral. Então meus pais eram pessoas e meus avós, extremamente generosos e isso calou fundo em mim, e eu tento passar isso pros meus filhos e também pros meus alunos. Eu acho que é muito importante essa acolhida, essa generosidade, num mundo onde o egoísmo e algo assim gritante, nós percebemos nos adolescentes, agora eu não dou mais aulas pros menores, mas eu dou mais pros adolescentes, nós percebemos que isso tem que ser trabalhado, porque faz parte da vida ser acolhedor, ser generoso, solidário, enfim fazer com que a espiritualidade seja trabalhada nessa direção de acolhida do outro e da vivência comunitária, quer seja na primeira célula que é a família ou nas comunidades maiores, escolas, amizades, etc.

[Douglas] Pelo que eu percebo então, espiritualidade pra você não está necessariamente associada a uma religião, mas uma atitude, uma postura de vida, no sentido de que não é a religião que vai determinar a sua generosidade, isso que você acabou de dizer agora?

[P4A] Sim e não. Respondendo, começando do negativo: eu acho que religião influi muito, porque se você tiver uma visão cristocêntrica da religião você vai ver que Cristo viveu tudo isso que eu falei e nos deu exemplo de vida então eu aprendo seguindo esse modelo. Então a minha família me passou esse modelo e vivenciou

[Douglas] É uma espiritualidade religiosa.

[P4A] Religiosa também. Por exemplo, se meus pais fossem cristãos católicos apostólicos romanos, e eles não vivessem a religião, esse vínculo de religião, porque tem diferença, entre religião e religiosidade e espiritualidade, se não vivessem isso não adiantaria nada, seria uma fé sem ação, então a minha fé não é assim e nem a minha espiritualidade caminha nessa direção, então você tem, como eu coordeno a catequese também, é isso que nós tentamos passar pras

crianças esse modelo de vida de Cristo, embasada em Cristo, então tá, mas eu falei sim e não, se eles tivessem uma fé, uma religião cristã católica, mas, eles não vivenciassem eles não tivessem essa experiência de vida e eu não tivesse vivenciado isso quando em criança, se eles me falassem que deveria ser acolhedora eles não fossem, seria algo frustrante de ambos os lados, porque não adianta você só, e nesse ponto sim, é vinculada, por isso que eu disse que é sim e não, deu pra você entender?

[Douglas] Explicando?

[P4A] Explicando deu pra você entender?

[Douglas] Deu! Claro!

[P4A] A religião ela fundamenta tudo isso, e se ela não for passada de uma forma adequada com vivência, não adianta nada

[Douglas] Não fazia parte das perguntas, mas, me surgiu essa curiosidade, se você me permite

[P4A] Pois não!

[Douglas] Você acredita que um ateu tenha espiritualidade?

[P4A] Sim, acredito. O trabalho que eu desenvolvo com ciência da religião, e dou aula de uma matéria que eu já falei pra você, religião, literatura e religião, literatura brasileira e religião, e fiz também um trabalho do grupo temático agora na faculdade que é religião, literatura e espiritualidade, e também agora em setembro vou dar uma palestra sobre religião e literatura, um diálogo intra disciplinar, então eu trouxe pra eles como exemplo disso que nós estamos conversando, eu trouxe diferentes poesias e textos, inclusive textos do Jorge Amado, o Tenda dos Milagres, falando sobre literatura e a espiritualidade em autores que são considerados ateus, santos, marxistas, certo? Como do modernismo brasileiro, e aí nós vamos ver que eles têm uma espiritualidade assim latente, nessa direção de ir ao encontro do outro no uso da palavra, da literatura, que a priori você olhando, fala, não tem nada a ver com espiritualidade, mas tem tudo a ver, é um outro olhar. Então eu acho que o ateu, se ele tem uma vivência, uma experiência dessa vivência entranhada de amor ao próximo ele é, nossa, não podemos nem dizer ao contrário. Em minha cidade nós tínhamos um médico, que ele era marxista, Dr Davi Unowit, ele era de descendência russa, e ele foi perseguido durante a revolução, mas eu nunca vi criatura mais caridosa, mais amorosa, ele trabalhava, depois que ele saiu do interior ele veio trabalhar aqui na Praia Grande, numa região pobre, pobre, pobre e ele trabalhava como chefe do INSS, depois que passou toda aquela problemática de revolução, ele era adorado por todos, então tudo ele vivia o evangelho, então acho que ela não tem assim uma relação direta, vamos dividir sim e não

[Douglas] E por último, se você tem alguma dúvida, se você quer algum esclarecimento em relação a esse primeiro material que como eu já expliquei ele é muito amplo exatamente pras pessoas não se sentirem quadradas, às vezes fica muito aberto.

[P4A] Então, a única pergunta eu acho, não sei se foi a única ou, essa e uma outra, a outra eu não me lembro mas essa eu tenho certeza, vocês perguntaram o que é milagre, se eu acreditava em milagre? Eu não respondi, porque eu achei que teria que falar mais coisas, isso porque eu já falo muito

[Douglas] Seria assunto pra não simplesmente colocar um X?

[P4A] Colocar um X. O quê que é milagre? Milagre é uma cura? Ou milagre é todo dia nascer, é a vida, o milagre é a vida, quase que eu respondi, mas, eu achei que eu ia ser muito indiscreta, furando a orientação que era do X, então milagre é tudo isso, é chuva, é sol, alegria de viver, é se poder conviver, enfim, um monte de coisas, então milagre pra mim é muito amplo, é isso, tá bom?

[Douglas] Professora, obrigado!

[P4A] Imagina, obrigada você!

[Douglas] Com certeza vai colaborar bastante no meu trabalho!

[P4A] Ah! Tá bom, faço votos que te ajude, tá? Obrigada, qualquer coisa tá as ordens

[Douglas] Muito obrigado

[P4A] Tá bom

Professor P5A

[Douglas] A primeira pergunta é, o que é espiritualidade pra você? Porque aqui nesse instrumento que a gente fez anteriormente, tem talvez, varias concepções de espiritualidade, mas a gente precisa saber, pra você, o que você considera como espiritualidade?

[P5A] Tá, então eu acho que espiritualidade não é religião não é crença, é uma coisa que te move realmente, eu acho que uma coisa maior, tanto que quando a gente conversa com pessoas que não são da mesma religião, eu entendo que ela pode viver até a mesma espiritualidade que eu, embora não seja católica, por exemplo. Então eu acho que é um sentimento muito maior, é uma coisa que te move, eu acho que é isso, que move a sua vida, que dá sentido a sua vida, então por isso não tem nada haver com religião, eu acho que é isso

[Douglas] Não precisa necessariamente alguém ser religioso prá ter espiritualidade?

[P5A] Não sei se eu diria que não, eu acho que não!

[Douglas] Por exemplo

[P5A] Eu acho que acaba sendo uma consequência. Você tem uma religião faz com que você tenha esta espiritualidade então, mas eu quero dizer assim. Você não precisa ser católico, você pode ter qualquer religião, eu acredito nisso.

[Douglas] Então eu vou fazer uma outra pergunta

[P5A] Pode fazer!

[Douglas] Um ateu, você que é possível um ateu ter espiritualidade, nessa concepção que você falou agora?

[P5A] Eu não sei, eu acho que alguma coisa o move pra não acreditar, né? Eu não sei, me pego

[Douglas] Qualquer coisa a gente volta nessa questão.

[P5A] Eu acho que alguma coisa o move, e espiritualidade pra mim, é esse sentimento, eu acho que ele tem então, não sei. A princípio eu acho que, é difícil falar, porque pra mim essa questão da religião ela tá implícita realmente, então eu acho que a pessoa que se diz ateu, ele acredita em alguma coisa, eu acho que ninguém não acredita em nada, não existe isso, ele acredita em alguma coisa, talvez não seja nas religiões que são propostas, mas ele acredita em alguma coisa.

[Douglas] Certo, e a partir disso?

[P5A] A partir disso, eu acho então que ele deve ter essa espiritualidade, e alguma coisa deve mover ele também, pra ele pensar daquela forma.

[Douglas] Pra você, espiritualidade é como o sentido da vida.

[P5A] Isso!

[Douglas] O ateu dá um sentido prá vida dele?

[P5A] Sim!

[Douglas] Então nesse sentido poderia acontecer?

[P5A] É, eu acho que, assim, então é, eu nunca tinha pensado, interessante, eu nunca tinha pensado, então ele deve ter.

[Douglas] Por isso, que essa entrevista é aberta, a gente vai, conforme a gente vai respondendo.

[P5A] Mas é bacana isso, porque eu nunca tinha pensado dessa maneira.

[Douglas] Outra pergunta: Como que você percebe a manifestação da sua espiritualidade no trato com os alunos, no seu relacionamento com eles, na sua ação pedagógica, como que você identifica, e que na sua ação pedagógica se manifesta a sua espiritualidade?

[P5A] Então, eu tô, pode falá, né? Eu tô num momento que a minha prática com o aluno, ela vai além daquela relação coordenadora ou professor aluno, eu tenho encarado como missão mesmo. Então quando a gente acredita que é uma missão, eu acho que aí nesse momento eu acho que eu tô vivendo essa espiritualidade, essa minha relação com eles tem sido dessa maneira, especialmente nesse momento da minha vida, tem sido dessa forma, quando eu penso em alguma coisa, vou fazer uma feira de profissões, eu sempre penso assim, a necessidade que ele vai ter aquilo vai ser bacana pra ele? Vai trazer alguma coisa, vai acrescentar na vida dele? Não só escolar, mas na vida dele como pessoa, então eu tenho assim feito, pensado muito em termos de, que missão que eu tenho que eu vou deixar entendeu? Acho que eu tenho sido movida também por algumas pessoas que, umas palestras que eu tenho ouvido essa questão assim. Qual é sua obra, que obra que você vai deixar? Então eu acho que é isso que tem acontecido comigo, eu tenho pensado muito em termos de missão mesmo que eu tenho

[Douglas] Às vezes a gente vê algumas posturas em relação à espiritualidade como algo oposto a aquilo que é material, e também às vezes assim: a espiritualidade é uma coisa e a razão é outra coisa, ou então a separação entre a matéria, corpo e espírito, como que você vê isso?

[P5A] Tá, então vendo, até fazendo o questionário foi impressionante como fazer o questionário, responder o questionário, me fez pensar de uma outra maneira. Então outro dia ainda nós conversávamos sobre essa questão do "Meu corpo é o meu templo". Então eu acho que uma coisa ta ligada à outra no sentido de que, eu sou uma pessoa única, tenho o corpo e espírito enfim, então eu tenho que estar com meu templo bem, eu tenho que respeitá-lo, então eu acredito que não esta desligada uma coisa da outra, ate porque eu tenho vivido isso, tenho tentado melhorar meu corpo, minha saúde, me cuidar mesmo, pra que tudo flua bem, pra que tudo funcione bem

[Douglas] Então pra você não tem separação?

[P5A] Não tem separação

[Douglas] Em relação ao trabalho, como que você vê a questão da espiritualidade em situações que, por exemplo, nós realizamos um trabalho, que não é remunerado, você considera importante como espiritualidade esse tipo de ação, que como às vezes nós ouvimos. Fazer alguma coisa sem receber nada em troca e às vezes no sentido monetário mesmo

[P5A] Então padre eu já, eu faço isso, eu participo de uma paróquia de uma comunidade () e a gente, lógico que é o nosso trabalho o nosso serviço, não tem um lado financeiro. Mas é esse que me da maior prazer e que eu acho que aí eu to realmente exercendo essa espiritualidade, me movendo mesmo pra que eu faça isso, então eu vivo isso. E muitas vezes aqui mesmo, aqui dentro, muitas vezes você vem e faz uma porção de coisas aqui dentro do colégio, mas assim, eu acho que especialmente fora daqui do trabalho, eu tenho esse trabalho nessa pastoral. Moradores de rua que a gente sai, ou então quando eu vou e trabalho numa festa junina em prol da, é o momento que eu mais me sinto feliz, essa é a verdade

[Douglas] E isso pra você também é espiritualidade?

[P5A] Eu acho

[Douglas] Não sei se você já vivenciou, ou vivencia de estar próximo de alguém que esta passando um sofrimento muito grande, independente de isso estar acontecendo ou não, ou se já aconteceu. Como você vê essa relação, entre o sofrimento de alguém ou mesmo seu e a espiritualidade?

[P5A] Quando você ta junto com outra pessoa, eu sou muito assim de me sensibilizar, então, a gente outro dia tava lendo essa questão de inteligência inter-emocional. Então eu acho que, às vezes eu sinto o mesmo que a pessoa ta sentindo. Minha mãe dizia assim: Nem vai fazer terapia ocupacional, porque você não vai saber ajudar as pessoas, porque você sente muito que as pessoas estão sentindo. Mas acho também que é quando eu to vivendo algum problema, ou que a pessoa, esteja vivendo algum problema, eu acho que você tem a chance de melhorar quando você vive um problema, eu sempre penso dessa maneira, você tem a chance de pegar aquele problema e falar. Ou aquele problema vai me afundar e acabou, eu não vou sair desse momento pra um outro, ou você tem a chance de falar: bom vamos ver o que ta me apresentando esse problema, pra ver se eu cresço com isso. Eu penso dessa forma.

[Douglas] Você considera importante a espiritualidade para enfrentar essas situações, por exemplo?

[P5A] Eu acho. Eu acho muito importante

[Douglas] Você acha que ajuda?

[P5A] Eu acho. Ajuda muito padre, porque é aquilo que eu te falei, é o que te fortalece mesmo, eu vivo isso. Eu tenho certeza que eu já sai de um momento em que, eu acho que isso não tava forte em mim, e hoje sim. Mas eu acho que foi essa questão da espiritualidade que me fez. Por exemplo: meu pai faleceu muito rápido assim, eu falei com ele e dali meia hora ele faleceu, e eu já tinha assim, acho que trabalhando, crescendo um pouco mais sobre essa questão de espiritualidade, por eu acho que você pode desenvolver isso, você pode crescer essa espiritualidade, e isso me fortaleceu, ou então quando eu tive, por exemplo, quando eu tive que assinar a minha vó tinha que, por exemplo, amputar uma perna, foram situações, eu to narrando situações, que eu me senti fortalecida no sentido de falar assim: Deus, me faça forte assim pra entender que a falta dela assim...eu tenho que entender essa falta dela, eu vou me fortalecer com essa fé, que eu acredito que ela vai (), vai ficar bem enfim, e que essa falta dela vai ficar saudade, mas fica aquela coisa de ela foi importante pra mim, então esse entendimento, essa espiritualidade me fortaleceu mesmo nesses momento

[Douglas] Agora a última pergunta: na sua infância, os seus pais ou outras pessoas com quem você tinha contato, passaram pra você um pouco de espiritualidade? Como que você percebe isso hoje? E também, você como adulta hoje, você considera que é importante, você transmitir ou proporcionar essa experiência da espiritualidade para as crianças hoje?

[P5A] Então, eu tive isso na infância minha avó, minha avó sempre foi uma pessoa muito religiosa e essa religião, essa religiosidade dela, eu acho que tava ligado com a espiritualidade, e ela me passou muito isso, mas eu tive um momento assim que, de rebeldia não queria saber de nada, não queria, acho que ate pra, aquela fase de adolescência mesmo, e depois a gente percebe como é importante. E pros meus filhos eu tenho tentado passar pelo evento, porque o que aconteceu na realidade eles me pegaram nessa fase ainda de inicio de casamento onde eu não valorizava, enfim eu deixei pra segundo plano, então eles não cresceram com isso, e agora que são adolescentes, ta sendo muito difíceis, e eu gostaria muito porque tem feito tão bem pra mim enfim, participar dessa minha paróquia, nessas pastorais, eu vejo que eles estão afastados, e eu gostaria muito que eles tivessem crescendo vivendo isso, mas eu acho que eles vivem ali dentro do lar, essa espiritualidade, eles não precisam exatamente estar na igreja.

[Douglas] Você percebe nas atitudes deles que eles vivenciam isso de uma outra maneira também?

[P5A] É exatamente, eu acho que eles não precisam estar presentes não, mas eles vivenciam isso quando a gente vive, os pais vivem, eu acho que eles acabam vivenciando isso, mas eu acho super importante. Porque eu acho que faz () tem feito falta isso. A gente percebe assim que as

famílias que vão deixando essa pedra grande ai, porque outro dia eu tava lendo aquele exemplo do você encher aquele pote com as pedras grandes, que são aquelas coisas importantes na sua vida e depois com as pequenas porque elas vão se acomodando, mas as grandes precisam estar em primeiro lugar, se você colocar um monte de pedrinha pequena, daqui a pouco as grandes não cabem, e as grandes acredito que são, que é isso mesmo, que é sua espiritualidade, essa coisa que é maior do que tudo que tem essa parte e ter só () de ter a família, enfim é isso

[Douglas] Então ta, não sei se você tem alguma pergunta, alguma duvida que ficou da faze anterior

[P5A] Não, mas assim, eu queria só colocar aquilo que eu já tinha falado: Que bacana ter feito esse questionário, porque tem coisa que a gente não reflete a gente não pensa muito, só que quando a gente faz esse questionário, tem que pensar um pouquinho, você para pra pensar, você vai fazendo, você vai vivendo as coisas e não para pra pensar muito, em termos de seu sentimento, e quando você vai responder esse tipo de questionário você para e fala, - *Puxa como é que é*. Ai você para pra pensar realmente. Eu achei bem interessante, bem legal fazer

[Douglas] Que bom

[P5A] Ta? E colaborar

[Douglas] Obrigado

[P5A] De nada

Professor P6A

[Douglas] Então, ta (). A primeira pergunta então é pra você, o que significa, o que é espiritualidade pra você, por que talvez aqui a gente tenha um conceito mais geral, como eu disse pra você, mas é importante a gente saber pra cada participante, o que significa espiritualidade pra você?

[P6A] É tão difícil, é muito difícil. Na realidade acho que espiritualidade é você ter uma comunhão com alguma coisa, comunhão com Deus, ter essa comunhão, ter a mente aberta pra isso, e independe da crença, se é católico, se é colocar nomes assim, acho que não tem a ver com religião, eu acho, a espiritualidade

[Douglas] É algo mais amplo?

[P6A] É. E assim eu acho difícil ter que buscar, ela não vem assim, você tem que buscar, você tem que ter necessidade, eu, por exemplo, eu tive essa necessidade, de procurar alguma coisa que me dissesse o que eu sentia sobre espiritualidade, então eu comecei ler um monte de coisa, então é mais ou menos isso, é difícil falar, né?

[Douglas] E você pode dizer o motivo que te levou a buscar isso, você consegue identificar o motivo?

[P6A] Ah, eu acho que sim, eu acho que nós viemos pra alguma missão, então eu fico preocupada em não saber se eu estou no caminho certo, então a espiritualidade, ela te norteia pra esse caminho, esta é fundamental, então eu senti isso, tinha que ter uma necessidade muito forte, e ter essa espiritualidade

[Douglas] Então, ta

[P6A] Será que ficou claro?

[Douglas] Eu acho que sim, a não ser que você quiser explicar mais, () mais.

[P6A] Eu acho que teria mais, mas eu não to conseguindo

[Douglas] Mas durante as perguntas eu acho que de repente aparece

[P6A] É acho que sim

[Douglas] A outra questão, é assim, às vezes a gente vê que algumas pessoas separam, o material de espiritual, por exemplo, corpo e alma, ou então faz aquela separação assim, uma coisa é espiritualidade, é espiritual, outra coisa é razão. Como que você percebe essa questão, pra você é separado, ou é a mesma coisa, ta tudo junto, como que é a sua experiência em relação a isso?

[P6A] Eu acho que não é separado não, é uma coisa só, corpo, alma, espírito, não sei, eu acredito muito que o espírito, essa alma ela é mais forte que o corpo, porque a gente vive num momento em que o corpo ele é muito presente na vida da gente, então uma pessoa, no meu caso, eu sofri um AVC, então eu fiquei com o corpo todo deformado, então se não tivesse esse lado espiritual que fosse mais forte eu acho que a coisa ia pegar

[Douglas] Isso te ajudou muito

[P6A] Me ajudou muito, me ajudou muito, porque o corpo, ele é muito forte, na verdade, isso pra mim né? Mas o que eu percebo como um todo assim, as pessoas dão muito valor para o corpo, e a espiritualidade não é muito importante. Então os valores de ter coisas, eu falei gente, o sentir, acho que faz parte da espiritualidade, o sentir do afeto, do amor, da solidariedade, da compaixão, então eu acho isso tem que ter ta muito atrelado a espiritualidade e se você não tem isso, teu corpo, ó.

[Douglas] Já ficou mais claro, não é?

[P6A] Acho que sim, é vai indo, é

[Douglas] Ta, a outra pergunta é relacionado ao título da pesquisa, como que você, na sua ação pedagógica, no seu relacionamento com os alunos, com as crianças, como que você vê, percebe, sente essa espiritualidade se manifestar, se é que você sente?

[P6A] Ah, eu acho que é muito importante, porque senão, olha eu não conseguiria ser professora

[Douglas] Você sente então, que quando você ensina, quando você tem essa relação na sua ação pedagógica, que se manifesta a sua espiritualidade?

[P6A] Mas, pode ter certeza. Eu não tenho dúvida disso e precisa ter

[Douglas] Você quer dar um exemplo?

[P6A] Ah, eu acho que desde a compreensão, que a gente recebe as crianças, os adolescentes, sempre confusos nas suas atitudes, já vindo de casas, de lares desintegrados, então se você não perceber isso, que esse ser humano ta trazendo isso pra sala de aula, acho que o seu trabalho, não aparece, então você tem que ter esse lado, eu acho que sem espiritualidade o professor não tem sucesso na sala de aula. Isso eu comecei a ter a certeza, ao logo dos meus trabalhos, dos anos, que foram passando, e quanto mais eu procurava o espiritual a minha performance em sala de aula dava assim de dez de quando eu comecei, que eu achava que não tinha nada a ver, mas tem tudo a ver, não só na sala de aula, eu conversando aqui com o senhor, tem que estar aberto, tem que prestar muita atenção nisso, eu presto muito a atenção, se eu percebo que uma pessoa já tem um lado assim, espiritualizado, eu já me afasto, não me interesso por pessoa assim, e eu tenho que passar isso pros meus alunos, esse lado, tem que ter

[Douglas] Que bom. A outra pergunta é em relação, se você percebe que tem a ver com espiritualidade um trabalho que você realiza sem esperar algo em troca, vou dar o exemplo do voluntariado, que às vezes, são coisas que a gente faz, e que a gente sabe que não vai ser remunerado, mas, que a gente acha importante, se sente bem, você vê relação entre

[P6A] Ah, eu vejo, é fundamental, eu vejo, às vezes até no meu caso pessoal eu acho que é penoso, mas eu acho que vale a pena, eu acho que tem um mistério aí que vale a pena, eu não sei explicar porque, mas eu acho acredito nisso,

[Douglas] É claro que o valor, o dinheiro é importante, só que não é só por isso?

[P6A] De jeito nenhum, eu pessoalmente, eu preciso disso, eu preciso dessa comunhão, não sei

[Douglas] Você falou desde o início, a palavra comunhão

[P6A] É. Eu acho que é fundamental, senão, a gente veio pra quê, não sou professora a toa, acho que tem uma coisa mais forte aí, e eu sempre procurei saber assim, a gente não vai descobrir nunca, mas sempre fica no ar uma coisinha assim, que você fala assim, nossa é isso aí, to no caminho certo, graças a Deus, nossa, dá um conforto assim, de saber que mesmo que você não vai ter o resultado, a curto prazo, mas eu sei que vai surtir em algum outro lugar, num outro tempo isso eu tenho certeza. Ninguém tira isso de mim, como eu sei, não sei te explicar, mas eu tenho a certeza, então vale a pena, se falarem pra mim, olha, tem que fazer um negócio lá, eu vou pensar, ta eu não vou ganhar nada, onde que é, eu vou ficar pensando tanto que eu não vou te falar na hora, Ah, eu não quero, eu não vou ganhar nada, eu não vou. Juro, eu vou pensar muito bem porque, eu acho assim, não que eu vou ser castigada, mas eu acho que eu não vou estar no meu caminho, eu vou estar saindo fora, e eu não quero fazer isso

[Douglas] Você já respondeu essa pergunta a meu ver, mas eu vou fazer de novo, em relação de situações de pessoas ou mesmo a gente, que passa por um momento difícil na vida, por algum sofrimento, você considera importante a espiritualidade, no sentido de que ela possa contribuir neste momento, por exemplo, se a gente tem alguém muito doente na família, que a gente precisa cuidar, ou mesmo a gente que passa por situações de sofrimento, você vê aí nessa ação, junto a essas pessoas que sofrem a importância da espiritualidade?

[P6A] Eu vejo, sim, só que eu não vejo como um escape, assim, ah, isso vai dar certo, positivo, eu não consigo ver isso. Eu acho que é muito importante, ajuda muito a enfrentar, mas não querendo de volta um resultado positivo, isso daí eu não acredito, então eu acho assim que, não que você tenha que sofrer, tenha que passar por esse processo do sofrimento, não necessariamente, mas precisa, sim é muito importante.

[Douglas] E acho que seria a última pergunta agora, na sua infância, você se lembra de seus pais, ou outras pessoas, transmitirem de alguma maneira manifestarem, de alguma maneira a espiritualidade, você considera que isso foi bom pra você, e você hoje, como adulta, você considera importante você manifestar para as crianças, a espiritualidade?

[P6A] Então, quando eu era criança eu não lembro nada. Minha família é católica, assim daquele jeito, né? Que vai na missa uma vez por ano, eles falavam pra nós irmos, eu e minha irmã, nós íamos mas eu dava muita risada. Eu lembro disso, eu era muito irreverente, assim, eu não entendia porque, mas meu pai me mandava ir pra missa, então eu ia, mandava fazer catequese, fazia, depois quando eu comecei a ficar mocinha, adolescente, aí eu fui sentir assim uma falta da espiritualidade, daí eu comecei a procurar, né? Então eu acho importante sim

[Douglas] Então você acha que você manifesta, hoje, pras crianças com que você convive, por exemplo

[P6A] Manifesto

[Douglas] E que você acha que é importante?

[P6A] É super importante, e vai ajudá-los, mesmo eles tirando sarro, mas eu acho que vai ser

[Douglas] Importante pra eles?

[P6A] Muito importante, muito

[Douglas] Ta bom, acho que da minha parte é isso, não sei se você tem alguma dúvida,

[P6A] Não, não, eu gostei muito de fazer esse trabalho, porque eu gosto muito do assunto

[Douglas] Ai que bom

[P6A] Então, eu queria saber mais depois,

[Douglas] A sim, a gente quando terminar tudo, a gente dá um retorno pra vocês

[P6A] Me dá um retorno, obrigada

[Douglas] Mesmo porque, é fundamental a participação de vocês, obrigado

[P6A] Legal né? Nossa, adorei, imagina

[Douglas] Gostei. Obrigado, por ajudar nesse trabalho, viu?

[P6A] Imagina, to as ordens, pode me chamar pra qualquer coisa que estarei à disposição, ta?

[Douglas] Ta bom, obrigado

[P6A] Imagina, obrigada a você, tchau, você também, boa sorte aí

[Douglas] Obrigado

Professor P7A

[Douglas] Então Marcel, como eu disse pra você, lá naquele material que você respondeu anteriormente, talvez tenha uma definição de espiritualidade lá

[P7A] Sim

[Douglas] Só que a gente gostaria de saber, pra cada participante, o que é espiritualidade? Então a primeira pergunta é essa. Pra você, o que você, como você definiria ou o que você entende por espiritualidade?

[P7A] Eu acho que é tudo aquilo que a gente pensa, que a gente pensa, que a gente aja no dia-dia, o trabalho com as pessoas, com os alunos de uma forma geral, tudo que é relacionado com as pessoas, os nossos amigos, os nossos alunos, nossos familiares, a forma como a gente se trata se respeita, acho que pra mim a espiritualidade é a forma como a gente age com as pessoas

[Douglas] E na sua relação com os alunos, na sua ação pedagógica com eles, você percebe que você manifesta para eles essa espiritualidade? E se percebe, como que você acha que você manifesta isso pra eles?

[P7A] Através do respeito, pra mim, ta muito relacionado com o respeito que a gente tem com os alunos, a forma de se tratar, acho que é uma forma de espiritualidade também

[Douglas] No ato de ensinar você identifica isso como espiritualidade?

[P7A] Isso. Acho que isso ta muito relacionado com respeito, com a forma que a gente se trata, que a gente caminha ao longo do ano, acho que entra muito no respeito que a gente impõe, que a gente quer que eles, a forma que eles agem com a gente, acho que é tipo como se fosse um espelho, o que a gente faz, o que a gente manifesta é o jeito que eles vão se portar com a gente

[Douglas] Às vezes a gente encontra algumas definições de espiritualidade, que separam um pouco as coisas, por exemplo: tem gente que separa corpo matéria e espírito, que a palavra espiritualidade lembra espírito, ou então a separação entre aquilo que é razão e aquilo que é mais espiritual. Como que você vê essa questão, as coisas separadas ou integradas juntas

[P7A] Eu acho que, eu não vejo de uma forma separada não, acho que é uma forma integrada, não vejo como separação de, o corpo separado do espírito.

[Douglas] Corpo, mente espírito

[P7A] Não, eu acho que eles se relacionam, acha que, ta tudo relacionado, eu acho que não, eu pelo menos não penso nisso de forma partida assim, acho que eles se relacionam sim, se integram

[Douglas] Eu não sei se você, lá naquele questionário, tinha essa questão, não sei se você já vivenciou isso ou vivencia. Algum sofrimento ou alguma situação de sofrimento de alguma pessoa com quem você tem contato, ou mesmo algum sofrimento que você passou. Você vê alguma relação entre uma relação de sofrimento e a espiritualidade? Você acha que a

espiritualidade pode ajudar a pessoa a superar um momento difícil, um momento de sofrimento, você já sentiu isso?

[P7A] Eu acho que sim, eu acho que pra mim a espiritualidade ela vem de uma forma interior que você vê as coisas assim. Então eu acho que a espiritualidade trás calma e inteligência pra você vivenciar essas situações diferentes, situações de mais angustia, acho que ela pode te ajudar sim, acho que te ajuda a pensar melhor, agir de forma melhor e ter a calma suficiente pra superar certos obstáculos. Acho que é a coisa que vem de dentro da gente

[Douglas] E agora acho que seria a última pergunta: Na sua infância você se lembra de seus pais ou então outros adultos com quem você convivia, deles terem manifestado essa espiritualidade deles pra você? E se você percebe isso, você acha que isso foi importante que é importante pra você? E como adulto hoje, você acha que é importante você manifestar isso pra crianças hoje?

[P7A] Eu acho que sim. Então minha família, meus pais assim, a gente sempre teve assim, meus pais sempre ensinaram esse lado do, esse lado que eu falei mesmo do respeito, da forma de se portar de agir de pensar, e eu acho que carrego isso ate hoje, a parte de se concentrar às vezes em certas coisas, acho que isso vem muito da nossa espiritualidade. Eu procuro passar isso, pra amigos, pros próprios alunos, eu vejo essa parte que veio lá de trás

[Douglas] e você acha importante transmitir isso?

[P7A] Eu acho importante sim, acho que a gente deve passar sim pros alunos.

[Douglas] E no contato com os alunos, no decorrer do tempo você consegue perceber mudança neles em relação a isso?

[P7A] Ah sim

[Douglas] Tipo um crescimento nesse aspecto que você ta falando?

[P7A] Eu acho que, não são todos os casos, mas, com certeza a gente que pega uma fase deles de, entre essa primeira fase da adolescência até uma fase mais madura, muitos amadurecem, acho que devido ao próprio, pelo menos comigo, o próprio tratamento de respeito de amizade, acho que com certeza eles vão progredindo nesse aspecto também.

[Douglas] então ta, da minha parte seria isso, não sei se você tem, ficou alguma questão, ficou alguma pergunta alguma duvida daquele material que você respondeu?

[P7A] Não, tudo tranqüilo

[Douglas] O que você sentiu depois que você respondeu aquilo?

[P7A] Acho que tem muita coisa legal, ta dentro do que foi passado, acho que um material ate muito amplo, às vezes você pode ate tomar um susto assim, tentar reler com mais calma, mais concentração, mas eu acho que foi bem interessante. É coisa que você não esta muito acostumado a passar, a pensar, às vezes vai passando por você assim, e você não percebe, não para pra pensar e pra analisar alguns pontos assim , mas eu acho que foi bem interessante. Gostei de ter participado e estamos à disposição pra estudos posteriores

[Douglas] Depois acho que vão passar pra você o termo de consentimento pra assinar de novo

[P7A] Ta bom

[Douglas] Eu agradeço também

[P7A] A próxima () eu participo também.

[Douglas] Ta bom. Então obrigado.

[P7A] Imagina, tchau, tchau.

Professor P8A

[Douglas] Primeira pergunta, é a respeito do que você entende por espiritualidade, lá naquele material, talvez a gente tenha um, talvez a gente consiga tirar uma definição de lá, mas, é importante, agente saber de cada participante, o que vocês entendem de espiritualidade. Então, o que é espiritualidade pra você?

[P8A] Bom, eu acredito que seja mais do que Doutrina cristã, mais do que ensinamento, e sim a minha prática diária, a minha vivência, e o acreditar numa força, superior a mim, então, de que isso rege a minha vida, que essa força presente em todos os momentos. Então pra mim, a espiritualidade seria aquela força que rege que me conduz e que eu acredito, e que pra outras religiões seria a mesma linha, então a espiritualidade no budismo, seria a mesma crença, então pra mim, seria essa força que é presente em todos os momentos. Não acredito que ela seja assim, uma definição, um livro, que a gente lê e acredita, não, acho que a gente vivencia, acho que ela não é só uma orientação num papel, ela é mais vivência, eu acredito que seja isso, é muito maior que

[Douglas] Uma doutrina, né?

[P8A] É

[Douglas] A segunda pergunta é a respeito do tema da pesquisa, né? Como é se for o caso pra você, como é que você sente, percebe a manifestação da sua espiritualidade quando você esta em relação com os alunos, na sua ação pedagógica, você percebe que sua espiritualidade se manifesta, e se percebe, como que você identifica isso?

[P8A] Eu acredito que assim, nos momentos em que você trabalha com eles, a formação, por exemplo, sempre que a gente ta orientando, sempre que eu faço algum trabalho específico com eles, não só com eles, com os professores também, eu sempre procuro transmitir isso, eles sabem, assim, intrínco, que eu participo da vida na igreja, que a gente faz as orações todos os dias, que eu acredito em Deus, que a gente tem uma construção religiosa, então isso eles percebem pela minha pratica, e nos momentos que eu vou sempre pontuar pra eles, nenhum momento eu falo assim, Deus vai te castigar, porque você ta brigando com seu coleguinha, mas eles sabem que quando eu falo, olha, você ta desrespeitando seu colega, você ta se desrespeitando, eles sabem, pelo ambiente que eles vivem, que tem uma orientação de espiritualidade. Eu não sei como seria em locais, em outros colégios que não são católicos, por exemplo, eu acho que seria mais difícil dessa espiritualidade aparecer, porque ela não é presente, por ser um colégio católico, ela já é subentendida, então fica muito mais fácil, em alguns momentos, eles ate colocam, por exemplo, já ouvi de alguns deles, - *Falar palavrão é pecado*, eu falei - *Não, não é pecado, é feio, porque não é educado, você não pode falar porque é feio, você tem educação, não fala essas coisas pra qualquer um*. Então eles sabem que de repente pode tem uma () que vem de casa, mas que na minha pratica essa espiritualidade, é muito vivenciada, então eles entendem, eles percebem, mas, não é assim, eu acredito que não seja escancarada, por exemplo, - se você fizer isso Deus ta vendo, né? Não é dessa forma, eu acredito mais que seja pelos princípios de conduta mesmo, né? Que tem o cristão, de respeito, e aí fica no dia a dia, vão se sobre saindo.

[Douglas] A outra questão é sobre uma certa separação que as vezes a gente percebe em algumas definições, por exemplo, quando você fala espiritualidade, logo alguém lembra da palavra espírito, e as vezes a gente percebe uma separação entre matéria, corpo, espírito ou então que espiritualidade é uma coisa e razão é outra coisa, então as vezes a gente se depara com essas definições de separar corpo, mente, alma, espírito. Como você vê isso?

[P8A] Eu não consigo ver dividido, né? Então é assim, o espírito, na questão, pra mim é até, porque a gente é muito emotivo, mas ao mesmo tempo é racional, então pensar no espírito, não consigo pensar sem associar a razão, a emoção, o corpo, eu acredito que não seja, que não tenho

outra () espiritual andando comigo, né? () Vou começar ter varias personalidades, entro em surto. Eu não consigo pensar dividido, eu acredito, mas eu vejo, eu sinto que pras pessoas pensar junto é mais difícil, né? Porque o espírito seria uma coisa transcendental, muito mais iluminada, pura, e o corpo é aquele que é maltratado, que vivencia as mazelas, espírito não pode estar com o corpo, né? Eu não consigo ver separado, eu não consigo ver separado, porque sempre na minha formação foi trabalhado essa, eu acredito que, por formação mesmo, essa questão de ser uma coisa só

[Douglas] Uma coisa integral

[P8A] Então o que você faz pra você, o que você acredita, o que você pensa não o que faz com o corpo vai interferir no espírito, aí também não é isso, mas as suas ações, são movidas por um espírito, por uma força que você tem dentro de você, então eu não acredito, eu não consigo ver separado, então essa questão da razão, ela pra mim, acho que é mais () até por a gente trabalhar por escola, por lidar com os outros, a gente começa ver as razoes, emoções de cada um, e aí começa também a si, eu comecei a me policiar o tempo todo, então pêra aí, deixa eu fazer esse caminho, né? Sem dividir, né? Saber que aquela ação tem um porque, tem uma historia tem um sentimento, que por mais que ele seja torto, ele tem um espírito, ele ta, é uma coisa só, não ta dividido, tem um sofrimento né?

[Douglas] Essas questões de espiritualidade, você acha importante a gente ter uma visão critica em relação a isso?

[P8A] Sim, eu acredito que sim, porque senão vira sentimentalismo, então, eu vejo muito, às vezes, que vira assim, vira festa, baixa espírito, mistura tudo ou é só emoção, acho que tem que ter uma () critica, pra saber até que ponto da pra considerar emoção, espiritualidade, razão, sentimentalismo, eu acho que é preciso ter um debate mesmo, conversar, até pra tirar alguns mitos, alguns preconceitos também, de falar, assim, espiritualidade, então vai ficar cantando os mantras, vai ficar rezando, vai fazer as orações e não é isso, até os próprios católicos tem o pré conceito do trabalho de discussão da espiritualidade, eu acho que tem que ser trabalhado, tem que ser conversado mesmo

[Douglas] Não sei se você já vivenciou ou vivencia a experiência de alguém que passa ou já passou por um sofrimento muito grande ou mesmo você, que relação você vê entre essas situações com a espiritualidade, e se você acha que a espiritualidade ajuda a superar esses momentos ou atrapalha, como que você?

[P8A] Tenho a minha vivencia, então, meu pai faleceu de Alzheimer, e por sete anos a gente cuidou dele em casa, porque não tinha condições de colocar em clinica e minha mãe é enfermeira, então ele ficou, e aí ele começou a dar os sinais de sofrimento e tudo mais, e aí quando foi ao geriátrica ele diagnosticou - *olha, é uma doença difícil, é complicada*. E ele foi até o final, então o final é atrofia dos músculos, não funcionava o intestino, ele tinha escaras pelo corpo, e a gente ficou sete anos com ele em casa, então esse período, eu trabalhando aqui, a mãe cuidando dele em casa, e a minha irmã fazendo faculdade, depois entrou no mestrado, no laboratório, ela é bióloga, então o que aconteceu, ela se afastou desse trabalho com ele, ela não aceitava a situação, ela se afastou, então ficou pra eu dar conta da mãe, do pai, em casa e trabalhar ao mesmo tempo, e a espiritualidade, eu vejo, que depois que passou tudo isso, que se não fosse acreditar nessa força maior, que Deus estava comigo, que me amparava, eu não passaria o que eu passei, de ter que sair correndo pra ir limpar ele que estava todo molhado, sujo, no meio do trabalho, pra ir, e ter dias de ter violência, de bater, de tá agressivo, então se eu não tivesse essa espiritualidade por trás eu não daria conta. Que foi o que aconteceu com a minha irmã, ela entrou numa depressão porque ela é racional, bióloga, racional () então ela se afastou tanto do cuidar quanto da religiosidade, da espiritualidade. Desde que o pai ficou doente, ela

nunca mais, só ia em festa de Natal, Páscoa. E eu continuei porque eu falava, eu preciso ter uma força maior que eu, pra poder dar conta disso, que é muito mais forte do que eu, então se eu não tivesse isso, assim, foram sete anos, daquele, todos os dias, sem parar, correr pro medico, e ainda ter a mãe pra poder dar conta, né? Então se eu não tivesse essa espiritualidade, eu acredito que seria pior, a revolta apareceria, o desespero, essa questão toda, a revolta de ter um pai daquele jeito, eu vi na minha irmã, e eu sempre acreditei, eu falei, ele ta assim, não é opção dele, ele ta ali, é um Ser Humano, ele ta sofrendo, eu tinha ele na cama, sem reação, sem falar, sem nada, mas, eu sabia que ali tinha um Ser Humano, então eu não podia virar de costas e falar, deixa, eu não quero vivenciar isso, que pra mim não vai fazer bem, não fazia, mas eu tinha que fazer, ele ta ali, e só dependia da gente, né? Então essa fase foi um sofrimento muito grande e terminou e eu tenho a mãe, né? E é o mesmo esquema e minha mãe ta ficando com problema de saúde, e tudo mais e minha irmã ta morando perto da USP, fazendo Doutorado, então eu vejo que começa a repetir a historia, se eu não acreditar, se não tiver essa fé, essa força maior, eu não dou conta.

[Douglas] Quando surgem problemas, dificuldades, também no trabalho, nas ações pedagógicas, o que surgem, você também, nos momentos, sente que você consegue lidar melhor com eles por causa da espiritualidade?

[P8A] Eu sempre peço uma iluminação, né? Pra poder agir, porque eu sei o que eu falar no trabalho, pra um pai, pra uma criança, pros professores, é como uma lei, então se eu não tiver a serenidade, de pedir iluminação pra poder agir, eu sei que eu posso destruir a vida do outro, eu sempre peço isso, isso me da uma força, uma segurança, porque eu não posso pedir pra uma outra pessoa me ajudar, porque as vezes o que ela fala pra mim. Também vai acabar comigo e piorar o outro né? Então da onde eu posso tirar? Eu tiro elementos da minha pratica, das praticas de outros, mas, essa questão de ter a palavra certa, pra pessoa, de ter ação certa é muito maior do que a experiência, então eu peço, isso me ajuda muito. Até pra ter uma tranqüilidade pra poder conversar, então, ouvir uma mãe falando no telefone, eu falar pra ela que o aluno ta virando do avesso, e ela me responder que não tem como resolver porque ta com câncer e o pai ta internado drogado. Então de ter, parar e falar - Deus, me ilumina pra eu saber o que vou falar pra essa mãe, porque eu tenho que ser dura pra falar a situação que a criança ta e ao mesmo tempo eu tenho que entender o outro lado. E aí muito maior que do qualquer orientação pedagógica que Paulo Freire (...) e aí não é palpável, é mais, e eu acho que essa espiritualidade facilita, ajuda muito, né? A gente vê que às vezes, aqueles que não têm, tem mais dificuldades de lidar com essas relações do que aqueles que tem, nem que seja o mínimo

[Douglas] Então você percebe que a sua espiritualidade se manifesta no seu trabalho pedagógico dessa maneira que você falou?

[P8A] Sim

[Douglas] Acho que agora é a última pergunta. Na sua infância, você sentiu que os adultos, seus pais, outras pessoas, manifestaram pra você a espiritualidade deles? E você considera que isso foi importante na sua infância? E você hoje como adulta, você acha que é importante você manifestar a sua espiritualidade para as crianças de hoje?

[P8A] Pelo fato de meu pai ter sido Padre, que ele foi Padre (...) então essa questão desde que eu nasci, ela é muito presente, então não tinha nem como não ser, mas desde pequena, ficou muito claro, assim, sempre ficou, que não era uma coisa imposta, nunca foi imposto, sempre foi muito conversado, então a espiritualidade, tanto da minha mãe quanto do meu pai eram, são muito claras, no comportamento, nas praticas, na fala, na vivência, nas questões de casa, de relacionamento, eles me passaram muito isso, mas eu sei que cada um recebe de uma forma. Eu recebi e continuo a minha irmã recebeu a mesma, mas tem uma outra linha, né? Então eu acho que é importante passar sim, então eu acho que é importante passar pras crianças essa

espiritualidade, se eles vão seguir, se eles vão acreditar, eu não sei, mas eu acredito que eu tenho que passar isso, porque muitos têm muitos não têm, e muitos, e muitos, pode ser assim, que não entendam, e pode ser que um outro faça de uma forma que ele não tá entendendo, então eu acho importante até pra pessoa ter um discernimento, uma direção, que de repente se eu não tivesse orientação nenhuma, nenhuma manifestação, nenhuma prática, e ficasse sem orientação nenhuma, e tivesse que agora ir atrás, seria muito mais difícil de acreditar, sem ter a pratica a vivencia já não teria mais, teria que iniciar, e por isso que eu acho importante passar pras crianças porque você começa com eles, ele vivenciam aquilo que você mostra, se ele vai seguir, adulto eles escolhem, mas a vivência da espiritualidade ele já teve, por isso que eu acho importante passar pra ele.

[Douglas] Você tem alguma dúvida em relação aquele primeiro material que você preencheu, a impressão que você teve dele, mudou alguma coisa pra você, o que você sentiu ao responder aquilo? Se você tiver alguma dúvida ainda, alguma questão.

[P8A] Eu achei muito legal de preencher porque foi assim, sabe aquele momento pra parar e pra pensar em uma questão, que é assim, do dia a dia, e que a gente não pára pra refletir. E por exemplo, tinha lá algumas questões de sentir algumas coisas que vai acontecer então a gente para né? E fala assim, será que acontece, será que, faz a gente prestar atenção na gente mesmo, no dia a dia, no que a gente acredita, então foi um momento assim, de parar e pensar, - “péra aí”, deixa eu ver se eu tô seguindo mesmo o que eu acredito ou é só pra ser modelo pros outros, né? Que não é só isso, que é importante pra gente fazer uma avaliação pessoal também né? Eu achei que foi bem interessante, eu gostei de participar do questionário!

[Douglas] Que bom, então tá, obrigado, vai ajudar bastante no meu trabalho!

[P8A] Que bom, e precisando pode chamar sempre, obrigado Padre!

[Douglas] Obrigado!

Professor P9A

[Douglas] Então, a primeira pergunta, é essa: O que é espiritualidade pra você, como disse lá naquele material, talvez a gente consiga encontrar uma definição, ou algumas definições, mas é interessante, que cada um que participou diga, pessoalmente, o que significa, o que é como você definiria espiritualidade, na sua experiência de vida?

[P9A] Então na minha experiência de vida eu, penso, imagino que espiritualidade, é aquilo que move o ser humano, aquilo que move tipo, como se fosse um motor que está dentro de cada um, aquilo que vai mover que vai dar motivação pra viver, pra conviver com as pessoas, também essa relação comigo mesma, com Deus, com o próximo, eu preciso estar bem. E que às vezes é difícil de falar com palavras, que não dá assim pra conceituá-las, e cada um tem o seu modo de ver

[Douglas] Encontrar uma definição é meio difícil? A segunda pergunta é em relação ao tema da pesquisa, que é a manifestação da espiritualidade do professor na sua ação pedagógica, como é que você percebe quando você está se relacionando com seus alunos, que a sua espiritualidade se manifesta você conseguiria dizer quais são as situações que você reconhece que é manifestação da sua espiritualidade?

[P9A] Assim pelos meus princípios que eu tenho pessoais, religiosos, de familiares, toda a vez, assim que eu respeito o aluno, que eu respeito o seu ponto de vista, principalmente a questão do respeito eu acredito, porque às vezes é difícil essa divergência entre o que eu penso e o que o

aluno pensa, se bem que eu trabalho mais com crianças então, a questão do jeito delas serem, de brincar, então toda vez que eu respeito esse lado da criança, dela mesma, não querendo impor aquilo a minha racionalidade, porque a gente cresce e se vai perdendo muitas coisas, então eu busco voltar, não, nessa época, quando eu era criança também o que eu fazia, então não ser assim tão dura, de acordo com aquilo que eu já tenho de experiência, mas ela está num processo, não que eu não esteja, mas se eu vejo que toda vez que eu respeito essa etapa da vida dela, eu sei que a minha espiritualidade transparece nisso.

[Douglas] Você falou da racionalidade, essa é a outra pergunta. Às vezes a gente percebe, que algumas pessoas, fazem referência a cérebro, mente, corpo, espírito, na sua espiritualidade, como que você vê isso? Existe uma separação, ou isso está integrado, mente, corpo, espírito, porque sempre que a gente fala espiritualidade lembra a palavra espírito, e parece que ainda muitas pessoas quando você fala a palavra espírito ou espiritualidade, acha uma coisa distante, uma coisa bem separada da matéria, pra você, como que você compõe tudo isso?

[P9A] Então, pra mim, agora no momento que eu estou vivendo, eu busco essa integralidade. Muitas vezes, na minha formação religiosa que é católica, e mesmo essa questão do platonismo, essa questão que divide essa concepção do corpo que é mal, do espírito, eu vejo assim que a minha busca atual é buscar esse equilíbrio, e saber, e ter certeza que é um todo é um completando o outro, se meu corpo está mal minha espiritualidade vai estar. Então eu busco esse equilíbrio, só que eu percebo, sinto que na raiz ainda tem essa questão dualista das questões separadas, mas eu busco essa, e sinto que é esse o caminho dessa integração entre as várias partes

[Douglas] A outra pergunta é a respeito de uma visão crítica em relação à espiritualidade, você acha importante na espiritualidade também a gente ter uma visão crítica em relação a ela?

[P9A] Como assim?

[Douglas] Por exemplo. O que eu estou querendo dizer com visão crítica é assim, a gente questionar algumas coisas, que falam, ou mesmo que a gente pense ter uma visão crítica em relação à espiritualidade seria isso. Você acha importante a gente ter essa visão crítica, questionar algumas coisas ou simplesmente aceitar tudo o que vem, ou o que a gente mesmo pensa você acha que tem que ter um filtro racional aí, crítico?

[P9A] Então, isso é bem complicado, mas ao mesmo tempo eu percebo que deve ter, porque nem tudo aquilo que me é dado ou que vem mesmo na questão de religião, de espiritualidade ela está pronta, e mesmo porque eu tenho um processo, outra pessoa tem um processo, então aquilo que me é dito, pode ser que aquela pessoa que me disse, ou aquela religião, instituição, ela está num processo eu estou em outro, então eu acho que é bem válido questionar, mesmo aquilo que está dentro de mim que sempre, porque hoje em dia existe muitas informações até a respeito da espiritualidade, muitas reflexões, muitos estudos, então eu acredito que é muito válido questionar e ter uma visão crítica, não acolher assim, sei lá, sem pensar.

[Douglas] Eu não sei se você já vivenciou, ou se você vivencia, se você tem contato com alguém que está passando por algum sofrimento muito grande, ou mesmo em relação a alguma situação pessoal que você sofreu você percebe, você sente que a sua espiritualidade ajuda nesses momentos ou atrapalha?

[P9A] Não, com certeza ajuda

[Douglas] E como que você sente, por que ajuda?

[P9A] Então, eu vejo assim, até é uma questão pessoal, ou outras pessoas partilhando, é muito interessante perceber que a espiritualidade, que agora eu vou falar Deus, um ser Supremo, alguma coisa assim ou aquilo que move, que está dentro de mim, é algo que não dá pra se falar com a razão, é como se fosse assim, uma esperança. Então pra mim, ajuda bastante, e a outras pessoas também partilhando o seu sofrimento, porque é engraçado que no meio popular. Ah, Deus, é

vontade de Deus, mesmo tendo essa visão um pouco mais assim, mas se percebe que essa pessoa tem esperança, então eu chamo isso de espiritualidade, essa motivação que a pessoa consegue sair desse buraco, consegue ver além. Graças a essa motivação que existe, a espiritualidade que eu acredito

[Douglas] Você consegue identificar na sua ação pedagógica, no seu relacionamento com as crianças, por exemplo, situações que você conseguiria identificar como espiritualidade, mas assim, não sentido religioso somente, porque aqui é um colégio católico, né? Então, certamente que tem, por exemplo, iniciativas de fazer uma oração, ou então, falar mais de Deus, talvez, tirando essas questões mais religiosas mesmo, teriam outras situações mais gerais que você considera espiritualidade?

[P9A] Assim da minha parte ou de um modo geral? Da minha parte?

[Douglas] Não da sua parte, isso

[P9A] Então, como eu falei a questão do respeito, eu acho que acima de tudo, a questão da dignidade do outro, conseguir, não sei, desde ajudar uma criança abrir um pacote de lanche, eu acredito que, a maneira como eu faço, eu acho que é uma coisa assim da espiritualidade, dessa motivação que eu tenho dentro de mim, e coisas bem simples, o amiguinho vem falar, - *Ah, tal criança está me xingando*, não sei, essa postura, de como eu vou responder a ela, eu acredito que é uma questão de espiritualidade, então, não que é uma questão de espiritualidade, mas eu acredito que ela me ajuda a discernir o que eu vou falar ou que eu...

[Douglas] Sem precisar falar de Deus ou então tocar nesse assunto,

[P9A] Sim, sim!

[Douglas] Você sente isso também?

[P9A] Sinto

[Douglas] E acho que agora, é a última pergunta, na sua infância, os seus pais ou outras pessoas adultas com quem você conviveu. Você reconhece que elas manifestaram a espiritualidade delas para você criança? Você reconhece que isso foi importante naquela época, que é importante pra você hoje, e também como que você se coloca hoje, como adulta, se você acha que é importante você manifestar a sua espiritualidade para as crianças de hoje?

[P9A] Eu vou dizer que é como se fosse ciclo, né? Aquilo que eu recebi, () ou não, isso já é uma pergunta, né? Pra mim pessoalmente foi bem forte a questão da espiritualidade, nasci numa família do interior, minha família católica apostólica romana, e eles assim transmitiram a fé, e assim desde criança a questão de ir pra igreja, de ir à missa, de participar, e agora eu sou religiosa, então isso assim me ajuda bastante no ser meu “ser religioso”, até as pessoas perguntam, mas você está na vida religiosa por que é sua opção ou opção dos seus pais? Aí eu falo, pra mim é uma graça de Deus, foi que não opção de meus pais ou a minha, mas minha vontade coincidiu não com a vontade deles, mas, com a liberdade que me deram de escolha também, então eu vejo que tudo isso é um ciclo e eu acho importante essa transação porque é como criança que a gente vai adquirir muitos valores para vida, eu acho essencial, talvez como o senhor disse, não diretamente falar de Deus, mas a maneira como a gente vai tratar as pessoas, não tratar, mas a maneira como a gente vai conviver, ou se relacionar, eu acho que isso é tudo devido aquilo que a gente recebeu de criança. Acho que é muito importante, claro, aí depois de uma conversa, assim mais () poderia direcionar alguma coisa de religião, mas assim a princípio, a questão do relacionamento, da convivência, eu acho que é...

[Douglas] Você tem alguma dúvida, alguma questão, alguma pergunta que você gostaria de fazer em relação aquele material que você respondeu, eu também gostaria de saber, qual que foi o impacto daquele material quando você respondeu que você sentiu, na hora ou depois, aconteceu alguma coisa, mudou, como que você...

[P9A] Então, assim a princípio eu olhei, tinha algumas perguntas que eu falava, mas parece que já foi feita, alguma coisa pode ter sido até de propósito, que é psicologia também, questão de, sei lá de análise, mas eu fui respondendo assim bem livremente, algumas eu achei um pouco de dificuldade porque falava quase frequentemente, então, pra mim, mas frequentemente, então, um pouco assim nessa dúvida, e a última pergunta que era sobre se meus pais participavam de algum culto, alguma coisa, isso eu também fiquei em dúvida, que eu não saberia, se esse culto poderia ser ou católico ou é um culto mais de religiões afro fiquei um pouco assim indecisa, mas assim, o que mudou, pra mim foi interessante fazer e agora algumas atitudes minhas, às vezes eu me recordo algumas perguntas e me faz assim, pensar algumas coisas, foi bom, foi bem válido

[Douglas] Mexeu alguma coisa com sua vida?

[P9A] Mexeu sim

[Douglas] O fato de ter respondido aquilo, tirando isso, nenhuma dúvida, só isso mesmo

[P9A] Só

[Douglas] Então tá bom! Obrigado por ter colaborado, acho que vai ajudar bastante no meu trabalho!

[P9A] Eu desejo um bom trabalho, que dê certo!

[Douglas] Obrigado!

Professor P1B

[Douglas] A primeira pergunta é a respeito do que você entende por espiritualidade, nós temos muitos conceitos, mas nessa pesquisa o importante é a gente saber o que cada um entende por espiritualidade.

[P1B] Eu entendo que é uma força maior que muitas vezes socorre a gente, é a questão de espiritualidade, eu sou católica, mas eu sou espírita. Então, eu vejo assim, a vida da gente tem uma continuação, a gente não tá aqui por acaso, alguma coisa a gente veio fazer, não fez ou deixou, ou não fez bem feito em outras vidas. Então a espiritualidade é por esse lado sim, um resgate de uma outra existência.

[Douglas] Como você percebe nas suas ações pedagógicas, no ato de ensinar, por exemplo, a manifestação da sua espiritualidade, em que situações você consegue identificar que do jeito que você tá fazendo você manifesta a sua espiritualidade?

[P1B] Então, aconteceu uma situação, eu sou muito curiosa, eu já me consultei, vamos dizer que é um terapeuta, ele faz regressão espiritual, e eu cheguei, eu amo meus alunos de paixão, eu não gosto assim, que alguém vai e dar uma bronca num aluno meu, se eu tiver que dar bronca eu dou a bronca, mas eu não gosto que ninguém faça isso, tanto é que a Maria falava, eu sou a galinha choca, eu quero abraçar todos, então eu cheguei a conclusão que até a minha escolha de profissão não foi por acaso, é resgate de uma outra situação. Eu procuro assim, depois que eu desenvolvi mais esse lado espiritual eu consigo entender o comportamento de cada aluno, de que cada um tem uma missão, então eu fiquei mais tolerante com os alunos, sabe, tentando procurar entender o porque aquela situação tá acontecendo daquele jeito. Então eu tento na sala de aula fazer o melhor, pra não complicar a situação, pra tentar resolver também porque eu tenho conhecimento dessa situação, né?

[Douglas] Então você reconhece nessas ações suas que a sua espiritualidade tá ali presente?

[P1B] Sim!

[Douglas] Você acha importante uma visão crítica em relação à espiritualidade?

[P1B] Uma visão crítica? Olha, eu acho que uma visão crítica, ela é importante a partir do momento que você consegue ao fundo a situação, não adianta você falar a minha religião é melhor que a sua e não conhecer a minha, entendeu? É sempre assim, a minha é melhor que a sua e ponto. Mas se você não conhece a outra você não pode julgar, como é que você vai criticar uma coisa, ou ter uma posição que você não conhece?

[Douglas] É assim, o uso da racionalidade em relação à espiritualidade, você também acha importante. Que às vezes quando a gente fala a palavra espiritualidade as pessoas logo lembram da palavra espírito, e às vezes vê isso como uma coisa separada, longe, afastada. Nesse sentido você acha importante, por exemplo, esclarecer essas coisas? Ou então usar da razão pra explicar também a questão da espiritualidade?

[P1B] Agora que ta passando aquela novela, novela das seis que mostra a reencarnação, aquelas coisas, saiu uma conversa assim na sala de aula outro dia. E aí a molecada não sabe de nada, então eles ficam - *Ah, porque é macumba, porque é feitiçaria, porque.* Aí, eu paro, eu paro pra escutar, aí depois - *O que vocês conhecem pra vocês falarem o que vocês estão falando, vocês sabem o significado de macumba, macumba é um instrumento musical.* Então eu vou puxando, vou tentando conversar, sem assim querer tomar partido, mas mostrando que não é daquele jeito que eles estão vendo. Porque tem pai e mãe que não esclarece né? Então eu tento trabalhar pra que eles possam ter uma posição pra quando criticar, tomar algum partido sabendo que ta

[Douglas] Não sei se você já vivenciou, isso tinha lá, naquelas questões, ou vivencia uma situação de sofrimento em relação à uma outra pessoa ou até mesmo com você. Se você já vivenciou isso, você reconhece que a espiritualidade ajuda nesses momentos?

[P1B] Ajuda

[Douglas] E como que você percebeu ou reconhece isso?

[P1B] Eu sempre tive muita simpatia pelo espiritismo. Minha mãe é católica, assim, () de igreja, meu pai não frequentava nada, mas era católico, tinha muita fé. Mas a minha tia, ela frequentava centro espírita e eu sempre frequentei com ela. Isso me ajudou muito porque meu pai teve câncer, então uma pessoa forte, você vê desmanchando, isso daí, entender que não acabou, que continua me deu muita força durante os dias que eu precisei perder muitos dias de trabalho, muitas horas de sono pra cuidar, né? Não me revoltando entendeu? Porque se ele tava passando aquilo é uma situação que fazia parte da existência dele, só que também me ajudou assim, tá bom, ele vai passar por isso, acabou aqui, mas eu sei que ele vai continuar, que agente vai se encontrar, entendeu? Eu acredito nisso

[Douglas] E isso te ajudou a...

[P1B] E isso me ajudou a segurar a barra ali até a hora que precisou e depois também!

[Douglas] E até hoje também?

[P1B] Até hoje.

[Douglas] A outra pergunta é em relação, você já tocou nesse assunto, em relação à infância. Quando você era criança, hoje você consegue perceber que a espiritualidade manifestada pelos adultos à sua volta, te influenciou? E se você também acha que hoje é importante você manifestar a sua espiritualidade pra transmitir isso para as crianças, pros alunos?

[P1B] Então olha, quando eu era criança eu seguia a religião da minha família, ia com minha avó na igreja, tudo certinho. Depois de uma certa idade que eu passei a frequentar centro espírita, então eu comecei ver que a minha religião não me dava resposta pra tudo, então chega uma parte que daqui pra frente foi mistério, foi milagre, e eu não aceitava isso, eu achava que não é por aí, não tem explicação, mas uma outra religião me explica, entendeu? Me conforta, me faz acreditar

que nem tudo tá perdido. Então, quando eu era criança não me ligava muito nisso não, com o passar do tempo. Agora com as crianças já aconteceu caso de aluno perder pai, perder sabe? E aí conversando, não explicitamente, mas dando conselho, fazendo ele enxergar que não acabou ali, fazendo ele parar pra pensar que, acabou aqui? Você não acredita que tem outra vida? Tanta gente fala sobre isso, não dizendo que eu acredito pra convencer a criança, mas, tentando mostrar, tanta gente acredita, você não acredita? Você já parou pra pensar? Será que seu pai não escolheu isso? Ele foi, se ele tinha outra vida, será que ele não escolheu passar por isso pra reparar algum erro do passado? Sem tocar em nome religião.

[Douglas] Você acha que é importante você manifestar isso pras crianças?

[P1B] Eu acho, porque muitos deles, a família não tem uma religião, não segue uma religião, então eles ficam assim, largados pra própria sorte, eu acho que é interessante, importante a gente falar, sem discriminar que tipo de religião né? Mas é importante sim...

[Douglas] E acho que é a última pergunta. Você também já tocou no assunto, mas eu tenho que perguntar: Você fala várias vezes na questão da religião? Espiritualidade pra você então não está necessariamente ligada à religião?

[P1B] Não. Acho que independente da religião a pessoa é espírito e matéria, então você tem que cuidar da sua matéria pra você cumprir com sua parte espiritual, e da mesma forma você tem que ta sempre cultivando sua parte espiritual pra você ter uma coisa assim que te apóia quando você ta assim, pirando, né?

[Douglas] Você vê separação entre mente, corpo, espírito matéria, ou pra você é um conjunto?

[P1B] É um conjunto, eu acho que é um conjunto. Só que também eu penso assim, são várias coisas e você tem que cuidar um pouquinho de cada um, você não pode só cuidar do corpo e deixar o resto, pra cuidar da mente, tem que cuidar de tudo, porque senão uma hora a coisa desequilibra, né?

[Douglas] É isso, eu acho que vai ajudar bastante na minha pesquisa, obrigado!

[P1B] Tá bom! Se você precisar eu tô a disposição!

Professor P2B

[Douglas] A primeira pergunta é: o que é espiritualidade pra você, que a gente encontra um monte de definições, mas pra essa pesquisa o importante é saber pra cada um, qual é a definição, qual é o conceito, o que você entende, por espiritualidade?

[P2B] Eu acredito que algo relacionado à energia, algo relacionado à, algo misterioso, algo que a gente depende daquilo pra se energizar, pra acreditar em alguma coisa, algo relacionado à energia, religião, remete muito à religião.

[Douglas] Você acha que está ligada diretamente a alguma religião?

[P2B] Não, eu acho que geral independente da crença, da religião, geral.

[Douglas] Você acha que é importante, você falou aí de mistério? Mesmo você achando isso, você acha que é importante colocar um pouquinho de racionalidade quando se fala de espiritualidade, ou seja, você acha que é importante ter uma visão crítica em relação ao que entende de espiritualidade?

[P2B] Sim acredito. A gente, assim, não acreditar em absolutamente tudo. O que às vezes o que é verdade pra um: -Ah, eu tô, absolutamente nada contra, nada de preconceito - Ah, eu tô jogando

cartas ,eu tô vendo que você vai ter um futuro incerto.Até que ponto também eu acredito naquilo, até que ponto eu tô pegando aquilo como uma fuga, até que ponto, né? Acho que tem que ter uma certa racionalidade sim, né? Eu acho que existem milagres, eu acredito nisso, mas eu acho que tem que ter uma racionalidade, eu acredito.

[Douglas] Faz parte da espiritualidade?

[AP2B] Faz parte, eu acho

[Douglas] Na sua relação pedagógica com os alunos, quais as situações que você percebe que a sua espiritualidade esta se manifestando?

[P2B] Eu acho que a todo momento né? Quando a gente usa a palavra, estado de espírito. - Ah então hoje eu to muito feliz. Com certeza isso vai passar, isso vai contagiar, você dar uma aula mais feliz, mais alegre, mais empolgante. Eu já tive situações em que eu estava triste, nem por isso a minha aula foi menos empolgante. Mas, quando você esta mais feliz, seu estado de espírito, tá sem graça, não sei se dá pra explicar, uma química diferenciada, reflete e reflete positivamente, eu acredito.

[Douglas] E você conseguiria identificar situações mesmo?

[P2B] Situações parecidas, igual tava aquela da professora, do convívio, do que?

[Douglas] Nas coisas que você realiza com os alunos?

[P2B] Acho que pela linguagem, sistema linguagem, dificilmente você vai encontrar uma pessoa que não goste, né? Porque tem quatro linguagem, é musica, teatro, é dança, artes visuais, então alguma coisa ele há de gostar. Então acho que isso é um canal que facilita, no modo geral, então eu acredito que aí você consegue ganhar algumas coisas, fazer com que ande, que tenha uma energia legal

[Douglas] Você percebe que isso acontece?

[P2B] Acontece, com certeza!

[Douglas] Você tem convicção?

[P2B] Sim, e muito também, quando você percebe no aluno. Engraçado porque mesmo você tendo uma quantidade grande, trinta e cinco, às vezes quarenta alunos numa sala de aula, você percebe, quando aquele aluno tá mais irritado, que ele tá percebe a fazer alguma coisa que, eu não digo maldade, alguma coisa que não seja bacana, você percebe.

[Douglas] E essa percepção você atribui a sua espiritualidade?

[P2B] Eu acho, sim!

[Douglas] Você consegue perceber isso porque você tem uma espiritualidade?

[P2B] Sim, é. Uma espiritualidade, de repente, um olhar mais sensível, talvez, não sei te explicar se é por conta da disciplina também, que mexe com o corpo, que mexe com uma série de emoções do teatro, então rola muito.

[Douglas] Eu não sei se você, isso tinha lá naquele inventário, se você já vivenciou ou vivencia um sofrimento com alguém muito próximo de você, ou mesmo algum sofrimento que você passou, você acha que, se for o caso? A espiritualidade nesses momentos de sofrimento ajuda?

[P2B] Nossa, total, cem por cento. Quando eu tinha treze anos, foi descoberto uma escoliose de dupla curvatura na minha coluna, inclusive eu tenho até hoje, eu usei aparelho de coluna, apenas pra manter, pra não piorar o grau de curvatura. E eu lembro na época, criança ainda, muito da minha mãe né? Também essa força, essa energia, você vai conseguir, você vai vencer, não vai precisar operar, muito disso, eu tenho uma dificuldade, mas eu sei que tem gente que tá pior, né? Poxa! eu tenho essa dificuldade, eu vou superar, não vou ficar só chorando, eu vou, bola pra frente, vamos superar"! Então eu rezava muito, como eu sou muito comunicativa, despojada até. O pessoal tirava sarro da situação, o pessoal apelidava, era um aparelho que pegava no pescoço de metal mesmo, então era muito visível, então até nisso você acaba sobrevivendo,né? Mas não

sozinha, não sozinha. Acho que Deus, espiritualidade, a minha fé, sem sombra de dúvida, então, isso durou mais ou menos uns cinco anos, dos treze aos dezoito mais ou menos, então foi uma fase difícil, onde você, como mocinha se desenvolve, e ninguém olhava pra você, porque tinha aquele aparelho, mas eu sabia lidar com aquela situação. E recentemente, entre aspas e tal, meu sogro, foi um momento muito difícil na nossa vida. Nós casamos em dois mil e dois, quando foi naquele mesmo ano ele adoeceu de câncer, foi juma batalha tremenda, ficou vegetando no hospital, não conheceu meu filho, então todo mundo sofreu, mas mesmo assim a fé, a gente nunca perdeu aquela coisa de se agarrar. É um sofrimento, então a gente vai ter que encarar, ninguém ficou doente por conta disso, a gente fica mais tenso, triste, mas ninguém deixou a peteca cair, pelo menos quem conviveu perto. Duas coisas que me marcaram assim.

[Douglas] Você falou aí da sua idade de treze anos. Na sua infância você percebeu que os adultos manifestavam de alguma maneira uma espiritualidade pra você? E também hoje você como adulta você acha que é importante manifestar isso para as crianças hoje ou para os alunos hoje? Você acha válido?

[P2B] Sim, válido e essencial até! Eu tinha a minha avó, mãe da minha mãe, como uma referência. Até hoje a gente guardo o terço dela. E aquele terço ela benzia a gente, ela cortava quebrante, então ela era como se fosse um pilar mesmo na família. Era muito engraçado, era dia de São Braz, né? A gente tinha as velas, e benzia a garganta de todo mundo, todo mundo tinha a fé, na fé da minha avó. Muito bacana, ela sempre me ensinou, vamos rezar, vamos orar, frequentar, vamos. Então uma pessoa que, marcante também na minha vida. E hoje eu, às vezes eu me culpo entre aspas, porque eu gostaria de ter pelo menos metade, daquela dedicação, daquela espiritualidade dela, com meu filho, por exemplo. Não sei se essa loucura da vida que agente leva, muito trabalho, muito tudo, e você acaba deixando um pouco de lado, eu tenho essa consciência que eu gostaria de retomar, mas, não sei quando

[Douglas] Você acha importante manifestar isso com seus alunos?

[P2B] Com certeza, com eles eu não falo de religião especificamente, em nenhuma em específico. Mas com certeza sim!

[Douglas] Com seu jeito de ser, você...

[P2B] Exatamente, que você se constrói, a gente não é sozinho nesse mundo, a gente depende de família, depende de outras coisas, hoje você tá legal, amanhã você não tá, é essencial, eu acho

[Douglas] Acho que é a última pergunta agora: Você tem alguma dúvida? Ficou algum questionamento daquele primeiro material que você respondeu? Você acha que aquilo acrescentou alguma coisa pra você?

[P2B] Sim, sim porque eu fiquei muito intrigada com algumas coisas que fez a gente refletir. Eu nunca tive essa sensação de flutuar, e olhar pra baixo e ver seu corpo descansando. Mas, minha mãe relatou várias vezes que ela tem essa sensação, e aí a gente retomou essa conversa, ela falou que há muito tempo ela não tinha, e outras coisas. E uma delas que eu assinalei lá, essa coisa de contemplar, de parar pra, eu entendi mais uma questão de meditação, de parar, mas eu coloquei coisa errada lá. Eu faço isso a todo momento. Eu to no ônibus eu observo muito as pessoas, eu olho cada um, cada gesto, não sei se por conta da profissão, mas a expressão corporal dele, o corpo dele fala pra mim, às vezes uma conversa informal, eu presto muita atenção em ônibus, essas conversas paralelas das pessoas. E aí, sabe, eu olho no horizonte, eu falo, nossa, como vai ser isso daqui pra frente, uma indústria aqui, uma indústria lá, nossa, esse efeito estufa, pra pele, tudo. A todo momento quando tem essas oportunidades eu fico contemplando. E lá eu acho que eu não assinalei isso, talvez na hora eu não. E hoje aconteceu um fato parecido, eu tava pegando ônibus na pista, ali na Anhanguera, próximo à Nova Aparecida, muito intenso, tem uma passarela, tinha um cachorro que queria desesperadamente passar, só que ele ia morrer com

certeza. Eu não sabia se eu levantava do banco, ia lá espantar ele, porque já tinham feito isso, mas ele não se atentava, enfim, irracional, mas, eu, com aquele incômodo, Meu Deus eu vou perder o ônibus, se eu for lá acudir, porque era um pouquinho longe, e eu fiquei pensando, poxa, mas, se esse cachorro tivesse uma luz e fosse pela passarela, se eu te falar que não deu dez segundos, olho e esse cachorro andando na passarela, eu achei o máximo, porque eu acho assim, eu queria que aquilo acontecesse, mas ele por si só ele foi, ele estava acostumado a fazer aquilo, foi a primeira vez que eu vi, e olha ele lá em cima, mas eu contemplei tanto aquilo, eu não queria mais parar de ver aquela cena, do cachorro dando conta de sobreviver. Então às vezes são pequenas coisas que sei lá, eu sou um pouco sensível assim pra essas coisas

[Douglas] Ta bom, obrigado, vai me ajudar bastante na pesquisa!

[P2B] Tomara! Boa sorte em tudo. Deixa eu te dar um abraço, adorei.!

[Douglas] Obrigado, eu também gostei muito!

Professor P3B

[Douglas] Então professor, a primeira pergunta é: o que você entende por espiritualidade? A gente encontra por aí muitos conceitos, mas essa pesquisa, ela tá mais preocupada em saber pra você, o que você entende, qual a sua definição, que é espiritualidade pra você?

[P3B] Bom, não sei te falar assim em termos técnicos não. Pra mim espiritualidade é a busca de um EU, busca de algo superior, que na minha opinião é Deus, busca dessa divindade, e eu procuro exercitar isso todos os dias.

[Douglas] Você poderia me dizer de que forma você, algumas maneiras que você exercita isso?

[P3B] Todo momento, todo meu trabalho, a partir do momento que eu levanto, eu já fixo o pensamento em Deus e faço o que tenho que fazer. Perfeito eu sei que não sou perfeito, eu sei que vou errar bastante, então eu busco isso, a todo momento, algo que eu queira fazer o meu primeiro pensamento é em Deus, não posso errar, eu não posso errar, agora eu sei que vou errar, se eu errar não vai ser por querer, por vontade própria. Então basicamente é isso

[Douglas] Espiritualidade pra você é isso?

[P3B] Pra mim é isso.

[Douglas] No seu meio pedagógico, no ato de ensinar, na sua convivência com os alunos, em quais situações você consegue perceber a presença dessa espiritualidade?

[P3B] Bom, eu penso assim, quase em todo momento, como eu te falei, dentro do meu trabalho eu busco Deus a todo momento. Então a partir do momento que eu percebo que você consegue, isso dentro da minha função, fazer com que o aluno entenda algo, que ele consegue captar aquilo que eu esteja transmitindo, que eu acho que é o correto, quando eu vejo que eu consigo atingir isso no aluno, com as pessoas com quem eu convivo, é nesse momento que meu pensamento, que eu acredito em Deus fica mais evidenciado, nessas horas, quando eu percebo que aquilo que eu quis atingir chegou a um objetivo, e quando eu chego em casa, assim, e eu percebo que meu dia dentro da minha análise foi proveitoso.

[Douglas] Você conseguiria destacar uma situação que aconteceu em sala de aula que você atribui que você conseguiu fazer aquilo por causa da sua espiritualidade, conseguiria agora dar um exemplo?

[P3B] Com certeza, N situações, muitas situações. Não sei se vou estender muito, vou ser rápido no que eu vou falar, mas, uma que eu entrei numa sala um dia, sala de garotos de sexta série noturna, então, adolescente, sexta série noturna, às vezes tem uns grandinhos no meio, maiores, né? E dentro dessa sala, era uma escola de periferia ali de Campinas, tinha um senhor dentro da sala, entrando por acaso, entrou ali, com uma cara assim, não muito de bons amigos, e eu não sei o que ele tava fazendo ali dentro. Eu entrei na sala e os alunos esperavam da minha parte alguma atitude o quê aquele senhor estava fazendo ali, era uma pessoa estranha, não era um aluno, não era ninguém conhecido da escola, e aí foi onde eu pensei antes, muito, refleti antes do que eu iria fazer, e acho que não preciso relatar o que aconteceu, só sei que resolvi a situação, não tive problema pra que ele se retirasse da sala, conversei na boa, ali eu percebi que eu, esses todos esses exercícios o que eu vou fazer, como eu vou agir antes eu acho que nesse momento foi importantíssimo, porque se eu tivesse chegado assim de uma maneira diferente eu poderia ter tido sérios problemas ali, que era uma pessoa que parecia não estar ali com boa intenção. Então eu acho que esse dia foi o máximo que eu me lembro de histórias, teve outras, mas essa pra mim foi importantíssima!

[Douglas] Você reconhece então, ali a sua espiritualidade te ajudou

[P3B] Porque a todo momento eu falo, antes eu agir eu penso em Deus, como que eu vou fazer, eu acho que eu agi, não foi eu, teve alguém que me guiou, eu acredito

[Douglas] Você acha importante, uma certa visão crítica em relação à espiritualidade?

[P3B] Com certeza!

[Douglas] Porque às vezes a gente vê as pessoas falando um monte de coisas? Pra você é importante uma certa racionalidade, uma certa visão crítica?

[P3B] Com certeza, porque senão você, se você não tem esse parâmetro aí pra te orientar, você acaba ficando, nós sabemos de pessoas, que entrega até, sabe, pensando em bens materiais entrega tudo em nome de uma salvação que eu acho que não é por aí. Então todo momento você tem que ser racional, o emocional é importante, a razão também.

[Douglas] Às vezes também quando a gente fala espiritualidade, a pessoa logo lembra da palavra espírito, como que você vê a questão de mente, espírito, matéria, corpo?

[P3B] Assim, eu acredito que pra que você viva bem, você tem que tá ligado, ta ligado, sua mente com seu espírito e com seu corpo, mesmo porque sendo diferente você faria do seu corpo, destruiria enfim, não se cuidaria

[Douglas] Então você acha que tudo isso ta ligado?

[P3B] Ta ligado, ta ligado, mas que a qualquer momento vai se desligar, acredito não, com certeza, não é que eu acredito, é assim, que eu acho que essa matéria né? Acredito que o espírito fica, na minha opinião, eu acho, também

[Douglas] Você já teve alguma experiência na sua vida de sofrimento? Tanto em relação à outra pessoa que está sofrendo ou mesmo um sofrimento seu, se teve, você achou importante pra superar aquela situação, achou importante pra superar aquela situação você ter uma espiritualidade?

[P3B] Teve, estou tendo agora, com um parente muito próximo, eu acho que Deus vai ser muito importante () tanto pra mim quanto pra minha família, né? Pra todos. E pra mim, mesmo, eu tive um problema, eu perdi minha mãe, e eu tenho certeza naquele momento, que eu só superei aquele impacto, foi muito dolorido, foi sofrimento, foi impacto, de repente eu perdi minha mãe, numa hora tava muito bem, daí meia hora eu já não tinha mais a minha mãe, então isso pra mim foi muito difícil, doído, mas em nenhum momento eu desacreditei, sempre eu achei que Deus estava sempre presente, e eu ouvia muito o que minha mãe falava, minha mãe sempre foi pra mim uma pessoa maravilhosa, ela sempre acreditou em Deus, sempre passou isso pra gente, e eu peguei

isso, ela deixou isso como exemplo, pra mim superar, e eu converso com ela todos os dias ainda, mais de vinte anos que ela morreu, eu tenho certeza que ela tá presente.

[Douglas] Você acha importante manifestar essa espiritualidade que você tem para os seus alunos?

[P3B] Não com muito extremo, né? Assim, às vezes se você for muito extremo tem as pessoas que não acreditam muito, você pode ter um contraste ali, mas assim...

[Douglas] De alguma maneira você faz isso?

[P3B] Com certeza, faço, procuro ser um pouco bem discreto e tal, mas eu acho que isso é importante nas ações que você faz, a todo momento, eu penso, tem que ter, tomando cuidado pra não atingir às vezes as pessoas que não acreditam, porque acho que cada um tem o direito de, eu procuro nessa parte de religião aí, não é nem espiritualidade, é religião, ficar um pouco neutro, não gosto de interferir na vida, acho que cada um deve escolher a sua, mas a todo momento sim, eu mesmo falei no início, que eu saio de casa, vou trabalhar pra mim fazer bem feito eu tenho que ter Deus no coração, não tem sentido a todo momento eu não manifestar isso. Acho que a partir de todo momento que você manifesta que tá ali pra ajudar o próximo na minha opinião tem que ter algo mais, acho que Deus, espiritualidade

[Douglas] Você ficou daquele primeiro material, com alguma dúvida, alguma questão, alguma coisa que você gostaria de esclarecer, e também eu queria saber se aquilo, se o fato de ter respondido aquele material, despertou em você alguma coisa, algum sentimento, teve algum efeito?

[P3B] Não, as perguntas que estavam ali era, pra mim, só teve uma que não ficou bem clara, você falou que não era pra discutir com o colega do lado, eu discuti com umas colegas do lado lá, eu não me lembro agora, talvez se eu olhasse eu sabia te falar, não lembro qual foi. Não teve dúvida nenhuma nas respostas, eu acredito que é basicamente o que eu penso, as alternativas estavam bem, da pra definir tranquilo

[Douglas] Fez você pensar em alguma coisa em específico?

[P3B] Ah, eu acredito que sim, todo momento, acho que se você faz as coisas com atenção, pensando bem o que você vai fazer, pra alguma coisa sei que vai servir, apesar de como te falei quase todos aqueles assuntos eu já pensei muito sobre quase todos eles, não saberia te falar em termos técnicos, não sou estudioso da área, não sou de ler muito a bíblia, to sendo sincero, mas eu manifesto isso do meu jeito, o jeito que eu aprendi meio inato, assim, e com a minha mãe, tá? Mas sempre acrescenta alguma coisa!

[Douglas] Acho que é isso, muito obrigado pela sua ajuda e pela sua colaboração nesse trabalho!

Professor P4B

[Douglas] Professora, a primeira pergunta, é: o que você entende de espiritualidade, a gente encontra muitas definições, mas essa pesquisa, ela vai dar muita importância pra o que cada um entende como cada um define. O que é pra você espiritualidade?

[P4B] Pra mim, acho que é, bom, primeiro é como a gente vê as coisas, como a gente sente as coisas, em que eu acredito tudo que leva em consideração pra minha vida, pra eu seguir o meu caminho. Eu acho que tem uma força maior, eu acredito muito nisso. E eu acho que não vai pelo temor, mas eu acho que pela escolha mesmo das coisas certas, tudo, então eu acho que é bom por

aí, de você escolher o que você acha certo pra seguir seu caminho, de fazer pelos outros o que você gostaria que fizesse por você, então, é tudo isso. Sei lá, eu acredito muito em Deus, eu acredito que existe uma coisa além de tudo isso que a gente tá vivendo, eu acredito que tudo que eu faço volta pra mim, de uma certa forma. Pra mim, espiritualidade é isso, você tentar fazer do seu corpo um templo pra que você siga seu caminho da melhor forma possível, sempre no caminho do bem.

[Douglas] Na sua relação com os alunos, no ato de ensinar, por exemplo, você poderia dizer em quais situações, você percebe que sua espiritualidade se manifesta? Naquilo que você faz?

[P4B] Olha eu sempre procuro dar bons exemplos, então eu acho que a partir daí também, e sempre corrigindo, mostrando o que é certo, ensinando a eles que você precisa tratar os outros bem, pra serem tratados bem também, a questão do respeito. Então eu acho que em tudo, né? Porque tudo na sala de aula não é só conhecimento, né? É a postura, a forma como você trata, se um briga com o outro, então você intervém, - Olha, não deve ser assim, né? Vamos manter a calma, vamos entender o lado do outro também. Acho que é por aí, é tudo, no dia adia mesmo, qualquer coisa, qualquer situação que aconteça na sala de aula, eu acho que a gente vai pegando como exemplo, pra dar certo, acho que tudo.

[Douglas] Você reconhece que sua espiritualidade se manifesta no ato de ensinar?

[P4B] Demais, demais, demais. Quando eu to impaciente eu paro, penso, não devo ser assim. Acho que tudo, mesmo com eles, quando eles fazem alguma atitude errada, a gente para, a gente reflete, sabe, então, eu acho isso muito importante. Eu acho que tudo isso, depois que eu tive filho, que eu acho que se manifestou mais ainda, sabe, porque a partir do momento que você tem filho, a sua relação com eles, de você também ensinar o que é certo, o que é errado, você tem os exemplos em casa, das coisas que eles aprendem com mais facilidade, das coisas que eles têm um pouquinho mais de resistência, isso eu acho que a gente leva muito pra sala de aula. Na sala de aula acho que isso interfere bastante, então eu olho neles e penso assim, se fosse meu filho, gostaria de agir dessa forma, gostaria que agissem dessa forma com ele, ou então, que eles também, eles estão agindo dessa forma, tá errado, vamos ver como a gente pode mudar, acho que isso interfere bastante também.

[Douglas] Você acha que é importante na espiritualidade a gente ter uma visão crítica em relação a ela, usar também da racionalidade, quando agente fala, quando a gente age através da espiritualidade?

[P4B] Sim, eu acho que a gente não pode ter uma visão só, né? Eu acho sim, que a gente tem que questionar as coisas, eu sou uma pessoa católica, né? Acho que não entra espiritualidade aí em questão de religião, mas eu acho que a gente tem que ter sim, procurar as coisas boas, mas você ter uma certa (...) senão você acaba tendo uma opinião e não mudando sua opinião por nada e tendo uma visão única, e não é bem assim, então eu acho sim, que a gente tem que questionar, refletir sobre as coisas, e respeitar a visão dos outros também, acho que isso acima de tudo. Porque eu tenho uma opinião, de repente a minha espiritualidade, a forma como eu reajo é diferente do outro, mas sempre procurando entender o porquê dos atos do outro também. Então sim, acho que tem que ter uma certa reflexão aí.

[Douglas] Não sei se você já vivenciou alguma situação de sofrimento, tanto de outras pessoas, ou seu sofrimento mesmo, eu queria saber, se já aconteceu isso, eu queria saber se a espiritualidade ajuda ou não, nessas situações nesses momentos?

[P4B] Eu mesma não, mas já tive pessoas doentes na minha família, já tive pessoas que perderam entes queridos, esse tipo de coisa. Acho que ajuda bastante sim, porque é uma força, você acredita em algo além daquilo, e acho que cada um vê de uma certa forma, né? Mas, seu acho que se você tem a espiritualidade bem desenvolvida, e tudo, você passa entender melhor aquele

momento. Entender melhor o sofrimento, saber que não é só aquilo, que de repente aquilo tá acontecendo, mas que pode ser por um crescimento seu, ou pra quem acredita em outras vidas, não sei, de repente coisas que você possa estar passando agora, que tem um motivo pra aquilo. Então eu acredito sim, que a espiritualidade, ajuda você, te fortalece muito, pra você enfrentar todos esses problemas. E a gente percebe isso, quando as pessoas estão passando por um sofrimento, elas se apegam mais em algo, além daquele momento, eu acho que a espiritualidade ajuda bastante a enfrentar as coisas.

[Douglas] Na sua infância você reconhece que foi manifestada uma espiritualidade em relação aos adultos para você? E você acha hoje como adulta, importante manifestar para as crianças, para os alunos, de alguma forma a espiritualidade?

[P4B] Sim, sim eu acho, porque se a pessoa tem espiritualidade, acredita em algo além, ela procura sempre viver melhor, ela reflete um pouco mais sobre suas atitudes, tudo. Eu tive, na minha infância meus pais eram super religiosos, aquela coisa de cobrar, eu não me arrependo disso. Hoje eu não sou uma pessoa e nem meus filhos de ficar frequentando igreja, esse tipo de coisa, mas a gente desenvolve isso de outra forma né? Com muita conversa, orações, mas não é aquela coisa de ficar indo em igreja, eu acho que isso também pra mim, não tem tanto valor, não é a questão de você ir, de você frequentar ou de você não frequentar, eu acho que isso tem que ser baseado no seus atos e não. Tem tantos aí (...) que não adianta de nada, que nas suas ações isso não reflete em nada. Então eu cobro muito dos meus filhos isso, cobro muito a questão do bem, de fazer o bem, de acreditar em algo mais, que pra mim é Deus. Eu cobro muito isso deles, a gente fala muito disso. Mas não dessa coisa de ficar indo em igreja, isso aquilo, mas, na minha infância sempre foi assim, e eu procuro passar isso pros meus filhos sim, porque eu acho que a pessoa que não acredita em algo além, eu acho que ela não reflete muito sobre as suas ações. Então procura fazer, procura pensar ser mais egocêntrico né? E aí passa agir, de acordo com o bem pra si mesmo e acabou.

[Douglas] E pros seus alunos você acha que você também manifesta isso?

[P4B] Eu manifesto através dos exemplos e contatos dentro da sala de aula, não sou de ficar - Ah, Deus. Não isso não, mas através dos meus atos, das minhas atitudes. De repente acontece qualquer coisa a gente para, reflete, isso tá errado, isso tá certo, deveria ser dessa forma. É isso.

[Douglas] Sua espiritualidade se reflete dessa maneira? Sua visão

[P4B] Sim!

[Douglas] Acho que é a última pergunta agora. Em relação aquele material da semana passada que vocês responderam, eu queria saber se ficou alguma dúvida, algum questionamento, se você queria algum esclarecimento. E também gostaria de saber se aquele material teve algum impacto pra você, se mexeu com alguma coisa, que talvez você não pensasse há algum tempo?

[P4B] A única coisa, que achei legal, que depois saiu a conversa na mesa, né? E tem algumas questões que a gente fica refletindo um pouco, né? Por exemplo, tinha uma questão, que você costuma falar com quem já morreu. Acho que tem alguma questão assim, se não me engano? Então, eu respondi que não. E aí saiu o assunto e um deles falou assim - Não gente, mas eu falo com a minha mãe todo o dia, minha mãe já morreu, mas eu falo, em pensamento eu falo. Mas, não foi isso que eu pensei. Então quer dizer, até lendo a pergunta você, de repente pensa de uma forma, outro pensa de outro e aí você conversa. Não, mas dessa forma, se eu for entender dessa forma, eu também converso com quem já se foi, porque em pensamento eu também converso com meu pai, não conversar, mas ter aquele pensamento, o pensar nele, transmitir alguma coisa que esteja querendo naquele momento, mas não conversar. Até que saiu uma boa discussãozinha que não fazemos, né? Habitualmente. Então de repente, até uma questão que pra mim - Não, é óbvia, é isso. De repente, se eu for pensar desse outro jeito, então não respondi corretamente.

Então tem outras questões lá, que você para e pensa e de repente você põe uma coisa que você pra você parece que é óbvia, e depois se você conversa, você fala, ah, não, você tem razão, não pensei por esse lado. Então é mais isso, quer dizer, foi outro momento aí de pensar um pouquinho de refletir sobre isso, mas nada assim de especial.

[Douglas] Eu agradeço sua participação, tá? Muito obrigado!

[P4B] Obrigado você!

Professor P5B

[Douglas] Professora, a primeira pergunta é: o que é espiritualidade pra você? A gente tem muitas definições? Mas essa pesquisa é pra saber de cada um dos participantes, como você define o que você entende por espiritualidade?

[P5B] Olha, saber que nós não estamos sozinhos, que existe uma força superior que rege tudo que tem, que não cai uma folha uma folha de uma árvore sem esse Ser permitir, saber que nós não estamos aqui de férias nessa vida e que a vida não termina aqui, eu acredito que exista algo mais. Respeitar o próximo e buscar um Ser especial, que a gente, que eu chamo de Deus. Pra mim é isso

[Douglas] Na sua experiência como professora, com seus alunos, quais são as situações que você percebe que a sua espiritualidade se manifesta? Você acha que ela se manifesta? E se acha, você conseguiria dizer algumas situações que você percebe a manifestação da sua espiritualidade?

[P5B] Quando, eu gosto muito de dar aula, muito, gosto muito do contato com o aluno. Eu acho que nós professores somos importantes na vida deles, muitas vezes eles ficam mais conosco do que com a própria família, muitas vezes é na professora que tem mais aulas, eu como professora de português, fico seis horas/aulas com eles. Então, às vezes quando eu olho pra uma criança eu vejo que ela não tá bem, quando eu tenho uma palavra amiga, quando eu chamo atenção, e muitas vezes eu falo muito pra eles, eu chamo a sua atenção porque eu gosto de você, porque eu te quero bem. E eu acho que isso não é exercer a nossa espiritualidade, é querer cuidar do outro, fazer dele um homem ou uma mulher de bem. Há momentos em que eu sinto que a sala tá assim, mais pesada, um ambiente mais negativo, tem alunos que eu não enfrento junto dos outros, que e sei que ele vai jogar pra fora todos os problemas dele e eu sei que não são comigo, né? E eu não preciso confrontar isso com ele. Então essas vezes, que quando você quer dizer alguma coisa, naquele momento ele te tira do sério, você quer dizer e você não fala, você se controla, você consegue contornar, ou você dizer uma palavra que quebre essa pedra que ele tem na mão, eu acho que aí a gente tá exercendo a nossa espiritualidade, sim.

[Douglas] Você acha importante a racionalidade uma postura crítica na espiritualidade também?

[P5B] Eu acho, eu acho que a ciência de certa forma explica a espiritualidade, não são coisas opostas, não vejo como coisas opostas. Não estudo o suficiente pra te responder, mas acho que a ciência explica sim!

[Douglas] Você acha que a razão é importante?

[P5B] A razão é importante.

[Douglas] No exercício, na manifestação, na vivência da espiritualidade?

[P5B] Eu acho. Você não deve ser espiritualista ao extremo nem racional ao extremo, tem que ter um equilíbrio, senão a gente questiona muito esse mundo.

[Douglas] É verdade. Não sei se você vivenciou, se você vivencia, algum tipo de sofrimento, em relação a um outra pessoa, ou mesmo um sofrimento seu. Se isso aconteceu, você consegue perceber se a espiritualidade, ajuda, ou não nesses momentos?

[P5B] Eu acho que ajuda muito. Ela é o que nos mantêm em pé e seguindo em frente. Eu tive uma tia, uma irmã mais nova da minha mãe, nós somos uma família muito unida, fomos criados com os primos, como se fossem irmãos, nós nos gostamos muito. E essa irmã mais nova da minha mãe sofreu um acidente, uma semana antes de eu me casar, junto com um marido e um filho, e os dois, o casal morreu na hora, e deixaram três filhos, foi muito triste, a minha avó muito forte, não deixou cancelar o meu casamento, falou, chega, chega de sofrimento, nós vamos fazer uma festa, e a gente só fez tudo isso, a minha tia ia ser minha madrinha, foi a minha prima, filha dela, dez dias depois da morte da mãe, então ela se preparar pra um casamento, eu acho que só é possível se você acredita que tem algo mais, quando você tem essa noção que as coisas não param por aqui. Foi muito importante. Quando você olha um telejornal e vê o sofrimento alheio, isso nos toca, a gente quer um mundo melhor, né? A gente não quer o que tá aí. Se você não pensar, que vai, que exista alguma coisa, que toda ação tem uma reação não tem mais sentido a vida, né? Se você acha que tudo termina aqui, fica muito difícil sobreviver, porque os meus primos estão aí, os pais fizeram e fazem muita falta na estrutura deles hoje como mulheres, como homens. Meu primo perdeu o pai, a mãe com quatorze anos, viu os dois mortos, num acidente horrível, e ele é um menino muito bom, se formou, casou. Tá tentando seguir a vida dele. Que eles fazem falta, muita. Nós nos encontramos, mas a gente hoje já consegue falar deles, com aquela saudade, carinho.

[Douglas] A outra pergunta é em relação ao material que vocês responderam anteriormente, se você tem alguma dúvida, alguma questão, se ficou algo que você gostaria de dizer, e também do impacto desse material, de ter respondido, se causou alguma reação em você?

[P5B] Eu tive uma estranheza porque é o primeiro trabalho que eu vejo que trata da espiritualidade dentro da sala de aula, dentro da escola, eu nunca tinha visto isso. Não sei nem como você vai fazer pra fechar tudo isso. E as suas questões, elas, eu achei interessante porque você, embora tenha questões ali específicas, você em nenhum momento fundamentou uma religião específica, né? Como cada um chega à Deus, como cada um sente as energias que estão a nosso redor. Eu tenho uma família de um lado espírita de outro lado católica, até brinquei, que eu sou católica com um pé e meio no espiritismo, né? Então havia perguntas, que uma professora falava, - Nossa vocês já viram isso? Sair do corpo? Eu sei que ela é evangélica, então ela nunca aceitaria aquilo. Mas o meu irmão tem esse tipo de experiência, comenta conosco, eu acredito, eu acho que é possível, né? Que tem coisas aqui que são inexplicáveis. Eu gostei muito, não sei como vai terminar esse trabalho, mas eu gostei achei muito interessante. Que você tá lidando com uma coisa abstrata, né? Tá mexendo também, quando você fala espiritualidade você tá também falando de fé e isso é muito individual.

[Douglas] Eu só queria saber, a última mesmo agora, pra você, mente, corpo, espírito, matéria, como você vê isso?

[P5B] Como que eu enxergo isso?

[Douglas] A relação entre mente, corpo, espírito, matéria.

[P5B] Eu acho que corpo, matéria, uma única coisa, mente, espírito também. Que são interligados.

[Douglas] Essas coisas não estão separadas pra você?

[P5B] Não, eu acho que não. São interligados, são coisas interligadas. Existe uma mente e um espírito que são eternos. Existe um corpo, que é matéria, que é efêmero, ele tem uma passagem, a

física explica isso. A gente não ganha do tempo. Mas você não mata uma idéia, você não mata uma idéia você não mata não, não há guerra que mate.

[Douglas] Eu agradeço muito sua participação, vai me ajudar bastante!

[P5B] Ai, que bom, fico feliz!

[Douglas] Obrigado!

[P5B] E quando terminar o trabalho, você avisa a gente

[Douglas] Tá bom!

Professor P6B

[Douglas] Professora, a primeira pergunta é: o que é espiritualidade pra você. Pode ser que a gente tenha muitos conceitos, inclusive naquele material, que vocês responderam, talvez a gente encontre lá alguns conceitos, mas eu gostaria de saber, pra você qual o conceito, o que você entende, como você definiria espiritualidade.

[P6B] Nossa, que pergunta complexa, né? Porém, de extrema validade. Acho que os sentimentos da gente, são tão, acredito que seja a ligação entre os seus sentimentos, entre o seu interior e uma coisa maior, que no meu caso, eu chamo de Deus. Pode ser chamado de diversas outras coisas, no meu caso, Deus.

[Douglas] De todos os sentimentos?

[P6B] Todos os sentimentos estão ligados a uma força maior. Você tá falando de sentimentos ruins? Também?

[Douglas] Por isso que eu perguntei todos.

[P6B] Eu acredito que, eu não acredito muito nessas coisas de sentimento ruim tá ligado a coisas ruins, ah, eu não sei, eu acredito que seja uma coisa só, e a questão humana interfere aí, né? A sociedade, a educação que você recebeu, acaba interferindo, mas, eu acredito só na parte boa mesmo.

[Douglas] Quando diz espiritualidade, você vê mais a parte boa?

[P6B] Só, eu só consigo ver a parte boa.

[Douglas] Na sua ação pedagógica, no seu ato de ensinar, no seu contato com os alunos, você conseguiria apontar situações em que essa espiritualidade sua se manifesta?

[P6B] Acho que o tempo todo, eu tenho uma preocupação muito grande com eles, na formação deles como indivíduo, e quando eu falo indivíduo eu já me sinto assim, meio falando ao inverso, sabe? Porque eu tô falando do coletivo. O indivíduo em relação ao coletivo, eu me preocupo muito com isso. Como será o comportamento deles na sociedade mais tarde, o que eles vão levar de mim, pelo menos. Quando eles (...) eu falo o tempo todo com eles, eu converso muito. Hoje, a Jeane tava fazendo uma reunião na sala dela, eu por acaso entrei, aí ela falou assim. – Certamente se ela tivesse que escolher entre você e eu pra tá fazendo essa reunião eles escolheriam você. Eu disse que não, éramos diferentes, porém nós temos o mesmo objetivo. Aí uma aluna, falou assim, - Professora, no primeiro ano, logo que você chegou, você lembra como você, o que aconteceu entre nós? Eu falei -Não. A gente não lembra de todas coisas, porque são muitas. Eu vim pra retomar meu lugar, era meu, e tinha uma professora substituta, então quando eu voltei, voltei, quando eu retornei a sala, não posso dizer retornei, porque eu nem os conhecia, eles ficaram assim,, né? Troca o professor e tal, e essa menina ela tinha uma certa, ela não me aceitava muito,

eu percebia isso, então eu chamei ela do lado de fora da sala, conversamos, eu falei pra ela - olha, eu entendo que você tá muito sentida porque o outro professor saiu, mas eu já expliquei que não foi escolha minha, eu não gostaria que fosse assim, então eu quero que você me de uma oportunidade, porque você não pode me tratar assim, sem me dar uma oportunidade de eu mostrar quem eu sou, depois a gente conversa. Então hoje a gente conversa, a gente se dá bem e tudo, terminou o ano, e hoje ela deu esse depoimento na sala. Um outro aluno, por exemplo, me escreveu, eu tenho até a carta se você quiser, dizendo assim. – Professora, que bom você ter ido me procurar, eu não tinha coragem de procurar ninguém. Então quando eu noto que o aluno não tá legal. Hoje eu até separei, eu tenho dois alunos na sexta série que eles são terror da escola, e eles fazem as atividades, eles tem nota comigo, isso fica muito difícil pra mim, no conselho, então eu tenho separado as atividades deles, olha que coisa, porque eu preciso ter uma prova, pra dizer que eles têm um comportamento diferente comigo, porque eu trato eles muito na boa, entendeu? Eu sou muito chata, eu sou muito brava, eu sou muito exigente, eu quero, eu quero bem feito, eu quero pra ele, não quero pra mim, eu deixo isso muito claro. Eu acho que a minha espiritualidade tá aí. Então, olha, eu acho que é uma mistura de respeito, de compromisso, de amor ao próximo, né? Acho que isso são muitos os elementos.

[Douglas] Que bom! Você completou a primeira pergunta, né? Quando falei dos sentimentos, você, nessa segunda pergunta você deixou mais claro.

[P6B] Qual o seu nome?

[Douglas] Douglas

[P6B] Douglas, a princípio, ou em princípio ou gosto deles como pessoa, como ser humano, o primeiro olhar que eu tenho sobre eles é esse, isso não quer dizer que eles não me incomodem, isso não quer dizer que eles não me tiram do sério, isso não quer dizer que eu não fique brava, que eu não sapateie, não quer dizer nada disso, eu faço, acho que todo mundo faz, mas o que eu percebo é que eles sentem e sabem por alguma via que o meu olhar, então eu só olho e eles já sabem, que a gente já conversou, então eu falo assim, nós já conversamos sobre isso, nós já falamos sobre isso, pense, que nós vamos falar sobre isso na próxima aula. Esses dias aconteceu um fato. Essa semana caíram sobre lixo, espalharam no corredor, eu não tava dando aula, eu tava passando, aí eu pedi que eles pegassem, uns pegaram e alguns se recusaram e, principalmente, um deles. Aí eu falei pra ele, porque eu não acredito que eu tô pedindo pra você pegar isso e você não tá fazendo, porque a mulher acabou de limpar e a gente tem que respeitar isso. Não é assim, as coisas não são assim. E ele... Só os outros. Eu falei assim, – Olha, a sua nota de participação vai ser, nós vamos precisar conversar. Outro chegou. – Professora eu não vou ter nota de participação? Eu falei – A gente precisa pensar nisso, né? Você já pensou sobre isso? -Ah professora. –Nós vamos conversar, então você pense, até segunda feira, eu quero que você pense na sua atitude, e você vai definir sua nota, tudo bem assim? – Ah, Professora, tudo be. Então eu deixo muito assim com eles, sabe? Depois a gente conversa. Será que isso tá certo? Você tá pensando em quem? Como a gente pode resolver isso junto. Um dia, as meninas escrevendo bilhete, todo mundo escreve né? E no meio da aula, durante a aula, tudo, e eu recolhi o bilhete. Normal, nem chamei a atenção, passei lá na mesa, peguei o bilhete, coloquei dentro do meu livro, dei uma olhada por cima, sem que elas percebessem, fechei o livro, final da aula a gente conversa. () Eu falei, - Eu não, eu não vou fazer nada com o bilhete. – Professora, você vai mostrar pra minha mãe? - Eu não, é de vocês, tava no horário, no momento errado, durante a aula, pensa bem. Então, tem muitas vivências assim. Agora tem vivência também, por exemplo, o que me angustia? Eu viro as costas pra eles milhares de vezes sem poder ajudar, porque o sinal bate. É horrível isso, você não tem uma estrutura que permita, nenhum momento que permita (...).Você fica com ele quatro horas, cinco horas na sala, você faz todo esse movimento afetivo,

uma maravilha, com os pais, aqui você não tem essa coisa. Então o ano passado eu chorava o tempo todo. Porque eu falava pras minhas amigas, - Gente, mas, não dá certo, eu vejo eles perguntando. Porque o sinal bateu, e eu não concordo com isso, claro, que isso é uma regra, uma ordem, né? Mas, acho que a gente perde muito deles. Eu não acho, eu acho que a estrutura não tá legal, entendeu? Não são eles, não somos nós, mas só que nos podemos fazer alguma coisa, e eles não, e a gente não mexe na estrutura.

[Douglas] A terceira pergunta é se você acha importante uma visão crítica, uma visão racional sobre a espiritualidade.

[P6B] Eu acho,

[Douglas] Por que?

[P6B] Porque, não dá pra gente ficar só no, Eu sinto, Eu penso, acho que a gente tem, como eu sinto. Como eu penso, Porque eu penso, Porque eu sinto. Então a gente precisa ser racional sobre isso, sobre todas as questões. E essa racionalidade não quer dizer frieza, também não quer dizer exatidão, quer dizer reflexão mesmo.

[Douglas] Você acha que na espiritualidade isso precisa acontecer?

[P6B] Eu acho!

[Douglas] Não sei se você já teve ou tem situações de sofrimento de alguém próximo, ou mesmo seu sofrimento. Você percebe se a espiritualidade ajuda ou não nesses momentos de sofrimento?

[P6B] Bom, eu perdi uma filha, né? Então se não houvesse isso, não há outro caminho, ou você tem isso muito definido dentro de você ou você se perde. É muito se perder. Por exemplo, um ano depois que eu perdi minha filha, uma amiga perdeu a filha também, um ano depois, ela me ajudou muito de certa forma, né? E um ano depois ela perdeu a filha dela também, um pouco mais nova que a minha. Aí, ela todo dia, todo dia, ela ia à missa, todo dia ela ia à missa, todo dia ela ia ao cemitério, e eu não, e eu comecei a pensar. Meu Deus, será que ela tá fazendo mais pela filha dela do que eu pela minha? Porque eu não sentia que eu indo ao cemitério eu estaria fazendo uma coisa boa pra ninguém, e nem à missa, porque eu achava, eu acho que a missa tem muita coreografia e eu não aprendo bem. Levanta, senta, senta, levanta. Nunca eu tô a par da coreografia, né? E ela ia e eu ficava me comparando, sabe? Passou um tempo, ela falou, - Jane, vamos comigo, tem um centro espírita bem vizinho da sua casa, eu to indo lá, tá sendo muito legal, lá explica, como as coisas acontecem, agora eu começo a entender. E eu disse assim, pra ela, - Olha, eu entendo perfeitamente o que você tá falando e acho bacana que lá você tá encontrando isso, mas, pra mim, não é o lugar, e eu to bem, eu to me organizando na minha maneira, mas, tudo bem. Bom, passou um tempo, ela - Jane, eu tô fazendo uns estudos, e não tem nada haver essa coisa de Jesus, que andou em cima das águas, não, a ciência explica. Então a bíblia é toda explicada cientificamente, então agora eu posso falar assim, que Deus levou minha filha... Então eu falei assim pra ela - Olha mais um passo e você vai cair num precipício, porque você tem que dar um passo pra trás agora. Pra olhar tudo que você tem visto, que tá bom, você experimentar, mas dá um passo pra trás, e enxergar tudo isso e poder... Então eu sou muito segura das minhas... Que não são católicas, que não são espíritas, que não são, acho que assim, uma religião humana, não sei se tem isso, mas eu acho que eu sou dessa religião humana. Basicamente, eu não desejo pros outros o que eu não quero pra mim, procuro tratar bem as pessoas como eu queria, até uma visão meio egoísta, mas é isso é? Eu quero pras pessoas o que eu desejo pra mim. Eu não fico assim, pulando de galho em galho, eu tenho uma convicção sobre a morte, sobre a vida, () certeza () a palavra certa. Mas umas seguranças que são totalmente ligadas a Deus e eu procuro me acalmar, me sentir assegurada por ele, em algumas coisas.

[Douglas] Na sua infância, você consegue perceber que na sua infância, os adultos manifestaram uma espiritualidade pra você? Você acha que isso foi importante? E hoje como adulta você acha importante manifestar sua espiritualidade pras crianças?

[P6B] Quando eu era criança eu não percebia isso nos adultos, eu percebia uma coisa muito forte de religião, por exemplo, minha mãe foi “beata de barra de saia de padre”, mas, não tinha espiritualidade nisso, tinha uma obediência muito grande, muito forte, uma exigência muito grande, e só, tudo isso, e medo, tudo isso, e eu fui educada assim, talvez essa seja, o jeito de eu ser hoje, seja um pouco, seja fuga daquele jeito de viver, mas eu não sentia. Poucas pessoas, poucas, algumas, eu consigo até pontuar, que, quando e em que momento, via bondade nelas. Então nessa bondade eu via espiritualidade. Nessa solidariedade, mas era de verdade aquilo, eram pessoas que paravam para o outro, muito singelo, como exemplo, muito significativo pra mim e hoje eu acho fundamental que a espiritualidade seja divulgada, que a gente pense sobre ela, que agente associe ela nessas coisas de dia a dia.

[Douglas] A última pergunta é se você, aquele primeiro instrumento que você respondeu, mexeu com você? O que rolou a partir daquilo lá?

[P6B] Eu achei muito bacana aquilo! Não, eu acho que sim, tem muita pergunta ali, que você obrigatoriamente você tem que parar pra pensar, mesmo porque muitas delas são tão o seu dia a dia, são tão automáticas no se dia a dia, que na hora que você tem que registrar você tem que pensar, como é que você procede mesmo, né? Se aquilo é verdadeiro mesmo, em que frequência aquilo acontece, você tem que parar pra pensar. Muita coisa ali, todo mundo que respondeu de uma forma ou de outra, ficou pensando naquilo, alguns mexeram mais umas questões, outros foram outras, mas acho que aquilo movimentou você por dentro de alguma forma.

[Douglas] Mexe com a espiritualidade?

[P6B] Isso, mistura também, porque as perguntas, elas tem claro, funilando elas vão chegar no mesmo lugar , mas elas são bem amplas, uma coisa tem haver com outra, né? Onde tá essa evidência? Eu achei muito interessante ()

[Douglas] Então são essas as perguntas, eu agradeço, acho que vai ajudar muito na minha pesquisa a sua participação professora. Obrigado!

[P6B] Obrigado!

Professor P7B

[Douglas] A primeira pergunta é: o que é espiritualidade pra você? Talvez nós encontremos muitos conceitos, mas um dos objetivos dessa pesquisa é saber para cada professor, como que você entende a espiritualidade, como você definiria, qual o conceito que você tem de espiritualidade.

[P7B] Bom, eu acredito que a espiritualidade é uma ideologia onde a pessoa estipula uma força, um Ser maior, a onde ele possa buscar algumas explicações, algumas crenças e também onde ele possa depositar algum tipo de fé.

[Douglas] Você acha que tem haver com fé também?

[P7B] Sim, a espiritualidade, porque ela tem que acreditar naquele Ser, naquela força, ou no que quer que seja. Então o acreditar seria a fé.

[Douglas] Na sua ação pedagógica, no ato de ensinar, você consegue dizer de algumas situações em que você manifesta a sua espiritualidade ?

[P7B] Sim, eu, eu uso muito isso no meu dia a dia, então, acho, às vezes através das palavras, das atitudes, eu procuro agir de uma maneira diferente, por agir em cima daquilo que eu acredito, do que seja bom, do que seja adequado para os seres humanos, então eu procuro colocar, digamos, a espiritualidade no meu dia a dia. De que maneira? Nas atitudes, na forma como falar com meus alunos. Eu tenho até um costume, não sei se bom ou ruim, mas, quando eu vou embora, - Tchau, fiquem com Deus! , então eu acho que realmente, não tem como eu desassociar da minha pessoa, porque faz parte do meu intelectual, da minha criação, de tudo, né? É algo que eu coloco sim, todos os dias. Na minha disciplina também a gente acaba trabalhando alguma coisa que envolve espiritualidade, religiões e tal. Então eu sempre procuro distinguir pra eles, mas às vezes eles me perguntam, né? Qual a minha religião, tal e às vezes a gente até conversa alguns assuntos relacionados também.

[Douglas] Você acha que às vezes é importante ter uma visão crítica, racional, sobre espiritualidade?

[P7B] Sim, é muito importante porque, a gente, as pessoas acabam caindo na idolatria total, acabam ficando bitolados, então acho que dentro de todas as religiões, é preciso que a gente caminhe com os pés no chão, vendo aquilo que realmente não seja bom, ou que não seja tão adequado, como eu acredito que tem em qualquer religião, os pontos positivos e talvez os não tão positivos, digamos assim, e a pessoa tem que tá ciente disso, de que existe fragilidades, que ela tá seguindo aquele caminho porque os pontos positivos são superiores, mas que existe os pontos negativos, os erros, e que precisam ser melhorados, acertados.

[Douglas] Eu não sei se você já passou com outra pessoa ou mesmo com você situações de muito sofrimento. Eu queria saber de você, se você acha que a espiritualidade nesses momentos, ajuda ou atrapalha.

[P7B] Sem dúvida, é muito importante, a pessoa crer em algo Superior, né? Que ela possa, acho que acaba funcionando como um refúgio, como uma ajuda, de grande importância, que a gente tenha a quem recorrer ou algo que se recorra que a gente acredite ser superior a nós mesmos, e eu acho que a espiritualidade nos momentos de dor e de sofrimentos são muito importantes, porque a gente pode tá depositando a nossa confiança, a nossa fé, buscando uma alternativa, e também tá entendendo através da espiritualidade que nem tudo na nossa vida é perfeito, que os momentos bons acontecem e os ruins também fazem parte dela, acho que a espiritualidade, na maioria das religiões ou das crenças acabam de alguma forma ensinando isso para seus seguidores.

[Douglas] Na sua infância, hoje você consegue reconhecer se na sua infância os adultos manifestavam a espiritualidade deles pra você? E também, se você hoje como adulto acha que é importante você manifestar para as crianças a sua espiritualidade

[P7B] Sim, a gente, eu me recordo desde muito pequeno, de pessoas que eu sempre entendi como pessoas que tinham, quando criança a gente entende apenas como religião, né? Inclusive, hoje, entendendo melhor, a gente vê outras pessoas, que a gente, quando criança a gente achava que era errado por conta da nossa formação religiosa, e hoje a gente entende que é uma espiritualidade que aquelas pessoas também manifestavam, seguindo alguma coisa, alguma outra crença que elas tinham. Quanto ao fato de manifestar isso para as crianças, eu acho de fundamental importância, porque enquanto pai, enquanto professor a gente acaba exercendo sobre os menores uma influência muito forte, então que essa influência seja positiva, através de uma espiritualidade que não vá agredir aquilo que eles já crêem, ou aquilo que eles já têm dentro de casa, mas que vai sim, agregar, que é importante as pessoas crêem em algo bom, buscar boas situações de vivência, buscar boas condições de vida, não só material.

[Douglas] E a última pergunta é em relação aquele material que você respondeu. Se você tem alguma dúvida, alguma coisa que você queira comentar e saber se aquilo mexeu com alguma coisa em você ou foi tranquilo, comum, normal?

[P7B] Bom, assim, de um modo geral, como eu tenho uma vivência espiritual aí, eu acho que não foi tão chocante, como talvez pode ser pra alguém que talvez não crê, ou se diga Ateu, ou não tem nenhuma fé, nada, eu acho que seria mais chocante. Eu só, o que me deixou pensativo foi na questão de uma das perguntas que falava, em relação aos pressentimentos, que não é algo que eu costumo ter, ou não sei se eu nunca identifiquei, né? Às vezes a gente talvez até presente. Ah, parece que tal coisa não vai dar certo e tal, mas eu acabo associando isso ao acaso mesmo, pressentimento, tipo, que a pessoa vai morrer, sonhando com a pessoa, nunca tive. Então, isso que me ficou assim, na espiritualidade, né? Em relação a essa questão, a espiritualidade e desses pressentimentos, no cotidiano da pesquisa, não consegui associar bem essa questão aí, mas do mais, foi super tranquilo.

[Douglas] Eu agradeço muito a sua participação, vai ajudar bastante no meu trabalho, obrigado M. !

[P7B] Também agradeço!

Professor P8B

[Douglas] A primeira pergunta: o que é espiritualidade pra você? A gente tem muitos conceitos, mas pra gente é importante saber pra cada um dos professores dessa pesquisa, qual é o conceito, o que você entende, como que você definiria espiritualidade.

[P8B] Espiritualidade é relacionado a coisas que a gente fala de Deus, né? Mas independente de ter identificação religiosa ou não. Então coisas mais relacionadas () que fogem um pouco da parte da matéria

[Douglas] Na sua ação pedagógica, no ato de ensinar, você percebe em que situações a sua espiritualidade se manifesta?

[P8B] Em termos éticos, mas, uma parte de conceitos éticos, de valores, de ensinamentos que procuram melhorar a visão das crianças e dos adolescentes () a ter uma melhor consciência de sua vida e como ele deve cuidar bem dela.

[Douglas] Então é algo que vai além. Por exemplo, da disciplina que você ensina?

[P8B] Isso, vai além (...) a gente procura identificar das partes éticas, o conceito que a gente entende que é o correto, e tenta orientá-los para que eles evitem de fazer o que prejudiquem eles

[Douglas] Você acha que é importante ter uma visão crítica, uma visão racional sobre espiritualidade?

[P8B] Olha, eu acho que é importante ter conhecimento sobre espiritualidade, que em termos de visão crítica eu, depende muito do seguimento religioso, porque aí tem divergências em determinados grupos religiosos. Então é importante que você tenha uma boa noção, um bom conhecimento pra saber identificar e debater o assunto>

[Douglas] Não sei se você já passou por situações de sofrimento, tanto o seu sofrimento, como de pessoas próximas a você, eu queria saber, se isso aconteceu e se você acha que a espiritualidade nessas situações, ajuda ou atrapalha?

[P8B] É. Já tive momentos difíceis, pessoas próximas a mim também, mas, ajuda bastante pra que você evite atitudes erradas, desespero ou mesmo um desânimo, desinteresse. Então eu acho

que a espiritualidade dá forças pra você lutar. Você não fica se entregando a situações adversas que surgem. Ela é importante pra que você consiga superar esse período.

[Douglas] Na sua infância, hoje você consegue, perceber, que na sua infância os adultos manifestavam a espiritualidade deles pra você? E se você também acha, que hoje como adulto é importante você manifestar sua espiritualidade com as crianças?

[P8B] Quando eu era criança, quem fazia essa parte de espiritualidade era a minha avó do lado paterno, ela, quando, por exemplo, a gente ia passear, sair, ela fazia rezar o terço, anjo da guarda, incentivava a gente ir a missa, fazia mais esse papel. Meu pai e minha mãe, nunca tive assim, nenhum tipo de pressão. A minha avó, ela exercia, desde quando a gente era criança ela exercia uma conscientização nesse sentido. Então na parte de infância é isso, nessa parte em relação às crianças, é assim, quando eles perguntam partes relacionadas a esses assuntos, a gente responde só o básico, mas, assim, o tipo de orientação é mais em termos éticos do que em termos definitivos, definidos como espirituais

[Douglas] Naquele, última questão, naquele material que você respondeu anteriormente, queria saber o que você sentiu ao responder aquilo, se aquilo mexeu com alguma coisa na sua vida, se você tem alguma questão pra colocar em relação aquilo também?

[P8B] Não, eu achei um material um pouco diferente, né? Tinha algumas perguntas complexas, teve uma pergunta que eu não respondi, porque é um negócio pós-morte, né? Então eu não tenho conhecimento pra responder, mas é assim, eu só achei esse tema diferente, algumas perguntas complexas, mas em termos de dúvida, não.

[Douglas] Eu agradeço sua participação e sua ajuda na minha pesquisa, professor. Obrigado, viu?

Professor P9B

[Douglas] O que é espiritualidade pra você? Tem muitos conceitos, mas um dos objetivos é saber de cada participante qual é o conceito, qual a definição, o que você entende por espiritualidade.

[P9B] A essência do ser humano, né? É o que nos diferencia da espécie animal. Tá envolvendo a alma, a crença, a nossa cultura, os nossos valores, a nossa ética.

[Douglas] No seu contato, no seu trabalho? Em que situações você percebe a manifestação da sua espiritualidade?

[P9B] O tempo todo, né? A gente trabalha com formação de pessoas, então, se nós, educadores, não nos preocuparmos com a formação ética das pessoas, com a formação humana. A espiritualidade, ela está ligada ao conceito de humanidade. Nós vamos agir só por instinto, só de uma forma selvagem, né? Então por todo o tempo a espiritualidade, rege meu trabalho, sim. Eu percebo que isso influencia toda as minhas () profissionais.

[Douglas] Você acha importante, que a gente tenha uma visão crítica, uma visão racional em relação a espiritualidade?

[P9B] Eu acho importante. Eu acho que a parte científica e a parte espiritual, elas se fundamentam, se complementam, e a gente tem que ter a visão científica das coisas sim, mas as nossas crenças também têm valor, também devem ser preservadas e consideradas.

[Douglas] Eu não sei se você já teve, tem, alguma situação de sofrimento na sua vida, em relação a outras pessoas, ou se o seu sofrimento mesmo. Eu queria saber, se a espiritualidade ajuda ou atrapalha nessas situações?

[P9B] Eu acredito que a fé cura, eu acredito que a espiritualidade ajuda a gente a superar os problemas, a superar as dificuldades, a aceitar mais a vontade de Deus. Então, eu tenho um casal de filhos, eu tenho um filho vinte e dois anos, e uma filha de dezoito. E é engraçado que quando ele vem entrando no ensino médio, né? É também um período, eu sou católica, que tem que fazer crisma, então é um período muito difícil, porque eles começam entrar em contato com as barbaridades, as atrocidades, que a igreja católica fez durante os tempos, né? A queima de pessoas, a perseguição de pessoas. Então eles ficam muito descrentes. Quem trabalha no Ensino Médio, quem tem filhos adolescentes percebe isso, como é difícil falar de uma coisa maior, mas a gente também percebe acompanhado os filhos que embora quando eles entram com quinze, dezesseis anos, eles ficam muito críticos, quando está na idade adulta, eles já aceitam mais a presença de Deus, os desígnios de Deus, né? Então é uma coisa assim, que desde o momento que eu fiquei grávida, eu falava que venha para o bem e para servir a Deus, né? Então eu crio meus filhos, não só como professora, como mãe. As coisas acontecem, não é por um conformismo ou pelo destino, mas, pela vontade de um Ser Superior, né? E a gente tem que saber o que Deus quer da gente, naquela situação né? Então quem tem fé, supera mais, vive mais feliz, está provado pela ciência, que quem tem fé se cura. Nós estamos aí com uma colega, Diretora de escola, que ela chegou a se aposentar, esse ano em junho e descobriu aí uma doença gravíssima, em vários órgãos do corpo, e eu fui visitá-la no hospital, e eu falei, – Você vai se curar . Que é uma pessoa tão fervorosa na fé que eu acredito que ela se cure, que ela consiga vencer a doença, é claro que com a ciência, se tratando com todo recurso que tem hoje em dia. Mas, a pessoa acreditar na cura, ajuda muito!

[Douglas] Na sua infância, você percebe hoje, que na sua infância, os adultos manifestavam a espiritualidade deles para você? E eu queria saber também, se você acha que é importante como adulta hoje, você manifestar a sua espiritualidade para as crianças?

[P9B] Eu acho importante, eu acho que a criança tem que saber que a gente precisa fazer o bem. Me parece que uma criança, um ser educado sem nenhuma influencia espiritual, ele fica assim, - Por que eu vou praticar o bem? Por que eu? Ele fica assim, descrente, não considera a importância das suas ações. Então, na educação dos meus filhos eu sempre agi, colocando assim. Olha, a vontade de Deus, é essa. Você veio para servir a Deus. Engraçado que a minha filha tá em ano de vestibular, né? E ela prestou, ela quer fazer medicina. Ela prestou dez vestibulares o ano passado, e ficou assim, por muito pouco, não consegui entrar em nenhuma. Então a frustração é muito grande quando você chega perto e não consegue entrar. - Mas, mãe eu não consegui, eu falo, - Então, Deus não quis ainda, você não estava preparada pra isso. Às vezes a gente ver uma revolta nos jovens de não aceitar. Mas, quando a gente vai aceitando, a gente acaba indo pra uma direção maior, né? De compreensão das coisas. E eu me lembro da minha avó, minha avó contava muito histórias da bíblia, meus pais também são professores, então a gente ficava com empregada, ficava com a avó, assim, eu me lembro da histórias que eu me lembro da infância, da minha avó contando.

[Douglas] E a última pergunta é em relação ao material que você preencheu anteriormente. Mexeu alguma coisa com você, teve algum efeito sobre você, se você tem alguma dúvida, alguma questão?

[P9B] Então, você sabe que de uma certa forma, o seu questionário, ele não é adaptado pra realidade do Brasil, até nós conversamos sobre o trabalho social, né? Que as nossas escolas não têm essa parte de trabalho social. Mas, aquilo incomodou de uma certa forma os professores, que começaram a surgir algumas idéias de fazer um trabalho social na escola, de tá ajudando orfanato, de tá visitando creche, surgiu até idéia de levar historinhas com fantoche do magistério para hospitais. O pessoal ficou assim envolvido com a idéia de fazer alguma coisa, de ter alguma

ação, alguma ação social para ajudar o próximo, né? E a gente não tem projeto, tem alguns projetos assim, mas, eu acredito que para dois mil e onze a escola vai tá envolvendo mais ainda, mais do que já tem.

[Douglas] Que bom, fico feliz em saber disso! Obrigado, viu, M., pela sua participação, pela sua ajuda!

[P9B] A gente tem professores da área de História que são completamente ateu, né? Porque a pessoa conforme ela faz o Ensino Médio, ela vai ficando mais descrente, né? E agora, eu até entrei em atrito com um professor, que ele queria passar um filme, aquele filme do Drácula, você já assistiu?

[Douglas] Não!

[P9B] O Drácula, depois você assiste o filme, vai ser interessante pra pesquisa. Ele é fervoroso, ele é um católico fervoroso, e ele perde a amada e ele pede pra Deus a vida dela, né? E ele não consegue, ela morre. Então ele se entrega, ele se revolta e passa a ser um vampiro, né? Daí eu até discuti com o professor de História, porque eu acho que tem que ter uma certa maturidade pra assistir esse filme, então eu ia por uma censura.

[Douglas] Tá bom, obrigado!

Professor P10B

[Douglas] O que é espiritualidade pra você? Nós temos muitos conceitos, mas um dos objetivos dessa pesquisa é saber do professor, o que ele acha que é a espiritualidade?

[P10B] Olha, eu acho que espiritualidade é muito diferente, é relativo pra cada um, pra mim, é uma busca dos ensinamentos de Deus, das palavras na bíblia, e uma busca pela paz, seria isso.

[Douglas] Busca pela paz. Na sua ação pedagógica, na sua relação com os alunos, no seu ato de ensinar, quais as situações nas quais, você identifica a manifestação da sua espiritualidade?

[P10B] Às vezes eu me sinto meio coagida, eu sinto dificuldade em manifestar tudo aquilo que eu desejava com eles, porque às vezes eu percebo muito que os alunos, muitas vezes não sabem nem realmente quem é Deus. Às vezes você fala pra um aluno assim, pra um aluno de primeira série, - Olha só, você acha que o que você acabou de fazer você agrada o seu pai que tá no céu? Ele para, pensa, aconteceu justamente ontem. Eu tenho duas alunas, numa outra escola, são alunas da terceira série, do terceiro ano, segunda série. E desde o início do ano elas vêm com uma dificuldade de relacionamento, são crianças, até que ontem, uma começou a bater boca com a outra, daí no final da aula eu parei e falei assim, - Olha, pode parar, agora nós vamos voltar pra sala e uma vai de mão dada com a outra pra gente botar um ponto final. Daí, uma negou dar a mão pra outra, assim, insistentemente, e falando um monte de palavrão, né? Daí, eu falei assim, - Pode parar, você acha que papai do céu gosta do que você tá fazendo? - Ah, tudo bem que ele não gosta, eu prefiro que ele não goste, do que, eu dar mão pra minha amiga. Daí, ali parou, porque é cinquenta minutos a aula, chega uma hora que você se sente limitada, né? Então é complicado. Assim, eu vejo diversas situações que a família não procura nenhuma religião, não vão em busca, a criança não é orientada em casa a ter os hábitos de fazer oração, de rezar, de orar, não frequentam nenhuma igreja, então é complicado, então a hora que você chega pra falar ela, você percebe que...

[Douglas] Mas essa tentativa sua, de tentar reconciliar as duas, você acha que a sua espiritualidade está se manifestando ali?

[P10B] É uma tentativa, é uma tentativa, numa situação que aconteceu ontem, que eu me lembre, pode ter outras situações, que agora, que ontem essa foi a mais próxima, que eu posso tá lembrando. Não tinha mais o que fazer, já tinha conversado com as duas, aí falei, deixa eu tentar né? E realmente assim, eu acho que Deus () pra uma delas.

[Douglas] Você acha importante uma visão crítica, racional, em relação à espiritualidade?

[P10B] Eu acho, eu acho que sim, eu acho que é importante sim, porque eu acho que quando você tem um, quando você para pra pensar, alí, muita coisa é mudado, né? Eu sou católica, e eu tenho diversos amigos que não são católicos, a gente conversa numa boa, eu aprendo com eles e eles aprendem comigo também. Então, diversos lugares que eu frequento não é católico, por exemplo, e a gente discute, conversa e a gente coloca os pontos de vista sim, eu aprendo muito e a outra pessoa também. Um respeitando a visão do outro, eu acho que, sem problemas.

[Douglas] Em situações de sofrimento que você já passou, que você passa, você acha que a espiritualidade, ajuda ou atrapalha?

[P10B] 100% ajuda, eu sempre, o ano passado eu perdi meu avô, que tinha 99 anos, e mesmo assim, com todo trabalho, mesmo assim, enfrentando a igreja, mesmo eu sendo ministra, foi muito difícil eu superar, mesmo eu tendo o padre do meu lado, eu não entendia a perda. Por mais sabendo que, já tava chegando o momento de partida, mas assim, o sofrimento que ele teve, no final, sabe? Alguns fatos que ocorreram, então, assim, fiquei inconformada mesmo, foi difícil eu entender a perda, eu não tava preparada, né? E até então eu achei que eu ia superar, e demorou um tempo pra eu superar. () hoje eu consigo entender, mas acho assim, se eu não tivesse um apoio, se eu não tivesse uma pessoa do meu lado eu tivesse me orientando seria complicado, então assim, eu tive muito apoio nessa fase, e meu pai também, ele teve um câncer no ano retrasado, então, meu pai e meu avô ficaram doentes juntos. Porque meu avô veio desde o ano retrasado, né? Assim, progredindo, né? Não tinha uma doença, mas era a idade avançada, E meu pai também, meu pai teve um câncer, que ele perdeu onze quilos assim de uma hora pra outra, foi assim, bem grande, mas ele ficou bem. E assim, acho que se a gente não tiver um apoio espiritual nesse momento, palavras de amigo, assim, tipo, tudo vai melhorar, vai passar, não ajuda em nada, tem que ser algo mais profundo.

[Douglas] Você consegue hoje, perceber se na sua infância, os adultos manifestavam a espiritualidade deles pra você? E também se você acha hoje, como adulta, que é importante você manifestar a sua espiritualidade pra eles?

[P10B] Sim. Eu lembro muito, porque eu tinha uma amiga super amiga minha que era de outra religião e sempre convidava, e eu achava que era normal, e minha mãe nunca deixou eu frequentar outra religião. Não, eu lembro assim, minha mãe falava, você nasceu católica, vai ficar católica, não se muda de religião. Então eu lembro claramente, até outro dia, a gente tava conversando sobre isso. Então eu lembro sim, e em casa, assim, não tenho como falar que, é tudo tão normal, a manifestação de todo mundo em casa, assim, não sei se dizer se é importante a minha manifestação, porque todo mundo se manifesta, todo mundo é praticante, então, acaba sendo que natural.

[Douglas] E com as pessoas fora da sua casa, por exemplo, com outras crianças que você encontra, na escola também. Você acha que é importante você se manifestar que você tem uma espiritualidade?

[P10B] Eu me manifesto com frequência. Geralmente assim, as crianças daqui, elas vão, elas frequentam muito a igreja que eu frequento. Então ela me vêem, e elas vem comentar - Professora eu vi a Senhora. Eu falei, - É, que legal! Daí, hoje mesmo tinha uma aluna que falou que tinha ido ontem à igreja, que a minha missa é de quarta feira, que ela vai fazer uma cirurgia, daí eu conversei com ela. Mas, assim, só quando vem até mim, mas agora assim, eu comentar,

muito difícil. Só se alguma coisa acontece, algum fato, assim, entendeu? E eles vêm me perguntar, daí sim. Agora, do nada eu não comento, não manifesto.

[Douglas] E a última pergunta é sobre aquele material que você respondeu anteriormente. Se aquilo trouxe alguma coisa pra você, se mexeu com alguma coisa na sua vida?

[P10B] Ah, na hora que você entregou, eu pensei. Ai, Meu Deus, mais uma pesquisa. E na hora que eu vi o que era eu fiquei feliz. Ainda pensei, acho que ele vai chegar aqui, é mentira a resposta, né? Mas, é verdade, eu sou Ministra na Desatadora dos Nós, a gente tem que fazer curso, o fundador de lá é bem vigente, eu ainda dou uma fugida assim, que às vezes as tarefas diárias, o tempo é curto, mas a gente é cobrado, e a gente tem curso toda sexta feira, então é um aprofundamento, e é um curso mais sobre a vivência mesmo, a gente não fica só em cima da bíblia, mas sobre as coisas que acontecem. Então acho que é muito positivo pra mim, tá sendo muito bom.

[Douglas] Eu agradeço sua participação, vai ajudar bastante no meu trabalho, desculpa de tirar seu tempo aí, nas provas.